







Michelle M. Pillow

Dragon Lords

02 - O Príncipe Perfeito

Envio: Parceria PRT – PL

Tradução: PRT

Revisão Inicial: Silvia Helena

Revisão Final: Jacqueline Romero

Segunda Revisão Final: Biah

Formatação e Leitura Final: Carol Vênus



Sinopse:



Um refúgio perfeito...

Nadja Aleksander tem tudo o que poderia querer na vida, exceto sua liberdade. Pulando para fora de seu noivado, livre de um homem que seu pai controlador escolheu para ela, pega passagem na primeira nave espacial que pode encontrar. Com destino a um planeta de homens humanóides primitivos, Nadja planeja encontrar um homem simples, trabalhador, que lhe permitirá viver seus dias na obscuridade total.

Um erro perfeito...

O Príncipe Olek de Draig, embaixador real, está satisfeito com sua noiva refinada e corando. Quando ela o escolhe para ser seu companheiro de vida, parecendo feliz em sua decisão, seu coração se acelera — até a manhã seguinte, quando sua noiva princesinha não quer nada com ele. Olek não sabe o que fez para perturbar sua noiva sedutora, mas está determinado a reacender a faísca que queimava na noite que se conheceram.

Capítulo Um



Nadja Aleksander respirou com dificuldade enquanto dava uma última olhada ao redor de seu quarto a bordo da nave médica. A seda cobria as paredes, ricas e luxuosas. Tinha todas as comodidades modernas conhecidas a sua disposição. Uma bela cama, uma empregada a seu serviço e pessoal e médico, que cada manhã observava seu nível sanguíneo e automaticamente prescreviam uma dieta diária.

Nadja creceu em quartos espaçosos como era esse, viajava por toda a galáxia, com seu pai que era cirurgião, enquanto ele se movia, de serviços médicos em serviços médicos. Ela viu muitas coisas, descobriu muitas culturas e lugares. Foi aceita na maioria dos lugares pela realeza, dava-lhe qualquer coisa que desejasse, exceto sua liberdade. Era uma prisão de grades douradas, no entanto, uma prisão.

Enrolou seu cabelo castanho claro em um coque na nuca e deslizou uma capa por seus ombros. Seu coração estava acelerado, enquanto pensava no que iria fazer. Nunca esteve sozinha por sua conta, sem sua família perto. Deixou uma carta para sua mãe e esperava que a mulher a perdoasse, ainda que Nadja soubesse que nunca entenderia sua necessidade de escapar. A grossa capa de seu abrigo a envolveu. Caminhando para a porta metálica, abriu-a pulsando um botão e parou para

escutar.

Na parte inferior, podia ouvir a celebração que duraria até a madrugada. Era sua festa de noivado e ninguém notou que a futura noiva estava ausente há quase duas horas. Mas isso não era sobre ela. Era sobre a aliança entre dois homens — seu pai e Hank, seu sócio na Aliança Médica. Ela pegou suas bolsas, colocou-as no ombro e seguiu seu caminho pelo corredor da nave até o elevador que levaria para o hangar.

Apertando um botão, moveu-se para o hangar. Ninguém parecia observá-la enquanto se apressava longe da nave médica, através da noite escura. Quando agachou sobre a janela do piloto, ouviu uma mulher rindo tolamente na cabine. Irvette teria o piloto ocupado durante o resto da noite, assim Nadja não teria com o que se preocupar. Ela se apressou passando ao lado de pequenas naves de luxo e unidades pessoais que esperavam revisão para o dia seguinte.

Nadja chegou a um canto, mas seguiu caminho, sem saber aonde iria. Um guarda lhe sorriu amavelmente enquanto ela fazia uma pausa. Olhou suas bolsas e fez uma indicação de que seguisse até o corredor atapetado que levava a uma plataforma destinada à primeira classe. Ela seguiu a direção com curiosidade e viu um punhado de mulheres subindo em uma nave próxima. Em cima havia um cartaz que dizia “Noivas da Galáxia” em letra cursiva. Inspirou profundamente e subiu o capuz da capa.

Um homem uniformizado com uma prancheta a olhou por

cima e sorriu.

—Está aqui como uma substituta de último momento? — Perguntou.

Nadja assentiu.

—Assine aqui. — Disse alcançando a prancheta. —Temos algumas baixas, se encarregarão do controle sanitário durante o voo. Tem o quarto 206 na plataforma dois. É o quarto do fundo. A orientação da nave é amanhã às 9:00 da manhã.

Nadja assinou seu nome e devolveu a prancheta. Seus dedos tremiam de nervoso.

—Identificação Galáctica? — Ele solicitou.

Nadja lhe deu seu cartão e ele quase não olhou.

—Perfeito senhorita... ah... Aleksander. Bem vinda a bordo do voo até seu futuro.

—Desculpe-me. — A voz de Nadja era suave e baixa. O homem se virou para olhá-la. —Devo-lhe algo pelo voo?

—Não senhorita. A Corporação Noivas da Galáxia está em dívida com você. — Sorriu feliz.

—Desejo solicitar meu direito segundo a lei de privacidade. Se alguém perguntar, não estou aqui. — Disse ela. Sua voz suave e tímida.

—Polícia? — Perguntou ele surpreso, ainda que não

parecesse importar-lhe.

—Perseguidor. — Ela murmurou.

O homem assentiu compreensivo. Nadja olhou ao redor e viu uma mulher loira esperando atrás dela. Baixou a voz e disse.

—Não me deixava em paz, por isso vou embora.

—Farei uma notificação, senhorita. Não haverá nenhum problema. — Começou a escrever em sua ficha.

—Por certo, aonde vamos? — Perguntou ela, sua voz novamente muito amável e firme.

O homem riu.

—Muitas mulheres perguntaram antes de chegar aqui. Realmente deve ter algum maníaco atrás para fugir desse modo.

Nadja engoliu saliva, mas não disse nada.

O homem controlou seu humor e contestou.

—Vão para Qurilixien, senhorita.

Nadja assentiu e o homem a deixou para atender a loira que chegou tarde. Ela duvidou, olhando novamente o cartaz. Um androide se aproximou para pegar suas bolsas e começou a guiá-la para a plataforma de embarque. Isso foi tudo. Era sua passagem para liberdade.



Um mês mais tarde...

Nadja sorriu, olhando nervosamente ao redor da cabine de beleza da nave, para as outras noivas. Dificilmente pareciam as mesmas mulheres com as quais havia se reunido timidamente no primeiro dia de orientação. Desde então, todas haviam melhorado com as máquinas embelezadoras. Seus seios haviam sido elevados e aumentados usando a mais moderna tecnologia em genética moderna. Havia-lhe oferecido uma depilação definitiva. Havia feito crescer cabelos, no que era o estilo tradicional da raça Qurilixien, segundo aprendeu Nadja com os arquivos de descarga. As descargas foram feitas pensando em que as noivas pudessem aprender tudo o que necessitavam sobre seu futuro lar, em poucas horas de transferência por ondas cerebrais.

Quando Nadja subiu na nave, não tinha ideia do que ou quem era Qurilixien. Somente se recordava vagamente do nome do planeta como estudante de geografia astronômica.

Desde que assinou seu contrato sem sequer ter lido, nada havia-lhe importado. Era parte de sua nova vida assumir riscos. Havia decidido que iria pegar a primeira nave que encontrasse e foi exatamente o que fez. Seu pai e o noivo que ele escolheu nunca suspeitariam de um passo atrevido da sua parte. Seria

livre.

Parecia que assumir riscos teria sua recompensa para Nadja. Não perdia a ironia de que fugiu de um casamento arranjado para ir para outro. Mas, pelo menos isso seria decisão sua e apenas sua. Ela era a única pessoa que iria ganhar ou perder algo.

Nadja não poderia estar mais satisfeita, quando descobriu que se dirigiam a parte mais extrema do quadrante, um lugar habitado por machos primitivos. Era perfeito. Qurilixien estava longe de qualquer lugar no qual seu pai pudesse encontrá-la, além disso, o quadrante não tinha acordo de extradição, pelo que não podiam registrar seu nome e obrigá-la a voltar sem causar um incidente intergaláctico.

As mulheres em Qurilixien eram escassas devido ao que o planeta sofria de radiação azul. Durante gerações havia alterado a genética de seus habitantes para produzir apenas varões, guerreiros grandes e fortes como descendentes. Apenas um em cada mil nascimentos era uma fêmea em Qurilixien. Devido ao fato de que quase não havia mulheres, os serviços de corporações como as Noivas da Galáxia eram muitos valiosos para eles. Como pagamento, os Qurilixien usavam o metal que apenas se encontrava nas cavernas do planeta. Este metal era uma grande fonte de energia para viagens interplanetárias, mas inútil para os Qurilixiens já que não eram exploradores espaciais.

Nadja sorriu, desfrutando disso também. Pelo fato de ter nascido em uma nave que podia alcançar a velocidade da luz,

estava cansada de passar sua vida viajando. Queria permanecer em apenas um lugar e fincar raízes. Queria fazer amigos e mantê-los. Era muito complicado ter amizades quando os outros sabiam quem era seu pai. Viu muitas vezes as pessoas ficarem pálidas e voltarem atrás quando descobriam sobre ela.

A respeito dos noivos, não importava como fossem. Não era caprichosa. A melhor comparação que fez com eles era que pareciam guerreiros medievais. Os Qurilixiens adoravam muitos deuses, preferiam as comodidades naturais acima dos avanços técnicos e inclusive preferiam plantar e cozinhar sua própria comida. Estavam classificados como espécie guerreira, ainda que fossem um povo pacífico por mais de um século, a parte de algumas batalhas territoriais esporádicas aproximadamente a cada quinze anos, entre umas poucas famílias rivais.

Qualquer coisa era melhor que o calvo pervertido com o qual seu pai queria que se casasse. Ela deveria ter imaginado que algo cozinhasse quando a nave mudou a rota e se dirigiu para outra região — uma na qual a lei permitia que os pais arranjassem casamentos.

Nadja olhou para o lado. Morrigan Blake estava olhando em sua direção. A mulher era mais sossegada que a maioria e sempre parecia estar distraída, como se sua mente divagasse em pensamentos que não tinham nada a ver com o que as rodeava. Tentou falar com a mulher umas poucas vezes durante o último mês e a achou educada e inteligente. Na verdade Nadja estava surpresa por uma mulher independente como Morrigan houvesse

escolhido ser uma noiva em Qurilixien.

Manteve-se imóvel enquanto seis mãos robóticas se moviam ao redor de sua cabeça, transformando seu cabelo castanho claro em um penteado tradicional de Qurilixien. Ainda olhando para Morrigan, sua curiosidade tomou vantagem e perguntou suavemente.

—E você, Morrigan? Você terminou sua descarga de arquivos Qurilixien?

Morrigan piscou com surpresa ao ouvir seu nome e Nadja achou que perturbou os pensamentos da mulher. Os olhos escuros de Morrigan demoraram um momento para se fixar nela e captar o que ela disse. A mulher sorriu.

—Não sabia?

Nadja lançou um olhar prudente para o outro lado ao ouvir uma risada aguda. O cabelo vermelho de Gena estava penteado e o androide de beleza estava colocando o tradicional véu curto por cima dos cachos.

—Morrigan terminou suas descargas sobre Qurilixien antes de ninguém. Parece que está disposta a satisfazer seu novo marido.

—Ou que a satisfaça. — Nadja ouviu alguém dizer. Este comentário foi seguido por muitas nervosas risadinhas. Quando Nadja olhou para Morrigan, ela jurou ver os olhos da mulher rolarem.

As noivas estavam sendo preparadas para o Festival de Reprodução em Qurilixien. Era a única noite de escuridão no planeta sempre iluminado e se considerava a única noite, em que os homens podiam escolher uma companheira. Era uma cerimônia um pouco primitiva, mas Nadja pensou que estava muito arraigada e era justamente o que precisava. Apenas uma noite para o compromisso, casamento, e lua de mel e pronto! Era uma mulher casada.

As outras mulheres passaram a viagem inteira falando de se casarem com príncipes e nobres. A verdade era que Nadja queria um homem trabalhador; alguém com uma casa pequena e um jardim. Ela não queria uma vida privilegiada nunca mais, onde a sociedade ditava suas ações. Queria não ter essa responsabilidade em seu foco e talvez ajudar alguém. Casar-se com um médico de família em uma cidade pequena era seu ideal. No entanto, podia ser feliz com um fazendeiro ou mineiro ou qualquer um que tivesse o suficiente para que não passassem fome e lhe desse uma vida digna.

—Eu queria ser tão ambiciosa. Temo que não olhei nem um desses tediosos arquivos.

Nadja estava tão absorta em pensamentos, que ela não viu quem falou.

—Eu experimentei meu vestido esta tarde. — Gena anunciou. Nadja se encolheu enquanto a mulher descaradamente começava a apontar para seus seios. —Eles são magníficos, mas

acho que vou aumentá-los novamente, apenas um pouquinho mais e também vou deixar meus mamilos maiores. Esses príncipes não poderão resistir. Talvez me case com os quatro, mesmo que apenas para me divertir.

—Como você reconhecerá os Príncipes?— Disse cinicamente Pia Korbin. Nadja sentia-se intrigada pela mulher, que era com certeza a mais bonita na nave. Uma parte grande de sua beleza vinha do fato de que não era consciente disso e era a invejada por mais da metade delas.

—Ouvi que os homens usam disfarces. Poderia acabar casada com um guarda real.

—Ou um jardineiro. — Uma morena disse com uma risada.

—Ouvi que praticamente não vestem nada. — Uma mulher com cabelo vermelho inflamado e olhos verdes cintilantes como esmeraldas disse. —Exceto uma máscara e um pouco de pele.

—A realeza não passa despercebida. — Gena anunciou com um salto de excitação. Você verá isto no modo como eles se movimentam.

Nadja certamente esperava que fosse assim. Queria evitar a todo custo eles. Entretanto realmente duvidava que os príncipes estivessem lá.

Os casamentos reais raramente se deixavam ao azar ou ao capricho. Eram mais manobras políticas. Nenhuma família real se arriscaria com um estranho. Seguramente isso era um anzol

usava a Corporação de Noivas da Galáxia para fazer a viagem mais atraente. Nesse caso, era muito bom, já que funcionou com a maioria das mulheres.

Morrigan ficou de pé quando seu androide terminou, animando Nadja a fazer o mesmo. Seu androide ainda não tinha terminado de colocar seu véu curto e a empurrou suavemente para trás. Nadja suspirou, ficando resignada em sua cadeira. Imaginava que esse mistério nunca iria se resolver. Uma pena, gostaria de ter a inteligente Morrigan como sua amiga. Sentia-se envergonhada com as demais mulheres, mais atrevidas, para se esforçar em ser sua amiga. Além disso, nunca compreenderiam seu desejo de se casar com um homem qualquer e não com um príncipe.

—Senhorita Korbin. — Disse uma voz robótica. —Por aqui, é hora de seu último tratamento.

Nadja olhou por cima de seu ombro. Pia, que estava atrás dela, pareceu franzir o cenho envergonhada. Nadja educadamente se afastou de seu olhar cor caramelo.

Nadja não voltou a olhar ao redor, deslizando pelo corredor metálico até seu próprio quarto. Uma vez do lado de dentro, ela trancou a porta e respirou fundo. Vendo o vestido de noiva em sua cama, ela corou. Seu coração batia irregularmente dentro das paredes de seu peito e seus olhos se abriram nervosos. Orando para não se equivocar, respirou fundo. Estava na hora de encarar seu futuro.



O futuro de Nadja era um planeta marrom avermelhado cercado por uma nevoa azul esverdeada. As estrelas começavam a aparecer por cima de suas cabeças, piscando ao redor de uma brilhante lua. As árvores alienígenas cresciam altas e com frondosas copas. As árvores dominavam a superfície do planeta, com troncos de quase uns quatro metros do tamanho da nave. O bosque se estendia ao redor deles por um lado. Uma montanha sobressaía à distância, pelo outro.

Nadja estava perto da linha frontal de noivas. Seu vestido era de seda e gaze verde claro. Nunca sonhou que seria tão revelador até que o vestiu. Descansando em sua cama, o vestido pareceu mais do que era. O material elegante ondulava na fresca brisa, agarrando-se em seu corpo antes de abrir-se em finas tiras por cima de suas coxas e panturrilhas. Nadja estremeceu, de repente sentindo-se como uma oferenda.

O vestido era baixo na frente, deixando ver uma boa quantidade de decote. Um cinto estava na parte de trás e continuava até enroscar-se em seu pulso. Daí subia em seus braços de lado e dificultava o movimento. O androide de beleza de Nadja teve ajudá-la a se vestir ou ela nunca teria sido capaz de amarrá-lo. Nos pés usava sapatos de seda combinando e um curto véu que voava ao redor de suas orelhas, fazendo cócegas

em seu rosto. Sua mente dava voltas temerosas. Sentia-se muito exposta enquanto seus olhos iam para frente.

Os solteiros de Qurilixien permaneciam alinhados como soldados quase nus. Os homens estavam ombro a ombro em duas filas deixando a nave entre eles. Nadja engoliu saliva. Eles eram bonitos. Por cima do acampamento ressoavam musica e risadas. Atrás das filas dos estoicos solteiros, outros homens Qurilixien saudavam e faziam pose. Nadja imaginou que não faziam parte da cerimônia realmente. Uma fogueira brilhava por trás dos homens desordeiros, com casais em cadeiras que pareciam tronos. Os casais se beijavam e acariciavam livremente e ninguém exceto as noivas pareciam ver isso.

O cheiro de madeira queimada e o ar fresco da brisa eram intoxicante para Nadja. Pelo campo, havia numerosas tendas em forma de pirâmide espalhadas, com bandeiras coloridas de diferentes tamanhos e com tochas entre elas para iluminar o caminho entre das tendas.

Nadja engoliu, lutando contra seu desejo de fugir. O que ela fez?

De pé como deuses bronzeados, os noivos continuavam quietos nas filas. Os guerreiros eram altos, alguns de um metro e oitenta ou mais. Levantaram o queixo. Cada um deles irradiava orgulho, enquanto esperavam que as noivas passassem entre eles para poderem escolher. Os homens estavam completamente nus exceto por um pedaço de pele ao redor da cintura e uma

máscara de couro negro que escondia seus rostos e que ia desde o lábio superior até a testa. Usavam duas joias, um bracelete de ouro trabalhado ao redor dos fortes bíceps e um colar com um cristal sobre seus pescoços. A noite caia enquanto as noivas esperavam para começar. Nadja esperava guerreiros... Mas isto? Nenhum estava acima do peso ou era muito baixo ou desfigurado em qualquer sentido. Ela observou algumas feridas de guerra, mas era tudo.

A luz do fogo iluminava sua carne brilhante. Eram perfeitos, desde o robusto pescoço até as pernas musculosas. Nadja estava horrorizada. Ela não queria perfeição. Queria um médico de meia-idade com um amigável sorriso e olhos amáveis. Não um guerreiro exigente que se exercitava demais e que era vaidoso e orgulhoso.

Mas ainda assim, através de sua decepção, teve que admitir que esses homens faziam seu sangue se agitar nas veias. Talvez fosse o ambiente que fazia com que seu coração batesse mais rápido e seu corpo se agitasse com sensações pouco conhecidas. Tudo ao redor dela era primitivo e bárbaro.

Na viagem na nave, as conversas giravam ao redor de sexo, e Nadja aprendeu mais do que queria sobre o tema com as outras mulheres. Mas agora, olhando para a carne e osso a sua frente, podia entender por que algumas mulheres estavam obcecadas.

Nadja viu que um homem com uniforme do piloto retornava para a nave com uma prancheta. Ele movimentou a cabeça em

direção as noivas, havendo realizado já a entrega. Logo a fila moveu-se para frente e o acampamento ficou mudo exceto pela música. Nadja sentiu seus pés avançarem com a fila. Não olhou ao redor e manteve seus olhos na terra vermelha.

Logo os olhares luxuriosos que, lhe lançavam as paredes de carne sólida que a rodeava a fizeram levantar os olhos. As bocas dos homens se mantinham em uma firme linha e seus olhos brilhavam como o sol refletindo-se na água, em dourada concentração. Sua mente ficou atônita momentaneamente como se houvesse lançado um feitiço a seus sentidos. Seus pulmões se expandiram, buscando ar e tentou não olhar fixamente para eles por muito tempo, tentou manter os olhos adiante, mas então...

O coração de Nadja em seu peito e seus ouvidos ficaram surdos. Estava certa de que estava morrendo, afogando-se na água líquida de uns olhos verdes escuros. De alguma maneira seus pés continuaram caminhando, seu corpo estava muito rígido para fazer algo mais que seguir o caminho que lhe indicavam, suas pernas quase não obedeciam seus comandos.

O guerreiro que a olhava era um dos mais altos na fila. Sua mente gritava não, mas seu corpo exigia sim. O cristal que usava em seu pescoço ficou branco à medida que ela o olhava fixamente. Seu corpo se agitou em uma cálida resposta corporal. Quando os lábios dele se abriram para respirar, ela sentiu como se ele a beijasse. Podia sentir a textura de sua boca tão real contra seus lábios que roubou sua respiração. Nunca a luxúria a havia possuído de tal maneira ou tão rapidamente. Ele não era o

que estava buscando, tinha planejado tudo na nave. O homem fez uma reverência enquanto ela caminhava para frente. Havia muita promessa refletida em seu agressivo olhar que percorreu o seu corpo. Quando seus olhos voltaram para o rosto lentamente, ela viu um sentimento possessivo na estreita máscara em seus olhos. Era um ardente momento, Nadja soube que a haviam escolhido.



Olek de Draig sentiu seu corpo cantar com fogo líquido, enchendo-o de um desejo profundo. A criatura ante ele era alta e esbelta, um grande complemento para sua altura. Tinha a cor perfeita de uma flor solar, a branca pele de porcelana de pétalas, os olhos azuis claro como o centro e o cabelo marrom claro como um perfeito halo.

Sua figura era leve, solicitando proteção de um homem. Seu rosto era reservado, seus olhos confiantes, ainda que refinados. Olek podia imaginar rodeando-a com os braços, estreitando-a em seu peito. Seus dedos se enroscaram, desejando imediatamente tocar seus quadris apenas para deslizar por suas pernas longas e adorá-la. Seu corpo despertou sob o pedaço de pele. Iria ser uma noite muito longa.

Para sua surpresa, ela engoliu nervosamente ao ver sua

atenção e tentou romper o contato de seus olhos. O cristal pulsou em seu pescoço, mantendo-a vinculada a ele. Estava contente por sua modéstia assim Ihe enviou um beijo e as bochechas dela ficaram acesas com um rubor suave e Olek a observou satisfeito enquanto se afastava. Ela era de natureza serena e digna. Sorriu felizmente. Seria uma princesa estupenda para ele.

A fila de noivas continuou passando e logo ele já não pode ver sua futura noiva, em seu caminho até o banquete que estava sendo preparado. Girando-se para seguir os outros solteiros em seu caminho para a cerimônia de agradecimento, seu sorriso se manteve intacto. Os deuses sem dúvida Ihe haviam abençoado.



Capítulo Dois

Que forma mais estranha de escolher uma companheira para toda a vida, Nadja pensou, tentando morder o pão azul de Qurilixien. Suas mãos tremiam terrivelmente e teve que deixar o pedaço na mesa. Pensou que haveria algo mais na escolha que simplesmente formar uma fila, talvez um pouco de conversa ou dança até que se conhecessem um pouco. Tinha que reconhecer os homens de Qurilixien sabiam o que queriam e obviamente o tomavam. Um grande banquete estava preparado, distribuído em uma mesa longa de madeira onde as noivas foram levadas. Havia realmente um verdadeiro banquete com dois porcos assados, queijos e pão azul, frutas estranhas e massas. Nadja até pensou que viu chocolate branco na outra extremidade. Estava muito longe para ela alcançar e estava muito nervosa para pedir a um dos empregados que pegasse.

Para sua surpresa, Morrigan escolheu se sentar ao seu lado. Olhando para cima, ela seguiu os olhos da mulher que estava fixo nos casais que davam de comer entre eles à luz do fogo. As noivas, comendo nervosamente à distância, não atraíam nenhuma atenção por parte dos jovens casais de Qurilixien.

Nadja pegou um copo de vinho prateado, tomando

agradecido o doce líquido que lhe haviam servido. Os empregados estavam completamente vestidos. Nadja observou que o estilo de cabelos longos era para ambos os sexos. As mulheres usavam vestidos de um material comum. Os homens vestiam camisas parecidas com túnicas simples e calça, definitivamente parecendo medievais.

—Onde você acha que foram? — Morrigan tranquilamente perguntou. A mulher se sentou próximo a Nadja, surpresa por ter falado com ela, rapidamente engoliu e abriu a boca para contestar. Ela sabia que os homens foram se preparar para os eventos da noite. Suas palavras foram cortadas por um empregado que enchia seu copo vazio.

—Foram agradecer aos deuses. — O homem jovem respondeu por ela. Nadja abaixou seu copo na mesa quando ele terminou de enchê-lo. O empregado encheu o copo de Morrigan até a borda, animando-a beber com um movimento de sua mão. O homem tinha uma cicatriz fina através na ponta de seu nariz. Ele a coçou enquanto respondia. —Estão pedindo bênçãos esta noite para encontrar uma esposa.

—Oh. — Morrigan disse.

O empregado novamente fez gestos para que Morrigan bebesse e ela assim o fez com um gesto irritado. O empregado sorriu e foi embora.

—Você está nervosa?— Nadja perguntou em voz baixa, sem tocar sua bebida. Sentia-se muito apreensiva sobre o tamanho de

seu pretendente e o vinho estava começando a afetar seus pensamentos. Quando Morrigan não respondeu, Nadja soltou uma risadinha de nervosismo. —Eu quase não posso ficar quieta. Acho que esta bebida tem muito álcool ou algo parecido.

Morrigan continuou sem responder nada, apenas bebia enquanto servia o pão azul.

—Rigan. — Nadja sussurrou. Isto era demais. Ela não podia seguir aquele homem gigante para sua tenda. Tudo estava errado. Isso não se ajustava a ideia que tinha em mente. Não sabia o que fazer com um homem como ele. Ele era muito grande, muito guerreiro. Esperava alguém menor, de natureza mais acadêmica. Estava farta de homens duros desde quando vivia sob as regras do seu pai. Morrigan calmamente observou o rosto pálido de Nadja. Os olhos azuis de Nadja olhavam ao redor cheios de medo. Inclinando-se, mordeu os lábios e sussurrou: — Estou assustada. Acho que cometi um erro. Acredita que me deixariam voltar para a nave?

—O que está acontecendo?— Morrigan perguntou, seus olhos se estreitando de preocupação. Ela se inclinou para ouvir o sussurro de Nadja.

—Eu... — Nadja parou e balançou a cabeça. Seus olhos estavam abertos e cheios de angústia enquanto pensava no magnífico corpo de carne e músculos. Ouvindo as piadas sexuais ao redor dela e vendo os casais se beijando nas cadeiras altas, sabia que não podia passar por isso. Engolindo, deu um jeito de

dizer debilmente. —Eles são muito grandes, não?

—Quem, os homens?— Morrigan desnecessariamente perguntou.

—Sim. — Nadja sussurrou. Engolindo com dificuldade e com a garganta oprimida, começou a ofegar. Quanto mais pensava nisso, mais com medo ficava. Com certeza um homem de seu tamanho a feriria. Sua cabeça começou a girar. —Você acha que eles nos machucarão? Eles parecem maiores que os homens da Terra.

Morrigan olhou para a mulher com surpresa. —Nadja, você já esteve com um homem antes?

Ela negou com a cabeça, envergonhada. Seu pai era um médico. Toda manhã até um mês atrás ela fazia exames médicos. Se sua virgindade estivesse comprometida ela sabia que ele ficaria lívido. Quem a houvesse possuído estaria no lado errado e ela ficaria presa como castigo pelo resto de sua vida. Quase não foi beijada, muito preocupada com a possibilidade de unidade médica reportar os germes estranhos em sua boca.

—Nem mesmo um androide? — Morrigan insistiu.

—Não. — Nadja engoliu. Seus olhos percorreram as tendas ao longe, incapaz de encontrar o olhar perspicaz da outra mulher. Morrigan parecia ter habilidade para entender as pessoas. Estremecendo ela mentiu: — Sempre fui muito tímida para ir aos clubes e encontrar alguém. Mas eu vi filmes. Acha que esses

rapazes são diferentes fisicamente?

—Eu não pensei muito nisso. — Morrigan admitiu. —Acho que a lei da galáxia exige que a espécie seja, uh, fisicamente compatível. Caso contrário, o casamento seria inútil. Além disso, eu odeio soar grosseira, mas o ponto disso tudo é para propagar sua espécie.

—Assim suponho. — Nadja respondeu sem relaxar nada com a visão fria de Morrigan de sua situação. Ela agarrou seu corpo e começou a tomar mais de seu vinho. Sem ter que pedir, um empregado aproximou-se para enchê-lo. Tomou esse copo também, para grande satisfação do homem.

—Você perguntou a alguma das outras?— Morrigan disse quando o empregado retrocedeu mesa abaixo. —Algumas delas disseram qualquer coisa sobre não terem estado com um homem antes? Ou talvez de terem estado com um homem?

Nadja estava confusa e negou com um gesto da cabeça. — Nós nunca discutimos isto.

—Realmente não é nada. — Morrigan insistiu com um sorriso. Nadja quase não o viu. —Eu ouvi que várias mulheres tiveram sua virgindade repostas. Então não pode ser tão ruim, pode? Machuca por um segundo, mas não mais que a série de injeções que tomamos quando viemos para cá.

—Suponho que esteja certa, entretanto eu não ouvi isto. — Nadja admitiu.

Movimentando sua cabeça de acordo, ela tentou acalmar-se. Não estava trabalhando. Ela estava muito assustada. Tinha que voltar para a nave antes de ser muito tarde. Ela tinha dinheiro em sua bolsa e poderia facilmente pagar por uma viagem de volta. Uma vez lá ela poderia encontrar outra nave para levá-la para outro lugar... qualquer lugar longe dali.

—Oh!— Nadja ofegou e endureceu. Era muito tarde. Os homens chegaram. Imediatamente, ela achou o bárbaro de olhos verdes entre a multidão. Era como se ele a sentisse, a viu na mesa e foi diretamente até ela. O vinho deu voltas em sua cabeça e jurou que estava ficando surda.

Se até então o campo de festividades estava silencioso, de novo a música encheu o ambiente. Seu ritmo lento era doce como o cálido sol da primavera e tão gentil como o vento acariciando-a. Uma por uma, as futuras noivas ficaram em silêncio. Enquanto observavam maravilhadas, os solteiros de Qurilixien, os atraentes guerreiros se aproximaram das mesas. Os olhos deles buscaram e encontraram rapidamente as mulheres que haviam escolhido. Nadja soltou um pequeno grito, seu coração acelerou enquanto o gigante de olhos verdes ficava diante dela. O cristal pulsou, afetando sua vontade, era como se uma névoa se apoderasse de seu cérebro, consumindo-a com líquido e fogo, destruindo suas inibições e resoluções. Ela tentou lutar contra o sentimento, tentou se afastar daqueles olhos verdes inquisitivos. Não adiantou. Ele estava ali e ele a olhava com se já pertencesse a ele.

O homem se inclinou e a respiração dela parou. Quando ele sorriu, sentiu um ardor marcante e ela quase desmaiou. Seus dedos começaram a alcançar a bebida, qualquer coisa para não estendê-las e descobrir se seus lábios eram como ela imaginou. Sua mão não chegou a fazer nada. A boca dele se abriu para falar e a mão dela caiu na mesa.

—Eu sou Olek, noiva. — Ele sussurrou, como se assegurando que não houvesse dúvida do porque ele estava ali. Foi reivindicá-la. —Venha.

Nadja não se recusou. Como poderia ela? Esses olhos a dirigiam como suave magia, viu que eram amáveis e relaxou. Talvez seu tamanho fosse porque trabalhava duro para viver. Podia ser um carpinteiro ou um fazendeiro. Podia ser que não fosse nenhum guerreiro. Estes pensamentos a ajudaram a acalmar seus nervos. Quando ele sorriu sedutoramente, seu medo retornou multiplicado. Olek pegou sua mão, deixou que a guiasse ao redor da mesa. A magia enchia o ar com força fascinante, controlando-a enquanto ela obedecia submissa as ordens de Olek. Seu corpo tremeu de antecipação, mas o sentimento estava obscurecido por um medo intenso de não poder estar à altura de suas expectativas. Queria que ela soubesse o que fazer? Ficaria envergonhado por sua escolha quando ela nem sequer soubesse como responder aos seus beijos?

Ela caminhou silenciosamente atrás dele. Com uma boa visão de suas costas, sua boca secou e não pode olhar para o

outro lado. Os músculos duros se moviam com cada um de seus elegantes passos. Os olhos dela avançaram até a carne que desaparecia sob o pedaço de pele. Viu homens nus antes, quando seu pai praticava cirurgia. Sabia que as partes íntimas dos homens eram de múltiplas formas e tamanhos. Esperava que deste fossem pequenos. Olhando seus ombros largos, tão intimidantes, ela engoliu. Muito, muito pequeno.

Ele a levou através do acampamento, percorrendo uma fila de pirâmides. Nadja podia ver as outras mulheres agachando-se para entrar nas tendas com quase nenhum som de protesto. Ela ouviu risadas no ar provenientes dos casais casados a caminho da celebração. O fogo ainda ardia brilhante. A música tocava mais rápida, encorajando os pares a dançar alegremente.

De repente, Olek parou próximo a uma tenda verde e Nadja quase tropeçou nele. Girou, dirigindo-lhe um amplo sorriso ao rosto expressivo dela. Ele balançou sua cabeça para dentro da tenda. Suavemente, o sotaque dele chegou a ela como uma onda, ele disse: —Venha, noiva.

Novamente, ela não pode negar e se moveu agachando na entrada da tenda, que ele segurava aberta para ela. Porém, quando ela aproximou-se dele, notou o cheiro de óleo em sua pele brilhante, misturado com o natural cheiro do homem. Nadja estava certa que nunca esteve tão perto de nenhum homem antes, especialmente de nenhum tão pouco vestido.

Fraca, ela hesitou, levantando os olhos para olhá-lo. Antes

que soubesse o que estava acontecendo, uma mão forte subia para seu rosto e acariciava gentilmente sua bochecha. O toque era como fogo para seus traços ruborizados. Seus lábios se abriram com um gemido assustado. Olek tomou isto como um convite que ele não ousaria recusar. Nadja quase gritou de medo quando ele tentou beijá-la. Evitando-o passando por baixo de seu braço, ela entrou na tenda. Olek sorriu, ainda que seus olhos mostrassem desconcerto. Sua atitude parecia de um animal preparando-se para ir atrás de uma presa, desfrutando antecipadamente, deixou cair à tela de entrada e fechou-a enquanto a seguia.

Nadja congelou, olhando ao redor. O chão de terra vermelha estava coberto completamente com peles suaves, que abafavam suas sapatilhas. No centro da pirâmide havia uma cama de plataforma alta, que exigia alguns degraus para subir nela. Seda estava pendurada delicadamente e agitava-se à luz das tochas como nuvens brancas.

Nadja recuou como se fosse veneno, pensar em quão íntima poderia ser esta noite realmente a incomodou. Tropeçando, ela se chocou contra um peito tremendamente duro.

Ela saltou com o susto, afastando-se precipitadamente dos músculos sólidos e quentes, seus olhos giraram pelo lugar. Um cheiro perfumado de rosas o acompanhava, toalhas dobradas, óleos de banho, e outros cosméticos estavam nitidamente organizados. No outro canto havia uma mesa cheia de chocolates, frutas e cremes. Um banco longo com almofadas ia

de um lado a outro, parecido com um sofá. Uma jarra de vinho estava situada no centro, sentindo as embriagadoras consequências do muito que bebeu no banquete, ela afastou o rosto. O terceiro canto, atrás da cama, era mais difícil de ver assim ela o ignorou, sentindo mais que ouvindo Olek surgiu atrás dela, ela se apavorou. Girando repentinamente para encará-lo, levantou os braços e se retirou.

Seus olhos brilhavam alegremente enquanto ela ruborizava profusamente ao ver seu olhar, manteve-se a distância de pé enquanto os olhos de Nadja o percorriam. Antes que ela percebesse, seus olhos já estavam realizando uma jornada sedutora pelo tenso peito dele, os pequenos mamilos eram brotos duros de desejo. Sua carne se fundia nos lugares adequados para apenas se levantar e agitar com sua respiração superficial. Não havia gordura em sua cinzelada forma. Ela mordeu os lábios ausentes enquanto o olhava.

Seus ombros largos levavam facilmente seus braços grossos. A joia em seu bíceps serviria muito bem de coroa para ela. Olhando de perto, ela viu que era a forma de um dragão enroscado em seu braço. Piscando, ela olhou para seu rosto coberto. Ele realmente parecia corajoso e forte como um dragão.

—Você está satisfeita?— Ele perguntou sem acovardar-se quando ela não se moveu. Novamente, seu sorriso era elegante. Via-se que era um homem que frequentemente ria.

Nadja piscou. Para seu encanto, ela ficou mais ruborizada

ainda. Ele avançou um passo, movendo-se como se fosse tocá-la. Suas palavras o pararam.

—Não. — Ela soltou, estreitando os olhos assustados. Sua respiração acelerou, enquanto ela ansiosamente ordenava. — Espere um momento.

Sua cabeça se inclinou, esperando por seu comando. Nadja respirou fundo, tentando controlar as batidas do seu coração indisciplinado.

—Eu não acho que seja necessário qualquer... — Ela engoliu olhando entre o banheiro e a cama, tremendo, controlou seus pensamentos. Tentou erguer uma mão e se frustrou ao ver-se presa pelas fitas; ergueu as sobrancelhas e começou a puxar as fitas de seu braço. —Eu quero dizer, eu sei que a tradição desta noite é que se mostre como um companheiro merecedor mediante um rompante de...

Sua sobrancelha se ergueu sob a máscara. Olek observou como ela se livrava das ataduras de seus braços, desfrutando da forma como seus seios balançavam com os bruscos movimentos. Deixou as fitas pendurada na cintura.

Engolindo para superar sua vergonha, ela disse. —... ousadia.

Um sorriso se espalhou pelos incríveis e firmes lábios dele. Não era justo ter esses lábios, nenhum homem deveria parecer tão gostoso. Nadja soltou um som de angústia antes de

continuar.

—Estou dizendo, não há necessidade disto. Eu não estou preparada... —Nadja queria bater em si mesma. Suas palavras soaram fracas e tremulas. Sua voz saia ofegante. O que ele estava fazendo com ela? Sentia-se queimando, como se precisasse tirar suas roupas, sua pele estava ruborizada e começava a suar. Abanou o rosto tentando se concentrar.

Olek observou cuidadosamente sua preciosa noiva, desfrutando de como seus lábios chupavam ar entre os dentes, enquanto tentava dizer o que queria. Mas seus dedos se enroscavam diante dela, prontos para devolver-lhe o golpe se ele tentasse tocá-la.

Esquecendo onde parou, ela repetiu.

—Eu não estou preparada para sua ousadia... ah!

Olek tirou descaradamente o pedaço de pele dos quadris e soltou-o no chão forrado de pele, permaneceu nu e orgulhoso diante dela, seus pés separados. Seus braços caíram de lado enquanto ele permanecia imóvel, convidando-a a que olhasse.

Os pulmões de Nadja inalaram bruscamente, cortando suas palavras, seus olhos azuis se abriram em esferas grandes. Nadja não podia olhar, seu rosto empalideceu ao ver o tamanho de sua ereção, que era muito proporcional ao resto de sua anatomia enorme. Seus dedos se apertaram, desejando tocá-lo loucamente, desejando que ele a tocasse. Seu centro começou de

forma maravilhosa a pulsar, esquentando terrivelmente com a ideia, havia sonhado com coisas assim, nessas noites solitárias longe de qualquer porto espacial.

Com grande mortificação, viu um sorriso extremamente brincalhão que se estendeu pela boca de Olek quando ela não se virou. Uma mão foi até os quadris nus, os dedos golpeando levemente a carne. Nadja ofegou, exclamou e ofegou novamente. A mão dele se ergueu e ela pensou que ele tocaria a si mesmo, esperou para ver o que aconteceria quando ele o fizesse. Ela leu uma vez que os homens podiam endurecer a si mesmos a vontade. Ficou desapontada porque apenas arranhou seu estômago e voltou a descer os dedos para os quadris.

Olek não podia evitar. Deixou sair uma risada muito arrogante e muito masculina. Seus olhos azuis redondos estavam olhando-o fixamente como se ele fosse uma serpente, ele não se moveu, deixando que os olhos dela tomassem seu prazer. De fato, ela não estava fazendo nada mais, se ele não tomasse cuidadoso, a inocente ruborizada na frente desfaleceria. Já podia ver que ela havia parado completamente de respirar. Nadja continuou olhando fixamente, os músculos subiam de suas pernas peludas para formar coxas e quadris fortes como uma pedra. Aninhado sob uma trilha maravilhosa de pelo, que descia de seu umbigo plano, sua evidente ereção crescia lentamente em tamanho e força.

—Está satisfeita?— Olek perguntou, falando em um baixo grunhido. As palavras tinham muito mais significado que antes.

Era um atestado de seu crescente desejo, se ela continuasse olhando-o intencionalmente dessa forma, mordendo seu lábio inferior com tal concentração, ele desafiaria todos os deuses e a tomaria ali mesmo nesse momento.

Nadja fechou rapidamente a boca e girou bruscamente. Seu corpo oscilava em ondas vertiginosas e teve que se segurar para não cair. Olek não se parecia em nada com os homens que viu na mesa de operações de seu pai. Eles estavam brandos, ele era sólido, enorme... oh, evitando voltar a olhá-lo, moveu as mãos freneticamente atrás de si. Com voz fraca disse: —Vista-se. Eu disse que não tinha nenhum interesse nessa... coisa.

—Você não está satisfeita?— Ele disse.

Nadja não viu o sorriso que se formava em seus lábios e não sabia que ele estava provocando-a, um som de aflição se ouviu na garganta dela e teve que fechar os olhos para evitar que seu mundo desse voltas. Abraçando seu corpo com os próprios braços, mordeu o punho.

—Não te satisfaço?— Ele insistiu quando ela não respondeu imediatamente.

Pensando que havia ferido de algum modo os sentimentos de seu futuro marido e sabendo que provavelmente não era a forma ideal de começar sua vida juntos, ela disse.

—Não, você é perfeito... ah, e muito bem formado, Olek, realmente você é. É que... eu não presto muita atenção a essas

coisas. Acho que há coisas mais importantes...

Olek não pode se conter, moveu-se para beijar seu delicioso e esbelto pescoço com os lábios abertos, lambendo a pele sensível e tentou morder sua orelha. Estava determinado a provar a ela que suas tímidas palavras não eram corretas.

Ela estremeceu ao senti-lo. Olek sorriu apoiando-se em seu longo pescoço. O pequeno e teimoso demônio que levava em seu interior lhe fez fazê-lo; quando ela ficou nervosa, não pode evitar provocá-la. Com seu corpo tão perto, não podia deixar de tocá-la. Muitas ideias brilhantes e atrevidas cruzaram sua mente.

Nadja se afastou com atraso, esfregando seu pescoço para tentar esquecer o contato dos úmidos lábios dele. Não funcionou. Ele sabia e ela tentou negar.

—Pare de fazer isso, bárbaro descerebrado. — Ela disse soltando faíscas. Suas duras palavras eram um indicio de sua ansiedade.

Isso o parou de repente.

Nadja voltou a olhá-lo, incapaz de evitar. Forçando seus olhos a rodar em sua orbitas, suas palavras foram automáticas, enquanto dizia.

—Vista-se.

—Escolha. — Olek disse em lugar de obedecer, suas palavras eram duras.

—Eu... eu não posso escolher, Olek. — Nadja respondeu, sabendo que ele queria que ela o escolhesse como seu marido. Não era justo, ele realmente não podia falar até que ela concedesse permissão. A única forma de dar-lhe permissão era aceitá-lo como marido. —Ainda não.

Nadja se afastou ainda mais quando ele se moveu. Olek seguiu os passos dela, sem se aborrecer em vestir algo. Seu corpo nu se flexionava ao segui-la, poderoso como um animal selvagem.

Nadja foi afastando-se para trás até quase chegar a lateral da tenda. Não podia escapar. Para sua surpresa, Olek não a saltou, mas ao invés ergueu sua mão para acariciar com seus dedos seu rosto e pescoço. Seu toque parou justo debaixo de sua orelha, perto de seu pulso acelerado.

Continuando com as caricias, ele a tranquilizou. —Seu nome.

Nadja piscou. O toque era demais. Qual era seu nome de qualquer maneira? Ela não podia se lembrar.

Inclinando-se ele a beijou levemente nos lábios. Nadja ficou rígida, sem devolver a carícia, seus olhos muito abertos apenas podiam olhar fixamente os olhos verdes escuros que se aproximavam dela enquanto acariciava suavemente sua boca. A pulsação se elevou sob seus dedos. Olek podia sentir os indícios de desejo no perfume de seu corpo. Sua ereção se agitou, morrendo de vontade de responder a essa chamada dela, o calor

de seus seios atraia sua mãos. Seus dedos se deslizaram traçando um caminho pela clavícula, passeando por sua carne trêmula, notou que ela ofegava e estremecia. Nadja lentamente abaixou o olhar, suas pálpebras de repente muito pesadas para manterem-se abertas. Olek percorreu com os dedos sua pele de porcelana, entretendo-se com um seio, até o vale central e logo passando para o outro. Ele não os segurou nem acariciou, deixando-a que se acostumasse a seu tato. Ela estremeceu novamente e se arrepiou.

Ele voltou a passar os dedos por sua pele novamente, passando de um seio a outro. Quando a respiração dela ficou mais profunda e ele pode notar seu coração acelerado no peito como se fosse o seu, ele ficou mais atrevido. Seus dedos deslizaram entre a pele e o vestido. Começando de lado, ele afastou a borda, imergindo mais a cada momento. Quando alcançou o centro, seu mamilo estava duro, esperando-o.

Olek inspirou profundamente e com dificuldade enquanto seu dedo segurava a ponta e puxava. Então, continuando, fez o mesmo com o outro.

Os olhos de Nadja estavam cravados nele enquanto seu dedo continuava desenhando contornos livremente, sem voltar a tocar as pontas que previamente liberou, quando teve os olhos dela preso aos seus, deliberadamente olhou para baixo, deixando-a ver que estava observando suas reações a ele. Sua boca se abriu e soprou seu cálido hálito na pele dela. Novamente se arrepiou e seus mamilos ficaram duros.

Com uma leve exclamação, Nadja inclinou a cabeça para trás para romper o tortuoso contato e fechou os olhos. Sabia que ele esperava que fosse sua esposa em todos os sentidos, especialmente deste modo, mas ela não estava pronta. Não o escolheria cegamente, não quando o resultado era para o resto de sua vida.

—Escolha. — Ele insistiu. Para sua decepção, ela escondeu as pontas redondas de seus mamilos de sua visão, colocando o vestido no lugar com um puxão irrequieto.

Nadja colocou firmemente uma mão no peito, muito consciente de que ele estava ainda completamente nu. Ele manteve a distância entre seus corpos enquanto a tocava, mas sentia que se pedisse que se aproximasse lhe daria tudo aquilo que cada terminação nervosa de seu corpo desejava dele. Era como se seu corpo o reconhecesse completamente e quisesse que ele a satisfizesse em todos os sentidos possíveis.

—Vista suas roupas primeiro. — Ela sussurrou, seu pescoço movendo-se nervoso. —Por favor.

Olek sorriu suavemente, vendo a seriedade em seus olhos, lentamente concordou com a cabeça. Nadja percebeu que em seu cabelo havia duas tranças que iam desde a testa até as pontas. As mechas sedosas caíam até os ombros, roçando-o quando se movia.

Nadja permaneceu grudada à parede da tenda e se permitiu olhar seu traseiro nu enquanto ele se inclinava, esforçando-se

para afastar os olhos. Seu ser tremia por causa de seu firme toque, quente, até o ponto que ela nunca acreditou possível. Manteve-se rígida, seus olhos tentando concentrar-se em qualquer coisa que não fosse ele.

Abrindo a boca surpresa, seu olhar encontrou o terceiro canto. Nadja fechou seus olhos, perturbada, havia uma cadeira baixa, muito parecida a uma mesa de exame, com estribos para os pés e correias para manter os braços no lugar. Havia um travesseiro no chão, como se para ajoelhar. Um baú aberto cheio de plumas e azeite estava atrás. Não pode ver muito mais atrás do baú, mas foi o suficiente.

Olhando para Olek, ela viu que ele a estava observando. Estava novamente vestido, como pediu, inclinou a cabeça para a cadeira, como se a oferecendo. Ela violentamente negou com a cabeça e exclamou veemente.

—Não!

Olek estava brincando com ela. Não podia evitar. Esta pequena criatura tremia tão nervosa que ele imaginou que poderia voar como um colibri e ir embora.

—Seu nome. — Ele disse ao invés.

Nadja respirou fundo. Isto já parecia normal. Agora que ele estava completamente vestido poderiam ter uma conversa civilizada. Isto é, se sua cabeça deixasse de dar voltas, seus seios doíam de desejo e seus olhos podiam parar de tirar sua roupa.

Desejando que suas palavras tivessem mais energia, ela disse.

—Meu nome é Nadja Aleksander.

Capítulo Três



Nadja.

O nome soava de forma agradável em seu cérebro. Era um bom nome, um bonito nome, um nome respeitável, e completamente adequado à beleza digna que tinha na sua frente. Enquanto sua voz ganhava controle, ele ficou contente por ela falar suavemente de forma natural. Sua voz modesta era baixa e sensual e toda feminina. Era um contraste bom para as vozes mais severas em Qurilixien da mesma categoria. Era um contraste agradável com as a vozes mais rudes de seus compatriotas Qurilixienos, era uma voz que gostaria de ouvir durante seus dias e suas noites. Era uma voz que ficaria encantado de ouvir gritando seu nome em meio a paixão. Encontrou-se querendo fazer-lhe perguntas simplesmente para ouvi-la com essa voz sedutora de sereia.

Ele não teve que perguntar. Seus lábios se abriram e ela falou com ele livremente com uma pergunta própria.

—Você é um fazendeiro ou talvez um mineiro?— Nadja perguntou, examinando seu físico.

Nadja conheceu muitos príncipes e esse corpo não era o de um príncipe ou de um nobre. Mas ela estava contente. Olek estava confuso pela relevância de sua pergunta. Balançou a

cabeça, fazendo com que ela dissesse.

—Então, o que você faz para viver?

Olek sorriu, ficando quieto. Ele pensou que era uma pergunta sensata, e a admirou e queria que não fosse tão lógica, fechando seus olhos, ele imaginou sua língua banhada em vinho enquanto bebia de sua pele pálida e ruborizada. Quase gemeu com essa ideia.

—Oh, desculpe, esqueci que você não pode conversar ainda.
— Nadjá disse com um suspiro frustrado. —Isso deixa tudo muito difícil, não é?

Olek apenas sorriu. Supunha-se que não era uma decisão leve e ele estava contente por ela entender assim. Talvez ela bebesse na pele dele. Ele perguntou-se como esses lábios se sentiriam envolvendo seu membro excitado, chupando o licor dele com sua ardente boca.

Nadjá suspirou mais alto. Ela estava completamente no escuro com respeito a seus pensamentos eróticos. Mordendo os lábios, disse: —Certo, vamos tentar de outro modo. Você é um homem trabalhador?

Novamente um sorriso irritantemente atraente foi à resposta a sua pergunta, seus dentes eram retos e brancos, vendo a atenção prestava a sua boca, Olek deixou sua língua deslizar pelos lábios. Oh, mas a distância entre seus corpos estava deixando-o louco. Seus quadris se tensionaram, talvez depois que

ela bebesse dele, podia conseguir que ela o montasse forte como se estivesse domando um touro. Inclusive a deixaria que o amarrasse se quisesse, para satisfazer sua fantasia, apostaria que essas pernas longas poderiam segurá-lo. Nadja estremeceu e se agitou. O olhar dele simplesmente a deixou quente.

—Eu direi a você agora mesmo, quero um homem trabalhador. Você é um? — Ela insistiu. O alívio a percorreu quando ele movimentou sua cabeça. Pelo menos ele não era um príncipe.

Olek avançou olhando as sutis curvas de seu corpo, se sua mente não deixasse de formar imagens dela, ele a atacaria. Os olhos dela o olharam, segurando seu olhar por um momento com sua força azul. Ela ainda não havia terminado.

Engolindo, Nadja disse: —Eu não mentirei para você ou tentarei te enganar. Eu trabalharei duro a seu lado se eu tiver fazê-lo. Não tenha noções infantis sobre o que será este casamento. Eu não espero ficarmos apaixonados e não espero que diga que me ama. De fato, eu preferiria que me respeitasse o suficiente para não tentar acalmar-me com sentimentalismos.

Olek a olhou tranquilamente, sem mostrar nenhuma emoção enquanto ouvia todas suas palavras. Seu olhar permaneceu tão ardente como larva fundida.

—Espero lealdade e honestidade. — Nadja continuou animada por seu silêncio e compreensão paciente. —E te darei o mesmo. Acredito que seria uma boa sociedade.

Quando ela fez uma pausa para olhar para ele, Olek movimentou a cabeça uma vez, persuadindo-a para continuar, seus olhos eram como fogo penetrante que faziam com que os dedos dos pés se enroscassem e que o estômago doesse.

—Suponho que queira filhos?

Olek não gostava da forma prática e uniformes como as palavras saiam de sua boca, mas assentiu de qualquer forma. Seus olhos desceram para seus quadris esbeltos e para a sedutora pose que estavam. Suas pernas estavam abertas justamente o suficiente para que ele pudesse passar um dedo entre suas coxas para testar sua suavidade, sua umidade, seu calor feminino. Ele tentou não gemer.

—Bem. — Nadja concordou, perturbada por seu olhar fixo. Ele a olhava como se quisesse procriar nesse exato momento. — Não me importaria ter filhos... com o tempo. Mas não agora mesmo.

Novamente, Olek movimentou a cabeça. O que importava? Ele não estava pensando em filhos, apenas em praticar, sabia que não podia sair nada dessa noite. Devido às leis, não era permitido alcançar o clímax. No entanto, ele era um masoquista e estava felizmente disposto a passar a noite torturando ambos.

—Sobre... — Nadja fez uma pausa incapaz de esconder seu rubor, enquanto ia até a cama. —Sobre estarmos juntos, acho que deveríamos esperar até nos conhecermos melhor.

Olek franziu o cenho, levantando o queixo com surpresa, sutilmente cheirando o ar, podia sentir seu desejo por ele. Seria obrigado a sentir esse cheiro todos os dias e não poderia esperar para reivindicá-la. Enlouqueceria. Suas entranhas se contraíram em um instante protestando com a ideia de tal negação. Ele era um homem refinamento e de infinita paciência, mas inclusive um santo cairia com essa tortura.

—Não estou dizendo que eu não me casarei você. Apenas é não quero... quero... copular agora mesmo. — Nadja explicou, orgulhosa de sua escolha diplomática de palavras. —Além disso, se formos ter filhos mais tarde, então não há necessidade de fazer isto agora.

O cenho franzido de Olek se aprofundou. Seus braços se cruzaram, atrevidamente sobre seu peito. Esperava que ela houvesse terminado. Não podia compreender muito de sua lógica nervosa. De fato, ele podia dizer que ela não tinha nenhuma experiência com os homens e assumiu isso por suas palavras serem frustrantemente clínicas.

—Então, essas são minhas condições. Se você concordar, avance e eu removerei sua máscara. Se não, fique onde está e estarei encantada em partir. — Nadja terminou. Ela não teve que esperar muito antes dele dar um passo confiante adiante e então outro. Seus braços permaneceram cruzados, mas seus olhos pareciam devorar seu rosto com seu fervor. Era como ter mil dedos tocando sua pele de uma vez.

Olek não gostava de sua última condição. Mas, como viu uma enorme brecha em suas demandas, ele decidiu aceitá-las. Simplesmente teria que torturá-la até que ela implorasse para... copular.

—Oh. — Nadja respirou quando ele parou diante dela. Ele permanecia orgulhosamente de pé e imóvel. Sem fôlego ela sussurrou. —Certo você já decidiu.

—Escolha. — As palavras soaram como uma ordem.

Nadja mordeu seu lábio. Seus olhos elevaram-se para estudar seu rosto, seus dedos tremiam enquanto alcançava o couro de sua máscara. Engolindo saliva, ela começou a soltar as fitas do lado. Suas mãos acariciaram o cabelo trançado e fez uma pausa.

—Tem certeza então?— Ela perguntou em um murmúrio sem fôlego.

Os olhos escuros de Olek brilharam como uma superfície vítrea de água, escondendo uma enganosa corrente subterrânea, apenas então ela observou o suave resplendor do cristal ao redor de seu pescoço. Parecia brilhar quanto mais se aproximava dele. Sua boca se apertava em uma linha severa, enquanto ele novamente dizia.

—Escolha.

—Certo, Olek. — Nadja disse. Terminando a tarefa, ela puxou a fita. O brilho do cristal se refletia em suas mãos com sua

luz branca. A máscara deslizou de lado revelando um rosto mais bonito do que ela imaginou em sua mente. Seu nariz era reto e forte, sua testa perfeita em um homem, tinha as maçãs do rosto altas e orgulhosas, mas seus olhos foram o que a capturaram. Não mudou em nada enquanto a olhava. —Eu escolho você.

A boca de Olek se curvou com um humor travesso. A máscara caiu dos dedos dela ao vê-lo antes que pudesse evitar. Caiu contra seu ombro antes de deslizar até o chão.

—Oi. — Nadja murmurou baixo. Ela tentou sorrir e falhou miseravelmente.

—Oi, Nadja. — Olek respondeu, tocando seu rosto. Sua voz era forte e tão confiante em seu sotaque Qurilixien. Enviou uma onda de calafrios por sua pele.

—Acho que a tradição diz que nós temos que conversar. — Ela disse, tentando atuar friamente.

Tentou se afastar, mas seu corpo se recusou a mover. Sua traíçoeira carne queria ficar e descobrir mais sobre seu toque e olhar ardente. Ela notava seu estômago duro pelo que havia feito. Em um pequeno ato, casou-se com um completo, embora incrivelmente bonito, estranho.

—Não. — Olek corrigiu. —A tradição diz que devemos descobrir um ao outro.

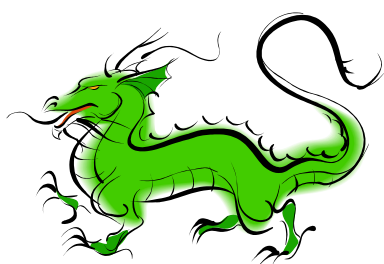
—Sim. — Ela concordou com um aceno de cabeça. — Conversar.

—Não, descobrir. — Ele corrigiu.

—Para isso conversamos. — Nadja não estava certa de que gostava da dominante elevação repentina de sua sobancelha. — Nos descobrimos conversando.

—É a tradição do meu povo, Nadja. — Olek sorriu. Era um olhar perverso, cheio de determinação masculina e autoridade. Ele se inclinou para frente dominando-a em altura. —Acho que sei o que é. Nós temos que descobrir um ao outro. Aprendermos um com o outro. Revelarmos-nos um ao outro completamente.

Nadja, que era alta para uma mulher, não estava acostumada que a dominassem assim. Os olhos de Olek deslizaram de propósito por cima do vestido dela, consumindo-a com seu olhar ardente. Nadja ficou rígida de medo. Ela previa uma longa noite cheia de dificuldade.



—Meu Rei. — Um soldado loiro disse, atravessando o bosque de árvores colossais. As tochas não chegavam a essa parte do terreno, mas a lua brilhava e iluminava o caminho com um brilho azul. O homem colocou a mão sobre o coração e se curvou. Estava vestido como um empregado, mas seus olhos olhavam ao redor com astúcia.

—Todos os príncipes acharam noivas. — O homem avançou na luz, seus olhos enviavam calafrios àqueles que o serviam. Olhando para seu rosto, era impossível determinar sua idade. Seu corpo era jovem e saudável. Seus olhos pareciam tão antigos como as estrelas.

—Muito bem. — Disse o rei loiro, com um sorriso cruel. — Vamos esperar até que estejam completamente vinculados. Somente então podemos nos assegurar do fim de sua descendência. Uma vez que esses Draigs percam suas companheiras estarão muito melhor. As novas princesas morrerão, começando com a noiva do filho mais velho. A linha dos Draig terminará e os Var, mais uma vez, serão a única força nesta terra.

O guerreiro loiro sorriu. Enquanto olhava, o rei loiro fez rolar seu pescoço em seus ombros enquanto mudava a uma forma mais natural. O cabelo cresceu cobrindo seu rosto e corpo, garras apareceram em suas mãos. Sua boca abrindo-se em dentes afiados. Quando ele olhou para trás, foi através dos olhos de um gato selvagem. Sua voz era baixa e deliberada em sua garganta. Grunhindo, ele ordenou: —Vá.

O rei olhou o espião partir antes de voltar a entrar correndo no bosque, desaparecendo completamente entre as árvores.



—Fique longe. — Nadja advertiu, levantou a mão. —Não tem que fazer isto, Olek. Estou satisfeita com você, muito satisfeita.

—Fico contente por ouvir isto. — Olek brincou, seu rosto irradiando confiança.

Agora que a máscara se foi, Nadja podia ver que seu olhar verde tinha muito humor em suas profundidades. Ele estava rindo dela? Olek deixou seus olhos viajarem por ela sem inibição.

—Mas quero ver se ficarei satisfeito com você. Tire o vestido. Quero olhar para você.

Nadja olhou para a máscara, desejando poder devolvê-la a ele. Este homem era muito bonito para ela. O que a possuiu para sequer considera-lo? Ela queria um médico, baixo, velho, com temperamento doce e pouca destreza sexual. Por que suas exigências mudaram de padrão? Deveria estar louca!

Foi todo o vinho que bebeu no jantar, de repente pensou. O cristal pulsava, causando uma onda de emoção que inundava seu sistema. E aquela pedra maldita!

—Não, você concordou. — Nadja soltou, agarrando o vestido no peito.

—Eu concordei em não copular, esposa. — Olek respondeu com um sorriso que aqueceu suas bochechas já inflamadas. —Eu não disse que não terminaríamos esta noite o que estava previsto que fizéramos. Ou prefere que eu chame o conselho de anciões para que esclareçam?

Nadja considerou. Qual era sua alternativa? Ela não queria voltar. Não podia se arriscar que seu pai a encontrasse. Estava plenamente consciente de que poderia fazê-lo. Engolindo saliva, ela perguntou: —Você só quer olhar? Isso é tudo?

O nariz de Olek se abriu com excitação.

—Sim, deixe-me olhar, por agora.

—Você... você não me tocará?— Nadja tentou respirar para se acalmar. Não podia acreditar no que estava considerando fazer. Pensou em seu pai e endureceu os nervos. Ela tinha que fazer isto.

Oh, mas isto seria um doce tormento, Olek pensou, dividido entre a antecipação e agonia.

—Não até que você me toque primeiro. — Ele prometeu.

Nadja engoliu a saliva aliviada. Isso não seria tão difícil. Não tinha nenhuma intenção de tocá-lo. Mas, enquanto seus olhos se iluminavam travessos e desafiantes, pensou no que este bárbaro tinha em mente.

—Sem truques?— Nadja persistiu, tentando protelar.

—Você gostaria que a ajudasse a se despir? — Ele ofereceu, com um sorriso arrogante que fez seus joelhos amolecerem. A boca de Nadja se abriu, mas nenhum som saiu. Ao invés disso, furiosamente balançou a cabeça. Engolindo, olhou ao redor.

—Onde?— Ela perguntou, começando a tremer terrivelmente. —Aqui?

—Em qualquer lugar que quiser. — Olek não cedeu e... Seria bom para ela acabar com essa timidez. Não queria que sua esposa sentisse medo dele, teria que provar que podia confiar nele com seu corpo, como também com seu espírito.

Nadja deu um passo para trás, procurando. Vendo a mesa, ela disse: — Posso... eu preciso de uma bebida.

O corpo de Olek quase explodiu de frustração, enquanto Nadja se esquivava. Ele respirou fundo, tentando ser paciente. Tinham toda a noite e toda uma vida com o outro.

—Você gostaria de tomar algo? — Nadja perguntou.

—Está tentando me embriagar? — Olek disse aproximando-se lentamente dela.

Nadja imediatamente ruborizou, provando que pensou nisso.

—Os homens de Qurilixien não ficam bêbados com esse vinho. — Olek ergueu um dedo como se quisesse tocar seu pescoço, mas então lembrou de sua promessa de não tocá-la até que ela o tocasse. Pela forma como ela o olhava, podia ser que estivesse que esperar muito. —Nós somos imunes.

—Então que simplesmente deixam as mulheres bêbadas. —
Nadja tentou rir. O olhar escuro a fez soltar uma risada pequena.
—Desculpe.

—Por que você está tão nervosa? Eu sou seu marido. Você não tem nenhuma razão para este embaraço. Todo o propósito de nossos costumes é para afastar qualquer dúvida, confiamos nos poderes ao redor de nós para saber nosso caminho.

Nadja bebeu de um gole o copo de vinho antes de tossir. Tomando uma respiração trêmula, ela disse: —Sim, mas você também é um estranho. Eu só te vi pela primeira vez algumas horas atrás.

Olek ergueu o cristal sobre seu pescoço. Ele girou o brilhante objeto nos dedos.

—Mas isto prova que estamos destinados. Por isso temos estas cerimônias, para não haja muros, confiamos no poder disto para nos guiar.

Nadja nervosa engoliu.

—Então, é verdade que você sempre o teve? Desde o dia que nasceu?

—Sim. — Olek respondeu, contente pela nota relaxante em seu tom. Era bom que ela mostrasse algum interesse e conhecimento dos costumes de seu povo, porque agora era seu povo também.

—E ele sempre pulsou assim? — Nadja tomou outro gole da

bebida. Como se para provar seu ponto, o cristal pulsado brilhante, enviando uma doce e atormentada agonia por seus membros, criando dentro dela uma necessidade.

—Não, apenas esta noite, quando eu vi você pela primeira vez. — Olek sussurrou. Pegando o cristal, ele acariciou levemente na pele dela. Sentiu como se ascendesse um fogo por onde passava em círculos, pela base do pescoço. —Foi quando o cristal cobrou vida pela primeira vez.

—Então, ele reage ao luar?— Nadja perguntou, seus olhos piscando. Ela podia sentir o cristal atraindo-a para o corpo de Olek, cegando sua mente a qualquer outra coisa que não fosse guerreiro bonito.

—Reage ao que há entre nós naturalmente. Nos mostra os desejos de nossos corações. — Ele respondeu. Sua reação a essa admissão não foi o que ele esperava.

Nadja endureceu e se afastou. Seu cenho se franziu e começou a arruinar suas feições.

—Eu disse a você. Eu não te amo e não espero que me ame. Serei prática sobre isto.

Olek sentiu-se ferido. Como ela poderia saber dos muitos anos que ele a esperou? Ele teve sonhos honrosos com ela desde criança. Não era simplesmente a sorte o que a levou até ele. Era destino. Inclusive ainda que ela não acreditasse, ele o fazia. E sabia que era verdade, como todo seu povo.

—Nadja. — Ele ternamente sussurrou. —Por que você tem medo?

—Eu não tenho medo...

—Você prometeu honestidade. — Olek interrompeu. —Eu posso cheirar a mentira em você.

—Eu... — Ela tomou outro gole da bebida, parando só para olhar para ele. Para garantir, ela se virou e tomou outro. Olek franziu o cenho e levantou a mão para a parar. Com seus dedos, ele puxou o copo para baixo sem tocá-la. Ela pulou alarmada.

—É hora, Nadja.

—Hora?

Os olhos de Olek desceram por suas formas cobertas pela seda tradicional. Seus olhos a abrumavam enquanto a consumia prazer com sua fome. Depois de terminar sua ardente inspeção ela tremia incontrolavelmente, ele não precisava responder.

—Você pode pelo menos apagar as luzes?— Nadja trançou suas mãos.

—Não vale a pena, pequena flor solar. Eu posso ver na escuridão. Agora, venha.

Olek afastou-se, com seus olhos atraindo-a a vontade enquanto a guiava para o centro do quarto até um suave tapete de pele. Quando parou, ela abriu os olhos, impressionada por poder sentir tanto sem que sequer ele a tocasse.

Com um murmúrio grave, que lhe enviou calafrios por todo o corpo, Olek disse: — Você é bonita. Não há necessidade de vergonha. Tire seu vestido para mim.

Vendo no seu olhar, uma faísca apaixonada que era apenas para ela, não podia se recusar. Primeiro, tirou as sapatilhas. Os dedos dos pés se cravando na suavidade da pele. Logo, lentamente ergueu sua mão para as costas. Nadja estudava seus olhos à medida que se movia. Tirando o corpo da seda, o baixou pelo ombro. Imediatamente um seio se libertou. O nariz dele se abriu, mas não olhou. O cristal pulsava entre eles.

Libertando o outro seio, lentamente tirou o vestido até a cintura. Ela hesitou. A tenda era aconchegante, mas o calor que irradiava de seu novo marido era tudo o que ela sentia e suas costas ficaram geladas sem o calor de Olek. Seus olhos pareciam iluminar-se, com um matiz dourado. Ela piscou e o olhar foi embora. Seguramente, um reflexo da luz.

—Termine. — Olek sussurrou, persuadindo-a. A palavra deslizou como uma respiração por sua pele.

Nadja engoliu nervosa. Inclinando-se tirou todo o vestido. Logo estava de pé novamente, vestida apenas com sua calcinha de renda.

Olek, mantendo seu olhar fixo, de um passo para trás se separando dela. Enquanto colocava distância entre eles, seus olhos viajaram para baixo. Ele não podia falar. A respiração ficou presa em sua garganta, era a forma feminina perfeita. Seu corpo

estava coberto de músculos tonificados, ainda assim com suficientes curvas femininas suaves para não parecer duro. Seu estômago plano puxava os ossos do quadril, criando uma delícia para os olhos já que a renda se agarrava a eles. Já tinha visto seus braços esbeltos e a maior parte de suas pernas, mas isso incrementava a imagem nostálgica de ninfa do bosque.

—Sou...? — Nadja não pode terminar. Quando Olek olhou para cima, ele viu seu rosto baixo e meio virado. Suas bochechas pálidas estavam coloridas com o mais brilhante vermelho envergonhado. A cascata de cabelos castanhos caia pelos ombros, avançando algumas mechas na parte da frente para esconder um delicioso seio.

—Você é adorável, flor solar — Sua voz soava rouca pelo brutal desejo. —Agora, tire o resto.

Nadja não podia olhá-lo. Incomoda, puxou sua calcinha de seus quadris e chutou-as de lado, ficando completamente nua. Ninguém a tinha visto nua, exceto os andróides de beleza que cuidaram dela e eles nunca se importaram.

Olek inalou profundamente. Sob o pedaço de pele estava duro, pulsando ferozmente com excitação. Seu montículo estava coberto apenas por uma fina trilha de pelo. Os lábios dele se separaram, querendo prová-la. Nadja congelou enquanto ele começava a se mover ao redor dela, cuidadosamente mantendo distância entre enquanto a olhava. Olek parou. Seus olhos haviam detectado a marca em seu traseiro firme.

—O que é isto?— Ele perguntou, se inclinando e aproximando para ver de perto o símbolo preto. Ele não reconheceu o significado da marca.

—Oh. — Nadja girou, estirando-se para olhar o desenho. Tinha isto por tanto tempo que se esqueceu de que estava lá. Ela a odiava. Era a marca da Aliança Médica, essencialmente a marcava como sua propriedade. —É só uma tatuagem. Eu consegui isto muito tempo atrás.

Olek franziu o cenho. Ela não mentia, mas ele notava que havia mais do que dizia. Ele continuou adiante, mas ela estava ainda distraída olhando seu traseiro.

—Nadja, olhe para mim.

Ela o fez, olhando através dos cílios.

—Olhe para mim. — Olek insistiu. Ela girou seu rosto para observá-lo, entretanto sua cabeça estava ainda baixa. —Quero que veja o que faz comigo.

Nadja engoliu. Estava muito atordoada para se mover. Todos os homens falavam assim corajosamente? Onde todos os homens eram tão seguros com as mulheres? Ou apenas os maridos com suas esposas?

Até a noite que seu pai anunciou seu compromisso em um jantar, ela nem sequer havia sido abordada por um homem. O anúncio veio com surpresa e horror.

Hank lhe deu um anel de compromisso como um presente

inadequado. Ela se horrorizou e escapou correndo para desgosto do porco asqueroso. De pé ali, olhando para a forma perfeita de Olek, ela não podia imaginar uma vida com Hank.

Olek tirou a pele de sua cintura. Ainda havia uma distância entre seus corpos, assim que ainda que quisesse não poderia alcançá-la com seus braços sem se aproximar. Soltando o pedaço de pele no chão, ele permaneceu orgulho diante dela. Sem vacilar, disse: —Viu o que te olhar faz com meu corpo?

Nadja viu e se apavorou tanto quando ficou fascinada. O comprimento dele duro em plena ação. As veias sobressaíam dos lados, forçando sua ereção quieta e alta. Ela era filha de médico, assim que a parte técnica de como se encaixavam sabia há anos. Mas sobre a realidade, ela não via como aquilo iria funcionar.

—Olek. — Nadja sussurrou, balançando a cabeça. —Por favor, não...

—Shhh. — Olek não permitiu que ela terminasse seu apelo. —Você é minha. Isto é definitivo.

Nadja olhou em seus apaixonantes olhos e se perdeu. Sim, ela era definitivamente dele.

Capítulo Quatro



Nadja olhou sua ereção, uma ereção que lhe dizia que era toda por ela, durante um lapso de tempo anormal. Lentamente, piscou, olhando a dura expressão em seu rosto, ele fazia esforços para se controlar. Tinha que admirar sua expressão. Mas, vendo sua expressão, ela começou a se preocupar.

—Você disse que você não me tocaria até que eu tocasse em você.

Nadja sussurrou. Era estranho estar assim na frente de um homem. Mas o olhar de Olek apenas transmitia aprovação e ela não se escondeu. Seu olhar lhe dava poder a um nível básico de confiança que ela nunca sentiu. O vinho fluía quente em suas veias, fazendo com que ficasse relaxada, enquanto permitia que seu marido e seu cristal místico exercessem sua magia sobre ela.

—Eu não vou tocar em você. — Olek disse com um sorriso canalha se formando em sua boca masculina. Ele lambeu os lábios em antecipação. —Você vai se tocar para mim.

Nadja engoliu assustada, já estava em terreno pantanoso. Era verdade que tentou algumas coisas na escuridão quando estava sozinha, mas sempre estava muito temerosa de que a unidade médica descobrisse e informasse o seu pai. Aquela unidade maldita reportava tudo para seu pai, até um pedaço

pequeno de chocolate que ela uma vez comeu. Foi delicioso e quase valeu os três dias de castigo recebeu por isto. Nunca tentou novamente.

—Eu... — Nadja dificilmente podia respirar. Suas bochechas estavam incendiadas, mas ela não podia olhar em seus olhos magnéticos. —Olek, eu não posso fazer isto. Eu não sou...

—Sim. — Ele interrompeu suas palavras. —Você pode.

—Não, eu... — Para assombro dele, as bochechas dela aumentaram o calor. Ele não teria achado isto possível. Com uma respiração funda, ela murmurou: —Eu não sei como.

Isso o deixou impressionado, inclinando a cabeça para melhor a olhar, ele cheirou o ar. Ela não estava mentindo.

—Como isto é possível? Você não é nenhuma criança. — Olek esperou muito tempo para ela responder.

—Meu pai. — Nadja começou, não realmente querendo pensar no homem em tal momento. —Ele... nós tínhamos uma unidade médica. Media meus... ah, níveis toda manhã. Eu não podia nem sequer comer um chocolate sem ele descobrir. E, bem, se eu... ah, sabe... teriam lhe avisado com um informe diário.

Olek franziu o cenho. Sabia que provavelmente nunca teria filhas, mas ele não imaginava que pudesse controlá-la dessa forma, seu povo acreditava que as crianças eram parte do grupo, para serem guiadas e moldadas na unidade familiar, sempre era permitido explorar e descobrir, cometerem enganos. Como senão

iriam aprender?

—Eram máquinas muito completas. — Ela sussurrou humilhada. Fechou seus olhos, desejando que o chão se abrisse e a engolisse. Seus punhos se apertaram dos lados. Olek não disse nada. Ele estava muito ocupado pensando em formas de castigar o pai por tratá-la tão cruelmente. Sabia pelo olhar que ela tinha,que havia muito mais do que disse. —Eu sinto muito. — Nadja suavemente disse, quando ele não falou. —Eu deveria ter dito algo sobre isso antes. Realmente não sei nada a respeito de... e eu entendo se quiser colocar sua máscara de volta. Não direi a ninguém que a tirei.

Olek não se moveu, salvo por seu peito.

—Você não está mais submetida à sua tirania, flor solar. — Olek disse. A forma de falar fez seu corpo se derreter. —Se deseja saber algo de seu corpo ou o meu, pergunte. Eu irei livremente dizer ou mostrar a você tudo o que quiser saber. Qualquer paixão que sinta é completamente normal e correta. Eu sinto o mesmo por você.

Nadja engoliu. Sua voz não saía, mesmo que ela tentasse. Estar casada com um homem simples parecia cada vez melhor a cada momento que passava.

—Agora me daria muito prazer ver você se tocar. — Olek disse. Seus olhos ardentes em sua carne. —E ainda me dará mais prazer quando você me tocar.

Nadja estremeceu ao pensar.

—Assim. — Ele a persuadiu em um sussurro terno. Pegando a si mesmo em sua mão, começou a acariciar sua masculinidade várias vezes. Nadja mordeu seu lábio, desejando que ela pudesse ter coragem de ir até ele. Seus olhos seguiam os movimentos de seus dedos. O cristal pulsava e brilhava em seu peito. Por sua própria vontade, seus dedos se apoiaram em seu estômago. Arranharam levemente sua carne, distraidamente repetindo os movimentos em seu próprio pênis. Olek movimentou a cabeça em aprovação, persuadindo-a em silêncio que acariciasse a si mesma por ele. Com um gemido fraco, ela deslizou seu dedo em sua umidade. O núcleo de paixão palpitava em deliciosa angústia, olhando-o timidamente acariciou a si mesma. Suas pernas se contorceram, seus quadris se agitavam em pequenos círculos. Seu dedo se estendeu até sua abertura.

Olek rosnou. Acariciou-se mais depressa enquanto seus olhos devoravam a mão dela. Se não fosse cuidadoso, explodiria.

Logo a mão dela não era suficiente. Nadja queria a mão experimente dele em seu corpo, queria que fosse o dedo dele no seu centro em chamas. Com um gemido, ela foi até ele sem se preocupar com nada mais.

Olek sorriu, com um olhar travesso e dominante que a deixou louca. Não levou muito tempo para ela ceder. Isso o agradava muito.

Nadja hesitou brevemente enquanto olhava a mão dele

envolvendo sua ereção. Soltando-a ele deixou a mão de lado. Nadja lambeu seus lábios, olhando-o para pedir permissão antes de tocá-lo. Olek assentiu com a cabeça, estava certo que enlouqueceria a qualquer momento; os dedos dela desprendiam seu aroma natural no ar, para seu tormento.

O peito dela subia e descia com trêmula excitação, enquanto ela o pegava em sua mão. Era firme e sólido em sua palma. Os quadris de Olek se agitaram com a oferta. Nadja se afastou, preocupada por tê-lo machucado. Os traços dele pareciam dolorosamente contraídos. Colocando sua mão sobre a dela, a fez voltar a tocá-lo e mostrou que podia apertá-lo sem machucar.

No momento que ela começou a acariciar sua masculinidade com os dedos, Olek a fez girar e a conduziu até a cama. Suas mãos imediatamente começaram a explorá-la nas costas, braços, pescoço e cabelo. Sua boca reclamou a dela em um beijo inesquecível que deixou a ambos sem fôlego e fracos. Sua língua a saboreou. Seus lábios chuparam sua língua e a levou para sua boca.

Ela sentiu um momento de pânico quando a perigosa ereção buscou se aproximar mais dela. O corpo dele caiu sobre ela, provocando uma onda nova de calor em sua quente pele, seus seios roçavam dolorosamente o peito dele, provocando novos e inesperados desejos. Suas pernas se apertavam levemente, temerosa do calor que a masculinidade proporcionava com total naturalidade contra seu quadril.

Os dedos dela se soltaram, desesperados para explorar o resto dele. Seu toque era tímido em sua inocência, o que o levou mais à distração. As mãos de Olek não eram tão inseguras quando se aventurou pelo corpo dela, acariciando e brincando com toda a pele que podia alcançar.

—Olek. — Nadja gemeu, não entendendo o que estava acontecendo. Ela se sentia queimando. Sentia-se como se estivesse se afogando, subjugada por este homem e suas paixões. Não podia segui-lo, não podia processar o que ele fazia, o que deveria estar fazendo com ela.

—Shh. — Olek sabia que tinha que ir mais devagar com seu toque. Estava tomando muito, iria se converter em uma fera sexual, as mãos dela seguiam as dele, repousando em seu peito enquanto acariciava suas costas. O ritmo cardíaco bombeava sob sua mão, combinado com seu próprio ritmo frenético.

—Eu fiz algo errado?— Ela perguntou, perguntando-se por que ele parou.

—Não, você fez tudo muito bem. Mas, nós não podemos terminar isto esta noite. É proibido.

Os olhos dela piscaram, não sabendo se era de alívio ou angústia ao ouvir as palavras.

—Esta noite é para descoberta somente, descoberta entre nós, nossa paixão. — Sua respiração era pesada. Ela ficou um pouco tensa quando ele se moveu para acariciar seu seio.

Sabendo que ela não poderia evitar, ele sorriu. —Deite-se na cama.

—Mas, você disse...

—Nós não podemos terminar isto, pequena flor solar, mas eu não terminei de explorar você. Deite-se. — Olek apontou o colchão com o queixo.

Nadja, cujas pernas estavam como gelatina subiu na plataforma elevada antes de deitar-se na cama. Deitada colocou as mãos no estômago e esperou. Olek suspirou enquanto se afastava.

Agarrando uma garrafa de óleo, ele não se vestiu. Nadja endureceu.

—O que você está fazendo? — Ela perguntou.

—Eu vou deixar você se acostumar ao meu toque, flor solar.
— Olek respondeu com uma piscada brincalhona.

Nadja estava ofegante quando ele esfregou óleo entre suas mãos. Começando em seus pés, ele massageou o arco. Nadja ficou tensa, soltando uma risadinha. Seu pé o empurrado.

—Fique quieta.

—Eu... eu não posso. — Ela soltou uma risadinha mais alta, empurrando-o novamente. —Tenho cócegas.

Olek sorriu e aprofundou a massagem. Logo, seu pé se acostumou à atenção e sua risada se transformou em seriedade.

—Assim. — Ele a acalmou. —Apenas relaxe.

Ela voltou a empurrar quando ele tocou o outro pé, mas logo, o intoxicante e erótico cheiro do óleo, estava inundando seus sentidos e suas mãos faziam mágica em seus pés. Ele massageou sua panturrilha e logo a outra, tomando tempo enquanto a acariciava. Nadja não se moveu, fechando seus olhos e apenas sentindo. Ele deslizou gentilmente as mãos por seus joelhos, com uma ternura dolorosa. Seus dedos passavam por cima de sua suave e flexível carne, doendo para deslizar mais para cima, justo dentro dela. Conteve-se, massageando a outra coxa. Satisfeito por ela não ficar tensa novamente.

Evitando seu centro, massageou suas mãos e braços. Então, ele ordenou que ela ficasse boca para baixo. Ela não viu seu olhar de prazer intenso quando seus olhos percorreram seu traseiro firme. Deu à parte de trás de suas pernas o mesmo tratamento que deu a frente, antes de continuar até os ombros, pescoço e costas. Enquanto fazia seu caminho para baixo, moveu-se para se sentar escarranchado sobre ela. Sua boca se abriu, querendo mordê-la. Ignorou sua boca, mas não suas mãos.

Ofegante, ele segurou seu traseiro. Um gemido escapou de Nadja em seu estado relaxado. Os polegares se fundiram cada vez mais perto do centro excitado dela.

—Vire-se. — Ele disse com voz grave. Olek se levantou, ainda escarranchado, enquanto ela se movia.

Nadja estava mole, mas obedeceu.

Suas mãos retomaram a jornada em seu pescoço, deslizando entre os seios até o estômago. Ele tocou os quadris, os lados, trabalhando seu caminho para as pontas de seus seios. Suas costas se curvaram e ele tomou os globos suaves completamente em suas palmas. O óleo deixou suas carícias ainda mais aprazíveis. Incapaz de controlar sua boca novamente, ele se inclinou e chupou um mamilo entre os lábios.

Nadja quase saltou da cama enquanto um raio lhe atravessava até sua alma.

Olek grunhiu de prazer, saboreando-a suavemente, desfrutando da resposta natural dela. O outro seio recebeu o mesmo tratamento de sua mão, beliscando e acariciando.

—Ah-h. — Nadja ofegou. Suas mãos seguraram o cabelo dele. Antes que soubesse o que estava acontecendo, suas pernas estavam separando as dela. O óleo deslizava entre elas, ajudando-o a deslizar entre suas coxas. Sua ereção sólida chegou até ela, insistindo em conseguir seu prazer. Ele sentiu seu calor chamando-o em uma úmida oferta.

—Olek. — Nadja gritou, tremendo. Seu corpo ficou tenso ao sentir essa massa tão dura em sua abertura. Ela ficou tensa, insegura sobre o que estava esperando.

Olek parou ao ouvi-la gritar. Respirando fundo, soube que não podia tomá-la. Se os outros soubessem no dia seguinte que foi até o fim, quando fosse quebrar o cristal ante o conselho, tudo estaria perdido. Seu casamento não seria aprovado e ele teria

que passar o resto de seus dias sozinho.

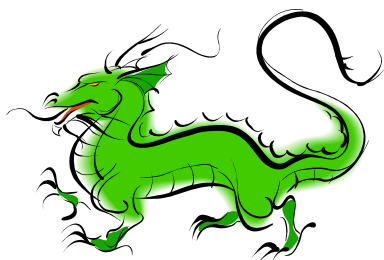
—Eu sinto muito, flor solar. — Olek grunhiu quando se retirou. —Nós não devemos.

—Eu sei. — Ela sussurrou, doendo por algo desconhecido.

—Apenas me dê um momento. — Olek ofegou. Afastou-se dela, passando os dedos pelo cabelo enquanto tentava acalmar sua paixão insatisfeita. Quando pode novamente se mover, ele a olhou. Nadja havia dormido. Ele quase riu.

Com um suspiro, ergueu-a em seus braços. Ela piscou, tentando acordar e ele a fez dormir novamente. Sabia que foi uma noite longa para ela. Deslizando entre as cobertas, não pode evitar de olhar uma última vez seu corpo ruborizado sob a luz das tochas.

Sob a intensidade da luz, apagando algumas para escurecer a tenda. Então, balançando a cabeça, foi para a cama sobre as coberturas, próximo a ela, cuidando para não tocar seu corpo já aquecido. Não tinha vontade de dormir. Seria uma noite extremamente longa.



Nadja piscou acordando, um suor frio cobria sua pele. Incorporou-se de um salto na cama. Ao redor dela era escuridão.

Moveu as pernas, dando um pulo ao tomar consciência quando seus braços tocaram a pele. Ela estava nua.

Piscando, tentou clarear a visão e ver na escuridão. Seus olhos horrorizados e ainda adormecidos, olharam ao redor, freneticamente buscando seu pai ou seus homens no escuro na tenda. Sua mente gritava que ele sabia o que fez, que deixou esse bárbaro a tocar, que sentiu prazer ao ser tocada por ele. Seria castigaria por um mês dessa vez. Nunca sobreviveria um mês inteiro, privada de dormir, luz e ar fresco, de comida. Desta vez poderia ser que a matasse realmente.

Seus olhos se ajustaram a penumbra. Seu coração era o único som que ela ouvia já que batia perigosamente e selvagem em seus ouvidos. Lentamente, enquanto a névoa do sono sumia, percebeu que ele não a havia encontrado. Respirou fundo, olhando onde Olek dormia a seu lado. Ela estava segura.

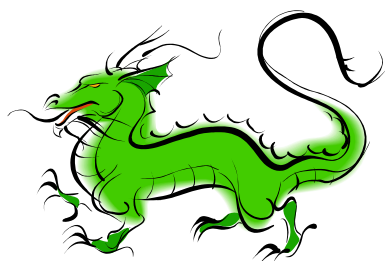
Um conforto estranho superou seu medo. Ali havia um homem simples, sensível e generoso. Ela pensou que poderia confiar em que cuidaria dela, a levaria para sua pequena cabana em algum lugar, onde eles poderiam viver uma vida longe da notoriedade. Ela não teria que viver mais com medo. Não havia forma de seu pai localizá-la, não se casou com um nobre cujo retrato poderia ser publicado em qualquer lugar e cujo nome seria relacionado com ela através da galáxia.

Em um planeta como Qurilixien eles nunca teriam ouvido falar o nome de seu pai, ou de sua reputação intocável. Ela teria

mudado seu nome antes, mas não houve tempo para falsificar uma identificação galáctica. Ela mudaria isto agora, decidiu. Tomaria o sobrenome de Olek como seu próprio, qualquer qual fosse. Nunca teria que dizer a palavra Aleksander novamente.

Com Olek fez bem. Ele nunca saberia quem ela era. Seu passado terminava nesse momento; não podia passar a vida olhando por cima do ombro, esperando os homens de seu pai aparecer. Olek era forte, a manteria segura. Ele era perfeito.

Aconchegando-se a ele na cama, puxou as coberturas acima de seu corpo e suavemente se moveu para tocar seu rosto. Olek não se moveu, meramente suspirou. Nadja afastou sua mão enquanto fechava os olhos, pensou, sim, nós teremos uma vida simples. Nadja Aleksander desaparecerá para sempre.



Olek sentiu sua esposa se sentar sobressaltada na cama, não se moveu enquanto ela olhava ao redor do quarto. Sua mente cansada se mantinha perto dela, relaxando quando ela voltou a se deitar. Foi apenas um pesadelo que perturbou seu sono profundo. Ele tentou não sorrir quando ela tocou seu rosto em uma carícia gentil. Logo, ele viu sua respiração se acalmar, enquanto deslizava em um sono pacífico. O que quer que fosse, ele esperava que seus pesadelos houvessem terminado.



Nadja bocejou, sorrindo levemente enquanto se recusava a abrir seus olhos. Foi uma boa noite, a melhor desde que descobriu os planos de compromisso de seu pai para ela. Estirando seus braços, encontrou a cama vazia.

A tenda estava brilhante, iluminada pela luz que chegava de fora. Respirando fundo, tentou dizer a si mesma que aquilo era real. Estava segura e livre. Um sorriso tocou seus lábios enquanto se sentava. Olek se foi. Não importava. Estudou suas tradições e sabia que ele honraria seu casamento sem importar o que acontecesse. Sentindo-se culpada, pensou em seu pai.

Não, disse a si mesma. Olek nunca terá que lidar com ele. É tudo passado e nós faremos nosso próprio futuro. Ele nunca saberá o que eu fiz. Eu não sou Nadja Aleksander mais. Eu sou simplesmente Nadja... eu sou uma flor solar.

Ela sorriu, desfrutando de seu apelido.

Olhando ao redor, viu uma pilha de roupas nitidamente dobradas no final da cama. Bocejou profundamente antes de pegá-las, com um rubor se lembrou que estava nua. O longo vestido era mais formal e definitivamente mais decente que o do casamento amassado no chão. Tinha roupa íntima que se ajustava a sua pele, enquanto deslizava o linho cor creme por

cima de sua cabeça; se ajustava perfeitamente, como se tivesse sido feito para ela.

Continuando, agarrou a túnica. Era algo parecido com uma jaqueta verde longa, deslizando por seus braços e fechando na frente com um pequeno broche de prata em sua cintura. A saia na frente estava aberta, mostrando a roupa dentro de cor creme. A túnica ia do pescoço ao pulso. Olhando para baixo, desejou ter um espelho. O vestido sem dúvida era o mais bonito que já viu, melhor que todos os diamantes e joias que seu pai lhe deu. Esperava que não houvesse custado muito a seu esposo. Ela não queria gastar muito com coisas frívolas. Vendo a mesa coberta de chocolate, mordeu os lábios e olhou ao redor. Não havia ninguém que chamasse sua atenção. Não havia nenhuma unidade médica. E com certeza Olek os colocou ali para ela. Apenas um não faria mal.

Excitada, Nadja foi para a mesa e levantou um chocolate. Ela engoliu, quase nervosa antes de mordê-lo. O gosto explodiu em sua boca. Mastigando furiosamente, engoliu, então agarrou outro. Antes de pensar em parar, ela comeu a bandeja inteira.

Ela fechou os lábios envergonhada, se fixou na fita que envolvia seus pulsos. Viu que a barra do vestido estava bordada em prata com pequenas flores. No peito justo em cima do coração havia um emblema de um dragão. Ela sorriu enquanto pensava em como os olhos de Olek se pareceram com um dragão na noite anterior.

—Eu me casei realmente com um dragão. — Ela disse.

—Desculpe?

Nadja girou, ruborizando ao ver Olek na porta da tenda. Sua respiração ficou presa na garganta. Também estava vestido, com calça preta até os joelhos, que se agarravam as suas coxas e quadris. Nos pés calçava botas pretas. Sua túnica verde, combinava com o vestido dela, ainda que o dragão prateado em seu peito fosse muito maior. Nadja não pode evitar pensar que era porque ele tinha o peito muito mais amplo, assim ruborizou.

—Não é nada. — Ela murmurou timidamente. Não querendo admitir o que disse. Pensaria que era uma tola romântica se repetisse. Levantou-se da mesa, limpando a boca com as costas da mão. —Eu estava só conversando sozinha.

Olek sorriu. O peito de Nadja se expandiu ao ver sua expressão. Naquele momento, podia ver-se verdadeiramente feliz com Olek. Havia tal bondade nele, uma generosidade que irradiava de seu sorriso fácil.

Avançando, Olek olhou para o bonito rosto de sua esposa, que tinha uma reveladora mancha de chocolate no canto de seus lábios. Ele olhou para a bandeja vazia e sorriu.

—Faminta?— Ele brincou.

Nadja ruborizou.

—Eu não pude resistir. Eu só comi chocolate uma vez e era um pedaço muito pequeno. Prometo não me exceder novamente.

—Faça quantas vezes quiser. — Olek benignamente murmurou. —Eu só terei que manter você ocupada para que não engorde por se permitir esse capricho. — Nadja podia captar o que queria dizer com “ocupada”. Estava ali em seus olhos verdes derretidos, que brilhavam com a mesma intensidade que a luz do sol que se refletia na água.

Ele inclinou-se sobre ela, lambendo o chocolate do canto de sua boca. Nadja estremeceu, fechando momentaneamente os olhos com o contato morno. Sussurrando contra sua boca, Olek disse: —Mmm, delicioso.

Nadja ruidosamente exalou.

—Então. — Ela começou com um rubor. —Você ainda quer ficar casado?

—Tola, flor solar. — Olek murmurou em resposta. Seus dedos alisaram seu cabelo. Nadja permaneceu quieta, contente de deixá-lo fazer, algumas mechas ainda estavam bagunçadas. Pegou o cristal de seu pescoço e segurou-o para ela ver. Suavemente brilhou. Ele entregou a ela. —Eu dou para você. Venha, nós devemos levá-lo ao conselho e declarar que é nosso desejo permanecermos juntos. Uma vez que quebre o cristal, nunca poderá mudar de ideia, nem com a morte, nos separarão. Seremos um só ser.

Nadja engoliu.

—Você está pronta?— Ele perguntou.

Ruborizando ela fez uma pergunta muito feminina: —Como eu pareço?

—Como uma flor solar. — Ele respondeu, incapaz de evitar beijar a ponta de seu nariz. Uma vez que ele a tivesse em casa, cuidaria para que ninguém os incomodasse até a noite, talvez o resto da semana. Ele tinha planos para a sua pequena flor solar.

Nadja sorriu.

—Certo, Olek, o que exatamente eu preciso fazer?

Capítulo Cinco



Em Qurilixien havia três sóis, dois amarelos e um azul, que deixava o planeta anormalmente brilhante. Nadja piscou com a luz do sol, tentando todo o possível para não sorrir como uma boba.

Olhando para Olek, ela ruborizou quando graciosamente ele piscou um olho. Apenas quinze minutos haviam passado desde que ele chegou a sua tenda para buscá-la até que se encontrou de pé na frente do conselho Qurilixien. No centro dos conselheiros estava uma mulher de pé, vestida de púrpura, junto a um homem com o mesmo tom. Nadja notou que ambos usavam coroas o que significava que eram da realeza.

Nadja sentiu seu estômago se apertar, um pouco enjoada. Seguramente, eram apenas seus nervos. Ela tentou ignorar. Deixem que tenham seus tronos, pensou, olhando para o Rei e Rainha. Ela se inclinou naturalmente mais próxima de onde Olek estava de pé. Ele sentiu seu movimento e segurou sua mão. Nadja sentiu a força de sua mão, quase a impedindo de mover e assombrou que tal homem estivesse disposto a declarar a todo seu povo que ele a escolheu como sua. Sentia-se tão querida, tão digna. A nova febre de sentimentos a fez se sentir confiante.

—Rainha Mede, Rei Llyr. Apresento Lady Nadja Aleksander

da Terra. — Olek deixou a mão de Nadja cair enquanto fazia uma reverência formal. Nadja a fez também como Olek tinha mostrado. O casal real ampliou o sorriso quando a viram, Olek tinha o cristal em sua mão. Eles movimentaram a cabeça com prazer. Nadja estremeceu, notando como a luz dos sóis deixava os olhos de todos como ouro.

Olek se virou para Nadja, movimentando a cabeça até onde seu cristal estava em sua mão. Ela sorriu. Deixando-o cair no chão, pisou com seu calcanhar. Imediatamente, sentiu-se um pouco atordoada. Sua cabeça dava voltas como se estivesse saindo de um feitiço. Uma névoa se levantou de seus sentidos. Sua cabeça começou a doer e seu estômago se revolveu com violência.

Atrás deles, a multidão ressoou alegremente. Como não queria envergonhar Olek, Nadja obrigou a náusea repentina a ir embora e sorriu. A rainha Mede ficou de pé, acompanhada de seu marido. Em voz alta a rainha disse: —Bem-vinda a família Draig, Lady Nadja. Esperamos que desfrute de sua nova casa.

O sorriso de Nadja rapidamente oscilou. Por que a Rainha a chamava de Lady? Ela olhou para Olek. Ele simplesmente picou para ela, que ignorou como uma noiva recente.

Nadja fez uma reverência.

—Tenho certeza que irei.

A Rainha e Rei avançaram, para beijar sua bochecha, o

prazer de ver que ela havia falado a encheu também. Seus olhos apreciavam nadar em sua cabeça, mas ninguém pareceu notar. Olek a olhava, sabendo que era normal, que se sentisse um pouco leve pelo poder do cristal que assegurava que o casamento deles era para sempre. Também sentia os efeitos, mas ele estava acostumado a influência do cristal e não se aborreceu.

—Nadja. — Ele murmurou para que a multidão não pudesse ouvir. —Também gostaria de te apresentar a meus pais.

Nadja sorriu expectante. Seus olhos azuis se ergueram para ele, brilhantes e amplos. Quando ele não se moveu, ela piscou e disse: — Claro. Eu gostaria muito. Onde estão eles?

A Rainha e o Rei começaram a rir. Ela piscou novamente, olhando para eles em confusão. Por que ainda estavam de pé? E por que eles estavam olhando para ela assim?

Nadja se voltou para Olek em confusão, não querendo acreditar nas suspeitas que sussurram em sua cabeça. Ela estudou seu rosto. Ele sorriu, olhando incrivelmente contente consigo mesmo.

—Nadja. — Olek disse com um sorriso. Seus olhos verdes dançando com um sorriso fazendo um gesto para o casal real. — Estes são meus pais.

Nadja engoliu. Seu coração parou no peito e ela tinha certeza que estava tendo um ataque cardíaco. O sorriso congelou em seu rosto. Seu corpo inteiro ficou entorpecido. Não, ele não

disse isto.

—Nadja? — Ele perguntou quando ela não moveu, apenas ficou olhando fixamente para ele como se estivesse a ponto de estrangulá-lo ou cair morta, o que acontecesse primeiro.

Nadja girou. Seus olhos eram duros.

—Vocês. — Ela sussurrou, sua voz se negava a sair mais forte. —Vocês são seus pais?

—Sim. — A Rainha Mede respondeu. Nadja viu que o sorriso da mulher parecia amável. Mas, seus olhos eram como líquido da mesma cor dos olhos de seu marido. —Filha seja bem-vinda. Nós estamos muito contentes de que seja parte de nossa família.

Nadja ficou rígida quando a Rainha lhe deu outro beijo. Ela movimentou a cabeça, seus movimentos rígidos como se seu pescoço pudesse quebrar com o esforço.

—Obrigada. — Sussurrou com os dentes apertados. Piscou forte, engolindo novamente sua indignação.

O Rei se inclinou e perguntou a sua esposa em sua língua Qurilixien: —O que está de errado com ela?

A Rainha respondeu na mesma língua: —Sorria. A pobre menina está atordoada. Ela acabou de descobrir que é uma Princesa.

—Eu nunca entenderei estas mulheres da Terra. — Ele sussurrou, mas sorriu para a menina congelada. Mudando suas

palavras para que ela pudesse entender, ele disse: —Filha seja bem-vinda. É como minha esposa disse. Nós estamos muito contentes de tê-la em nossa família.

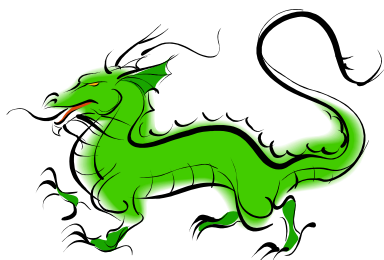
—Obrigada. — Nadja regressou a terra novamente, a rainha gentilmente a beijou na bochecha mais uma vez. Seus olhos redondos um mais abertos, não conseguia devolver o afeto.

—Talvez devesse voltar para sua casa agora, filho. — A Rainha disse em um idioma que a mulher não pode entender. Nadja parecia apenas respirar. Sua pele de porcelana estava dramaticamente começando a ficar cinza.

Olek sorriu para seus pais, movimentando a cabeça de acordo. Um sorriso tocou seus o braço rígido de Nadja. Com a felicidade aumentando em seu peito a levou para longe.

—Vamos esperar que as outras Princesas não tenham seu gênio. — o Rei sussurrou com um sorriso brincalhão.

A Rainha lançou a ele um olhar quente e o golpeou no braço quando ela se permitiu levá-la de volta para a cadeira. Tentando não rir em seu rosto bonito, ela murmurou: —Comporte-se!



Tão logo foram longe do alcance, Nadja soltou-se do braço de Olek. Ele a olhou surpreendido, não esperava isso da mulher

obviamente atordoadas.

—Seus pais, bárbaros?— Foi a única coisa que ela conseguiu dizer.

Olek franziu o cenho, não entendendo. Lentamente, ele movimentou sua cabeça em confirmação.

—Seu pai é o Rei? Diga-me que é um filho bastardo e não um Príncipe. — Ela ardentemente exigiu. Não via a floresta ao redor deles, ou o caminho de terra vermelha. Ela engoliu biles, tentando falar abaixo, tentando não despedaçar seus membros, tentando não estripá-lo... —Diga-me que chamá-los de pais é apenas outra palavra para Rei, como o pai todo poderoso. Diga-me que não é realmente meu sogro. Diga-me que é uma piada.

—Não, Nadja, ele é o Rei. O que me converte em um Príncipe e você, como minha esposa, uma Princesa. — Olek disse. Seus olhos estavam disparando facas. Se olhar matasse, ele e todos o que conheceu teriam evaporado nesse mesmo instante.

—Uma Princesa. — Ela repetiu com um gesto rígido. —Oh, uma Princesa. Por que não?

—Sim. — Sua esposa estava ficando louca?

—Está louco, bárbaro!— Ela sussurrou. Olek se surpreendeu ao ver que nem uma só vez gritou, mas disse tudo com calma mortal. Era muito pior que alguém que grita e briga. Era dos mais calados que podiam pensar e controlar sua ira. —Eu não posso ser uma Princesa!— Nadja discutiu. —Eu casei-me com um

fazendeiro, ou um mineiro, ou um ferreiro, ou um médico. Eu vou viver em uma cabana pequena no meio da floresta. Eu vou ter um jardim. Vou ter uma vida pacífica, não importante. Você me entende, bárbaro? Eu não casei com a realeza. Não posso fazê-lo. Você disse que você era um homem trabalhador.

—Como um Príncipe, eu trabalho. — Ele se defendeu. Olek coçou a cabeça, sem entender o que estava acontecendo. A maioria das mulheres estaria extasiada com a descoberta. Ela teria um título. Teria empregados. Seria rica. Mas Nadja não estava extasiada. Ela estava enfurecida.

—Bem, fazendo o que? Beijando bebês? Apertando as mãos? — Nadja disse com um olhar escuro. Suas mãos nos quadris. — Ser um mimado Príncipe bárbaro não é trabalhar! Você mentiu para mim!

Olek engoliu. Por tudo que era sagrado, ela era bonita.

—Obviamente não negociou paz com os Var. — Ele murmurou sob sua respiração. Olhando para ela sobre os cílios murmurou sedutoramente. —E não acho que tivemos uma noite bárbara.

Nadja ruborizou mortificada. —À noite não percebi que me casei com um mentiroso.

—Eu nunca menti. — Olek defendeu, sua voz soando mais alta.

Seu tom mantinha uma calma mortal. Era estranho como

podia segurar sua raiva.

—Nunca disse a verdade. Se tivesse dito que era da realeza nunca teria concordado com isso. Poderia ter nos salvado.

Olek não respondeu. Ele acreditou nela.

Nadja olhou fixamente para baixo, todas as esperanças de uma vida simples sumiram. Se ela era uma princesa, então seu nome seria conhecido. Seu pai a encontraria. Não podia deixar que isso acontecesse, não depois que ela saboreou uma noite de liberdade. Pensou no chocolate em seu estômago. Obviamente, liberdade não era a única coisa ela saboreou demais.

Nadja ficou verde. Agarrando seu estômago, correu para a floresta, pisoteando as samambaias amarelas que se estendiam sob as árvores colossais, antes de cair na terra. Nadja imediatamente descobriu que o chocolate não era tão bom. Seu corpo estremeceu quando começou a vomitar. Olek esteve ao lado dela imediatamente, segurando seu cabelo e murmurando palavras calmantes.

—Acho que você exagerou. — Ele sussurrou com compaixão quando terminou. Tentou apertá-la em seus braços para acariciá-la.

Nadja balançou os ombros, afastando-se, cuspiu no chão. Ela não era dele, não deixava a comodidade dele, nem agora, nem nunca. Olhando para ele com toda a traição que sentia, ela ofegou.

—Eu volto atrás. Eu quero o divórcio.

Olek estava atordoado. Ela ainda estava pálida e balançando levemente sobre seus pés pela enfermidade súbita.

Franzindo o cenho ele disse: —Não acha que está exagerando?

Nadja não respondeu, tentando respirar fundo. Nunca comeria chocolate novamente.

—Eu disse a você, flor solar, uma vez que quebrasse o cristal, nunca poderia ser desfeito, nem com a morte ou separação. Somos um ser, goste ou não. Eu não deixarei você ir. Não existe divórcio para nosso povo.

—A única coisa que será, bárbaro, é uma desgraça o nosso casamento. — Disse entre dentes. O medo visível em sua voz. Ela tremia, depois de ter visto de primeira mão o que seu pai foi capaz de fazer. Ele não precisaria da ajuda da extradição, para ir por ela. Não tinha ideia de quanto tempo demorariam as notícias para chegar a seus ouvidos. Podia ser uma semana, um ano, cinco anos. Ela nunca se sentiria segura e nenhuma quantia de bárbaros guerreiros poderiam ajudá-la quando ele aparecesse.

Engolindo, ela ordenou: —Agora me leve para nossa nova casa.

Deixou que as mãos de seu bárbaro a tocassem. precisava de um banho.



Nadja olhou ao redor no banheiro, sua nova prisão de grades douradas e começou a chorar. O pesadelo não terminou. Era verdadeiramente uma Princesa e ela menosprezava Olek por isto.

Olek permaneceu mudo enquanto a conduzia à entrada do palácio. Portas de ferro forjado se erguiam sobre a entrada que conduzia a uma montanha grande. Desde a distância, a montanha parecia como qualquer outra, pelo que Nadja se surpreendeu por encontrar o palácio camuflado dentro dela. Cúpulas amplas permitiam uma luz dentro da rota do túnel de pedra vermelha. Então, entraram por uma porta de carvalho, que chegava a uma serie de corredores.

O palácio na montanha era tão pitoresco como seria esperado. Era limpo e decorado com pinturas e esculturas de bom gosto. As tapeçarias agarravam-se as paredes, ao lado de bandeiras com emblemas de dragão. Nadja estava tranquila quando Olek a levou a sua ala do palácio, a parte que chamava sua casa.

Quando ele abriu a porta da frente com um comando de voz, Nadja entrou e ficou assombrada, o interior da casa era o mais bonito que ela tinha visto. Ela tinha esperança de ter uma cabana

não uma ala do palácio. A casa de Olek era decorada com verde escuro combinando com mármore creme que era puro refinamento e elegância. Havia uma fonte de água gigante no vestíbulo. A água corria pelas pedras naturais, criando um ruído de fundo agradável no lugar e as plantas crescendo entre elas. Junto a fonte havia um salão circular, rodeado por cadeira cômodas. Uma grande cúpula de vidro permitia a entrada de luz e com apenas um interruptor uma gigante cortina se fechava ao redor da cúpula para escurecer a casa. Uma lareira de mármore grande foi esculpida em uma entrada na parede de pedra.

Entre a sala de estar e a cozinha havia um aquário de peixes exóticos na parede. Os peixes nadavam em círculos, piscando e comendo. Havia um enorme peixe vermelho com uma ventosa na boca. Pouco a pouco mudou de cor, indo para o amarelo. Nadja podia ver seus dentes contra o vidro. Flora exuberante estava pendurada no teto com bom gosto e crescia nos cantos da sala. Nadja suspirou, com ironia ao pensar que chegou a seu pequeno jardim. Um pequeno prazer.

Outro aquário, um com águas azuis escuras onde era difícil ver através dele, separava o banheiro da área principal. Ocasionalmente, podia ver uma cabeça que parecia de dois tubarões.

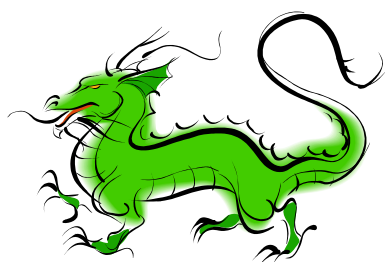
O banheiro era vermelho, esculpido na montanha. A banheira surgia no centro, com água quente e borbulhante constante. Nadja não podia fugir do banheiro, mas encontrou um botão na parede que fez um chuveiro aparecer.

Ali também havia um banheiro e pia normal, com um espelho que se curvava ao redor das paredes. Em baixo havia numerosos armários, alguns com toalhas e outros artigos de toalete. Com um giro de um botão, a luz exterior se dirigia através de espaços no teto que escurecia ou clareava.

Nadja viu suas bolsas da nave de Noivas da Galáxia no corredor dianteiro. Ela só teria que desempacotar mais tarde e adaptar-se. Ela queria ver como Olek opinaria sobre a forma como organizaria suas coisas. Se seria obrigada a permanecer como sua esposa, ela iria fazer as coisas exatamente como queria.

Bem, ela amargamente pensou. Não como ela queria de todos os modos. Preferia uma pequena cabana com um buraco no teto e descascar batatas o dia todo. Isso a teria deixado mais feliz que agora.

Suas lágrimas novamente começaram a cair.



Olek estava sentado miseravelmente em uma de suas cadeiras de encosto alto. Seus dedos apontavam linhas ausentes de lado. Podia sentir a tristeza estranha vindo do banheiro, de sua esposa. Ela se recusava a conversar com ele, mas podia ver a afronta em seu passo quando a levou para o palácio. Ao abrir a

porta da frente de sua casa, esperou por um sorriso ou algo de prazer. Ele trabalhou duro decorando sua casa com a esperança de agradar sua noiva algum dia, como fez todos os Príncipes. Ela nem sequer olhou ao redor. Era como se não se importasse. Uma dor funda encheu seu peito e ele se afundou mais em sua cadeira. Isto não era como imaginou como seria sua vida de casado. Queria paz em sua casa. Como embaixador de Draig, havia batalhas, negociações e ameaças de guerra para lidar quase todo dia. Era estressante. A paz de seu povo dependia dele.

Para sua surpresa, Nadja saiu do banheiro. Seu cabelo estava molhado ao redor seus ombros, mas penteado para trás. Estava nadando nas dobras de sua bata. Seus olhos e nariz pareciam vermelhos e Olek franziu o cenho ao ver isto. Ela tinha chorado. Ele não a ouviu, entretanto, apenas sentiu sua dor.

—Onde é meu quarto? — Ela perguntou. Sua voz era quase tão vazia quanto seus olhos, ao olhar além. Esperou pacientemente, não havia pressa para responder.

Olek a viu tremer.

—Fogo. — Ele disse. A lareira se iluminou. Nadja apenas piscou ao ver as chamas.

—Tudo funciona com comando de voz?— Ela perguntou indiferente.

—Tudo, mas as luzes do teto...

—Meu quarto?— Nadja perguntou novamente, para cortar qualquer conversa que ele poderia começar.

—Nosso quarto. — Olek agarrou suas bolsas e foi à frente.

Nadja não disse nada. Silenciosamente seguiu-o em um corredor perto da entrada principal. Manteve seus olhos à frente, evitando-o. Negando-se a recordar tudo o que aconteceu na noite anterior na tenda. Para dizer a verdade, suas ações sem sentido a mortificavam. E que ela agisse assim com um estranho a humilhava mais ainda.

Levou-a para um quarto oval volumoso. Uma cama grande estava no meio, apenas a um pequeno passo do chão. Como o banheiro, este quarto tinha túneis de luz esculpidos e dispersos ao longo do teto. Havia outra lareira esculpida na parede. Um tapete de pele na frente dela. Em um lado do quarto, a dois passos, um armário circular grande com uma janela de sacada que mostrava o campo. Era magnífico. Se Nadja estava admirada, não demonstrou.

A cama tinha uma colcha verde bordada como o emblema real do dragão feroz. Nadja apenas piscou quando passaram pela cama. Com mão forte, deitou-se.

—Vou dormir. — Nadja disse, anunciando e girando suas costas para ele. Suas palavras soaram mortas.

—Estarei trabalhando em meu escritório se você precisar de mim. — Olek silenciosamente disse. —É ao lado da cozinha.

—Eu não precisarei de você. — Ela murmurou em retorno. Nadja olhou fixamente para a lareira. Seu corpo inteiro queira brigar, gritar com ele, mas sua vida havia lhe ensinado que não era prudente gritar com o homem que tinha poder sobre ela. A ira se tratava melhor com o silêncio. Então e apenas então, poderia Nadja dar uma resposta digna e evitar um castigo.

Suas palavras rasgaram Olek. Ele apagou as luzes do teto para deixá-la dormir. Enquanto se afastava ele ouviu seu murmúrio: —Fogo.

As chamas alaranjadas iluminaram as paredes do corredor pequeno. Ele respirou fundo e a deixou sozinha.

Capítulo Seis



—Abra!

Olek levantou os olhos dos documentos e franziu o cenho. Passou as mãos pelos cabelos em sinal de frustração roçando as tranças sobre os ombros.

—Deixe-me, sair seu...

As palavras de Nadja se perderam a medida que ele soltou um grunhido furioso. Ficou de pé e moveu o monte de papeis desordenados sobre seu escritório para ver o que estava fazendo. Ao escutar seus murmúrios de indignação, adivinhou que seu curto período de dormir acabou.

Nadja estava parada de frente a porta grande. Seu cabelo estava preso em um coque grande na nuca. Vestiu uma blusa de seda e calça comprida, ambas sua própria mala, seus pés com suas botas, golpeavam com impaciência o chão de mármore e tinha os braços ao alto, olhando a porta principal.

—Escapando? — Ele perguntou, incapaz de esconder sua diversão.

Nadja ruborizou ao ouvir sua voz, mas se manteve de costas para assim não vê-lo. Para seu horror, seus sonhos foram com ele, nú, tocando-se e a ela. Sua mente e corpo ainda queimavam.

Quando sentiu que estava controlada se virou para olhar Olek. Estava vestindo ainda com a mesma roupa, sua túnica verde formal. Seu cabelo longo estava trançado dos lados, ainda que as mechas pareciam como se estivessem um pouco revoltos. Era dolorosamente bonito a vista e seu coração começou a acelerar com emoção.

Olek viu o vermelho em seu rosto e entendeu como raiva. Tinha a esperança de que ao permitir deixá-la dormir, despertaria com melhor estado de ânimo. Não parecia que esse era o caso.

Nadja de fato esteve planejando fugir até que a porta se negou a abrir, ela respondeu: —Não percebi que era uma prisioneira. Queria sair dessa casa e ir dar um passeio.

—Você não é uma prisioneira, flor solar. — Olek suavemente murmurou, avançando. Oh, como ele queria tocá-la. —É isso o que pensa ser da realeza?

Ela não respondeu.

—Nadja. — Ele continuou, quando ela se manteve em silêncio, mas com um olhar duro. —Nós não somos prisioneiros aqui. Você é tão livre quanto qualquer outro. Conheço as histórias de outras culturas onde a realeza não se permite certos privilégios, mas nós não somos tão rígidos. Você pode ter uma vida. Fazemos o que temos que fazer para viver, por exemplo, não somos prisioneiros.

—Então eu tenho um trabalho. — Nadja concluiu. —Qual é?

Sustentar a coroa nas cerimônias ou usar um traje que seja igual ao seu e ficar sorrindo para as câmaras?

Olek fez uma careta.

—Eu não quero essa vida, Príncipe Olek. — Najda disse, desejando desesperadamente que ele pudesse entender. Mas, sendo quem era, tinha ainda mais medo de dizer a ele quem seu pai era. Se soubesse, ele e sua família sentiriam-se envergonhados e escandalizados. Poderiam mandá-la de volta com a esperança de evitar a desonra pública. Poderiam dar-lhe as costas para evitar atrair a ira de seu pai.

Querendo se agarrar ao seu sonho com as duas mãos, ela disse: —Eu queria uma vida simples. Eu quero um jardim.

—Nós podemos viver de forma simples. — Olek respondeu. Então, erguendo sua mão para terraço, disse: —Ali está seu jardim, flor solar. Posso construir uma centena deles, se isso te faz feliz. Vou fazer uma casa inteira de jardim. Se desejar uma casa de campo, vou construir uma casa no bosque. Se desejar na montanha, vou construir uma ali também. Podemos ir ali de férias. Quero que seja feliz Nadja.

—Acha que tem todas as respostas. — Ela suspirou. Seus olhos eram duros. —Realmente não tem nenhuma ideia.

Olek estava confuso com suas palavras. Avançou, estudando seu rosto. O que ela estava tentando esconder?

—Nadja, quem é você na verdade? Está fugido de alguém ou

algo? Está em problemas?

Nadja ficou tensa com sua percepção. Não esperava que ele adivinhasse seu segredo tão rápido. O que mais poderia responder, além de mentir?

—Não.

Olek detectou a mentira no mesmo instante. Ela realmente era uma má mentirosa e se negava a olhá-lo.

—Se está fugindo, pode me dizer. — Olek insistiu com voz suave. —Eu posso estar ao seu lado, te ajudar. Minha família estará junto a você. É uma de nós agora.

Suas palavras a fizeram tremer, mas escondeu sua vulnerabilidade e sorriu. Estava certa de que quando ele soubesse a verdade não estaria tão disposto.

—Eu disse a você que não. Não me faça repetir.

—Bem. — Ele suavemente respondeu. —Mantenha seu segredo por enquanto. Mas espero que algum dia não muito longe possa saber que pode confiar em mim.

Nadja deu a volta, cortando a conversa. Acentuando suas palavras, ela exigiu: —Abra esta porta.

—Não é uma boa ideia andar por aí sem uma escolta. — Ele começou.

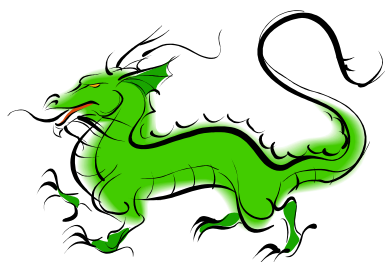
—Você quer dizer um carcereiro?

—Abra. — Olek imediatamente ordenou. A porta se abriu para deixá-la passar. —É fácil...

Nadja andou a passos largos para fora sem para trás olhar.

—... se perder. — Ele terminou com voz fraca.

Olek suspirou. Estava perdido. Sentia-se impotente. Nada que dizia parecia fazê-la feliz. Suspirando, lutou contra o desejo de segui-la. Voltou para seu escritório e a pilha de trabalho em cima de seu escritório. Sabia que o primeiro passo para chegar a qualquer negociação entre duas pessoas problemáticas era demonstrar confiança. E era exatamente o que faria. Mostraria a Nadja que confiava nela, ainda que ela não confiasse nele.



Nadja se perdeu. Não que ela realmente se importasse. Estava certa que se continuasse vagando pelo corredor de pedra vermelha alguém a encontraria e a forçaria a voltar para o príncipe Olek.

No fim de cada corredor havia quadradinhos com marcas neles. Nadja supôs que fosse uma descrição de direções. Não podia lê-las e não queria saber se fosse o caso. Virou uma esquina sem rumo e parou para observar as esculturas e pinturas antes de continuar. O palácio era quase tão impressionante como

um museu de arte. Era primoroso, entretanto Nadja nunca admitiria isto, até grunhiu para as peças encantadoras.

—Princesa Nadja?

Nadja congelou, o título a irritava ao extremo. Quando girou, viu a Rainha e fez uma reverência.

—Não, não. — A Rainha rapidamente disse, com um sorriso agradável. —Pare, Nadja. Nós apenas fazemos essas coisas nas cerimônias públicas. Nosso povo gosta de ver nossos velhos costumes, mas isso não significa que temos que viver com eles todos os dias.

A rainha Mede olhou por cima do ombro para o corredor que acabara de sair. Era quase angustiante. A esposa de Ualan Morigan se declarou uma escrava e as outras esposas de seus dois filhos eram igualmente teimosas. Com exceção de Nadja, que sabia de verdade em que se converteu, apenas esperava que o aceitasse porque as outras princesas não tinham ideia com quem haviam se casado.

A rainha Mede entendia que era difícil ver além de uma coroa e seus filhos queriam ter certeza que suas esposas o escolheram sem a atração do dinheiro e poder. Esta manhã, antes da surpresa, Nadja apareceu com Olek e isso lhe deu esperanças.

—Olek está com você?

Quando Nadja abriu a boca, a Rainha percebeu que ela não

podia estar mais errada. Nadja estava descontente, da mesma maneira que as outras.

—Não. — Nadja respondeu voltando-se para a pintura. Seu tom era duro quando ela disse com uma risada irônica: —Ele está trabalhando. *Meu homem é um trabalhador...* Nadja foi incapaz de terminar o pensamento com a rainha olhando-a séria.

—Trabalhando? Novamente? — A Rainha suspirou. — Esperava que tirasse uns dias de descanso agora que se casou.

Nadja não disse nada. Sentia-se desconfortável discutindo qualquer coisa com mãe de Olek.

—Não importa para mim. — Nadja disse, antes de poder evitar. —Prefiro que ele se mantenha ocupado e longe de mim.

—Longe de... — a Rainha repetiu apenas para parar em confusão. —Nadja, você...?

—Estou bem. — Ela sussurrou. Fazendo outra reverência, ela murmurou: —Se me dá licença.

—Espere. — A Rainha disse. Ela queria desesperadamente conhecer suas noras e Nadja era a única que seus filhos permitiam ver, como era a única que sabia a verdade de sua condição. —O que você está fazendo agora?

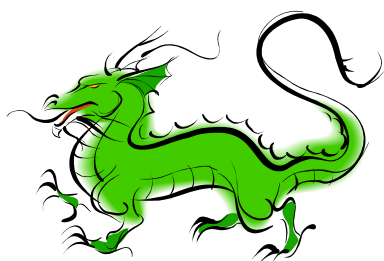
—Me perdi. — Nadja honestamente respondeu.

—Eu posso fazer-lhe companhia? — Mede perguntou, hesitante. —Eu podia te levar para fazer compras na aldeia. Nós

podíamos conseguir o que quisesse. Ainda precisa de vestidos e sapatos.

Nadja respirou fundo. A Rainha estava olhando sua camisa de seda e calça comprida sem desconfiança. Que outra coisa poderia fazer? Estava cansada de olhar para pinturas. Lentamente, ela movimentou a cabeça.

—Certo. Não me importaria um pouco de ar fresco.



Mais tarde nessa noite quando Nadja chegou em casa de seu dia de compras com a Rainha, Olek estava ainda em seu escritório. Ele não conseguiu fazer nada, pensando em Nadja em lugar de trabalhar. Distraidamente fez alguns esboços de seu corpo nu, seu rosto, seu sorriso nos cantos. Seu corpo sofria por ela, de uma maneira que quase não podia conter. Inclusive quando ela se foi, seu cheiro ficou com ele, brincando com seu desejo já quente.

—Apenas coloque as plantas no sol. — Olek ouviu sua esposa dizer. —Eu as organizarei mais tarde.

Ele ouviu vozes com a sua e os passos que cruzavam a entrada de mármore. Sabia onde Nadja esteve, porque a Rainha secretamente enviou um empregado para dizer a ele. Ele sorriu,

lembrando-se de agradecer sua mãe por avisar.

—Olek?

Ele vacilou. Essa era a voz de sua mãe. Quase como um garoto nervoso, começou a arrumar os papéis sobre seu escritório para esconder os desenhos que fez de sua esposa. Quando os guardou ficou de pé para cruzar a sala.

Nadja mordeu o lábio quando a Rainha chamou seu filho. O dia todo a mulher não fez nada além de enumerar todas as boas qualidades de Olek. Ele era um lutador tão valente, um bom homem, um negociador perito, um trabalhador e seria um bom pai... piscou um olho para ela.

—Mãe, Nadja. — Ele disse com um sorriso. Com curiosidade se dirigiu para os empregados que seguiam as instruções de Nadja e onde colocar as coisas.

—Sua esposa é boa compradora. — A Rainha disse com um sorriso.

Olek não se importava. Bem, podia se permitir qualquer coisa que ela quisesse, se alegrava de ver que estava sentindo-se em casa. Queira deixar as coisas exatamente como ela queria.

—Eu precisei de algumas coisas. — Nadja disse um pouco defensiva. —Esta casa foi decorada por um homem, não uma mulher.

Olek foi até onde algumas plantas estavam sobre a mesa, suas raízes sujas estavam para fora como se a houvessem tirado

da floresta. Ele olhou para Nadja, erguendo sua sobrancelha.

—Você não pode comer isso. — Olek disse. Elas eram feias e pequenas plantas, não pode tê-las escolhido por sua beleza.

—Isso foi o que eu disse a ela. — Mede disse. —Mas, ela insistiu.

—Espere. — Nadja disse, apontando para um homem com uma caixa. —Aquela vai para o banheiro.

Olek compartilhou um sorriso com sua mãe. Em silêncio, sentou-se de frente para a lareira quando Nadja continuou dando instruções. Ela lidava com cortesia e sabia exatamente o que queria. Os homens mostravam seu respeito, seus olhos sorriam com adoração imediata. Ele observou cuidadosamente como encantou cada homem na sala com sua natureza reservada... cada homem como ele. Ela era uma verdadeira princesa.

Um homem mais velho, vestindo a túnica robusta de um artesão chegou à porta. Ele olhou ao redor. Então, vendo a Princesa, sorriu e avançou. Olek observou como Nadja apontou para o quarto de sol com um gesto das mãos. O carpinteiro movimentou a cabeça com seu rosto enrugado, mordeu o lábio, calculando em seus pensamentos, e então respondeu. Nadja sorriu, fazendo sinais para seguir em frente com o que fosse que estivesse planejando. O homem começou a medir a entrada do pátio de luz.

—Eu deveria ir embora. — A Rainha disse. Girando para sua

nora, ela sorriu. — Nadja, eu verei você amanhã para aqueles ajustes dos vestidos. A costureira estará aqui às nove.

—Está bem. — Nadja respondeu, sorrindo para a mulher. Olek desejava que esse sorriso fosse para ele. —Não esqueça que também prometeu me mostrar à biblioteca amanhã.

—Talvez Olek pudesse fazê-lo. — Mede sugeriu, olhando seu filho de forma significativa.

—Eu adoraria. — Olek murmurou.

Viu como Nadja ficava rígida. Apenas podia ver o cenho franzido escurecendo seus traços.

Mede acenou para seu filho, que a sua vez ordenou que se retirasse. Ele lançou um sorriso desobediente. Seus olhos uma vez mais se desviaram para as costas de Nadja.

Olek esperou. Sua testa se levantou com curiosidade quando os empregados se foram, deixando as caixas e pacotes espalhados a seu passo. Nadja não o olhou diretamente. E ele não podia deixar de olhá-la.

—Minha senhora, eu posso começar amanhã de manhã se quiser. — O carpinteiro disse em seu sotaque formal guardando a fita métrica.

—Isso seria maravilhoso. — Nadja disse, encaminhando o cavalheiro mais velho para a porta. —Venha quando estiver pronto.

—Sim, minha senhora. — O homem concordou. Então se virou para Olek e se curvou. —Meu senhor.

Olek acenou sua mão para o homem e sorriu, imensamente divertido com toda a cena.

Quando a porta se fechou a seu comando, Nadja girou. A agradável luz em seu rosto desapareceu enquanto o estudava com ironia. Sem dizer uma palavra e começou a passar para o terraço.

—Você comprou toda a aldeia? — Ele perguntou brincando.

Nadja franziu o cenho e se moveu para olhá-lo. Seus lábios estavam apertados quando ela disse: —Precisava de algumas coisas.

Deu a volta e caminhou para o terraço. Olek não estava tão disposto a deixar a conversa, inclusive se apenas tivesse que carregar tudo.

—Para que o carpinteiro?—Ele perguntou, mantendo seu tom.

Seus olhos ficaram na defensiva e de novo se surpreendeu quando sua voz não se levantou em um grito. Parecia muito irritada.

—Preciso de uma porta. Eu vou fazer desse quarto, o meu escritório. Você consegue seu espaço privado, eu consigo o meu.

Olek a seguiu até o grande quarto. As caixas bloqueavam o

caminho para avançar a seu redor. Nadja estava segurando uma planta em sua mão com um aperto leve, e estava olhando ao redor.

—O que é todo esse material?— Ele perguntou, curvando-se para olhar as caixas.

Tudo o que ele viu eram recipientes de vidro antes que ela dissesse.

—Deixe minhas coisas. Eu não vou buscar nada em seus pertences pessoais. O mínimo que pode fazer é ficar à margem dos meus.

Olek ergueu sua mão atrás terminando sua exploração curiosa.

—Então, você está planejando um maior jardim?

—Você não tem trabalho para fazer, Príncipe? — Ela perguntou, ignorando-o quando ele tirou uma folha retangular de uma caixa suja. Colocando-a para baixo, ela se agachou para replantar as plantas.

—Essas realmente não são usadas para nada. — Olek disse, fazendo o possível para ignorar sua ira. —Eles não brotarão com flores.

Olhou mas não disse nada. Depressa, terminou e ficou de pé movendo-se para ir para a cozinha. Olek bloqueou o caminho.

—Você se importa?— Ela perguntou suavemente. Seus olhos

a olharam como uma carga elétrica que chegou até seus pés.

Não importava o duro que ela tentasse fingir que o odiava, sabia que não era do todo certo. Ela odiava sua situação, odiava seu medo, mas nunca poderia odiá-lo. Seu corpo estremecia de anseio pelo fogo em seu olhar, desejoso de continuar de onde pararam na noite anterior.

Nadja tentou se afastar dele, mas ele se moveu para bloquear seu passo. Deu um passo para frente, obrigando-se a retirar.

—Tenho que conseguir água para as plantas. — Ela disse fraca.

Nadja tentou novamente dar a volta e ele novamente impediu. Bloqueava seu passo, engoliu saliva sem saber o que estava fazendo.

Os olhos de Olek estavam iluminados com intenções perigosas, começando por sua garganta. Seu corpo se movia sentindo a fragrância de seu desejo por ele. A cúpula se encontrava em um terraço interior com temporizador e Nadja saltou quando as cortinas fizeram clique e começaram a se fechar.

—O que você está fazendo, Olek? — Ela começou a se preocupar com seu silêncio.

De repente, suas pernas bateram em uma estante baixa e percebeu que suas costas estava rodeada de plantas e flores.

Olek não parou. Ele avançou até que seu corpo se pressionou ao lado dela, prendendo-a com seu calor. Ela podia sentir cada centímetro duro, queimando seu corpo, enviando agulhas de prazer sobre seus nervos traiçoeiros. Seus olhos fizeram contato e ela respirou profundamente.

—Vou cuidar da minha pequena flor solar um pouco. — Ele murmurou, inclinando-se para beijar seus lábios entreabertos.

Nadja sequer tentou se afastar. À medida que os lábios roçaram os dela, gemeu. Seu corpo enfraqueceu. Suas mãos encontraram um suporte e ela se segurou em busca de apoio. Sua boca audaz se apropriou da dela, em um beijo quente e abrasador, enchendo seus sentidos com desejo líquido.

—Olek. — Ela tentou dizer contra sua boca, entretanto não afastou seus lábios. —Não quero...

Ele aprofundou o beijo para cortar suas palavras enquanto roubava sua respiração. Nadja gemeu, ofegou, suspirou. O corpo dele se acendeu e pressionou seu centro atormentado contra seus quadris para que ela pudesse senti-lo todo.

—Tire suas roupas, Nadja. — Ele disse contra sua boca. — Desnude-se para mim novamente. Deixe-me ver seu corpo.

Nadja estremeceu. Quando ela não o fez, as mãos dele estavam em sua calça, desabotoando-a.

—Diga-me que quer que a tome aqui mesmo. — Ele exigiu confiante contra sua boca.

Olek possuía um grande poder em seu tom de voz, o que fez com que Nadja estremecesse ao ouvi-lo. Ela nunca poderia ser tão audaz. Poderia? Ela permaneceu imóvel, deixando que ele fizesse o que quisesse, não podia lutar ou se negar.

—Diga-me que está quente por mim. Diga-me que quer que eu a gire e a monte aqui mesmo e agora.

Nadja ofegou em sua boca. Não podia falar porque ele estava roubando sua respiração com suas palavras perversas e enchendo seu rosto de beijos.

—Diga que me quer dentro de você. — Olek rompeu o beijo, para não dar-lhe mais de sua boca até que ela implorasse. Sua mão deslizou em sua roupa íntima, movendo-se para tocá-la. — Diga-me que quer que eu entre.

Nadja estava úmida de desejo e seu dedo tomou vantagem, acariciando-a levemente. Ondas de prazer passaram através de seu toque. Um gemido saiu de sua boca, suave e suplicante. Sua boca se abriu, permanecendo assim para ele. Ela o desejava. Era uma agonia. Como poderia lutar contra seu próprio corpo, assim como o de Olek?

—Diga flor solar. — Ele ordenou. Suas mãos buscando com urgência, tocando-a mais profundamente, roçando contra seu clitóris, acariciando-a perigosamente como fogo. —Diga que quer ser minha Princesa. Diga que é feliz aqui comigo. Diga que quer que eu tome você aqui e agora. Diga que quer acabar com esse tormento, assim como eu. Farei você feliz, eu prometo. Por favor,

flor solar, deixe-me fazer você feliz.

Nadja não podia dizer isto. Sabia que era sua esposa e que tinha obrigações e deu sua palavra seriamente. Além disso, onde mais ela poderia ir? As noivas da galáxia tentaria encontrar uma brecha no contrato. Olek iria buscar sua noiva fugitiva e seu pai teria certeza de conseguir tudo o mais rápido. Sua posição nessa área era boa o suficiente. Ela optou por tirar sua máscara, sabendo muito bem o que estava fazendo, sabendo que ela se casava com um completo estranho. Mas, poderia dizer as palavras em voz alta? Não poderia fazê-lo. Seria muito real.

—Não. — Nadja respirou para seu assombro e para o dele também. Ela nunca entenderia como a palavra saiu de sua garganta apertada. Seu corpo imediatamente endureceu, tentando rebelar-se contra a lógica de sua mente.

O corpo de Olek estremeceu de dor quando ela negou. Ele estava duro, pronto para ela, pronto para reivindicá-la completamente. Nunca esteve tão cheio de luxúria e tão miseravelmente duro. Porém, ele não queria provar se suas palavras eram verdadeiras ou atuar como um bárbaro para ela. Ele não precisava que ela tivesse isso contra ele também.

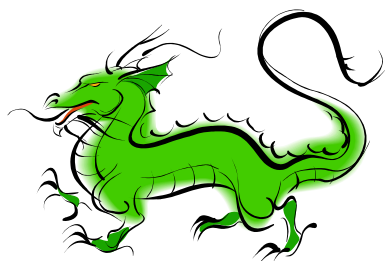
Para seu tormento eterno, ele puxou a mão de seu corpo ávido e se afastou. Seus ombros se levantaram e caíram, enquanto tentava controlar sua respiração. A tentadora suavidade de seu toque estava ainda em seus dedos.

—Ah! — O som veio da garganta de Nadja à medida que ele

se retirava. Ela desejou que ele não parasse. Suas mãos tremiam, dispostas a reclamá-lo.

—Vá atender seu jardim, esposa. — Olek sussurrou retrocedendo seus penetrantes olhos quando a deixou sozinha. Irritado, saiu da sala como uma tempestade e Nadja o ouviu sair de casa. Seus joelhos se debilitaram e caiu no chão.

Trêmula, ela gemeu. Seu estômago doía e doía o que ela fez com ele. Nadja não tinha ideia de como por fim ao tormento e tinha muito medo de tentar. Obrigando-se a ficar de pé, dirigiu para a cozinha em busca de um copo de água. Mas em lugar de regar as plantas, derramou o copo em sua camisa de seda branca para esfriar sua pele em chamas. Negar-se a Olek era definitivamente pior que qualquer castigo que seu pai pudesse lhe dar.



Olek foi para o corredor. Não lhe importava aonde iria, sempre e quando não ficasse em casa. Seus olhos brilharam com um ouro perigoso, ameaçando quase transformá-lo por completo em uma fera, rangendo os dentes furiosamente. Seus punhos precisaram de uma boa luta.

Respirando fundo, sabia que seu corpo dolorido precisava esfriar. Ele viu seu irmão Ualan, coberto de lama de um dia de

simulação de batalha nos pântanos. Grunhiu. Os olhos de Ualan brilharam quando encontraram os seus. Os irmãos passaram uns aos outros, sem parar para conversar.

Capítulo Sete



Olek não voltou para casa naquela noite. Nadja odiava admitir que esperou acordada toda a noite, escutando de sua cama. Ao julgar pelo estado que a deixou, se perguntou se buscaria alguém mais agradável para atender suas necessidades masculinas. A ideia a rasgou amargamente, levantou o peito com raiva para esconder a dor. Ela cochilou levemente, mas não conseguiu descansar muito, considerou dormir no sofá, mas não renunciaria a satisfação se ele tentasse acordá-la.

Quando a manhã chegou, então se arrastou fora da cama, tinha uma mistura de indignação e preocupação. A preocupação de que algo aconteceu com ele, e raiva que outra pessoa pudesse tê-la substituído. Independente de seu humor, ela não tentou partir. A porta ainda não havia sido programada à sua voz para que não pudesse sair, inclusive se quisesse.

A Rainha chegou prontamente às nove como prometido. Mede podia abrir a porta com seu comando. A costureira estava logo atrás seguida por meia dúzia de ajudantes, todos obedientes, todos homens. Carregavam amostras de tecidos para sua escolha. A mulher era amável, falava com a Rainha na língua Qurilixien. A rainha Mede por sua vez traduzia para Nadja.

Erguendo seus braços, ela deixou que a costureira medisse

seu peito.

Nadja perguntou à Rainha: —Então, você só tem quatro filhos?

—Só? — A Rainha riu, olhando para cima de onde estava no encosto de cadeira para melhor ver. —Não há nada como quatro filhos.

Nadja sorriu ao seu pesar.

—Todas as mulheres na viagem estavam vibrando por eles. Os Príncipes eram tudo sobre o que conversavam. — Nadja admitiu. —Pensei que fosse uma publicidade da empresa para ter mais mulheres.

—E você, Nadja? Também pensava nessa ideia?— A Rainha perguntou pensativamente.

Antes de parar para pensar, ela honestamente respondeu: —Não. Eu queria um homem simples, como um médico gordo.

Nadja piscou, percebendo o que revelou. Sua boca se abriu em uma desculpa imediata. Esta batalha era realmente entre Olek e ela. Ela gostava muito de Mede para dizer qualquer coisa para ofendê-la.

A Rainha balançou a cabeça para parar sua desculpa e sorriu.

—E seus outros filhos? — Nadja iniciou, abaixando seus braços quando a costureira terminou. —Todos encontraram

noivas?

—Sim. — A Rainha respondeu, mas Nadja podia ver que também tinham problemas. —Eles encontraram.

—Eu posso perguntar seus nomes? — Nadja perguntou curiosa para saber quais das mulheres ganharam o anúncio da realeza.

—Ah, Ualan se casou com Morrigan Blake. Zoran casou-se com uma mulher chamada Pia e... — Mede parou e riu. —Para dizer a verdade, a noiva de Yusef não disse a ele seu nome, assim nós não sabemos.

A risadinha da Nadja juntou-se a de Mede.

A porta de repente se abriu e Olek entrou, vestindo a mesma túnica com a qual partiu na noite anterior, só que estava um pouco mais enrugada. O carpinteiro de Nadja estava com ele.

Seu sorriso sumiu quando ela o olhou com um ar de indiferença.

O coração de Olek desacelerou no peito quando viu que ele era a causa do desgosto súbito. Ele ouviu ela e sua mãe rirem no corredor e tinha a esperança de encontrá-la com um humor melhor. Ela estava bonita, de pé no banco, vestindo um top de algodão e calça de seu povo.

Como Nadja estava olhando, Olek falou com o carpinteiro em seu idioma, apontando para o quarto de sol e dando-lhe instruções. O homem movimentou a cabeça em sua atenção, mas

escutou seu marido.

Nadja saltou do banco da costureira com raiva e perseguiu os homens quando entraram no quarto.

—Eh, o que você pensa que você está fazendo? — Nadja perguntou, puxando o braço de Olek.

Seus olhos suspeitosamente o estudaram tentando averiguar se ele esteve com ninguém na noite anterior. Seu rosto estava sombreado com barba e seus olhos escurecidos como se ele não tivesse dormido. Seu coração saltou na garganta e ela não pode falar. Então, a boca dele se curvou com curiosidade por seu silêncio, era como se eles fossem os únicos no quarto.

O feitiço foi interrompido quando a costureira chegou para arrastar Nadja pelo braço, em uma tentativa de colocá-la de volta no banco. Nadja não podia entender o que a mulher estava dizendo, mas sabia que estava sendo chamada a atenção. O sorriso de Olek ampliou, seus olhos ainda a segurando em suas profundidades.

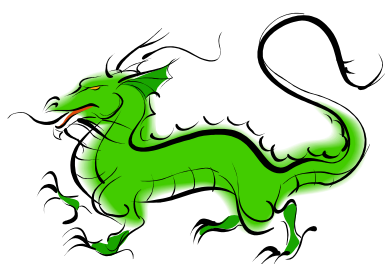
Ouvindo a risada de Mede, Nadja piscou. Então, franziu o cenho para Olek quando voltou a seus sentidos, e exigiu em tom suave.

—Melhor não dizer a ele para mudar qualquer coisa que eu ordenei.

Olek deu a volta, ignorando-a. O coração de Nadja acelerava em peito com seu olhar penetrante. Seus membros estavam

fracos quando novamente ergueu seus braços para a costureira. A mulher a forçou a olhar para frente, assim não podia ver mais o que Olek estava tramando. Era muito orgulhosa para se virar.

Mede sorriu secretamente por ser testemunha do olhar entre seu filho e sua nova esposa. Podiam estar em desacordo, mas havia paixão. O rei Llyr ficaria encantado de saber que tudo iria muito bem nessa frente, ainda que o casal não soubesse ainda.



Para o encanto de Nadja, o carpinteiro chegou a trabalhar no marco da porta. Quando a costureira terminou as medidas, já era hora de escolher os padrões. Mede foi de grande ajuda, já que escolheu a maior parte dos vestidos apropriados para cada ocasião. Quando tudo se reduziu ao material do armário de Olek, ele foi consultado para fazer roupas combinando com os vestidos de Nadja.

Quando terminou, Nadja estava esgotada. A Rainha partiu com a costureira, piscando para Nadja quando passou pela porta. Nadja sorriu cansada em retorno. Deixando o carpinteiro com seu trabalho, começou a caminhar para a cozinha. A Rainha ofereceu deixar o jantar na sala comum do palácio, mas Nadja recusou. Comer em casa era melhor.

Olek cruzou a porta e ela não pode deixar de olhar. A noite

anterior ela explorou a casa toda enquanto desfazia suas malas. Seu escritório estava nitidamente organizado, exceto por sua mesa, que estava cheia de agendas eletrônicas e um monte de trabalho escrito que ela não podia ler.

Antes de perceber o que estava fazendo, Nadja estava andando para o escritório em vez da cozinha. Olek piscou, olhando para cima com surpresa ao vê-la. Ele tomou banho e se barbeou. Sua camisa de algodão escura destacava seus olhos. Seu cabelo estava ainda um pouco molhado, penteado atrás de seu rosto caindo em seus ombros.

—Terminou?— Olek perguntou, recostando-se na cadeira e esticando suas mãos atrás da cabeça.

Um sorriso leve, cheio de humor tocou seus lábios e Nadja percebeu que simplesmente não podia evitar. Ela movimentou a cabeça, apertando a boca.

—Eu disse para sua mãe para ter certeza de que a costureira mostrasse a lista primeiro a você. Mede pediu muita coisa e eu não estava certa de quanto seria meu orçamento.

—Você não tem um. — Ele respondeu. Suas mãos ficaram atrás da cabeça, mas morria de vontade levantá-las e puxá-la para seu colo. Ele adoraria beijar seus lábios exuberantes enquanto a tomava sobre sua mesa. Inclusive se conformaria com simplesmente segurá-la.

—Oh. — Nadja piscou. —Mede disse que eu podia pôr tudo

em nossa conta. Eu sinto muito, deveria ter perguntado antes de fazer compras. Eu pagarei a você de volta tudo, espere aqui.

Olek franziu o cenho quando Nadja deixou seu escritório. Seu rosto bonito o manteve graciosamente distraído quando ela correu para o quarto. Ficou de pé para segui-la, mas quando chegou à sala ela voltou. O carpinteiro havia desaparecido no quarto de sol.

Nadja chegou com uma caixa de ouro cheia de joias que seu pai deu a ela. Ela acariciou suavemente. Levantou um colar de diamantes para que ele pudesse vê-lo, o deixou cair com indiferença sobre a pilha.

—Tinha planejado livrar-me destas coisas de qualquer maneira. — Nadja disse, com um encolher dos ombros. —Eu não tenho certeza de onde poderia usar. Não vi quaisquer corretores quando estava na aldeia. Talvez você conheça alguém que compraria isto. Então, poderia ter o dinheiro que eu devo a você sem dificuldade, mais o que devo por ontem e poderia me dar o resto.

—Nadja.

—Não, está tudo bem. Eu confio em você para ser justo sobre isto. — Ela disse entregando-lhe a caixa e quando ele não a pegou, ela empurrou em seu peito.

Olek relutantemente a segurou em lugar de deixá-la cair. Olhando abaixo, ele viu seu nome gravado na parte superior. Não

parecia como se fosse roubada.

Cuidadosamente, Nadja adicionou: —Talvez um joalheiro possa fundi-lo antes de vender.

—Isto não é necessário. Eu não espero que você venda seus pertences. — Ele começou.

Novamente ela interrompeu antes dele poder terminar. — Não, realmente. — Nadja disse um pouco avidamente. —Eu não quero nada disso e o dinheiro me ajudaria até que possa encontrar um trabalho.

—Você tem um trabalho.

—Sendo uma Princesa?— Nadja bufou, balançando a cabeça. Seus olhos ficaram tristes. —Não obrigada. Estou certa que posso achar algo que decente. Eu posso abrir meu próprio caminho. É o que tinha previsto fazer de qualquer maneira.

—Quando eu disse que você não tinha um orçamento, eu simplesmente me referia a que poderia comprar o que quisesse. Eu não te deixarei. — Olek colocou a caixa de lado e parou de frente a ela. —Eu posso me permitir isso.

Nadja olhou para baixo, para a simples calça de algodão Qurilixien. Mede disse que ele se vestia em um estilo casual da noite e nos dias livres. Ela deu um passo para trás, seu corpo estava muito disposto ao se lembrar do que sentiu quando ele esteve junto a ela e como sofreu horas depois.

—De qualquer forma. — Ela respondeu. —Gostaria que se

desfizesse dessas coisas. Não quero nada disso e não vou mudar minha maneira de pensar. Apenas tenha certeza de informar ao joalheiro para tirar meu nome antes dele vender isto.

Olek concedeu com um aceno com a cabeça. Nadja pareceu relaxar.

—Nós precisamos de alimentos. — Ela disse, mudando o assunto com facilidade refinada enquanto caminhava para a cozinha.

—Eu normalmente janto na sala comum. Meu irmão Ualan é o cozinheiro na família.

—Foi ali onde você comeu ontem à noite?— Nadja perguntou, fingindo indiferença. —Com seu irmão?

Ela sentiu sua falta, Olek sorriu atrás dela. Ele se perguntou se ela iria indagar onde ele estava.

—Eu comi no escritório real.

—Com seus irmãos? — Ela sondou. Embora o fizesse procurando na geladeira, ela escutou com seu cérebro inteiro a resposta.

—Não. — Olek viu seus ombros ficarem rígidos. Ela poderia ainda estar chateada com ele, mas obviamente se importava o suficiente para ficar com ciúmes. Para sua decepção, ela não perguntou mais, então ele ofereceu. —Estava com meu pai.

O Rei suspeitava que alguém tentou arrombar o escritório

real e eles estavam vendo as possibilidades. Não queriam alarmar qualquer outra pessoa na família até que soubessem com certeza, mas era possível ter um espião em seu meio. Até onde eles podiam dizer, nada estava faltando.

—Eu realmente não me importo com o que você faz. — Nadja disse com um encolher dos ombros.

Franzindo o cenho fechou a porta e suspirou. Não havia nada que a tentasse. Foi até o armário e repetiu o mesmo procedimento, revolvendo, buscando, mas não achando nada, fechou a porta. Depois de sua terceira e fracassada tentativa, Olek avançou, oferecendo.

—Nós podíamos parar e conseguir algo a caminho da biblioteca. Ou poderiam enviar algo. Eu prometi levar você.

—Oh. — Nadja disse. Ela pensou que talvez tivesse esquecido. Ele tentou se mover para mais perto, mas ela com graça, evitou seu contato quando se dirigiu para a sala de estar. Olek a seguiu.

—Se não for muito difícil... estaria bem. Não tem que ficar lá comigo se você tiver que trabalhar. Apenas preciso saber onde está.

—Eu tenho tempo. — Ele ofereceu, desapontado por ela parecer tão ávida para se desfazer dele.

—Deixe-me apenas pegar meu tradutor. — Nadja disse, caminhando para o quarto.

Os olhos de Olek se voltaram para a caixa de ouro com joias e franziu o cenho. Pegou-a para escondê-la em seu escritório para que ficasse segura. Ainda que dissesse que não a queria, ele a guardaria para o caso de mudar de ideia ou até que lhe dissesse o real motivo para querer se desfazer dela. Com os dedos sobre a tampa superior, não pode deixar de perguntar quem lhe deu estes presentes tão caros.

Agarrando alguns dos documentos de sua mesa, ele colocou em um envelope grande com um selo real. Nadja estava pronta quando ele voltou. Não pode evitar sorrir quando a viu. Porém, seu sorriso estava tornando cada vez menos frequente.

Nadja olhou o envelope e apesar da natural curiosidade sobre o que realmente fez a noite toda, não perguntou. Olek parou na porta, falando em sua língua Qurilixien antes de murmurar.

—Dê um comando para que possa registrá-la.

—Abra. — Nadja declarou, muito contente por poder sair sozinha. Olek confirmou seu comando, e lhe indicou a palavra.

—Abrir. — Ela repetiu e a porta se abriu. Repetindo o mesmo procedimento, ele pediu que fechasse a porta. Ela sorriu. Olek não disse nada enquanto a levava pelo corredor.

A biblioteca do palácio era muito maior do que Nadja podia ter imaginado. Livros velhos, gigantes com palavra escrita, enchiam as estantes de paredes altas. Nada estava em

computador e o cheiro bolorento de pó e idade era espesso no ar. Nadja entrou imediatamente no lugar.

Ainda que tenha encontrado alguns livros escritos em inglês, eles eram romances antigos da Terra. Ela estava contente por ter levado o tradutor de livro com ela. Os livros que lhe interessaram estavam em Qurilixien.

Olek permaneceu pacientemente fora de seu caminho, enquanto descobria seu sistema de arquivos. Sentando em uma cadeira vermelha tirou um lápis e começou a trabalhar. Seus olhos se desviaram para suas costas, quando ela ficou na ponta dos pés para alcançar um livro para lê-lo em sua tela. Era encantadora e seu corpo doía por abraçá-la. Ela se negou obstinadamente a pedir ajuda, entretanto teria acelerado o processo para ela.

Um empregado levou o almoço, uma comida simples de carne, queijo e pão. Nadja pegou um sanduíche e comeu, levantando-se enquanto se recusava a sentar-se com Olek. Ele simplesmente pegou um prato, descansando na cadeira enquanto evitava olhá-la.

Por último vários volumes grossos e algumas horas mais tarde, ela estava pronta para ir. Olek viu sua carga olhando por cima dos títulos.

Havia vários textos médicos, uma enciclopédia de ervas do planeta e plantas, jardinagem, e pelo menos um diário científico. Os outros títulos estavam escondidos por seus braços.

—Eu preciso dizer a alguém que estou levando-os? — Nadja perguntou. Foi à primeira coisa que ela disse para ele em horas e sua voz estava rouca por falta de uso. Foi muito desconcertante tê-lo tão próximo, observando-a. Seus olhos sensuais a deixavam fraca, sem que ele soubesse. Tantas vezes quis caminhar até ele e simplesmente começar a beijar sua boca perfeita, levando suas perfeitas mãos a seu corpo. Nadja nunca foi atrevida e não podia esquecer sua negação no dia anterior.

Olek piscou, surpreso ao ouvi-la seu finalmente falar com ele. Ele tentou conversar algumas vezes apenas para ser calado com seu silêncio.

—Não, é a biblioteca da família. Você pode pegar o quiser. — Ele respondeu. —Apenas quando terminar os traga de volta.

Nadja movimentou a cabeça, surpresa com a facilidade com que aceitavam uma estranha no meio deles como parte de sua família. Não lhe negavam nada. Olek suspirou, levantando a carga pesada em seus braços. Nadja quase recusou, mas eles eram pesados, assim, deixou que ele levasse.

Quando voltaram para casa, o carpinteiro estava acabando. Nadja estava muito contente com o homem por terminar tudo em um dia. Ficou ainda mais surpresa que ele tivesse construído uma nova estante no lugar para colocar as plantas que comprou. Havia também uma mesa para desenhos e um lugar par lugares para pendurar pás e ancinhos. Para sua surpresa, ela percebeu que Olek não ordenou apenas a construção em seu nome, mas

ele comprou também uma poltrona.

Ela sorriu e agradeceu o carpinteiro ao sair. Olek caminhou para o homem mais velho, murmurando para ele em sua língua. Quando ele voltou, Nadja acenou com a cabeça agradecendo e depois partiu para explorar seu quarto. Olek tristemente sorriu, deixando-a para desempacotar suas caixas e folhear seus livros.

Capítulo Oito



Olek não podia fazer nada. Nadja estava em sua cabeça. Em todos os lugares que olhava em sua casa, lá estava ela. Nos travesseiros que colocou no sofá, na toalha de mesa e vaso de flores em sua mesa de jantar, nos infinitos objetos de toalete femininos enfileirando em seu banheiro e gabinetes. Ele nunca percebeu que uma mulher teria necessidade de tanta coisa.

O resto da noite, ficou em seu escritório, escutando o movimento do outro lado, sentia a falta dela com cada fibra de seu ser. Ele viu seu desejo naquela noite na tenda. O que aconteceu? Por que ser uma Princesa era grande coisa para ela? Ela realmente seria mais feliz com um fazendeiro pobre?

Não fazia sentido, especialmente com suas joias caras. Não era como se esta beleza refinada cresceu na pobreza em uma fazenda e estivesse acostumada a este tipo de vida. De fato, ele apostaria que ela ficaria louca no primeiro mês de constante trabalho duro e manual. Tudo nela gritava que tinha dinheiro e riqueza. Era a forma como se movia, a forma como instruía os empregados com facilidade e amabilidade, a forma que inspirava respeito, mesmo sem saber. Esses traços eram de uma pessoa desde seu nascimento, não imitados ou aprendidos.

Incapaz de permanecer por mais tempo com curiosidade,

Olek se levantou e foi para a porta, estava aberta e viu a luz proveniente do interior. A escuridão da noite estava deixando um frio e murmurou pelo fogo.

Batendo suavemente, ele abriu a porta do quarto de sol. Não era o jardim que ele esperava. Ao invés, a mesa estava cheia de frascos de vidros com estranhos líquidos borbulhantes. Uma pilha de papel para escrever tinha estranhos símbolos e anotações. Os livros estavam dispersos em um banco limpo, vários abertos em diferentes páginas. No meio disso tudo estava sua esposa.

A sobrancelha de Nadja estava enrugada com concentração quando ergueu seu tradutor para o livro. Ela murmurou algo sob sua respiração, fez uma anotação, e se virou para erguer um dos jarros de líquido verde. Ainda murmurando para si mesma, ela anotou suas observações no papel.

—Nadja? — Olek perguntou, percebendo que ela não o ouviu entrar.

Nadja saltou, quase derramando o verde líquido em sua camisa. Seu corpo congelou e ela respirou fundo. Seu coração martelando no peito, acabava de descobrir que a combinação de raízes que misturou era um ácido químico muito eficaz. Podia ter arrancado sua pele.

Deixando o vidro cuidadosamente, ela exigiu: —O que você está fazendo aproximando-se assim furtivamente? Você já não ouviu falar de bater?

—Eu bati. — Olek se defendeu, vendo que ela estava agitada. Ele ignorou sua ira habitual, e entrou em seu novo escritório.

Os dedos de Nadja tremiam e ela os torcia. Olhando abaixo em suas notas, ela depressa a cobriu. Era sem sentido porque ele não podia lê-las de qualquer maneira.

—O que exatamente você está fazendo?— Olek perguntou, sua voz suave e baixa. —Isto não parece com jardinagem.

—Estou... — Ela hesitou, franzindo o cenho. —Não é assunto seu. Eu não te incomodo com o que faz durante o dia ou à noite. Poderia pagar com a mesma cortesia.

—O dia todo que eu trabalho em assuntos da Casa de Draig, muito tediosos, mas coisas importantes. Ontem à noite, eu estava no escritório real examinando cuidadosamente documentos com o Rei e eu dormi no sofá. — Ele rapidamente disse. Para sua surpresa, a admissão realmente pareceu aliviá-la.

Nadja engoliu. Ela quase se convenceu de que ele estava com outra mulher. Diferentes cenários passaram por sua cabeça. Mas, olhando para ele, ela podia ver a verdade em seus olhos. De repente, era como se pudesse senti-lo dentro dela. Se ela fechasse seus olhos podia quase descobrir seu coração batendo próximo a seu peito.

Olek ergueu o jarro verde.

—Isto é uma espécie de fertilizante?

Nadja ficou tensa quando ele o balançou.

—Não faça isso!

Um pouco terminou caindo na extremidade de uma das plantas. Imediatamente, a folha começou a borbulhar e derreter. Olek fez uma careta, seus olhos girando para ela suspeitosamente.

—Não é o que você pensa. — Nadja disse, levantando as mãos em defesa de qualquer palavra não dita. Quando ele não abaixou o jarro, ela o tirou de sua mão e o colocou na mesa.

—Como você sabe o que eu estou pensando?— Ele perguntou, ainda cauteloso.

—Foi um simples engano. O tradutor estava lendo a palavra para veneno como poção e eu agora imagino que uma combinação destes elementos faz um ácido, não... — Nadja parou olhando para ele. —Eu sinto muito. É tudo realmente muito chato.

—Não, por favor, continue. — Olek murmurou, gostando do som de sua voz de sereia. Ele podia escutá-la para sempre, não importava o que dissesse.

—Não, se vê realmente... científico. Você possivelmente não estaria interessado. — Nadja começou devagar a empurrá-lo para a porta. Quando ela conseguiu, fechou a porta de laboratório e o seguiu para o sofá. —Eu só apreciaria se você não tocasse em nada ali, até que eu possa compreender como escrever Qurilixien

em minhas etiquetas.

—Eu posso facilmente ler sete idiomas e falar quase trinta fluentemente. — Ele meditou. —Etiquete de qualquer forma que quiser.

Nadja piscou com a admissão.

—Você tem uma unidade de registros aqui?

—Não. — Ele riu. Parou de caminhar, de pé próximo à lareira. Sua pele brilhava, contrastando com seus traços. —Nós não usamos descarga de arquivos. Às vezes o material não pega quando precisamos dele.

—É uma pena. Seria de grande ajuda as noivas aprenderem os conceitos básicos de seu idioma. A fonética pode dar uma dor de cabeça...

Nadja engoliu, não planejava dizer tanto.

Muito tarde, Olek entendeu. Sorrindo com prazer, ele perguntou.

—Você está tentando aprender meu idioma?

—Eu... — Nadja hesitou e olhou. —Apenas seria prudente. Desde que estou presa aqui, deveria ser capaz de falar com as pessoas.

—Por que não me pediu ajuda? — Sua voz era profunda, enquanto diminuía a distância entre eles. Sua mão levantou-se para acariciar seu rosto, um feitiço entre eles quando seu toque

se moveu sobre sua garganta para ir levemente por sua clavícula.—Eu alegremente ensinarei a você.

—Eu não preciso de sua ajuda. — Ela negou, seus olhos se fecharam quando a boca dele pairou próxima.

O cheiro masculino a abrumava e se inclinou de forma natural a ele, pronta para seu beijo. Olek ficou surpreso com a sinceridade com que ela suavizou em seus braços. Com todo seu desafio refinado, suas defesas se desintegraram facilmente.

—Eu daria minha ajuda. — Ele inclinando-se para acabar com a distância entre seus lábios.

Não importava quando Nadja se convenceu de que ela o negaria, quando chegou o momento, ela não pode. Seu calor a atraiu e provocou uma agitação nas emoções que não podia controlar ou lutar. Seu corpo buscava o sentir dele, tal e como buscava ar e comida para sobreviver.

Sua boca conquistou seus lábios com ternura antes do final de seu pescoço. Seus movimentos eram urgentes quando sua mão encontrou seu seio. Ele começou apoiá-la na fonte de água no vestíbulo.

—Diga que me quer. — Olek murmurou com voz rouca em sua garganta.

Nadja não podia falar. Suas bochechas vermelhas com apenas pensar na ideia.

Olek grunhiu com seu silêncio. Seu corpo dizia o que seus

lábios recusavam. Suas mãos encontraram os ombros, suas costas. Seus dedos tocaram seu cabelo, persuadindo-o a que continuasse.

Olek de repente a ergueu para a borda da fonte. Chegando a seu lado, a obrigou a retroceder na água. Seus pés espirraram água à medida que entraram e a água se acumulou sobre os ombros, molhava a camisa de algodão, fazendo seus mamilos escuros aparecer.

Olek não pediu permissão quando rasgou a camisa de seu corpo. Seu olhar ardia nela, desafiando-a a negá-lo, a água fazia cócegas e acariciava sua carne nua. Aproximou-se dela, obrigando-a a se apoiar nas pedras. Rasgando uma tira de sua camisa, ele observou seu rosto para uma reação e agarrou um de seus pulsos em sua palma grande. Erguendo seu braço com lentidão deliberada, ele levantou acima de sua cabeça. Amarrou a tira em seu pulso facilmente e prendeu-a na fonte. Com olhos escuros e sérios, ele ergueu a outra mão e prendeu-a da mesma forma.

Nadja foi muito longe para resistir. Seus lábios se separaram, mas não era um som de protesto que sussurrava além de sua garganta.

Os olhos de Olek observaram sua obra, muito satisfeito. Suas mãos deslizaram sobre sua pele na água. Levemente, ele tocou o lado de seus seios, negando o centro com esforço. Prazer percorria seu sangue com velocidade, esquentando-a ainda

quando a água estava fria. Sua mente seguiu os movimentos deliciosos de seus dedos.

De joelhos ante ela na água, suas mãos se moviam sobre seus quadris esbeltos. Puxou a cintura de sua calça molhada e a deixou na água, descobrindo seu corpo nu a seus olhos famintos.

Nadja tremia ante ele. Suas mãos deslizavam por todos os lugares, tocando tudo menos a parte mais quente. Era tortura pura. Seus braços se esforçavam para se livrar, ser capaz de tocá-lo em troca. A fonte acariciava seu corpo, molhando sua camisa e cabelos, molhando sua calça de algodão. O material grudava em seu corpo sólido e firme. Ficou sem fôlego, sacudindo-se mais forte contra as amarras.

Olek abriu caminho em sua pele, massageando e acariciando. Seus quadris empurravam, procurando seus dedos desesperadamente. Seus seios se arqueavam para ele. Ela era bonita, retorcendo-se em sua paixão inocente para ele. Com ela amarrada, seria tão fácil reclamá-la. Mas Olek precisava primeiro de respostas e esta poderia ser a única vez que ela estivesse vulnerável, sem sua resposta ser pura desonestidade.

Ele aproximou-se dela, deixando seu corpo molhado sentir seu calor. Seus seios saltaram para ele, apenas roçaram as pontas doloridas levemente em sua camisa.

—Olek. — Nadja ofegou inconsciente. —Por favor.

Olek sorriu de forma diabolicamente masculina dominando

seu prazer. Colocou a mão sobre sua cabeça, acima dela.

—Oh, por favor. — Ela gemeu, fechando seus olhos à sua necessidade dolorida.

—Por favor? — Olek perguntou, sussurrando a palavra contra sua pele. Seu corpo empurrou em resposta.

—Sim, por favor. — Ela implorou, sua perna levantada enquanto se pendurava impotente frente a ele. Seu membro roçava com insistência seu quadril, tentando se liberar de sua roupa. Ela conseguiu mover a perna até sua cintura. Nadja gemeu alto de satisfação com o pequeno triunfo.

—O que você quer?— Ele sussurrou em seu ouvido.

—Olek, por favor, não faça, somente, oh!

—Diga-me. — Ele ardentemente ordenou. — Diga o que quer, Nadja.

—Eu quero você. — Nadja suavemente disse, as bochechas vermelhas, ainda que seu corpo não parasse sua busca dolorosa por ele.

—O que você quer de mim? Diga que você quer.

—Eu quero... isto. — Ela gemeu, pensando que ele poderia se aproximar mais. Sua perna o puxou envolvendo seu traseiro firme, quando ela tentou força-lo até seu centro em chamas. Tudo nela gritava seu nome. Seu sangue bombeava mais rápido e o coração quase saltava do peito.

—Quem você quer, Nadja? — Olek perguntou, sua voz forte imergindo baixo, quase um grunhido.

—Você. — Ela ofegou, cada vez mais desesperada. Isto era um jogo de tortura, mas ela não o deixaria por nada. —Eu quero você, Olek.

—Quem eu sou para você? — Olek insistiu. Seu corpo gritava por ele, fazendo seu quadril se apertasse seu desejo deliciosamente pecaminoso.

—Você é meu marido. — Ela sussurrou confusa.

—E quem é seu marido?

—Um Príncipe. — Ela disse, ainda mais. Por que estava conversando quando ele deveria beijá-la? Sua boca se esforçava pelo gosto dele, palpitando de necessidade. Seu corpo o ansiava para poder por fim a sua tortura.

—Assim, você é minha Princesa, não é?

—Sim. — Ela grunhiu antes de implorar. —Eu sou sua Princesa. Por favor, não mais, Olek.

Olek não podia negar o pedido suave. Largando o seu interrogatório por agora, deixou-a puxar. O material áspero de sua calça separando-o de seu calor, e encaixou sua ereção nela.

Nadja ofegou com o prazer. Ela começou a ofegar, gemer e gritar de alegria enquanto ele se esfregava contra ela: —Oh, sim.

—Você me quer dentro de você, Nadja? — As palavras de

Olek eram audazes, desinibidas. —Quer que eu a reclame?

—Sim, oh, sim, Olek. — Ela exclamou, cada vez mais forte.
—Reclame-me. Venha dentro de mim. Por favor, acabe com isso.

Seus braços se apertaram, torcendo deliciosamente contra as amarras enquanto tentava forçá-lo mais.

Inclinou-se para beijar seu seio, a sucção era delicada, rodando sua língua áspera. Abafou um grito de prazer com as sensações de sua boca. Seu corpo sentia-se como se caísse pela montanha. Sua mão se moveu pelo ventre plano, deixando provar sua umidade quando ele moveu um dedo dentro dela com força.

—Olek, sim! — Ela suspirou. Seu corpo começou a tremer, convulsionando violentamente enquanto a acariciava, estava tão perto. Sentia-se bem, sabia exatamente a forma correta de tocá-la. As pedras eram duras nas costas. Não lhe importava. Suplicava. —Ah, justo aí, mmm, não pare. Por favor, não pare.

—Diga por que é tão infeliz sendo minha Princesa? — Ele murmurou contra sua garganta. Lambeu seu pulso firmemente com sua língua acariciando a doçura de sua pele. —Do que está fugindo?

—Não estou fugindo de nada. — Nadja mentiu, ofegante. Olek congelou.

Nadja era muito descuidada para notar ao princípio. Seu corpo continuava se movendo contra ele, roçando sua mão. Um

gemido saiu de seus lábios. Pouco a pouco, ao perceber que Olek já não a beijava, ela abriu os olhos. Para seu horror e decepção, deliberadamente afastou seu corpo.

—Ah... a, não. — Ela ofegou.

Colocando a mão sobre sua cabeça mais uma vez, ele se inclinou de forma que sua perna deslizesse de seu quadril, os pés espirrando água. Olhando profundamente seus olhos inquietos, franziu o cenho. Seu peito subia e descia. O cheiro de seu desejo estava em sua cabeça, tentando-o.

—Você disse que seria honesta e leal.

—Olek. — Nadja declarou. —Volte. Não faça isto agora. Por favor, apenas me beije.

—Você disse que seria honesta. — Ele repetiu, mais forte, lutando para recuperar o controle. Seria tão fácil para ele terminar o jogo. O fogo em seu corpo negado se enfureceu, por suas duras palavras, vazias.

Seu corpo se retorcia de angústia. Os traços de Nadja mostravam sua raiva. Enrugando seu rosto, ela grunhiu em alerta: —Olek!

—Honestidade. — Olek gritou, sabendo que sua tática não era justa. Mas, a batalha e o desejo, não eram justos. Seus sentimentos irracionais sobre sua posição não eram justos.

—Você disse que era um trabalhador! — Nadja declarou de volta, seu tom mortal em sua suavidade. Seus braços lutando

para se soltar, ainda que desta vez fosse dar-lhe um soco. Ela tentou chutar com a perna para acertá-lo. Sua voz que nunca se levantou em um grito, disse: —Você mente, eu minto. Simplesmente é assim.

—Eu não menti. — Olek grunhiu de frustração. Sua voz se elevou, desafiando-a fazer o mesmo. Ele queria vê-la explodir, mostrar qualquer coisa menos essa calma aterradora sem emoções que estava em seus olhos. Inclusive sua paixão estava sendo absorvida por seu olhar endurecido.

—Solte-me, Alteza Real. — Nadja disse monotonamente. Apenas a respiração erguendo seu peito em uma sucessão rápida que mostrava que ela ainda o desejava. Seus azuis disparavam punhais nas profundidades de porcelana de seu rosto. —Terminei de conversar com você. Estou voltando ao trabalho.

—Solte-se você mesma. — Ele grunhiu, movendo a mão no ar. Seu corpo doeu no momento de parar e pensar. —Você disse que não precisava de minha ajuda.

Olek a deixou ali sozinha, temia que se a tocasse novamente, seria para estrangulá-la.

Nadja observou-o assombrada sair como uma tormenta do banheiro. A porta se fechou atrás dele. Esperou um bom tempo que voltasse e dissesse que estava brincando. Não o fez. Realmente não iria ajudá-la.

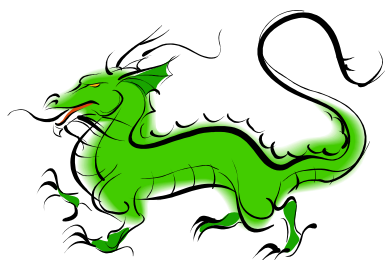
O rosto de Nadja endureceu com indignação, mas ficou em

silêncio, engolindo suas palavras com irritação até que queimou como sua paixão. Seu corpo dolorido, ela colocou os pés nas pedras molhadas. A superfície áspera a sustentou enquanto subia. Balançando seu pulso varias vezes conseguiu se soltar. Soltou-se em um movimento repentino. O segundo foi mais fácil, quando se abaixou, olhou com amargura para a porta do banheiro enquanto se arrastava para fora.

Nadja deixou suas roupas para trás e tropeçou nua para seu quarto. Seus pensamentos eram negros enquanto o insultava em todos os sentidos que conhecia. Chegou a inventar algumas maldições novas quando saiu correndo.

—Esta é a última vez que me toca, Príncipe. — Ela jurou, usando uma de suas melhores túnicas como toalha e pisoteando até o armário. Todo o tempo ela desejava que fosse seu rosto que destroçava. Vestiu-se depressa, silvando e amaldiçoando o tempo inteiro.

Olhando a cama, sabia que não havia maneira de que pudesse passar a noite nela com ele. Então ao invés, pegou seu travesseiro, jogou pela porta aberta no corredor e com uma batida forte fechou-a.



Olek entrou no banheiro com frustração. Sua pequena noiva

era mais teimosa do que ele pensava. Oh, mas ela era uma teimosa raposa! A imagem de seu corpo molhado, contudo ficou com ele, fazendo sua ereção ficar dolorida, quando tinha que diminuir.

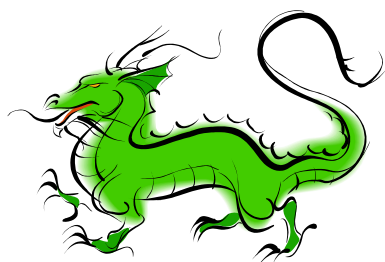
Amargo, tirou as roupas e entrou na água quente de sua banheira. Fechando os olhos, a forma nua de Nadja apareceu diante dele de forma que não iria reclamar. Seu queixo ficou tenso com ressentimento. Olek diminuiu seu tormento com a mão. Quando terminou, a tensão passou, mas a dor ainda estava ali ainda.

Secando-se, envolveu uma toalha ao redor do corpo. Seus olhos buscaram a fonte. Odiava admitir que parte dele esperava que ela ainda estivesse ali, presa, necessitando-o. Mas não estava. Olek decidiu que era uma boa coisa, já que não seria capaz de controlar suas ações.

Indo para o quarto, deu passo acima de seu travesseiro, estendido no corredor com o cenho franzido suspeitando de algo. Provando a porta, percebeu que ela o trancou de fora. Seu nariz se abriu com irritação.

Nadja escutou seus passos bravos. Ele bateu na porta, mas não a derrubou, grunhiu um monte de maldições em vários idiomas, muito mais efetivos que seus esforços anteriores foram. Simplesmente estremeceu e ficou em silêncio, seu corpo tremia violentamente ao ouvir a voz potente. Uma parte traidora dela queria que rompesse a porta e exigisse seus direitos de marido

além de seu corpo disposto. Ao invés, ela ouviu Olek se afastar.



No dia seguinte Nadja despertou muito antes do amanhecer. Depressa se vestiu e saiu do quarto. Olek estava dormindo no sofá. Sua túnica estava aberta no peito, zombando dela com os músculos que não podia tocar. Balançando a cabeça, ela curiosamente tentou ver até sua coxa, mas uma coberta escondia sua área mais privada da visão.

Nadja não esperou que ele acordasse, ao invés entrou em seu laboratório, agarrou um livro de ervas, seu tradutor, papel e uns lápis. Cruzando sem silêncio o corredor de mármore, ignorou a água da fonte, a calça e a camisa rasgada ainda flutuando nas águas em movimento.

Em silêncio, deslizou pela porta principal com uma ordem murmurada e saiu.



Os olhos de Olek se abriram com um suspiro cansado. Ele piscou, buscando automaticamente a porta da frente. Que estava

fechada. Pensando que estava sonhando, esticou os braços sobre a cabeça enquanto ficava de pé, precisava se exercitar. Zoran sem dúvida, brigaria com ele pela falta de prática nos últimos dias. Seu irmão não aceitaria seu recente casamento, uma desculpa razoável.

Era mais que provável, que Zoran estivesse no campo toda manhã ao amanhecer, deixando sua pequena noiva na cama, enquanto ele ia perfurar os soldados em exercícios de batalha. Pelo que seu pai disse sobre o estado azarado de todos os casamentos dos Príncipes, Olek quase sentiu pena dos soldados.

Zoran era muito exigente nos seus bons dias. Se estivesse bravo, seria um monstro para estar no comando. Ele riu, lembrando Ualan coberto de lodo do pântano na outra noite quando passou por ele no corredor.

Vendo que Nadja não estava no quarto, ele assumiu que ela estivesse no laboratório. Depressa, se vestiu, franzindo o cenho ao ver sua túnica do conselho de guerra, úmida e amassada no chão. Levantando-a soube que teria que lavá-la imediatamente. O conselho de guerra poderia se reunir a qualquer momento. Sua terra era atribulada por uma paz precária. Ele sabia muito bem. Ele negociou a paz.

Agarrando sua espada, amarrou-a por cima do ombro e deixou cair na cintura. Talvez um ácido Zoran fosse justo o que seu corpo precisava. Um dia de treinamentos para o homem era suficiente para purgar o humor de cachorro até do mais dedicado

dos soldados.

Escapando da casa sem alertar Nadja, lançou a túnica para o primeiro empregado que ele viu em seu caminho para o campo de prática. O homem movimentou a cabeça e a levou imediatamente para a lavanderia sem que pedisse.

Olek andou a passos largos pelos corredores e a porta dianteira. Um pátio cercava o palácio, próximo dos vales onde aconteceu o festival de reprodução. No vale havia uma pequena aldeia sob a proteção dos Draig. Os caminhos eram de terra rochosa, lisa e uniforme. A aldeia estava impecavelmente limpa, construída com uma perfeição quase militar dos ângulos.

Olek amava seu povo, quase tanto como amava sua família. Era seu dever protegê-los o melhor que pudesse. Era um trabalho duro e levava muito a sério seu dever, como todos os Príncipes Draig. Suspirando com cansaço, o peso parecia especialmente difícil de carregar esta manhã.

As casas dos aldeãos foram construídas de pedra e madeira, de forma que até as mais pobres famílias fossem prósperas. Ninguém ficava sem comida ou roupa e todos trabalhavam. A população Draig vestiu túnicas de linho durante o dia como a família real, sem o emblema do dragão e bordados finos. Eles eram pessoas felizes, trabalhadoras e honestas.

Do chão, por um ângulo cuidadosamente planejado do projeto do castelo, o palácio parecia com uma montanha sólida com um portão no lado que levava a uma aldeia. Em tempos de

guerra, até o portão de ferro podia ser camuflado com pedra para esconder seu local exato do inimigo. Era impenetrável. Em tal tempo, o castelo podia conter todos os aldeãos.

Olek encontrou Zoran exatamente onde pensou que estaria, de pé, com os braços cruzados, diante de jovens soldados, gritando ordens. Olek movimentou a cabeça solenemente para seu irmão. Zoran sorriu diabolicamente para seu irmão mais velho, assentiu com a cabeça para trás e gritou uma ordem para ataque. Olek piscou surpreso, mas rapidamente levantou a espada da cintura, quando o batalhão de combate de Zoran se aproximou.

Capítulo Nove



Nadja gastou sua tarde na floresta, rastejando no chão, enquanto olhava as raízes das plantas, em seu livro aprendeu seus nomes Qurilixien e propriedades. Quando voltou para casa, suas mãos e joelhos estavam cobertos com terra vermelha. Seu cabelo estava enrolado saindo do coque e um sorriso pequeno se formou em seus lábios.

Quando alguns jovens se encontraram com ela, os convidou para que ajudasse em sua busca de plantas. Eles fizeram disso um grande jogo, de imediato tentando superar um ao outro por sua atenção. Um menino até cortou o braço com um galho tentando subir em uma árvore em busca de ervas para sua coleção. Usava ataduras improvisadas que fez para ele, que causava inveja nos outros que logo tentaram se machucar de forma similar.

Enquanto caminhava, alguns homens casados pararam para olhá-la, como os jovens. Os homens sorriram, quando ela distraidamente movimentava a cabeça para eles. Nem sequer sua roupa suja diminuía seu encanto.

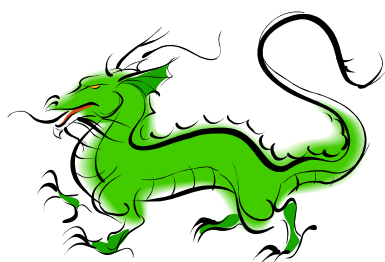
Os meninos correram à frente, contando histórias sobre a nova princesa e mostrando as feridas de guerra que receberam por sua valentia no serviço. Até o momento, ela era a única

princesa que viam e todos estavam curiosos sobre elas e as demais.

Seus braços estavam cheios de raízes, seu livro e o tradutor, Nadja fez seu caminho para a casa de Olek no castelo. A porta se abriu em seu comando e ela entrou, ordenando que se fechasse enquanto ia para seu laboratório. Tudo estava como ela deixou de manhã.

Meia hora mais tarde, tudo transplantado e etiquetado como queria, foi para a cozinha. Para sua surpresa, viu que Olek não estava em seu escritório. Curiosa, procurou pela casa. Ele se foi.

Lavou as mãos na pia da cozinha. Sem se aborrecer em trocar de roupa, pegou uma fruta. Ao ver uma bolsa vermelha atrás da geladeira com seu nome, ela a abriu e fez careta. Era chocolate. Cheirava tentadoramente doce, mas se lembrou muito bem do que viria a seguir. Não tentaria isso de novo em um futuro próximo. Empurrou a bolsa de novo para o canto.



Naquela noite quando Olek tropeçou, cansado por combater todos os ataques dos homens de Zoran, Nadja estava ainda com suas plantas. Alguns de seus livros estavam estendidos na mesa de jantar junto à parede da cozinha, com papeis escritos. Viu que ela escreveu em sua língua e sorriu ao ver as palavras com erros

gramaticais.

Cansado, deixou cair alguma comida nos aquários. O peixe azul chegou para vê-lo, piscou e logo seguiu o movimento de sua mão como se fosse seu amigo. Quase muito cansado para se mover, Olek fez seu caminho para o banheiro. Nadja estava ainda dentro de seu quarto quando ele terminou, a porta fechada para ele. Os livros desapareceram e a mesa estava limpa.

Olek quase se arrependeu de ter permitido uma porta no laboratório, já que não podia pensar em uma desculpa para ir ali. Não era provável que ela o quisesse em qualquer lugar próximo a ela depois do que aconteceu na noite anterior. Ele não podia culpá-la.

Para sua vergonha eterna, ele se lembrava de deixá-la amarrada e impotente na fonte. Estava tão irritado, seu corpo além do ponto de tolerância de um homem virtuoso. Sua voz implorando fez eco em sua cabeça. Seu corpo sofria por sua própria culpa. Ela pediu que satisfizesse suas necessidades, pediu que a beijasse. Mas, Olek sabia que se quisesse um casamento feliz, ela precisava aceitá-lo completamente.

Agarrando uma taça de vinho e alguns documentos, se sentou em seu sofá ante o fogo. Seu travesseiro estava ali desde a manhã e ele soube que seria mais que provável passar a noite onde estava.

Coçou a cabeça, lendo um documento particularmente frustrante da República de Lithor de todo o sistema estelar, isso

levou doze páginas de texto codificado, antes que descobrisse que era simplesmente uma solicitação de exportação de minério e carne selvagem, quando escutou um grito excitado dentro do santuário da Nadja. Piscando, ele olhou com surpresa.

Nadja saiu correndo. Suas roupas estavam coberta de barro seco de cor vermelha, seu cabelo enrolado e o rosto manchado de terra. Seus olhos imediatamente o acharam, e ela proclamou: —Eu preciso de um porquinho da Índia.

—Que tipo de porco? — Olek franziu o cenho. Cara, ainda coberta de terra ela era adorável. Seu corpo saltou ante a necessidade de beijar seu rosto sorridente.

—Uma cobaia. — Ela disse em distração, aproximando-se.

—Uma o quê?— Ele perguntou, cada vez mais cansado de seu olhar determinado. Não podia esquecer o ácido verde que ela fez na véspera, porque ela traduziu mal uma palavra.

—Apenas fique quieto. — Nadja disse sentando-se a seu lado. —Isso não machucará nenhum pouco. Eu usaria isto em mim mesma, mas não poderia me acordar depois.

Olek viu sua mão estendida para ele e se afastou com desânimo. Ao olhar para baixo, viu que segurava uma planta verde com um centro amarelo. As plantas se encontravam em abundância no chão da floresta ao redor da aldeia. Um cheiro e ele iria...

Olek reagiu muito tarde. Nadja esfregou a planta em baixo

de seu nariz e ele caiu imediatamente em seu colo. Ela sacudiu, sentindo o peso de sua cabeça enterrada entre suas coxas, boca abaixo. Sua respiração quente na pele enquanto ele dormia.

—Huh. — Sussurrou com assombro. Seu corpo sacudiu maldosamente com seu peso. A imagem de seu cabelo escuro contra ela, disparava faíscas vívidas de prazer por todos seus membros. Fraca, ela suspirou. —Realmente funciona rápido.

Empurrando-o, ela tremia. Ela tentou se manter ocupada e ignorar seus sentimentos por ele. Por um momento, em sua excitação pela descoberta, ela se esqueceu que estava louca de raiva dele. Agora olhava para ele, observava seu rosto bonito, imóvel. De acordo com suas notas, o tamanho da flor apenas deixaria um homem de seu tamanho fora de combate por mais ou menos dez minutos.

Os lábios de Olek estavam separados, sua respiração era silenciosa e ela não pode resistir. Levemente, o beijou, deixando sua boca sentir a dele. Sua mão encontrou seu pescoço robusto, descansando sobre seu pulso. Sua língua indecisa tentou descobrir mais dele. Pouco a pouco, deixou que seus dedos caminhassem pelo peito, apenas para parar nervosos sobre seu quadril, tinha gosto de vinho e ela quase desmaiou.

Tremendo, afastou seus lábios. Seu coração batia irregularmente em seu peito. Não seria pega abusando dele enquanto dormia. Cuidadosamente, pegou um frasco de creme com o antídoto, agarrou entre os dedos e untou certa quantidade

sob o nariz dele.

Olek piscou, levantando-se quando percebeu. Furiosamente, olhou para ela. Sentindo a nata debaixo de seu nariz, ele a golpeou.

—O que você fez? — Perguntou furioso. Imediatamente, ele arremessou adiante para agarrar sua mão. Seu pulso acelerou de forma errática por baixo dos dedos.

Nadja piscou com surpresa pela rapidez de seus movimentos.

—O que? Você não está machucado.

—O que você fez comigo?— Olek exigiu, suspeitosamente saboreando seus lábios.

—Eu precisava experimentar o creme. — Nadja começou. Seu olhar duro a cortou e a balançou.

—Eu não sou seu... porquinho da Índia. — Olek silvou, lembrando-se de sua palavra para isto. —Você não experimentará comigo! O que você fez?

—É inofensivo. — Ela disse, erguendo o frasco pequeno. — Olhe, é só um creme herbário. Você praticamente podia comer e faria bem. O gosto é ruim, mas ele não matará você.

Ele olhou para o creme e depois para ela. Novamente, ele saboreou seus lábios. A medida que seu coração começou a diminuir a velocidade, pode definitivamente saborear ela em sua

boca. Nadja ruborizou, mas não admitiu nada.

—Seus livros. — Ela começou fraco. —Dizem que os soldados que caem na batalha ficam vulneráveis a essa planta. O inimigo pode... você sabe... colocá-los para dormir.

A testa de Olek enrugou, mas ele estava escutando. No passado foi um problema, mas eles aprenderam a contornar. Frequentemente, as batalhas na floresta eram evitadas a menos que necessário.

—Soa muito científico. — Ela declarou. —Matar a planta completamente seria desastroso para a estabilidade ecológica de... bem, aqui, venha ver, eu desenhei um quadro.

Nadja tentou ficar de pé, mas ele apertava suas mãos. Nadja piscou com surpresa ao ver a fúria nele. Ela não pensou que ele ficaria tão louco. Seu pai usava suas novas misturas nela o tempo todo desde que era pequena e ela nunca se machucou. Certo, ele deu a ela algumas verrugas uma vez, mas ele consertou isto.

—Primeiro, eu terei sua promessa de que nunca fará qualquer coisa assim novamente. — Ele rosnou.

—Por quê? — Ela piscou, completamente confusa. —Você pensa que eu faria qualquer coisa que o machucaria?

—Talvez não intencionalmente. — Ele respondeu, sua voz sombria. —Mas você não sabe em que está se metendo. Lembre-se do ácido verde? E se você tivesse me matado?

Nadja ofegou. O ácido verde foi um engano de boa fé e que foi um teste para propriedades de plantas tóxicas em uma das plantas. Ele não confiava nela em absoluto, pensava que era estúpida. Era pior que uma bofetada no rosto.

Um golpe na porta parou sua resposta aquecida. Era tarde da noite e Olek franziu o cenho, indo abrir a porta. Girando para ela, ele disse: —Esta conversa não está acabada.

Ela empalideceu, vendo que ele estava extremamente enraivecido.

Olek abriu a porta. Um homem estava lá, com um chapéu na mão. Nadja entrou pelo lado da fonte e sorriu para sua visita. Ele movimentou a cabeça para o Príncipe, e educadamente disse: — Draea Anwealda.

Olek movimentou a cabeça de volta, perguntando-se o que o homem queria. Ele não teve que esperar por muito tempo. O homem mancou adiante e curvou-se para Nadja.

—Princesa Nadja. — O homem disse, suas palavras inglesas fortemente acentuadas. Ela ficou de pé sorrindo curiosa.

—Oi, bem-vindo. — Ela disse, acenando para ele. Ignorou Olek de propósito. O homem sorriu com alívio, mancando foi até ela.

Olek franziu o cenho e se afastou para trás. Ele não podia ouvir o que o homem dizia para sua esposa, mas ele ouviu as palavras “pé” e “machucado”. De repente, Nadja olhou para ele e

franziu o cenho. Levando o homem de volta para o laboratório, fechou a porta firmemente atrás dela.

Olek franziu o cenho arranhando a cabeça em confusão. Se o homem não fosse tão velho, ele iria atrás deles. Porém, não queria começar mais rumores sobre sua vida e a de seus irmãos casados que já estavam circulando pela aldeia.

Sentando no sofá, ele esperou. Quinze minutos mais tarde, Nadja levou o homem para a sala. Ele não estava mais mancando e tinha um sorriso largo em seu rosto. Ele tomou sua mão entusiasticamente e balançou-a. Nadja se inclinou e beijou sua bochecha. O homem quase saltou de sua pele com embaraço, olhando para seu marido para ver o que faria. Olek meramente sorriu, entretanto ele era um sorriso duro, apertado.

O homem se curvou felizmente para Olek e murmurou: — Muito obrigado, Draea Anwealda, muito obrigado.

Olek ficou de pé, deixando que o homem se fosse. Quando ele retornou, perguntou: —Se importa de dizer o que foi isso?

—Sim, eu me importo. — Ela disse. —Não é assunto seu.

—Nadja. — Ele advertiu.

—Você não estava gritando comigo um minuto atrás? Algo sobre você não confiar em mim? Ou era que pensava que sou muito estúpida e mataria você acidentalmente?

—O que vai ser? — Olek perguntou, de repente percebendo que podia ter sentimentos intensos por sua esposa, mas o cristal

não fazia com que a conhecesse. Existia uma riqueza de segredos atrás de seus olhos que ele precisava descobrir. A paixão estava lá. A conexão era fraca no melhor dos casos.

—Sente-se no sofá e eu direi a você. — Ela ronronou com doçura falsa.

Olek ficou cauteloso, vendo sua expressão. Havia um esquema iminente espreitando dentro dela. Ele se moveu para se sentar a seu lado.

Nadja deliberadamente lambeu os lábios, aproximando sua boca da dele. Ficou tenso. Sua mão lentamente abriu caminho até o forte bíceps. Seu corpo congelou em antecipação. Ele podia sentir seu toque em todo o corpo. Sua virilidade tremeu de excitação, completamente.

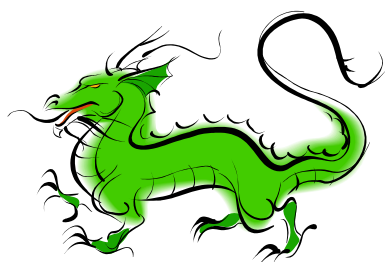
—Eu estava trabalhando. — Ela disse, piscando com ingenuidade. —E eu acabei de ganhar cinco ovos hafoe para meu café da manhã.

Nadja não estava certa do que era hafoe, mas realmente não importava.

Olek piscou, confuso. Seus lábios estavam próximos sua mão trabalhando ao lado de seu rosto. Ele ficou tenso, esperando.

—Quanto a você e sua desconfiança, eu tenho duas palavras. — Ela suavemente murmurou. Seus olhos se iluminaram com antecipação. —Doces sonhos.

—Doce...?— Muito tarde ele viu a planta grande em suas mãos quando ela a esmagou ante seu nariz. Com uma maldição morrendo em seus lábios, ele estava fora de combate novamente. Desta vez, Nadja o empurrou. Tirando seus documentos de debaixo dele, ela empilhou-os nitidamente no chão, agarrando sua taça de vinho para ela mesma e foi para a cama, deixando-o profundamente adormecido no sofá.



Nadja não estava quando Olek despertou, mas estava em muito mal estado de ânimo para procurá-la. Estava abatido, confuso. Havia tantas coisas que não lhe diria de si mesma e que não sabia exatamente onde errou com ela. Aquela noite na tenda teve tantas promessas para seu futuro e tudo caiu em espiral desde então.

Seu corpo estava dolorido pelo treinamento completo de Zoran e ele decidiu saltar seu exercício novamente. Deixaria que seu irmão lançasse seu temperamento sujo em outra pessoa por algum tempo, Olek tinha seus próprios demônios para lidar.

Com um sorriso cansado viu que não era o único escondido. Ualan estava olhando o Lago de Cristal. Olek seguiu seu olhar por cima das águas. A superfície vislumbra como vidro, refletindo a luz em padrões ondulantes.

Sob a superfície, no leito do lago era onde os cristais se formavam e cresciam. Cada vez que um filho nascia, o pai mergulhava, agarrava o primeiro pedaço que ele podia encontrar, e dava ao bebê. Desde então até casamento, o cristal protegia o filho e dava poder a ele. Quando eles se casassem, o cristal transferia algo dessa energia para suas esposas e assegurava que seus destinos se unissem. Uma vez destruído, sua vida inteira se passava com sua outra metade. Sem suas esposas, eles se sentiriam vazios.

—Você faltou à prática novamente, irmão. — Olek disse, olhando para baixo onde Ualan se sentava contra uma árvore gigante.

Ualan sorriu, sentido sua presença. Ergueu a mão em saudação, não se aborrecendo em explicar sua ausência. Ele não precisava. Estava escrito em seu rosto. Como Olek, sua outra metade se rompeu e ele não estava inteiro.

Ualan se parecia muito com Olek, com a mesma construção e cabelo marrom. Seus olhos azuis estavam preocupados como os olhos verdes de seu irmão. Olek, sempre de natureza mais amável, riu.

O ritmo suave, o murmúrio das águas do lago. O céu verde era a luz e havia indícios de nuvens à distância. O som vibrante de um pássaro se ouvia acima. Sentando-se junto a seu irmão, ergueu uma erva daninha da grama e colocou pensativamente na boca.

—Eu acho que ambos fomos amaldiçoados. — Murmurou, contente de juntar-se ao mau humor de Ualan. —Não que eu ou você evitássemos nossos deveres.

Ualan não tentou negar isto. —Minha esposa se proclamou uma escrava. Como ela se declarou, não pode ser liberada.

—Sim. — Olek concordou. —Eu não posso ajudar você com isso. A lei declara claramente que só ela pode buscar o real perdão.

—Ela não irá. — Ualan respondeu a pergunta nos olhos de seu irmão. —E eu não tenho nenhuma ideia de como persuadi-la.

—Ela sabe quem você é? Ela sabe que é você quem pode perdoá-la?

—Não, eu não tenho nenhum desejo que ela saiba, não antes dela admitir que é minha esposa. — Disse Ualan. Seus ombros se ergueram com um suspiro de cansaço e ele esfregou seus olhos. —Eu não a quero considerando meu nascimento real. Iria derrotar o propósito das máscaras. Jardineiro ou Rei, é o mesmo para os portadores do cristal.

—Eu penso que nosso Rei está considerando nunca fazer negócios com Noivas da Galáxia novamente. — Disse Olek, com um sorriso.

—Sim.

—É verdade que ela anunciou que estava te deixando logo depois de quebrar seu cristal? — Olek perguntou. Ualan

movimentou a cabeça.

—Ah Morrigan quer encontrar um porto espacial. — Ualan murmurou, o peso de seu cenho se aprofundando.

—Imagina se ela encontrar um porto espacial do nosso inimigo. — Olek acrescentou com um aceno de cabeça significativo. Ele falou com seu pai e pareceria que alguém examinou as fotocópias azuis do palácio. Quando Ualan olhou com surpresa, ele continuou. — Há rumores de que nossas noivas não foram vistas dentro castelo.

—E quem ousar espalhar tal rumor? — Ualan perguntou, estreitando seus olhos.

—Partidários dos Vars seriam minha suposição. — Olek disse. —Nosso pai decretou um festival em honra a suas novas filhas para coroá-las. Nós temos uma semana para convencê-las.

—Eu não aprecio a ideia de nossas noivas se encontrando. Eu não gostaria de vê-las juntas. — Ualan murmurou com seus olhos azuis ensombrecidos. Ele era o futuro rei e sentia o peso daquele mundo em seus ombros. Olek não o invejava, entretanto seu trabalho era inoportuno da mesma maneira. Desesperadamente, Ualan adicionou. —Eu não posso esconder o fato de que ela é uma escrava. Eu não posso tirá-la disso.

—Ah. — Olek meditou, deixando um sorriso suave. —Nossa mãe começou o rumor entre as empregadas que ela fez isto por vergonha, depois do modo como atuou ao romper cristal. Logo

isto será notícia comum. Ela será respeitada por purgar sua honra.

O modo diplomático da rainha Mede era um grande complemento para seu pai, um guerreiro corajoso e lembrava a Ualan como era Olek.

—O Rei teme que os Vars tenham espiões dentro de nossas paredes. — Olek respondeu, ficando sério mais uma vez.

—E você?

—Eu estava nos pântanos antes do festival começar. Eles foram enormemente atrevidos. — Olek admitiu. Pensou em Nadja e perguntou-se como poderia convencê-la a fingir que estava apaixonada por ele por uma noite. Ele não estava certo de poder. —Eu podia sentir isto neles. Eles planejam algo.

—Hmm.

—Eu sei de algo que alegrará você, irmão. — Olek de repente riu, brilhando com alegria por um momento. —A noiva de Yusef apontou sua espada contra sua virilidade. Foi moralmente obrigado a colocá-la de castigo.

Ambos os irmãos compartilharam uma risada cordial e impressionante sorrisos bonitos. Seu regozijo fez eco nas árvores.

—Ela fez...? — Ualan bufou.

—Não. — Olek riu, incapaz de evitar. —Simplesmente um corte.

—Eu ouvi que a noiva de Zoran grita como uma bruxa cada vez que ele tenta tocá-la. — Ualan disse. —Estou contente por viver do outro lado do palácio.

Olek movimentou a cabeça, tirando a grama de sua boca e jogando-a na água. Ele observou-a flutuador longe.

—Mamãe está muito chateada com isto. Parece que Zoran se sentiu compelido a desfigurar sua esposa e cortar todo seu cabelo. O castelo está impressionado com o rumor e ninguém a viu novamente.

—Isso não faz nenhum sentido. — Ualan estava obviamente confuso. —Zoran não envergonharia sua esposa.

—Nosso pai disse que ele viu. — Olek respondeu com um encolher os ombros. —Ele está chateado por causa da celebração. Minha esposa tem estes aparelhos, eu verei se não pode fazer crescer o cabelo da pobre mulher novamente.

—Sim, se o que você diz é verdade, nós não podemos deixar mais vergonha aparecer em família. Nós seremos sortudos se conseguirmos uma noite sem que uma de nossas noivas tente nos matar. — Ualan disse.

Olek riu entre dentes com exasperação.

—E você, irmão? — Ualan perguntou, girando para observar Olek cuidadosamente. Todos sabiam que Nadja estava ciente que era uma Princesa e não estava muito emocionada com isto. —O que aflige sua noiva?

Olek franziu o cenho, movendo-se para ficar de pé. Estendeu a mão para Ualan juntar-se a ele. Como podia responder quando ele mesmo não sabia? Nadja era um mistério que ele não sabia como resolver. Não conseguia que contasse seus segredos mesmo perguntando ou torturando ou mesmo gritando. Eles estavam bem guardados dentro dela.

—Eu realmente não sei. — Olek admitiu depois de um tempo. —Mas me acho em situação tão ruim quanto vocês. Minha pequena flor solar não quer ter nada a ver comigo. Pelo menos sua mulher luta com você. A minha não quer sequer conversar e muito menos gritar. Como eu posso lutar uma batalha que não acontece?

—Uma batalha pode sempre ser lutada, irmão. — Ualan sabiamente disse. —É encontrar a arma que é mais difícil.

Os irmãos começaram a caminhar pela floresta, em silêncio por todo o caminho, longe de Zoran e o campo de exercício.

—Ah, a maldição da vida conjugal de qualquer maneira. — Olek murmurou. —Pelo menos com guerreiros você pode sempre desembainhar a espada e cortar suas cabeças quando eles te irritarem. Com uma mulher, o que você pode fazer? Deveriam ter enviado instruções junto com essas harpias.

Ualan concordou com uma risada cordial.

—Que devem ter, pequeno irmão, que certamente devem ter.

Capítulo Dez



Nadja sentia uma intensa dor, empurrando profundamente em seu estômago enquanto rogava a qualquer deus que quisesse escutar para colocar fim a sua agonia, balançou por um momento no chão, tentando respirar. Ela sentiu chegar. Sentia-se uma covarde, já que de novo conteve seu fôlego em um esforço para parar a agonia insuportável.

Ela odiava sua menstruação. Desde que era uma menina jovem, as dores eram insuportáveis. Gemendo olhou ao redor do banheiro. Não existia nenhum remédio para dor, nenhuma unidade médica, nenhuma garrafa de whisky. Ouvindo a porta se abrir, ela tentou não gemer.

—Nadja? — Ouviu Olek chamar.

Ela ruborizou de vergonha, também doía ficar de pé. Engoliu e respondeu com irritação: —O que? — Nadja estremeceu. Finalmente conseguiu se levantar. Enxugando seus olhos cheios de lágrimas, saiu. —Deixe-me sozinha.

—Nadja?

A voz de Olek estava mais perto. Ela viu quando ele atravessou a porta de banheiro. Seus olhos a encontraram.

—Você nunca bate? — Ela silvou.

—Nadja, o que está errado? O que aconteceu? — Olek perguntou com preocupação. Ele começou a caminhar para ela e ela estremeceu.

—Não é nada, vá embora. — Nadja murmurou, tentando se afastar. A dor ficou pior e seu rosto empalideceu. Ela queria gritar, mas mordeu sua língua.

—Nadja, algo aconteceu? Você está machucada?

Ela sentiu sua mão em seus ombros e endureceu. Ele começou uma massagem e, oh, era realmente bom. Seus olhos giraram em sua cabeça. Seu corpo balançou.

De repente, o corpo de Olek se agitou com uma curiosa sensação. Fechando os olhos, ele rapidamente se inclinou para cheirar. Os feromônios de seu corpo ascenderam o dele. Ela estava ovulando.

Para o Draig, o tempo de ovulação da mulher era quase considerado sagrado. Os ferômonios do corpo da mulher deixavam os maridos loucos de luxúria e necessidade de procriar. Deixavam-os como verdadeiras feras. E, pelo que sabia, embora as mulheres não fossem feitas para conceber em tal tempo isto não parava o efeito. A semente dos Draig podia permanecer dentro da mulher, esperando dentro dela até seu novo ciclo, causando uma gravidez atrasada. Olek não tinha tais coisas em mente, como gravidez, como uma luz, um gemido saiu de seus lábios e começou a beijar seu pescoço esbelto.

Nadja ficou tensa. Quando ela girou, seus olhos estavam vítreos e se movia como se fosse beijá-la na boca. Ela franziu o cenho. Não o intimidou. Suas mãos seguraram seu rosto. Seus lábios se reuniram com os dela. Nadja balançou de surpresa com sua paixão instantânea. Não que lhe importasse terrivelmente quando sua boca se movia com tanta habilidade. No entanto, seus seios se incharam até o ponto de explodir de dor e seu quadril palpitava com uma dor terrível. Levemente, ela gemeu e golpeou seu ombro.

Olek rosnou em resposta primitiva. Ele continuou seu assalto inconsciente, aprofundando a investida de sua boca suavemente explorando-a. Nadja ficou sem fôlego quando suas mãos agarraram seu traseiro, rapidamente agarrando-a com suas palmas apenas para levantá-la e colocá-la no balcão, não pararia. Seus lábios eram mais agressivos. Ela tirou a boca da dele. Seus lábios instantaneamente se enterraram em seu pescoço, chupando profundamente. Fraca com prazer, ela ofegou.

—Olek, pare.

Ele não a ouviu. Suas mãos estavam em sua calça, abrindo-a.

—Olek. — Nadja disse mais alto, perguntando-se o que aconteceu com ele, não tinha sentido. Seus olhos se abriram um pouco, completamente nublados.

Olek se inclinou como se fosse beijar novamente seus lábios. Nadja se afastou. Golpeou com força o ombro. Ele piscou em

confusão. Seus olhos clarearam e a olhou perplexo.

—Que...? — Olek começou, começando a se afastar.

—O que está errado com você? — Nadja ofegou com desânimo. —Você não me ouviu?

Olek franziu o cenho. Olhou para baixo com sua calça ao redor de seus tornozelos. Sua virilidade estava nua e Nadja estava olhando. Não podia recordar como chegou a ficar assim. Rapidamente levantou a calça e amarrou na cintura, limpando a garganta em derrota.

Nadja pulou do balcão, pressionando seu quadril quando fez isso. Olhando-o, os hormônios deixando-a mais tonta, ela exigiu: —O que aconteceu? Você estava tão... estranho.

Olek limpou de nova a garganta.

—Desculpe. É que você... está em época de procriação não é?

—Procriação? — Nadja perguntou. Suas bochechas incendiadas em uma combinação de apreensão e mortificação. — Não, não estou!

Olek solta uma respiração profunda, sorrindo timidamente. —Eu posso dizer.

Seu cenho se enrugou mais. Seu cheiro encheu sua cabeça e Olek respirou para se estabilizar. Era difícil se concentrar.

—Eu não estou grávida! — Nadja ardentemente negou. —

Como você ousa?!

Olek riu.

—Não, você está sangrando.

Nadja tentou rodeá-lo mortificada.

—Eu não vou discutir isso com você!

Sua mão a parou. Sem perceber seus dedos começaram a roçar uma trilha persistente em seu braço. O olhar de Olek ameaçava a ficar nublado novamente.

—Argh. — Ele gemeu, lutando contra seu desejo de procriar. Como um animal no cio que não queria nada mais que incliná-la sobre o balcão e montá-la violentamente por trás.

—Eu preciso de uma unidade médica. — Nadja declarou, vendo sua reação.

Olek piscou novamente, fazendo seu melhor para se concentrar em suas palavras.

—Uma o que...?—

—Uma unidade médica. — Ela sussurrou, tentando encontrar seus olhos nublados com calma. Ao ver que ele estava a ponto de saltar sem pensar nela outra vez, disse: —Rápido.

—Você está ferida? — Perguntou com a mente clara de preocupação.

—Apenas com dores. — Ao ver seu nariz cheirando-a, se

afastou. —Se puder usar uma unidade médica, poderei cuidar disso. Por favor diga que você tem uma.

Olek sorriu tontamente e balançou a cabeça.

—Certo, vamos.

Ele a levou do banheiro. Nadja o seguiu pela porta até o corredor, manteve um olho constante sobre ele enquanto a conduzia para frente. Suas dores pioravam e franziu o cenho olhando sua cintura.

Antes que pudesse olhar para trás, Olek a prendeu contra uma parede. Sua mão estava em seio e sua boca em busca de sua garganta. Nadja gemeu de surpresa. Ele encontrou sua coxa e a ergueu sobre sua cintura para colocar-se entre suas pernas. Seu comprimento duro apertado contra ela, já em plena ereção. Sacudidas estranhas de fogo estalaram em sua pele.

Nadja ofegou, olhando o corredor. Ela bateu em seu braço insistentemente.

—Olek! Pare isto!

—Nadja. — Ele respirou ardentemente em sua garganta e ela pensou que poderia desmaiar de prazer. —Só... um pouco mais, por favor. Eu só quero beijar você.

Olek queria mais que isto. Sua boca começou a se mover, beliscando sua camisa, deixando uma trilha quente em seu seio e segurando-o com sua palma. Seus quadris se levantaram de modo selvagem sobre nela, empurrando contra sua roupa.

—Ah, Nadja. — Olek grunhiu contra seu mamilo já duro sob a camisa de algodão, direto para seus lábios. Sua mão nas costas, girando com insistência seu cinto, pronto para tirar sua roupa.

—Olek! — Nadja bate em seu braço mais forte, tentando chamar sua atenção. Sua paixão selvagem estava subjugando-a, mas ela não podia evitar notar que poderiam ser pegos. — Oleeekkk!

Ele parou abruptamente com o som apavorado dela. Nadja tentou respirar. Olek ofegava, os olhos estavam nela, sem vergonha de seus atos.

—Deixe que te leve de volta para o nosso quarto. — Ele sussurrou, levantando-se para lambe e beijar seus lábios. —Você não lamentará, eu prometo. Farei que você gritar meu nome por horas.

Nadja agitou a cabeça em negação, embora a proposta fizesse um calafrio percorrer seu corpo.

—Leve-me para a unidade médica.

Olek sorriu apesar do fogo furioso em seu corpo. Ele a deixou ir.

—Talvez seja melhor.

A ala médica estava abandonada quando eles chegaram. Havia uma fila de camas grandes, vazias contra uma parede, uma mesa na recepção junto com filas de caixas de vidro. Atrás havia

duas salas de exame, privadas, e uma sala de operação.

Olek olhou uma das camas vazias, seus olhos se iluminando com a sugestão. Nadja o fulminou com o olhar no instante que balançou a cabeça em negação.

—Nem sequer pense. — Grunhiu em voz baixa, movendo-se até o quarto atrás para se afastar dele.

—Mas... — Ele começou, olhando muito ferido por sua negação.

Ela ergueu sua mão para parar seu avanço.

—Onde está a unidade?

Ele balançou sua mandíbula que indicava atrás dela.

Nadja se afastou dele antes de girar e olhar. O último quarto tinha uma unidade médica. Ligando-a, ela procurou ao redor. Vendo um instrumento longo e fino em uma mesa, ela o agarrou e introduziu levemente no painel do lado da unidade. Os controles se abriram e ela sorriu.

Olek chegou à porta e franziu o cenho.

—O que você está fazendo? Nós só temos uma dessas.

—Eu não sou quebrável. — Ela murmurou sob sua respiração, enquanto reprogramava a máquina. Tentou se concentrar acima de sua dor.

—Tem certeza que não quer... —Olek começou, sua cabeça

balançando de lado para olhar seu traseiro firme quando ela se inclinou. Ele lambeu os lábios.

Nadja o olhou tempo suficiente para fazer uma careta.

—Não se aproxime bárbaro.

Suas palavras faltavam calor. Olek encolheu os ombros, extremamente desapontado.

Nadja terminou. Empurrando o painel de volta, ela disse: — Ali.

De pé, subiu entre as duas placas da máquina e chegou até um botão antes de tirar a mão. As placas saíram, prendendo-a.

A nuvem de desejo sumiu do cérebro de Olek e ele podia novamente racionalmente funcionar. O cheiro dos hormônios se foi. A máquina apitou uma vez e se abriu. Nadja saiu com suspiro de alívio.

—Você está melhor?— Nadja perguntou com ironia. Ela sabia que sim.

Olek franziu o cenho. Realmente ele se recuperou. O desejo estava ainda ali, mas não mais o desejo desesperado de procriar.

—O que você fez?

—Eu acabei com minha menstruação. — Ela sorriu alegremente. —Nenhum sangue, nenhuma dor, nenhuma bagunça. Eu devia comercializar esse pequeno truque para todas as mulheres da galáxia. Eu seria um trilionaria!

Nadja sentiu-se tão bem que estava de verdade orgulhosa de si mesma, de momento.

—Você quer dizer que ficou estéril?— Olek perguntou com alarme. Ele não estava tão contente.

—Bem, sim, eu suponho que poderia dizer assim. — Ela respondeu.

Olek marchou adiante e apontou a máquina.

—Volte lá e conserte isto imediatamente.

—O que? A unidade? Não está quebrada. — Nadja respondeu, confusa. —Eu apenas programei, assim iria...

—Conserte seu corpo. — Olek furiosamente exigiu. Seu rosto se contorceu e ele segurou seu braço, levando-a dentro da unidade médica. Ela o empurrou longe.

—O que...?— Nadja de repente ofegou. Ela entendeu a que ele estava se referindo. Ele queria que ela recuperasse os hormônios assim ela poderia ficar grávida. —Eu não posso mudar isto. Não funciona assim.

Olek sentiu como se ela o chutasse. Ela não queria seus filhos.

—É só este mês. Não durará. — Ela apressou. —Nunca é permanente.

Isso o aliviou um pouco, mas ele estava ainda ferido.

—Eu pensei que disse que nós não teríamos filho imediatamente. — Ela se defendeu contra seu silêncio. —Eu não tinha ideia de que queria me golpear tão rápido.

—Golpear você?— Ele questionou com desgosto. Grunhindo disse. —Eu nunca bati em você!

—O que? Não. Golpear, me deixar grávida. — Ela explicou.

Olek franziu o cenho. Murmurando, ele ordenou: —Não chame assim.

—Certo. — Ela suspirou, balançando a cabeça. —É só uma declaração. Eu não quis dizer nada disso. O que acontece com você?

—Nada. — Ele rosnou. Seu olhar estava escuro e começou a ir embora.

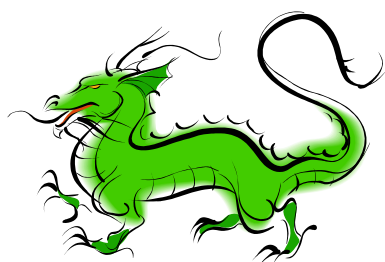
—Olek? —Ela perguntou, seguindo-o com preocupação.

—Deixe-me ir! Já é tarde e tenho muito que fazer ante de terminar a manhã.

Ficou em silêncio enquanto a levava de regresso para casa. Nadja olhou para o lugar onde momentos antes ele pareceu um animal ferido. Uma parte dela dizia que deveria ter ficado com a dor. Uma vez em casa, Olek não disse nada, apenas foi para seu escritório.

Nadja negou em confusão, não era capaz de esquecer a imagem quente cheia de paixão seguida por sua súbita raiva.

Bem, o que deu nele? Se ela não soubesse melhor, teria pensado que ele estava de TPM.



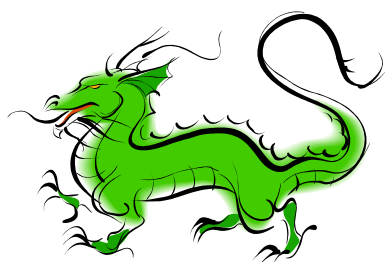
Olek estava ainda amuado na manhã seguinte e Nadja ficou fora de seu caminho. Ele saiu com uma maleta cheia de documentos no meio da manhã sem dizer mais de duas palavras para ela. Nadja deu de ombros. Ela se concentrou em trabalhar em seu laboratório.

Isso foi antes dos pacientes começarem a chegar. Aparentemente, correu a voz na aldeia de que a Princesa Nadja podia naturalmente curar, da mesma maneira que uma unidade médica. Os aldeãos levaram de tudo, desde problemas de pele, queimaduras, cortes e raspaduras. Quando ela perguntou por que eles não iam a um médico, uma das mulheres disse a ela que o homem mancando disse que era um milagre e agora todos queriam ver por si mesmos o que podia fazer.

Os aldeãos supersticiosos, por alguma razão ou outra, pareciam relutantes em usar uma unidade médica, que era um aparelho novo no planeta. Manteve-se ocupada até altas horas da tarde. Enviando a última pessoa pela porta, Nadja suspirou, agitando sua cabeça em admiração.

Olek estava ainda desaparecido e ela estava muito cansada

para esperar por ele. Tomaria uma ducha rápida e se arrastaria até a cama.



—O que exatamente você está fazendo? — Nadja exigiu, com os olhos em desagrado.

Ela permaneceu na entrada do banheiro. Mal tinha acordado e estava escovando seus dentes quando descobriu Olek no chão do banheiro. Ele estava cercado pelo conteúdo de sua bolsa de maquiagem.

—Por favor diga que você não está passando maquiagem. — Ela secamente exigiu, agitando sua cabeça.

Olek fez uma careta sardônica, apertando seus lábios ao ouvir sua declaração.

—A esposa de Zoran precisa crescer seu cabelo. Você tem algo assim?

—Isto é um rímel. — Nadja disse, tirando-o de suas mãos. Ele estava olhando todas suas coisas com curiosidade, tentando abri-las de golpe e fazendo-as funcionar. —Eu não acho que te ajudaria.

Olek levantou um par de pinças elétricas e começou a tocar

nelas. Levantando-as em sua mão, empurrou para fazer as pontas se abrirem e fechar em um golpe. Nadja tirou dele, antes de sorrir.

—Seu irmão, Zoran? — Perguntou. Ela suspirou, apoiando-se quando começou a guardar as coisas de volta da forma como gostava.

—Sim. — Olek ficou de pé. Ele segurava um ruge em sua mão e começou a clicar para selecionar a cor. Ausente, ele disse: — Parece que ela fez algo e ele teve que cortar seu cabelo como um castigo.

—Essa seria Pia, não é? — Nadja disse, lembrando-se do que a Rainha disse a ela. Ela fez uma careta. Pia tinha o cabelo loiro mais bonito que Nadja já viu. —Por que ele faria isso com sua esposa?

Olek encolheu os ombros.

—Eu ouvi que ela o envergonhou no festival.

—Que tipo de monstro é seu irmão? — Nadja disse, incapaz de imaginar o que ela faria se Olek tentasse cortar seu cabelo sem sua permissão. Conseguindo guardar tudo na bolsa, ela ficou de pé. Rodando os olhos, segurou a bolsa e abriu para Olek soltar seu ruge nela.

Olek fez uma careta, mas devolveu o aparelho.

—Você realmente precisa de todo esse material?

—Sim. — Ela se defendeu como se fosse à pergunta mais estúpida no mundo.

—Mas, você é bonita. — Ele disse, confuso.

—Obrigada. — Foi sua resposta.

—Bem, você tem alguma coisa para Pia ou não?

—Sim. — Nadja respondeu ausente. Ela colocou suas coisas atrás onde pertenciam e foi para um dos balcões. —Aqui. É um extensor de cabelo. Crescerá seu cabelo em aproximadamente uma hora ou então.

Ele o olhou. Logo, olhou para o corpo de sua esposa, fez um sinal significativo para a parte inferior do estômago e perguntou com curiosidade masculina: —Você pode usar isto em qualquer lugar?

Nadja novamente rolou seus olhos. Ele sorriu sem poder evitar.

—Como funciona? — Perguntou quando ela se recusou a responder.

Nadja sorriu. De repente, ela teve uma ideia. Ela realmente gostaria de ver uma das outras mulheres, alguém que a compreendesse e cujas vozes não tinham um tom bonito.

—Por que não levo para ela e ajudo?

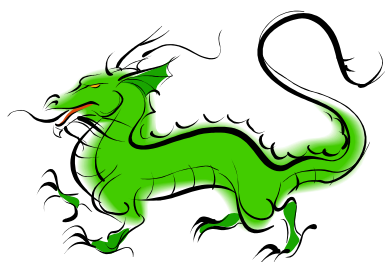
—Você? — Olek perguntou, quase aliviado. Ele não apreciava representar o papel de cabeleireiro.

—Claro. — Nadja disse, com entusiasmo juvenil. Ela não teve uma chance de fazer muitos amigos antes de sair da nave médica e na verdade nunca conversava muito, Pia parecia muito agradável. —Eu tenho que carregá-lo, mas posso ir amanhã. Não me importaria visitá-la. Não vi nenhuma das outras mulheres desde que chegamos aqui.

—Perfeito. — Olek movimentou a cabeça. Ele a olhou, antes de ir embora. Limpando a garganta, disse: —Agora, eu preciso ir. Eu tenho que encontrar o Rei e terminar de examinar cuidadosamente alguns acordos de comércio.

—Então, você ainda está irritado comigo? — Nadja perguntou mordendo os lábios. Ela desejou poder segurar suas palavras porque seu rosto se converteu em uma máscara.

—Não. — Olek suavemente respondeu, suspirando. Ele não estava irritado. Ele estava magoado. Ela não parecia interessada em ter filhos e isso rompia seu coração. As palavras não eram convincentes. —Não estou irritado.



Olek se foi com seu pai o resto do dia e Nadja não cometeu o engano de abrir a porta para os persistentes aldeãos novamente. Ela não queria ser a nova médica da aldeia. Era tarde da noite, antes dos golpes, finalmente pararem e deitou-se em

sua cama cansada.

Olek estava acordado quando ela se levantou no dia seguinte. Ele a lembrou que ela deveria visitar Pia, deu a direção da casa de Zoran. Ele estava tranquilo já que pegou sua mala e saiu dizendo que não voltaria cedo.

Nadja odiava sua desatenção com ela. Porém, a ideia de visitar Pia a deixou animada e a tarde iria vê-la. Por outra parte, não desfrutou outro dia de evitar abrir a porta.

—Nadja? — Os olhos de Pia piscaram com surpresa quando ela abriu a porta ao golpe de Nadja. Ela olhou ao redor com confusão.

—Oi, Pia. — Nadja disse. Ela acariciou levemente seu cabelo marrom claro preso em um coque e sorriu agradavelmente, um pouco nervosa. Não era como se elas fossem grandes amigas. Imediatamente, seus olhos foram para o cabelo da mulher. Olek estava certo. Zoran deve tê-lo cortado.

Agarrando uma pequena bolsa na mão que tinha o extensor de cabelo, perguntou: —Você se importa se eu entrar?

—Oh, sim. — Pia disse, com sorriso em forma de desculpa. —Eu sinto muito. É só que eu fiquei presa aqui tanto tempo, que sinto como se me esquecesse de meus modos.

Nadja sorriu. Seus nervos relaxaram à medida que entrava. Por um momento, ela pensou que Pia iria mandá-la embora e queria desesperadamente ficar e conversar. Quando entrava na

casa bonita, Pia ordenou a porta se fechar atrás dela.

—Eu posso oferecer alguma coisa? — Pia perguntou, começando a se mover para a cozinha. —Eu acho que nós temos suco.

—Não, estou bem. — Nadja olhou ao redor da casa em estilo japonês e sorriu para si mesma. As paredes eram de madeira em linhas retas. Um chão de madeira combinando estava cheio de um padrão complicado de desenhos em tiras, no centro do qual parecia se formar um dragão gigante. Os fragmentos de cristal refletiam a luz, iluminando todo o lugar.

As portas interiores que separavam os quartos eram muito finas e não tinha fechadura. Do corredor dianteiro, um único passo abaixo conduzia a uma sala aberta com uma lareira de mármore, havia linhas retas talhadas na superfície lisa e uma cabeça de dragão no topo. Um passo atrás para cima, conduzia a uma sala de jantar, com mesa baixa e acolchoados assentos no chão. Um tapete pendurado na parede ao fundo, justo atrás da mesa. Era vermelho, com a representação de um bosque negro. No meio havia uma fênix.

—Eu vejo que tem a suite de Princesa, também. — Nadja meditou para começar uma conversa.

—Você, também? — Pia riu, quase parecendo aliviada por ela falar primeiro.

Nadja movimentou a cabeça e uma camaradagem imediata

apareceu entre as mulheres.

—É só tão bom ver uma das outras mulheres da nave. — Nadja admitiu com timidez. —Este planeta tem muitos homens, o que não seria tão ruim, exceto que todos são tão viris.

Pia riu, imediatamente parecendo entender.

—Então que Príncipe você conseguiu? — Pia educadamente perguntou.

—Olek.

—Ah, o embaixador. — Pia sabiamente movimentou a cabeça.

—E você? — Nadja perguntou, entretanto ela já sabia.

—Zoran. — Pia respondeu. Os olhos da mulher suavemente ficaram nublados como se ela sentisse dor. Nadja educadamente olhou para longe. Pia apontou para a bolsa que Nadja estava carregando. —O que você tem aí?

—Oh! — Nadja ergueu-a. Ela hesitou, sentindo-se um pouco presunçosa com o oferecimento. —Antes de mostrar a você, eu quero me desculpar com antecedência.

Pia franziu o cenho, olhando preocupada.

—Foi um pedido do meu marido. — Nadja se apressou, não querendo ser rude. Ela alcançou na bolsa e retirou-se extensor de cabelo. —Ele disse que seu marido cortou seu cabelo e perguntou se eu poderia...

A voz de Nadja diminuiu e ela encolheu os ombros.

Pia deu seu um sorriso torto para deixá-la à vontade. Facilmente, ela terminou: —Crescê-lo para mim.

Nadja movimentou a cabeça.

—Zoran não cortou meu cabelo. — Pia confessou timidamente. —Eu o fiz.

—Oh. — Nadja disse, horrorizada. —Eu não quis insultar você. Eu gosto de seu cabelo curto.

—Está tudo bem. — Pia riu, tentando deixar a mulher nervosa à vontade. Nadja era tão quieta na nave, mas Pia a achava agradável, de natureza presumida. —Eu acho que é chamado deformação. Quer dizer que envergonhei a mim mesma ou algo assim. Você deveria ver o aspecto geral que as pessoas me deram quando sai. Foi como um espírito maligno no meio deles. Estava esperando que as mães escondessem seus filhos ou saíssem gritando.

Nadja riu relaxando, uma vez mais. Como não ficar a vontade na presença de Pia? Timidamente disse: —Bem, é um planeta de homens. Vai saber de onde vem à tradição de manter sua mulher suave.

—A Rainha parou para olhar. — Pia continuou com um olhar de diversão. —Eu achei que ela iria vomitar em mim.

—Mede estava provavelmente irritada com seu filho. Ela disse que são difíceis. — Nadja admitiu. —A Rainha não é tão

ruim.

Pia a olhou incrédula. Nadja podia dizer que a mulher não conhecia a Rainha, então ela pensou que seria melhor mudar de assunto.

—Então, você quer ter seu cabelo de volta?— Nadja perguntou, erguendo o extensor. —Em todo caso, temos que fazer algo hoje.

—Por que não. — Pia respondeu com pouca consideração e um fácil encolher de ombros. Então, ela girou seus olhos castanhos para Nadja.

—O que? — Nadja ruborizou ante o olhar corajoso e pareceu agitada. Ela olhou para suas roupas.

—Você acha que poderia me ajudar com outras coisas também?— Pia perguntou, timidamente.

—Outras coisas? — Nadja piscou com surpresa ao ouvir a mulher falando modestamente. Desde que se reuniram, Pia era uma mulher dura. Invejava a força dela. —Que outras coisas?

Pia acenou sua mão para Nadja.

—Sabe, coisas de beleza, vestidos, penteados, maquiagem.

Nadja suavemente riu, um sorriso grande.

—Certo, eu adoraria. Mas, honestamente, eu não acho você precisa de tudo isso.

Pia olhou para baixo.

—Eu quero dizer. — Nadja disse, detectando algo mal na resposta da mulher para o elogio. —Você tem uma maneira forte e natural que os homens ao redor daqui parecem responder. Eu queria ser assim.

—O que? — Pia perguntou. Sua sobrancelha se enrugou. — Você quer que eu a ensine a se defender?

—Oh, poderia?— Nadja praticamente pulou de excitação. Seu rosto iluminado com a força de sua excitação. Ela não tinha perguntado isto, mas a ideia a fascinou. Seu pai nunca deixava ela aprender tais coisas como autodefesa. Depressa, ela advertiu: —Eu quero dizer, você provavelmente odiará me ensinar. Eu não sei nada... nada mesmo.

—Eu adoraria. — Pia insistiu.

Nadja podia ver ela realmente queria. Ela saltou em antecipação. Olhando como uma boba, disse: —Certo, vamos iniciar.



Quando Nadja partiu, ela sentiu como se ela e Pia fossem amigas de muito tempo. A mulher era modesta por não conhecer sua própria beleza. Elas terminaram seu cabelo e Nadja convidou

a mulher para jantar. Pia recusou e Nadja teve a sensação de que ela estava ansiosa para ter seu marido de volta em casa. Franzindo o cenho, sentindo o temor de Pia quando mencionou o homem. Também viu a contusão leve no queixo e se perguntou se talvez Zoran a tivesse golpeado. Ela era muito educada para perguntar.

Pia mostrou vários movimentos de defesa pessoal que Nadja podia praticar sozinha. Elas, como tentativa, marcaram de se encontrar em um dia ou dois, pensando que seria melhor retardar o treinamento verdadeiro até uma data posterior. Dizendo adeus, as mulheres sorriram e Nadja foi para casa. Ela não podia esperar.

Capítulo Onze



—Onde você aprendeu a fazer isso?

Olek estava observando sua esposa em silêncio, agradando-lhe a forma como ela girava seu cabelo quando estava em profunda reflexão. Estava de pé na porta de seu escritório por algum tempo, apenas olhando-a. Não percebeu que ele estava ali, mas ele sempre era consciente dela.

Nadja piscou surpresa, olhando acima de suas notas. Ela se sentava à mesa, figurando fórmula com diferentes combinações. Parecia um enigma gigante que implorava ser resolvido, e ela amava cada agonizante momento, a dor de cabeça e tudo.

—O que? — Nadja ficou surpresa por Olek conversar com ela. Quando ele não estava trabalhando com seu pai, estava em seu escritório preparando-se para trabalhar com seu pai. Ela dificilmente o viu e quando ele estava lá, ela apenas sentia que estava. Ele estava sempre tão preocupado.

—Como fez a unidade médica? — Ele disse. Rapidamente, ele colocou um copo de vinho na frente a ela.

—Meu pai me ensinou. — Ela respondeu, perdida em seus olhos por um momento. Eles pareciam tão amáveis e gentis, não como os olhos duros que olharam para ela nos últimos dias.

Apenas um olhar suave dele e seu coração tremulava.

—Seu pai? — Ele questionou, surpreso com a admissão. Olek era ciente do quão pouco ele conhecia a mulher ante ele. Agora que suas negociações comerciais estavam bem, ele podia se concentrar mais em sua vida familiar.

—Ele é médico. — Ela disse, engolindo nervosa. Sua mão tremeu e a caneta caiu no papel. Ela fechou seu caderno e começou a olhar o vinho.

—Onde?— Olek não perdeu a forma como de repente ela evitou encontrar seu olhar.

—Ele viaja por toda parte. — Nadja respondeu o melhor que pode. Ela engoliu, incapaz de encontrar sua expressão. Era muito amável, muito curioso. —Eu não posso dizer a você onde ele está no momento.

Bem, era verdade, Nadja pensada abatida.

—Ele viajará até aqui? Ele seria bem-vindo. Nós temos uma ala especificamente para convidados.

Nadja não estava tão certa de como daria as boas-vindas a seu pai em um lugar como este. Ela tomou seu vinho, nervosa. Olek sorriu com uma interrogação enquanto ela deixava o copo vazio.

—Mais? — Ele perguntou.

Nadja negou com a cabeça.

—Não. Eu tenho trabalho a fazer. Vinho demais e eu não poderei me concentrar.

Ela tentou ficar de pé. Olek levantou uma mão para detê-la. Seus dedos seguraram seu pulso e ele sentiu sua pulsação sob os dedos. Instintivamente, ele cheirou seu medo.

—Eu não quero conversar sobre isso. — Ela disse. —Meu pai não nos visitará aqui. Ele não sabe onde eu estou e prefiro manter assim.

—Nadja. — Olek começou, apenas para suspirar. Para sua família os parentes eram muito importantes. —Mas, ele é seu pai.

Ele é um louco! Sua cabeça gritou. Ela respirou para se acalmar.

—Ele não está mais em minha vida . Então podemos deixá-lo?

—Certo.

Nadja relaxou muito com a admissão, entretanto seus olhos pareciam dardos ao redor da sala como se procurasse nos cantos algo que não estava lá.

Olek não tinha terminado ainda perguntou: —E Pia? Você conseguiu seu cabelo de volta?

Nadja sorriu.

—Ela mesma o cortou, mas cresceu novamente. Acho que ela não sabia que todos a consideraria uma deformada. Ela é

realmente agradável e se ofereceu para me ensinar a lançar facas.

Nesse momento Olek sorriu.

—Ela é muito boa. — Nadja defendeu.

O sorriso de Olek se ampliou. Ele estava contente por ter uma mulher com quem conversar.

—Eu estou certo que ela é maravilhosa. Apenas tenha cuidado. Eu odiaria ver você machucada.

Nadja ruborizou com prazer por sua preocupação. Ela movimentou a cabeça concordando.

—Então, como está seu trabalho? — Perguntou timidamente. Odiava admitir isto, mas sua natureza reservada a deixava curiosa. Várias vezes ele mexeu em seu escritório procurando pistas. Apenas seu amor próprio a impedia de procurar. Isso e o medo de que ele a pegasse no ato.

—Está chegando a hora. — Ele disse, tomando o vinho. — Estou quase terminado com o que estava fazendo e começar um novo projeto.

A resposta vaga a fez franzir o cenho.

—Você não pode me dizer mais que isto? O que é que você está fazendo? O que você começará logo?

—Não interessaria você. É política intergaláctica, coisas muito chatas.

—Uma resposta muito diplomática. — Ela respondeu indecisa no idioma de Qurilixien.

Olek riu.

—Não está ruim. Eu vejo que você tem praticado.

—Obrigada. — Um pouco de rubor cobriu o rosto de Nadja.

—Ah, Nadja? — Olek começou, olhando para o copo. Ele rodou o vinho. —Há algo que eu preciso perguntar a você.

Nadja franziu o cenho preocupada.

—O que?

—Eu sei que não gosta de ser uma Princesa. — Ele começou com apreensão. Tinha evitado esta conversa, mas como a coroação seria em uns dias, e ele não tinha nenhuma escolha a não ser tocar no assunto. Seu pai foi implacável em perguntar a ele sobre isto. Olek não podia culpar o Rei. Afinal, ele praticamente se escondia no escritório de seu pai.

—Sim. — Nadja disse cuidadosamente. Seu coração em pânico. Ele iria livrar-se dela? A ideia a apavorada mais do que ela pensava.

Olek suspirou. Indeciso, ele avançou, pegando sua mão.

—Haverá uma grande celebração em duas noites e eu quero que você vá comigo... como minha Princesa.

Nadja piscou. Seu coração saltou de seu peito. Seus olhos

verdes expectantes, como se estivesse preocupado com sua resposta.

—É muito importante para o reino que esteja lá. — Olek disse. —Ou então eu não perguntaria a você.

Seu coração parou.

—É para você e a coroação das outras Princesas na família. — Olek traçou uma linha longa em sua mão. —Haverá alguns diplomatas de um reino vizinho como testemunhas. É muito importante que eles pensem que é feliz, que todas as noivas estão felizes conosco.

Olek estudou seu rosto, desesperadamente querendo perguntar se era feliz com ele. Ela nunca disse qualquer coisa, exceto que odiava ser uma Princesa e desejava para uma vida simples. Pensando sobre a política envolvida nesta celebração, ele sabia que simples era a coisa mais longe disto.

—Eu sei que é muito perguntar, sendo que... que você não queria isto. — Ele disse cuidadosamente. Ele desenhou em sua mão.

Nadja movimentou a cabeça. Ele não estava perguntando por que queria que ela estivesse lá, mas sim porque precisava dela.

Olek viu o olhar em seus olhos e confundiu sua decepção com desgosto. Sentia muito por ele. Uma dor começou em seu estômago. Ele realmente queria levá-la com ele. Ele realmente

queria que ela estivesse lá como sua esposa, orgulhosamente se proclamando como sua noiva.

—Está bem, Olek. — Nadja suavemente respondeu. Seus olhos imersos, tentando esconder sua preocupação. —Não haverá nações intergalácticas?

—Não, nós realmente não temos eventos intergalácticos. Ocasionalmente, entreteremos um embaixador estrangeiro, mas é raro e frequentemente é só uma ou duas pessoas, nunca um grupo grande.

Nadja estava contente com isto. Um evento intergaláctico significaria máquinas fotográficas e repórteres e, pior de tudo, o nome dela impresso por toda parte da galáxia.

—O que acontecerá? — Ela perguntou, suavemente. —O que eu preciso fazer?

—Só apareça e sorria.

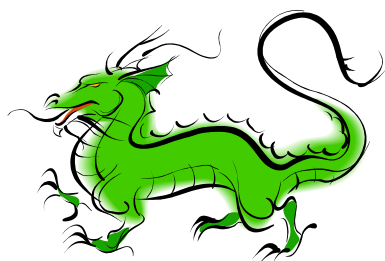
Nadja riu, gostava do modo como ele a olhava. Seus olhos imersos em sua boca, desejou beijá-lo.

—A coroação é simples. — Olek adicionou. —O Preosts coroará você quando estiver em sua cadeira. Não é exigido falar ou fazer qualquer coisa especial. Nós jantaremos, dançaremos se você desejar e isto é tudo.

—Acho que posso fazer isto. — Nadja murmurou. Seus olhos novamente imersos em sua boca, se perguntando se tinha gosto de vinho. Uma festa não soava tão ruim.

—Eu aprecio, Nadja. — Olek desviou-se de seus pensamentos quando ela olhou fixamente para seu rosto. —Eu não quero interromper seu trabalho.

Nadja queria que ele ficasse. Seu sorriso bonito quando ele parou para olhá-la fez seu coração quase parar. Sua mão se moveu para agarrá-la, mas deu a volta antes que o fizesse.



Nadja respirou fundo, olhando fixamente para Pia. Elas estavam na sala de exercício da casa de Pia. O chão de madeira estava perfeitamente polido. Havia armas em todos os lugares, alguns que Nadja não tinha nem ideia. A porta principal de papel fino entre os quartos estavam abertas e Nadja podia ver a mesa de jantar de Pia de onde ela estava.

—Nadja está bem. — Pia disse, tentando chamar atenção de sua amiga para ela. Nadja estava movendo-se fora de ritmo novamente. —Quero que você chute a minha mão.

Nadja com calça preta confortável e uma camisa de algodão que Pia a emprestou para a lição. Suas próprias roupas não eram apropriadas para lutar, de acordo com Pia. Respirando fundo, olhou para a mão alta da mulher no ar.

—Como eu mostrei a você. — Pia disse.

Nadja chutou, dando um salto leve quando fez isso.

—Novamente. — Pia disse. Nadja chutou uma segunda vez e então uma terceira e quarta em comando. Pia sorriu.

—Você está muito melhor.

Nadja ruborizou.

—Eu sinto muito. Eu sou estou tão distraída hoje.

Pia abaixou sua mão, sentindo uma conversa.

—O que está acontecendo?

Nadja encolheu os ombros.

—Você sabe sobre nossa coroação?

—Nós temos uma coroação?— Pia perguntou, antes de rir.

—Acho que não. — Nadja disse. —Olek disse sobre isto ontem à noite. Ele disse que é importante para o reino estarmos felizes.

—Ah. — Pia disse, perceptivamente. —Ele não disse que era importante que você vá.

Nadja ruborizou, mas movimentou a cabeça de acordo.

—Ele é tão frustrante! Um minuto eu quero o beijá-lo e no próximo eu quero...

—Beijar ele um pouco mais? — Pia disse com uma risada.

—Exatamente. — Nadja disse com um sorriso envergonhado. Pia ergueu sua mão oposta e Nadja chutou-a repetidamente, quando continuou: —E eu não deveria querer. Ele não é o que eu queria de maneira nenhuma quando vim aqui. Eu queria um médico doce e velho e não que me fizesse querer beijá-lo o tempo todo.

—Ao invés você conseguiu um Príncipe.

—Exatamente. — Nadja disse, chutando mais forte e mais rápido. Perdendo sua respiração, ela parou. —Eu consegui o Príncipe perfeito. Às vezes, é como se tivesse me casado com um título, não um homem. Eu não tenho nenhuma pista do que ele faz o dia todo. Eu sei que ele é um embaixador e trabalha em acordos comerciais, mas toda vez que eu pergunto, ele muda o assunto como se eu fosse algum tipo de espião estrangeiro.

—Agora um pontapé baixo. — Pia instruiu, segurando a mão abaixo do nível da cintura.

Nadja girou a usou outra perna.

—Nadja. — Pia começou. —Por que você veio aqui?

Nadja congelou. Sua perna se abaixou. Pia soltou sua mão. Respirando fundo, Pia deu um copo de água para Nadja, entendendo mal acreditando que ela queria que chutasse, ela o fez.

Pia curvou-se quando Nadja a atingiu. Bateu em seu estômago, tirando seu equilíbrio com surpresa. Nadja ofegou. Pia

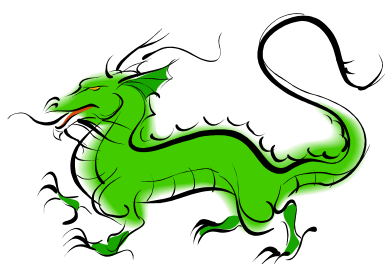
tropeçou, caindo para trás, em meio a varias espadas. Sua boca se abriu com surpresa.

—Oh, Pia. — Nadja ofegou, correndo para frente. Chegou a agarrá-la. —Eu não queria. Eu pensei...

—Não. — Pia engoliu. Sua expressão sombria se manteve. Pia olhou para baixo de lado. O sangue caia no chão. —Consiga um médico.

Nadja empalideceu. Ela correu para a porta da frente.

—Abra. — Pia gritou fraca. Ela ouviu a porta deslizar. Sua respiração ficou rasa quando tirou a lâmina. Ela caiu no chão, sussurrando. — Por favor se apresse.



O médico pessoal da casa real, disse que Pia iria ficar bem. Ela perdeu uma boa quantidade de sangue e seu ferimento precisava ser cauterizado com um laser. Ele fez a primeira volta, antes de se mover para frente. Nadja sentia-se muito mal, permanecendo pálida e preocupada no fundo. Pia disse que ela deixasse de se queixar, que foi um acidente e poderia ter sido muito pior.

Nadja não se sentiu melhor. Ela nunca machucou ninguém assim antes. E pensar que sua amiga poderia estar morta por

causa de sua estupidez a fazia querer vomitar. Toda vez que fechava seus olhos, via seu pai rindo. Ele acharia isto uma grande ironia.

Pia estremeceu, apenas fazendo um som enquanto o médico trabalhava. Ela estava deitada em seu sofá, braço com os braços acima da cabeça. Suas roupas estavam encharcadas com suor e sangue. Erguendo-se para ver o trabalho do médico à mulher suspirou.

—Você está certa de que não quer nada para a dor, minha senhora? — O médico perguntou quando acabou uma parte do ferimento.

—Não. — Pia respondeu entre seus lábios apertados. —Está bem. Apenas continue.

Nadja permaneceu atrás dele, preocupada.

—Eu sinto tanto, Pia. Eu não quis chutar você tão forte.

Pia riu, segurando a respiração enquanto o laser trabalhava. Com os dentes friccionados, ela disse: —Não foi nada, Nadja, deixe de me irritar. Eu deveria estar pronta para isto. Você tem poder nessas pernas. Da próxima vez, nós teremos certeza de não ficarmos perto das espadas.

Nadja estava observando o médico de perto para ver quaisquer erros. Ele era muito competente e ela suspirou quando sua tarefa quase terminou.

Pia fechou seus olhos esperando o homem terminar.

Ouvindo a porta se abrir, seus olhos se abriram. Ela se moveu e o laser queimou fora do lugar. Pia gemeu. O médico pulou e desligou o laser.

—Você tem que ficar quieta. — Ordenou.

—Zoran. — Pia respirou, ignorando o homem enquanto seus olhos foram para a porta.

Nadja olhou a porta com desânimo para ver o Capitão dos Guardas. Ela estremeceu com medo dele. Zoran era tudo o que o rumor dizia. Era um homem grande, com um rosto dominante, ombros largos, e uma dura mandíbula. Era apavorante.

Nadja estremeceu novamente quando o homem extremamente grande olhou para ela e franziu o cenho, o que Nadja somente podia entender como desgosto. Então, avançando, ele olhou para Pia. Sua voz era dura, quando perguntou: —O que aconteceu?

Nadja deu um passo atrás. Zoran parecia bravo.

—Foi... foi um acidente. — Nadja disse para o grande guerreiro, com esperança de dirigir não a sua amiga ferida. Ela tremeu ante o Príncipe gigante enquanto a olhava ameaçadoramente como se fosse um de seus soldados. Ela tinha a impressão de que não deveria ter falado nada. Lentamente, ela olhou para Pia, sentindo pena da mulher.

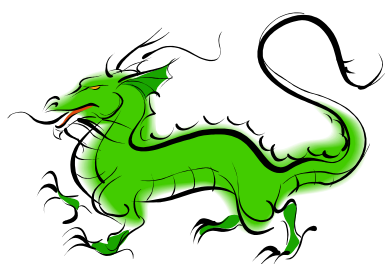
Pia estava olhando fixamente para Zoran e Nadja de repente sentiu-se como uma intrusa. Olek podia ser um homem grande,

mas o marido de Pia era monstruoso. Pelo menos Olek sorria e tinha os olhos brilhantes e quando sorria era de alegria e brincadeira. Zoran olhava como se ele não soubesse como sorrir, muito menos rir. Não era nenhuma maravilha que Pia não conversasse sobre seu marido. Ele era absolutamente terrível. Fraca, Nadja começou para ir para a porta.

—Pia, verei você mais tarde.

—Obrigada, Nadja. — Ela ouviu a mulher responder. — Lembre-se de praticar!

Nadja não olhou de volta, rodeando o Príncipe guerreiro tão depressa quanto podia, sem tocá-lo. Para seu alívio imenso, Zoran a ignorou. Alcançando o corredor, ela sentiu o desejo mais estranho ir de embora. O marido de Pia lhe dava medo. Agora aquele homem parecia verdadeiramente uma fera.



—O que está errado? — Olek perguntou, quando sua esposa entrou em casa. Ele levantou-se da mesa, fechando a pasta de papéis de desenhos que rabiscava. Ele estava pensando nela, quase enviou um guarda para buscá-la com a desculpa de que estava mal.

—Eu encontrei seu irmão. — Nadja disse. Seus olhos azuis

redondos brilhando na pele de porcelana. Ela estava agitada pelos eventos da noite. Zoran a olhou como se fosse matá-la. Pia ficou ferida, e embora dissesse que estava bem, Nadja sentia-se horrível sobre isto. Pia era sua primeira amiga e ela quase arruinou isto. Não via como ela podia perdoá-la.

—Oh! — Olek perguntou-se por que ela estava tão pálida. Suas mãos tremiam quando ela caminhou adiante e parado na fonte. Ela balançou levemente sobre seus pés, fazendo-o perguntar: —Qual?

—Zoran. — Respondeu fraca. A palavra foi um sussurro agitado e seus lábios tremeram delicadamente.

—O que aconteceu? — Olek foi até ela incapaz de evitar abraçá-la. Seus olhos a devoraram, buscando feridas ou um pista do porque ela estava assim. Seu corpo tremia e para sua surpresa, a reservada Nadja começou a chorar. Ele a puxou para seu peito, sua mão segurando a parte de trás de sua cabeça em seu ombro. —Nadja, o que aconteceu? O que está errado?

Se Zoran fez qualquer coisa com ela, ele o mataria!

—Pia e eu, estávamos praticando. Ela estava tentando me mostrar como me defender e eu acidentalmente a chutei nas costelas. — Nadja chorou. Sua respiração ofegante entre as quando ele tentou continuar sua história. —Eu pensei que ela estava pronta para mim, mas ela não estava. Ela caiu nas espadas e se machucou. Eu não queria machucá-la.

—Ela vai ficar bem? — Olek perguntou sem pressa, batendo levemente em seu cabelo.

—Sim, o médico disse que ela ficaria bem. — Nadja inalou. Afastando-se, seus olhos azuis molhados o observaram sentindo-se miserável. —Mas acho que seu irmão quer... ele parecia muito irritado comigo.

Olek franziu o cenho enterrando-a mais em seu peito. Ele não estava certo do que dizer para ela. Ele nunca a viu nesse estado vulnerável, estava disposto a que ficasse no conforto de seus braços. Seu corpo se agitava com desejo quente.

Mas, além do desejo havia mais. Ele queria mantê-la em seu abraço, protegê-la. Era um sentimento estranho, uma conexão que se agitava entre eles, unindo-os. Sentia cada nervo de seu corpo aproximando-se, como se ele pudesse dobrá-la dentro do peito e mantê-la em seu coração.

Sentindo-a tremer, Olek a acalmou.

—Zoran tem um mau temperamento, mas ele é um homem razoável. Ele não machucará você, Nadja. Estou certo que ele está só preocupado. Eu ficaria se acontecesse algo com você.

Nadja afastou-se para olhá-lo, seus olhos molhados. Ela não parecia tão certa.

—Você não viu seu rosto, Olek.

—Eu direi a você um segredo. Ele sempre olha assim.

Nadja riu por sua angústia e bateu levemente em seu peito.

—Não é engraçado.

—Ah. — Olek suavemente murmurou, limpando uma lágrima com seu dedo polegar. —Vai ficar bem. Você verá. Eu até conversarei com Zoran amanhã por você.

Nadja olhou nos profundos poços líquidos de seus olhos verdes. Eles eram tão suaves. Como poderia resistir a eles? Percebeu que queria protegê-la. Suas mãos a acariciavam suavemente e pela primeira vez que em sua vida, ela sentiu como se nada pudesse alcançá-la, nem mesmo a ira do seu pai.

—Você dirá a ele que eu não quis fazer isto? — Ela hesitou. Olek movimentou a cabeça.

Os olhos de Olek caíram em seus lábios trêmulos. Para seu assombro, Nadja ergueu-se nos pés e o beijou primeiro. Ele gemeu de surpresa. Suas mãos foram para seu cabelo, puxando-o mais perto. Seu corpo suave se apertou ao dele. Seus lábios eram tentativos, mas ela não parou.

Nadja não podia evitar. Ela sentiu seus braços protetores, cheirou seu perfume apaixonadamente e tentador. Seus lábios se moviam sob os dele e era tudo o que podia fazer para não devorá-lo com seu corpo. Com um gemido, ela o obrigou a sentar-se no sofá.

Os joelhos de Olek bateram de lado e ele imediatamente foi empurrado para baixo. Antes que soubesse o que estava

acontecendo, Nadja escarranchou em seus quadris com suas coxas e roçou seu centro na ereção dele. Ela se afastou de seu beijo, segurando seu rosto enquanto buscava ar. Seus olhos o olharam suplicante. Leu sua paixão por ele, mas também viu sua confusão. Não sabia o que fazer na continuação. Era uma súplica que não podia resistir e contestar.

Olek tomou o controle. Suas mãos foram para seu cabelo soltá-lo, deixando as mechas castanhas caírem até sua cintura. Com fervor a puxou para frente sobre sua ereção grossa. Olek gemeu quando ela foi ao seu encontro. Ele sentia como ficava molhada por ele. Se centro quente umedecendo sua roupa. Com a cabeça inclinada para trás beijou-a na garganta, enquanto seu cabelo caia sobre os ombros. Seus dedos a agarram, obrigando seu quadril esmagar mais forte seu duro membro.

—Minha doce flor solar. — Ele rosnou contra sua carne. Ele a levantou com delicadeza do sofá e a colocou sob ele, sua mão segurando a cabeça. Seu corpo trabalhado nela. Suas mãos estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, sobre seu estômago, a curva do quadril, explorando por baixo da camisa para soltar seus seios inchados para o ataque de seus lábios.

Nadja não tentou lutar contra ele. Ela foi colocada à prova contra seu corpo. Apenas queria senti-lo e a segurança que ele proporcionava. Quando ele a tocava era como se nada pudesse machucá-la novamente. Ela estava segura.

—Diga que me quer. — Olek gemeu com voz rouca,

desesperadamente.

—Sim. — Nadja gemeu e foi recompensada com a pressão entre suas pernas. Seu corpo se curvou. —Eu quero você, Olek.

Suas mãos estavam em sua camisa, puxando-a freneticamente acima de sua cabeça. Ele deixou que a tirasse. Seu dedo índice de forma audaz encontrou o peito musculoso, deslizando sem esforço as solidas paredes de músculo. Olek soltou o cordão de sua calça, para liberar seu membro palpitante. De repente, parou. Um gemido saiu de seus lábios, se separaram e ele quase caiu de frustração. Alguém estava batendo na porta.

Respirando fundo, ele viu Nadja piscar como se sua mente despertasse. Cobriu os seios e começou a soltar as pernas. Um rubor cobriu seu rosto. Olek agarrou suas costas e a beijou.

—Deixe. — Ele disse, pronto para continuar. —Eles irão embora.

—Mas... — Nadja começou, tendo recuperado um pouco de sua sanidade. —E se é sobre Pia? E se ela estiver pior do que eu pensei?

Olek viu que ela estava em pânico. Ele saiu de seu corpo tentador e, com um suspiro frustrado, gritou: —Um momento!

Ele agarrou sua camisa, arrastando para cima de sua cabeça. E Nadja fez o mesmo. Inclinando-se ele a beijou no rosto e sussurrou uma promessa quente: —Nós não terminamos ainda, flor solar.

Nadja hesitou. Seus braços tremiam, agora que ela tinha tempo para parar e pensar sobre que estava fazendo. As inseguranças antigas bateram fortes. Olek foi tão apaixonado, tão corajoso, e ela ficou assustada de não estar à altura de suas expectativas.

Ele andou a passos largos determinantes para a porta, caminhando ao redor da fonte, ávido para enviar quem fosse longe. Nadja arrumou suas roupas. Ainda no sofá, usou a fonte como um bloqueio entre ela e a porta até que sentiu que estava corretamente vestida para receber seu convidado.

—Draea Anwealda. — Olek, reconheceu o empregado imediatamente como um homem de seu pai. Ele olhou acima de seu ombro para onde Nadja ainda estava sentada. Suas bochechas e pescoço estavam vermelhos. —O rei quer que junte-se a ele imediatamente em seu escritório. O príncipe Zoran volta de sua missão e tem informações. O Rei deseja discutir isso com você. Além disso, pediu que dissesse que há um problema com o acordo comercial e deseja examinar cuidadosamente os últimos preparativos para o evento de amanhã.

Olek engoliu. Rigidamente movimentou a cabeça.

—Informe meu pai que eu irei agora mesmo.

—Muito bem, meu senhor. — Disse o empregado, fazendo como foi informado.

Olek girou. Nadja já estava de pé. Suas roupas estavam

lisas e seus olhos novamente defendidos. Nunca amaldiçoou sua posição tanto como nesse momento.

—Nadja. — Ele começou com voz rouca, sentindo a necessidade de explicar.

—Vá. — Ela disse a ele calmamente. —Eu só estou um pouco sentimental. Estou bem agora. Seu reino precisa de você.

—Mas... — Seus olhos a percorreram desesperadamente. Seu corpo cansado horrivelmente. Ele não queria deixá-la.

—Eu sei, você tem que ir trabalhar. — Ela respondeu. Olek estremeceu. Ela estava tranquila, muito tranquila. O que aconteceu com a ardente paixão de momentos atrás? Ele a queria de volta. Sua voz era suave, quando disse: —O dever é dever. Agora vá. O rei está te esperando.

Tinha uma nota amarga em suas palavras. Ele hesitou, dividido entre ficar e partir. Sabendo que ela tinha razão, grunhiu e saiu de casa. Que outra poderia fazer?

Nadja o viu partir. Assim que a porta se fechou atrás dele, soltou uma respiração torturada e voltou a cair sobre o sofá. Ela não podia se mover nem mesmo para salvar sua vida. Seu corpo cantava com fogo tumultuoso de seu toque. Tinha tempo para esfriar seus pensamentos, se assustou com a paixão dele. Seus olhos eram tão determinados, tão possessivos. Depois do que fez com Pia, ela estava vulneráveis, em seus braços tão confortantes.

Nadja nunca agiu precipitadamente, nunca saltou antes de

pensar. Desta vez, saltou em seus braços, sem debater, sem considerar as consequências. Ela estremeceu, seus pensamentos eram completamente confusos.

Capítulo Doze



Para infortúnio e frustração física de Olek, a necessidade do seu pai por ele durou até bem tarde da noite. Zoran não tinha nada de relevante para reportar. Ele seguiu um espião dos Var nos pântanos, mas teve que voltar sem completar a perseguição porque tinha que chegar à coroação na hora certa.

A República de Lithor devolveu o comunicado muito mais depressa do que eles esperavam. Era quase cem longas páginas, que basicamente pedia um encontro oficial entre seus dignitários. Quando terminaram a resposta para o documento, o Rei decidiu deixar os preparativos finais da cerimônia para o dia seguinte.

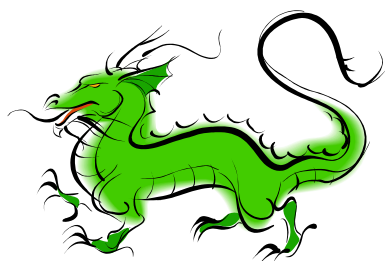
Olek estava com um humor desagradável quando voltou para casa. Sua cabeça pulsava terrivelmente por ter que decifrar a bagunça de Lithorian. Ele depositou as cem páginas do comunicado sobre a mesa do escritório, de nenhum modo ansioso para examiná-lo.

Nadja estava dormindo. Ele olhou para ela por um tempo, deitada no sofá com um cobertor e travesseiro. Se perguntou por que ela escolheu dormir ali em vez da cama onde ela ficava. Não havia espaço para os dois e ele não queria despertá-la tão tarde. Seu corpo doía, sua cabeça pulsava, ele a deixou ali quando foi para a cama.

Na manhã seguinte despertou tarde e Nadja já tinha saído. Ele assumiu que ela estava visitando a esposa de Zoran.

Seus sonhos foram assombrados por seu beijo, obscurecido pelas obrigações a que se enfrentou e o espião dos Vars nas festividades. O Príncipe não teria admitido isto, mas a ameaça dos Var para as Princesas reais estava em sua mente, entretanto ele não tinham nenhuma prova de sua conspiração.

Vestindo-se depressa, não tinha nenhuma escolha a não ser voltar para o escritório real, para se preparar para a noite de cerimônia. Quanto mais cedo fizesse isso, mais cedo ele poderia voltar para casa com sua Nadja. Um sorriso tocou seus lábios. Esperava que, ela não colocasse resistência em continuar de onde eles pararam.



Os dedos de Nadja tremiam com excitação nervosa, apesar de si mesma. Ela esteve em celebrações, casamentos, festas, e numerosos outros eventos reais antes. Até foi convidada de honra junto com seu pai em muitas daquelas funções, discursando com ele, apertando as mãos, e sorrindo muito para multidões. Então esta noite não deveria ser diferente, mas era.

Nadja sorriu com antecipação nervosa, levou o dobro do tempo para arrumar seu cabelo em um coque perfeito. Passou

maquiagem e perfume. Olhando para sua garganta e orelhas nuas, desejou não ter se precipitado em se desfazer de suas joias. Um colar diamantes ficaria perfeito com o vestido.

Ela passou a maior parte do dia com Pia, ajudando a mulher a se preparar. Pia estava bem, movendo-se como se nada tivesse acontecido. A mulher realmente não guardava rancor e Nadja estava contente, entretanto ainda se sentia culpada. Para seu alívio, Zoran foi embora quando chegou.

Terminando sua maquiagem, praticou sorrir no espelho antes de buscar seu vestido. Tirou a leve bata que vestia à medida que caminhava. Olek ainda não tinha aparecido. Sabia que era mais que provável que estivesse com seu pai.

Seu vestido era dividido em duas camadas. A primeira era uma suave faixa de cor creme que cobria um apertado colete na parte superior sem mangas. Levantava seus seios, mas não muito. A saia cor creme acompanhava os quadris em um amplo e leve efeito que deslizava maravilhosamente.

A camada superior era uma jaqueta verde escura de gola alta. Disseram que esse verde era a cor real do príncipe Olek e ela o usaria de alguma forma na maioria dos atos reais, fosse em um vestido ou uma simples tarefa. A jaqueta se unia em sua cintura com presilhas de dragão prateados em minúscula. A saia fluía, ainda que mais pesada que a creme. Usando sapatilhas verdes, sentindo-se dos pés a cabeça uma princesa.

—Você está... adorável. — Olek disse assombrado da porta

do quarto. Seu olhar vagou faminto sobre ela.

Nadja girou, não ouvindo Olek entrar. Ela sorriu, alisando sua saia.

—Você não acha que é demais?

—É perfeito. — Ele murmurou, incapaz de evitar ir até ela. Ele começou a agarrar sua cintura. Nadja afastou-se de seu abraço. Olek a olhou surpreso e confuso.

—Eu passei três horas arrumando este cabelo. Você não vai arruiná-lo. — Ela disse, séria. Suas mãos se ergueram para tenha certeza que estava bem.

Olek não pode evitar seu sorriso fácil. Deu um passo para ela novamente, provocando-a quando fingiu agarrá-la.

—Oh, não se aproxime! — Nadja gemeu. Seu rosto com preocupação. —Eu falo sério!

Olek riu.

—Certo, mas só se você me der um beijo.

Nadja olhou com suspeita.

—Só um. — Ele persuadiu, avançando. Ele ergueu suas mãos. —Eu nem tocarei em você. Veja, mantereí minhas mãos aqui mesmo.

Nadja, ainda olhando-o cuidadosamente, moveu-se com cuidado para frente. Sua boca estava em expectativa e ela o

beijou no rosto.

As mãos de Olek imediatamente acharam sua cintura, puxando-a para ele

—Você chama isso de beijo?

Nadja lutou contra seu agarre, entretanto o poder de seus braços a excitaram. Ela bateu em suas mãos, tentando ficar livre.

—Olek, vamos, me deixe.

—Está bem, mas quero um vale. Prometa-me um beijo para mais tarde e te deixarei agora. — Olek disse. Seus olhos cheios de promessas não contadas.

Nadja sabia que ele estaria esperando mais desta noite que apenas um beijo. Fraca ela movimentou a cabeça.

—Agora me deixe ir. Eu preciso ver meu cabelo e ter certeza que você não o soltou.

Olek sorriu. Seu cabelo não se moveu. Murmurando em sua garganta branca cremosa, ele perguntou: —E se eu prometer não tocar seu cabelo? Você pelo menos me deixaria ver o resto deste vestido?

Nadja ficou confusa. Ela olhou para baixo, tentando ver o que ele queria dizer.

—Este é o vestido inteiro.

A mão de Olek se moveu para soltar os broches de dragão e

sua mão entrou sob a jaqueta na cintura. Inclinando-se ele beijou seu pescoço.

—Eu quero ver aqui embaixo.

Nadja engoliu.

—E aqui. — Olek continuou rouco, arrastando suas mãos por baixo da saia até seu traseiro e coxa. Podia sentir que estava nua sob a saia.

—Deixa eu ver o está vestindo debaixo dessa saia. Você tiraria para mim?

Nadja quase desmaiou sentir seus lábios assaltando seu pescoço. Paixão prontamente inundou seu membro. Ela gemeu.

—Você cheira tão bem. — Ele murmurou. —Você parece tão bem.

Os dedos de Olek se moveram soltando o segundo e terceiro gancho, completamente livrando a camada superior. Ele gemeu ao ver o corpete apertando sua carne. Viu seus mamilos apertando-se contra o vestido, respondendo a seu assalto.

De repente, ela bateu em sua mão. Olek riu, surpreendido por ter chegado tão longe.

—Nós vamos chegar tarde. — Nadja disse, entretanto de verdade ela não tinha nenhuma ideia de quando o evento iria começar.

—Ah, flor solar. — Olek gemeu. Brincando disse: —Não

levará muito tempo.

Seu rosto se enrugou não entendendo muito, mas não gostava da ideia de algo rápido, fosse o que estivesse planejando.

—Isto é um não?— Olek perguntou, acariciando seu traseiro uma última vez e apertando forte antes de soltá-la.

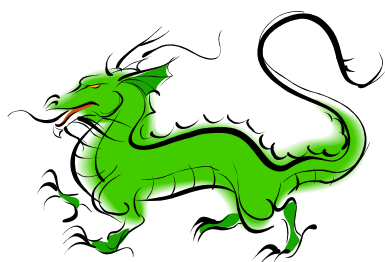
—Vista-se. — Nadja ordenou. Então, olhando para a cama, ela disse: —Suas roupas estão aí mesmo.

Olek girou para seguir o movimento de sua cabeça. Ele sorriu. Ela escolheu e passou uma de suas túnicas formais. Inclinando-se ele a beijou ruidosamente nos lábios e a deixou ir. Nadja quase lamentou que seus braços protetores a deixaram.

—Você quer me ajudar a vestir?— Ele travessamente perguntou.

—Eu tenho que consertar esta bagunça que você fez comigo.
— Ela ralhcou, saindo do quarto.

Olek sorriu como um bobo. Então, suspirando, foi se colocar apresentável.



Nadja olhou para a sala comum principal. A pedra vermelha

do chão estava limpa. Tinha tetos curvados com uma cúpula no centro para lâmpadas. Era maior que a de sua casa. Bandeiras com o emblema da família revestiam as paredes, um para cada cor da linhagem familiar... verde para Olek, vermelho para Zoran, púrpura para o Rei e a Rainha, preto e azul-cinza para cada um dos outros Príncipes. Cada bandeira tinha o símbolo do dragão bordado em prata.

As filas de mesas estendiam-se pelo chão para jantarem, cheios com aldeãos sendo servidos por empregados que carregavam várias bebidas e colocavam nas mesas. Suas vozes murmurando podiam se ouvir por todo o lugar.

Franzindo o cenho, Nadja percebeu que ninguém pensou na decoração. Havia toalhas de mesa e um vaso de flores na mesa real, mas as paredes estavam nuas e somente copos de vinho e jarros adornavam as mesas mais baixas.

Confie nos homens para montar uma festa assim, pensou cansada. Tinha que se oferecer para ajudar da próxima vez. Pelo menos havia músicos no canto. Isso era algo.

Olhando para Olek, seu coração palpitou. Ele estava próximo a ela, à esquerda. Do seu lado direito estava o rei, que sorriu educadamente e deu as boas-vindas. Mas, além disto, ele não falou com ela e manteve-se virado para sua esposa.

Pia estava ao lado da Rainha, parecia desconfortável. Zoran estava ao seu lado, olhando como sempre com sua túnica de estilo oriental vermelha. Próximo a ele estava o Príncipe Yusef.

Nadja nunca o viu antes. Ele era muito mais escuro que o resto da família e parecia tão infeliz quanto Zoran. A cadeira próxima a ele estava vazia.

Os Príncipes, o Rei, e a Rainha usavam coroas de prata sobre suas cabeças como um símbolo sua soberania. A rainha Mede é era menor que os homens, mas com a mesma constituição. Nadja olhou para Olek.

—Onde está seu outro irmão?— Nadja curiosamente perguntou, inclinando-se para Olek.

—Ele estará aqui em um momento. Sua esposa tem que entrar e colocar fim a sua escravidão primeiro. — Ele respondeu. Por um momento, ele se perdeu nas profundidades azuis de seus olhos. Aqueles olhos se endureceram com consternação.

—Seu irmão escravizou sua esposa?— Ela perguntou incrédula.

—Ela fez isto sozinha. — Olek o defendeu, perguntando-se por que ela estava tão furiosa.

A boca de Nadja se apertou em uma linha fina. Era exatamente como estes homens que maltratavam a mulher! De repente, o salão ficou silencioso e ela se virou para frente.

Morrigan Blake atraiu a atenção para o centro do salão, sua cabeça se abaixou de modo que fez com que Nadja quisesse gritar. A mulher parecia absolutamente submissa. Onde estava a valente, sarcástica Rigan que ela conheceu na nave? Onde estava

a mulher que sempre olhou com arrogância, como se estivesse invadida por pensamentos e ideias?

—Rainha Mede, Rei Llyr. — Morrigan curvando-se para o casal real. Sua voz oscilou e ela engoliu. Nadja franziu o cenho, urgentemente querendo salvar a mulher. Que tipo de homem faria sua esposa se humilhar em público? Ela olhou para Olek, desejando que ele ajudasse a pobre mulher. Morrigan continuou. —Eu venho a vocês como uma humilde escrava, implorando vosso perdão real. Recuperei minha honra e desejo pedir sua benção.

Nadja ergueu seu queixo. Seus lábios apertados severamente, ficando branco.

—Príncipe Olek?— A Rainha perguntou.

Nadja olhou seu marido. Ele tinha algo a ver com isso? Ele permitiu isso acontecer? Talvez ele fosse o homem que ela pensou que era. Talvez ela não o conhecesse mesmo. Ele nunca disse nada a ela sobre seu trabalho. E se seu trabalho incluía escravizar mulheres ou vender crianças? Ela realmente não sabia. Quando pudesse iria invadir seu escritório e descobriria o que ele fazia de uma vez por todas.

—Voto a favor. — Olek corajosamente respondeu. Ela girou seus olhos para frente, esperando silenciosamente quando a Rainha nomeou seus filhos e esposo, obtendo as mesmas respostas.

—E eu, *voto a favor*. Ela falou bem. — A Rainha Mede assentiu quando terminou. —Nós concordamos. Depende de você, meu filho. Esta escrava receberá seu perdão, Príncipe Ualan?

Nadja não podia escutar nada além quando o Príncipe Ualan caminhou até sua esposa. Girando sua cabeça Olek, ela sussurrou. —Como pode permitir que isso acontecesse?

Olek franziu o cenho, não entendendo. —Eu não permiti nada.

—Mas, você está tomando parte nisto!

Olek piscou, não entendendo o que ele fez. A esposa de Ualan se escravizou por sua própria vontade. Nem Ualan teve nada a dizer.

—Voto a favor. — Ualan declarou. —Perdoarei minha esposa. Ela provou ser merecedora de seu título e da honra de minha família.

—Miserável arrogante. — Nadja murmurou sob sua respiração, observando Ualan levar sua esposa para a mesa.

—O que? — Olek perguntou, inclinando-se para ouvir melhor.

—Nada. — Nadja murmurou. Quando Morrigan olhou para ela, podia dizer que a mulher estava chateada. Ela olhava como se estivesse pronta para matar. Nadja sorriu, contente por ver que o temperamento da mulher não foi completamente quebrado.

—Estou contente por todos os meus filhos encontrarem noivas. Nós somos uma casa abençoada. — o Rei anunciou quando Ualan e Morrigan sentaram. —Preosts, coroe as Princesas.

Nadja sentiu uma coroa sendo colocada acima de sua cabeça e automaticamente levantou o braço para ajudar Preost a colocá-la sem estragar seu cabelo. Não voltou o olhar para o homem quando ele disse palavras em Qurilixien que ela não entendeu. Ela olhou ao redor, feliz e muito aliviada por não ver nenhuma máquina fotográfica no corredor tirando fotos.

Ela sentiu Olek afetuosamente segurar sua mão e endureceu. Ele olhou para ela, sorrindo amavelmente. Por um momento seu olhar quase a pega, mas afastou os olhos antes de permitir isso.

—Nadja? — Ele perguntou, pensando que ela poderia estar chateada com a coroação. Ele sabia que ela não queria isto.

Em vez de responder sua solicitação silenciosa, ela inquiriu: —Então quem são os embaixadores que nós estamos tentando impressionar?

O rosto de Olek ficou rígido, mas ele movimentou a cabeça rapidamente para uma mesa distante. Um grupo de homens loiros, silenciosos, sentados solenemente, ignorados pela maioria do salão. Apenas um empregado se aproximava deles, parecendo duvidar ao encher os copos. Os homens ainda se mantinham, sem olhar o empregado quando se movia ao redor deles.

—Quem eles são?— Nadja perguntou.

Os embaixadores eram os únicos que se não divertiam no salão. Nadja estremeceu quando dos maiores guerreiros sutilmente devolveu seu olhar. Quase parecia dizer grunhindo que nada lhe gostaria mais que partir seu pescoço entre as mãos. Ela rapidamente afastou os olhos.

—A Casa de Var. — Olek respondeu sem alterar a voz, mantendo sua atenção cuidadosamente treinada sobre eles sem que assim parecesse. —São do reino do Sul. Nós governamos esta metade de Qurilixien, eles a outra metade.

—Sua família governa metade de um planeta?

—Nosso planeta não é tão grande. — Ele modestamente disse, tomando uma bebida.

Os empregados começaram a chegar com pratos de comida, servindo o casal real primeiro e depois os convidados de Var. Os Vars ergueram suas mãos, silenciosamente recusando a comida. Os empregados partiram, colocando seus pratos sobre a mesa mais perto. O salão ficou mais silencioso quando as pessoas começaram a jantar. Músicos tocavam algo suave no canto.

Nadja tentou afastar o olhar dos guerreiros loiros, mas era difícil. Eles bebiam em silêncio, com evidente insatisfação. Para sua surpresa, ninguém deu a eles qualquer atenção, fingindo que eles não existiam. Nadja tinha pensado que seu marido e seus irmãos eram completamente indiferentes aos visitantes até que

ouviu o príncipe Ualan inclinar-se e falar com Olek.

—O que os Var estão fazendo aqui? — Ualan questionou em inglês. Seu tom era duro e ela poderia dizer que ele não tinha muito prazer em receber os convidados de Var em sua casa.

—Eles são nossos convidados. — Olek respondeu.

Nadja virou para olhá-lo. Ela viu a mandíbula de Olek se apertar ao olhar para Ualan. Talvez ele estivesse mais preocupado do que demonstrava.

—Assegure-se de que estejam vigiados. — Ualan disse. — Não quero suas mentiras na Casa de Draig. Haverá um grande preço a pagar se tivermos que castigá-los.

—Yusef está cuidando disto. — Olek disse. Então, passando rapidamente para sua língua materna, ele disse: —Acho que eles quiseram ver os casamentos reais por si mesmos.

Nadja franziu o cenho. Queria ouvir mais do que eles diziam, mas Ualan respondeu ao seu irmão da mesma forma. Era incomodo, como pais explicando detalhadamente as palavras que as crianças não podiam entender. Realmente tinha que intensificar sua prática do idioma se quisesse aprender qualquer coisa.

Nadja percebeu que Morrigan estava olhando para ela, um sorriso sério em seu rosto cansado. Nadja tentou sorrir para chamar a atenção da mulher, mas Morrigan apenas assentiu e se virou.

A maior parte do tempo ela comeu em silêncio. Um empregado veio para pegar seu prato e ela deixou. Olek ocasionalmente conversava com seu irmão em seu idioma. Nadja o olhou, vendo que sua cabeça estava virada para o outro lado. Pensou em como Olek e Ualan realmente se pareciam, mesmo que os olhos de Ualan fossem azuis e o de Olek de um verde mais atraente.

Pia sorriu para ela e Nadja sorriu de volta. Ela desejava poder trocar de lugar com Zoran assim teria alguém com quem conversar. Vendo sua cabeça virada, o olhou Rei a olhou e sorriu abertamente. Ele se voltou para sua esposa, murmurando suavemente algo.

Quando a olhou, Nadja viu o rosto da Pia ficar horrorizado. Uma risada alta soou pelo salão. Para assombro de Nadja, Pia saltou em cima da mesa e foi até o chão. Inclinando-se, ela viu um menino jovem mancando. Um pé virado levemente e começou a se arrastar.

Vários grandes guerreiros Draig bebados riram mais forte enquanto olhavam o rapaz magro perto da mesa. O menino piscou quando Pia se moveu para o lado dele. Ele tentou se curvar, mas sua posição era precária e ele tropeçou em seus pés.

Inconscientemente, a mão de Nadja achou a perna de Olek em baixo da mesa e começou a apertar com seus agitados dedos. Ele ficou tenso quando uma onda de prazer disparou por seu corpo. Virou-se para olhá-la.

—Deixem-no em paz! — Pia ordenou para a mesa de guerreiros. Nadja notou que um Draig levantou-se em meio à distração. A mesa repreendida se calou e olhou para Pia.

—O que deseja de Hienrich, minha senhora? — Um homem forte com uma barba perguntou: —Ele ofende você? Eu irei mandá-lo embora.

Pia ficou vermelha, seu cabelo loiro voando quando ela se virou para baixo.

—Ele não me ofende! Você, porém...

—Minha senhora. — O guerreiro se defendeu. —Ele sabe que nós não queremos machucá-lo. Não é rapaz?

Hienrich com submissão movimentou sua cabeça ao olhar duro do homem.

—Veja. — O homem disse.

—Sim. — Outro acrescentou, um guerreiro menor com o rosto marcado. —Ele pensa se tornar um guerreiro, não é menino?

A mesa começou a rir mais alto.

—Bem eu sou uma Princesa. — Pia anunciou. —E ele será meu guerreiro pessoal.

Os homens olharam-na em choque, mas não muito mais que Heinrich, cuja boca quase caiu no chão.

—Se minha senhora deseja um guerreiro, vamos batalhar pela posição. Não nos insulte nomeando um menino. — Exigiu o grande guerreiro.

O príncipe Zoran chegou para se juntar a sua esposa quando os soldados gritaram de acordo.

—Vamos ter um torneio. — Um deles gritou. Foi recebido com gritos excitados.

—Você ousa questionar uma Princesa?— Começou Zoran. Sua voz tinha tanta autoridade que eles automaticamente respeitaram. O salão ficou em silêncio.

Nadja estremeceu. Ela viu os olhos duros de Pia buscando na multidão. Empurrando a perna de Olek, ela gritou para sua surpresa.

—Ele é meu guerreiro também!

Olek sufocou com seu vinho ao ouvir a Nadja reservada gritar a ordem. Todos os olhos giraram para sua esposa, inclusive o seu.

—E meu também. — Morrigan disse ficando de pé.

Nadja olhou para Morrigan e sorriu. As duas se viraram para Pia que movimentou a cabeça em retorno.

—Aí tem. — Zoran disse, tentando não rir. —Você não pode negar o desejo de três Princesas. Heinrich está agora sob proteção real e será consequentemente tratado de acordo com

sua posição.

O salão ficou cheio de vozes. Ao gesto de Zoran, os músicos começaram a tocar novamente. Nadja observou quando conduziu o rapaz para a cabeceira da mesa para sentá-lo ao lado de Pia, no assento vazio da esposa de Yusef. Pia acenou para um empregado trazer um prato ao menino.

O sombrio Yusef movimentou a cabeça para o menino antes de levantar-se. Ele foi para os músicos que deram as boas-vindas e lhe entregaram um instrumento com aspecto de violão. Ele começou a tocar algumas melodias com eles e demonstrou sua valia completamente na tarefa. Alguém juntou-se a ele, cantando no idioma Qurilixien. Era uma bonita música.

—Isso foi muito amável. — Olek disse quando Nadja sentou-se mais uma vez ao lado dele. Sua mão passou roçando a parte baixa de suas costas e ela estremeceu. —O menino não tem nenhuma família. É bom que todas cuidem dele. Isso demonstra o quão compassiva você é.

Nadja ruborizou, vendo seu prazer nela. Muito consciente de estar em exibição pública, ela se tranquilizou um pouco se afastando dele, que estava mais perto como se fosse beijá-la.

—Você toca?— Nadja perguntou, movimentando sua cabeça em direção a Yusef sentado com os músicos.

—Realmente nunca gostei disso. — Olek respondeu.

Sua mão moveu-se para sua cintura, puxando-a mais perto.

Seus olhos se fixaram em sua boca, o brilho de seus olhos. Seu cabelo estava perfeitamente preso em sua cabeça. Ela era a mulher mais adorável no salão e pertencia a ele.

Nadja viu seus olhos novamente mergulharem em sua boca e ruborizou. Ela suavemente empurrou a mão de seu quadril e pegou o copo de vinho. Olek suspirou alto, gemendo de decepção.

O Rei o olhou. Nadja quase derrubou sua bebida. A Rainha riu deliberadamente pelo aspecto ferido que seu filho estava adotando.

Nadja girou para Olek. Sob sua respiração, ela ralhou: — Pare com isso!

—O que?— Ele perguntou com ingenuidade, seus olhos verdes brilhando com alegria líquida.

—Você sabe o que. — Ela disse, fazendo seu melhor para não ruborizar quando ele lambeu seus lábios e olhou para os seus como se estivesse saboreando-os. —Pare de olhar para mim assim.

—Por quê? — Ele fingiu franzir o cenho, mais seus olhos brilhavam.

—Porque nós estamos em público! Não é apropriado!

Olek olhou ao redor para as mesas mais baixas. Algumas esposas sentadas amorosamente nos colos de seus maridos. Casais se beijando tão abertamente e naturalmente como se

respirassem.

—Mas... — Ele começou.

—Não. — Ela ordenou regamente, já sabendo o que ele iria dizer. —Estou bem ciente do que todo mundo está fazendo. Porém, você é um Príncipe e deve agir com um pouco mais de decoro.

Olek se inclinou sobre seu ombro e piscou. Para sua mortificação, o Rei começou a rir trás dela. Ela virou, suas bochechas vermelhas empalidecendo.

—Ah. — O Rei disse para ela. —Bem dito, minha querida. Vejo que você o tem bem controlado.

A Rainha esmurrou seu braço amorosamente e o Rei Llyr imediatamente se inclinou para beijar seus lábios para todos verem.

Nadja virou o rosto. Olek riu de seus pais e ninguém pareceu notar nas mesas.

—Assim, flor solar... — Olek esperançosamente começou.

—Até não tente isto. — Ela rosnou, cortando-o.

Olek ruidosamente riu. Inclinando-se em seu ouvido não pode controlar-se quando sussurrou: —Então até mais tarde.

Olek mordeu o lóbulo da orelha antes de se afastar. Nadja apenas estremeceu. Ela foi incapaz de olhar para a mesa por um momento longo. Mas, ao ouvir uma profunda voz esqueceu sua

vergonha.

—Rei Llyr. — Reconheceu o grande guerreiro Var que lhe havia gruhnido.

Ele fez uma reverência e ela viu o emblema de um tigre bordado em seu peito onde o Draig normalmente tinha um dragão. Instintivamente se aproximou de Olek, inclinando-se para se apoiar nele. Sua mão foi para sua perna em baixo da mesa. Seu braço estava rígido quando a puxou para si. O guerreiro Var não a olhava diretamente.

Nadja não podia entender o que estava sendo dito. Manteve-se quieta, observando o rosto do homem atentamente. Esperava que Olek traduzisse mais tarde.

—Muitas bênçãos por suas uniões. — O estranho disse. — Que reine por muitos anos.

—Como o seu, Rei Attor. — O regente de Draig retornou, levantando-se para mostrar respeito que não se refletia sinceramente em seus olhos.

A mão de Olek apertou sua cintura e ela estremeceu de medo. Os olhos do rei Attor se moveram de lado, por cima da mesa antes de se afastar.

—O que acabou de acontecer?— Nadja perguntou, girando para ver que os olhos de Olek estavam focados no Var saindo.

Sem responder, Olek balançou sua cabeça para Yusef. Yusef terminou sua parte na canção e passou o instrumento atrás para

seu dono. Nadja viu quando ele se levantou e se moveu para seguir o Var saindo do salão.

—Tudo está certo? — Ela perguntou, movendo-se mais perto para chamar a atenção do Olek. Ele piscou, rompendo sua concentração ao ver seu rosto curioso. Incapaz de evitar, ele beijou a ponta de seu nariz. —Tudo bem, flor solar.

Nadja franziu o cenho, não gostando de seu tom conciliador quando girou uma vez mais seus olhos para a porta onde o Var desapareceu.

Capítulo Treze



A celebração animou-se depois que os embaixadores dos Vars foram embora. Os músicos tocaram mais alto e os casais dançavam. Nadja observava Olek pelo canto de seu olho. Ela o esperou perguntar se queria dançar, mas ele parecia preocupado.

Algun tempo depois de Yusef seguir os Var, um gigante guerreiro foi até a mesa e falou primeiro com o Rei em um murmúrio suave. Ele chamou a atenção dos Príncipes, que se inclinaram para ouvir suas palavras. Nadja viu como seus rostos endurecerem e seus olhos se estreitaram, mas diferente disto assentiram com a cabeça e giraram para suas esposas.

—O que está acontecendo? — Nadja perguntou, girando para Olek. Seus olhos eram duros e sua respiração controlada. — O que está acontecendo?

—Houve um pouco dificuldade com os embaixadores. — Olek respondeu, tentando sorrir para ela. —Nada para se preocupar, mas eu preciso ir.

—Olek, espera. — Nadja começou, querendo que ele confiasse nela. Sentia-se incomoda e assustada.

—Mandarei um dos homens escoltarem você para casa. — Ele disse, acenando até uma mesa. Nadja piscou, olhando para o

guarda. Ele curvou-se quando Olek deu suas ordens.

Inclinando-se, Olek rapidamente a beijou no rosto.

—Voltarei assim que puder.

—Mas... — Nadja ofegou. Sua boca se abriu para tentar pará-lo. Era muito tarde. Ele já descia a plataforma para juntar-se ao seu irmão Ualan. Eles caminharam devagar para a porta lateral, tentando não chamar a atenção para si mesmo.

O Rei ficou e curvou-se para sua esposa. —Minha Rainha.

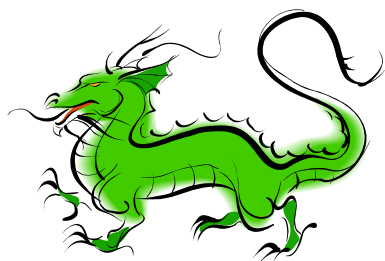
Ela segurou seus braços e, sorrindo, desceu da plataforma de braço com o Rei. Ela segurou levemente o braço de Zoran quando passou por ele, animando-o a se reunir com eles. Atuavam como se nada tivesse acontecido. Nadja piscou, olhando para onde o soldado estava esperando por ela. Ele curvou-se novamente, oferecendo sua mão. Morrigan já estava sendo levado longe por um empregado. Ela parecia pálida.

Nadja, perdida, ficou de pé e seguiu o guarda. Ele manteve-se calado enquanto a guiava pelos corredores que levavam à sua casa. Uma vez que Nadja deu a ordem para abrir a porta, se moveu de lado e de costas para a parede, permanecendo de guarda.

—Você quer entrar?— Ela educadamente perguntou. —Você não tem que esperar aqui fora.

O guarda movimentou a cabeça agradecendo, mas falou não.

—Boa noite, então. — Ela murmurou. Seu rosto girou diretamente e duro para a parede oposta. Nadja balançou a cabeça e foi para o lado de dentro.



Olek e Ualan se apressaram pelas passagens de castelo para a ala médica onde Yusef estava sendo entregue. Agro não pode dizer a eles muita coisa, mas que Yusef foi atacado por trás enquanto escoltava o Rei Attor fora de Draig. Agro parecia bastante confiante de que não foi o Rei ou seus embaixadores que deram o golpe, mas os Vars não estavam fora de suspeita.

Ouvindo o grito de dor de Yusef, os Príncipes começaram a correr. Llyr, Zoran, e Mede estavam rapidamente atrás deles. Foi difícil não ir pelos corredores, mas seria inútil alarmar o castelo até que eles soubessem o que estava acontecendo. Vendo Agro colocar seu irmão em uma cama enquanto os médicos trabalhavam, Ualan e Olek entraram para revelar sua posição. Agro se afastou, seu rosto tenso. Yusef lutava como um urso, mas perdeu muito sangue e se debilitava rapidamente.

—Eles o apunhalaram por trás. Não teve tempo para mudar.
— Agro disse para família de Yusef.

O Rei movimentou a cabeça em agradecimento ao homem leal. Agro era um bom amigo, cresceu com os quatro Príncipes.

Falando baixo, ele ordenou: —Agro, junte os rastreadores e veja se conseguem alguma pista.

—Eu os guiarei pessoalmente. — Agro declarou. Mudando a uma terrível forma Draig ele marchou a uma velocidade acelerada.

—Minha esposa. — Yusef gemeu, quase incoerente.

Ualan girou para seu pai quando Yusef finalmente desmaiou. Soltou o homem. Olek fez o mesmo.

—Nós devíamos enviar alguém para buscar sua esposa.

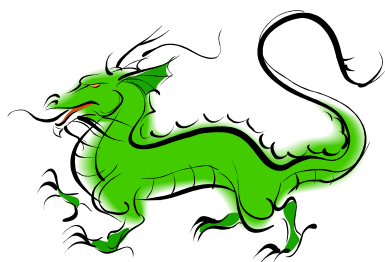
—Ela está sobre castigo. — Olek disse. —Envie alguém discreto, alguém que não a assustará em sua forma Draig. Nós não sabemos quanto ele contou a ela. Ela pode nem sequer saber que é da família real.

Zoran movimentou a cabeça de acordo, olhando de onde estava falando com um guarda. Ele acenou para que o homem fosse.

—Já cuidei disso. — Zoran disse. —Eles vão trazê-la imediatamente.

A família girou até onde os médicos trabalhavam em silêncio. Os rostos mantinham-se em tensão enquanto esperavam que Yusef se recuperasse. Meia hora mais tarde, Yusef estava vendado, mas inda inconsciente. O médico lhes disse que, como não teve tempo para mudar a sua forma Draig, as feridas da faca entraram profundamente na pele, ainda estava em perigo. Mas,

sentiam-se esperançosos com sua recuperação.



Olek silenciosamente fez sua rota desde o corredor vermelho para sua casa. Vendo o soldado que deixou para proteger Nadja ainda de guarda na porta, fez um gesto de que podia ir embora. O guarda saudou respeitosamente e não disse nada ao sair.

Nadja estava ainda com seu vestido formal quando ele entrou. Parecia que estava andando freneticamente para cima e para baixo esperando seu retorno. Quando a porta se abriu, ela lançou-se para cima dele.

—Você está bem? — Se apressou em dizer, com o rosto contraído de preocupação enquanto o olhava. —O que aconteceu? — Olek não desejava alarmá-la. Ela não pediu o fardo de sua vida real e ele não queria aborrecê-la com isto. —Tudo está bem, flor solar.

—Então? O que foi tudo isso? — Nadja exigiu, ofegante com alívio por vê-lo seguro. —Por que tinha um guarda na porta? Pensei que estávamos sendo atacados.

—Yusef teve um pequeno acidente. O médico disse que ele ficará bem.

Nadja acreditou. Ela soltou um suspiro pesado.

—Você me deixou tão preocupada, eu tinha certeza de que algo ruim aconteceu com os embaixadores.

Os olhos de Olek ficaram como fogo líquido percorrendo seu vestido. Nadja viu o olhar e imediatamente se afastou.

—Oh, não. — Declarou, enquanto o prazer e consciência começavam a aparecer. —Eu não acabei de falar.

—Quem disse que nós temos que parar de conversar. — Olek disse, começando a persegui-la. Nadja se afastou, indo para perto da fonte. —Eu só quero cobrar o beijo que você me deve.

—Que beijo?— Nadja perguntou, fingindo inocência. Ela bateu seus cílios.

—Antes de nós sairmos hoje à noite, você me prometeu um beijo. — Olek murmurou. —Aqui, deixe-me lembrar você.

Aproximando-se suas mãos a seguraram pela cintura. Nadja ofegou, aterrorizada por sua velocidade. Seus dedos tocaram o fecho empurraram o material de cima, para que os dedos pudessem deslizar sobre o vestido creme até as costas.

—Acho que estávamos justamente assim. — Ele disse, apertando-a. — E você prometeu me beijar se eu não estragasse seu cabelo.

Nadja estremeceu quando ele se aproximou mais. Sua mão firmemente apertava suas costas, obrigando a que seu decote subisse e se apertasse contra ele. Seus olhos foram para baixo, devorando os globos cremosos com um olhar ardente.

—Estou esperando. — Ele murmurou, sua respiração no pescoço nu e o topo de seu peito. —Onde está meu beijo?

Nadja se inclinou para frente e depressa deu-lhe um beijo nos lábios. Quando ela se afastou, ele não estava sorrindo.

—Travessa flor solar. — Olek grunhiu, balançando a cabeça em negação. Seus olhos a perfuravam com fogo e necessidade. —Isto não é nenhum beijo.

—Você não especificou. — Nadja declarou. —Agora me deixe ir, assim eu posso conversar com você.

—Fale. — Ele disse, um sorriso tocando seu rosto. —E eu mostrarei a você como um beijo realmente é.

Nadja ofegou quando sua cabeça foi até o topo de seu seio e ele imediatamente começou a devorá-los com os lábios apaixonados. Ela ofegou, debilitando-se em seus braços. Seu coração batia sob sua língua, trovejando de modo selvagem.

Quando ele completamente derreteu a força de vontade dela, ergueu sua cabeça e sorriu.

—Você não fala, flor solar? Pensei que quisesse conversar.

—Eu... — Ela começou, tentando por sua vida recordar o que queria perguntar a ele. Nada veio prontamente para se importar.

—Que tal se eu falar, então? — Olek disse. —Devo dizer a você o que pensei a noite toda?

Nadja congelou. As mãos deles ficavam cada vez mais

atrevidas em suas costas, levantando sua saia por trás, para expor suas pernas.

—Eu deveria dizer a você em que estou sempre pensando?

— Ele apaixonadamente continuou, reivindicando-a com seus olhos profundos. Suas mãos encontraram seu traseiro firme e acariciou-o.

—Sim. — Nadja ofegou sem afastar os olhos. Seu corpo estava ficando úmido apenas escutando sua voz sedutora. De repente, ela estava quente — quase muito quente — e tinha problemas para respirar.

—Penso em você, flor solar, o tempo todo. Penso em ter você de pelo menos cem modos diferentes.

Nadja ofegou com a atrevida admissão.

—Deveria dizer como tomar você? — Olek perguntou, inclinando-se para lambear seu pescoço.

—Sim. — Ela respirou, seus olhos se fechando. —Sim, Olek.

—Quero fazer amor com você aqui no chão, no sofá, no banheiro, no tapete de pele em nosso quarto de frente a lareira. Toda vez que te vejo, quero tirar sua roupa e fazer coisas malvadas com você. Quero te amarrar e conquistar. Quero te inclinar sobre a mesa do meu escritório e te pegar por trás. Já quase não posso pensar ultimamente. — A boca de Olek ficou mais atrevida, lambendo, mordendo, deixando um rastro de beijos por sua clavícula. —Estou sempre duro, flor solar. Preciso

entrar em você. Quero te sentir úmida, suave...

Olek não esperou. Ele agarrou sua mão e a levou para sua ereção. Nadja ofegou pelo profundo poder dele.

—Isto é o que você faz comigo, Nadja. — A mão de Olek voltou para sua saia, erguendo-a. Seus dedos a rodearam suavemente desde atrás, apertando-a para provar sua resposta a ele. Não se sentiu decepcionado quando deslizou entre os úmidos lábios. —Diga que está quente por mim. Diga para te tomar agora e aqui. Não me faça esperar mais.

—Ah. — A boca da Nadja se abriu para gritar sua aceitação.

—Draea Anwealda!— Chegou um grito agudo.

O grito foi seguido por um golpe frenético na porta. Nadja balançou em alarme, piscando fortemente.

—Draea Anwealda!— Uma voz assustada de mulher gritou mais forte. —Venha depressa, você e a Princesa!

Nadja piscou novamente enquanto olhava para Olek. Ele a deixou ir. Seu corpo tremendo em protesto. Ele não iria deixá-la nessa condição novamente, não é?

—O que é isto?— Nadja perguntou. —O que ela está dizendo?

Foi duro, mas Olek conseguiu se afastar dela. Seu corpo não podia aguentar mais dessa negação dolorosa.

—Ela está dizendo que nós precisamos ir. — Ele respondeu

com voz estrangulada. Mas sua ereção pulsava dolorosamente. Seu estômago apertou dolorosamente. Sob sua respiração. — Vamos.

Nadja arrumou seu vestido enquanto Olek gritou para a porta se abrir. Ele pegou sua mão, guiando-a para frente.

—O que está acontecendo? — Ele perguntou à mulher.

—Te necessitam na ala médica. — A mulher disse, suas palavras em Qurilixien terminando rápido. —São as princesas, elas foram envenenadas!

A mulher saiu correndo para advertir os outros. Olek girou para sua esposa. Ela estava pálida, tremendo enquanto o olhava.

—O que aconteceu? — Nadja perguntou, quando Olek agarrou sua mão.

—Vamos, nós precisamos ir. — Respondeu, apavorado. Sem esperar ela responder, ele começou a correr, puxando sua esposa assustada atrás dele.

Nadja viu que Olek estava levando-a para a ala médica. Seu peito se levantava pela corrida, ela o puxou pela mão à medida que ele diminuiu a velocidade.

—O que está acontecendo? Alguém se machucou? — Ela perguntou, entrando com ele. Sua família estava lá. Ualan parecia torturado, enquanto olhava cegamente a porta da sala de operações. Ela viu Yusef na cama em mal estado. Sua pele estava pálida e estava vendado no peito todo. Girando para Olek, suas

sobrancelhas se enrugaram em confusão. — Você disse que foi um pequeno acidente.

Olek não teve tempo para responder ou explicar. Nadja piscou. Havia rumores de conversas ao redor que não podia entender. A Rainha estava junto com o Rei. Mede estava balançando a cabeça, falando freneticamente com Olek, gesticulando em direção a Nadja e Pia.

—Olek? — Nadja insistiu levantando a voz, confusa.

Olek se voltou para sua esposa, seu rosto duro. Não havia tempo para explicar o que estava acontecendo. Ele pegou sua mão, conduziu-a até o médico que a aguardava. Zoran estava fazendo o mesmo com uma confusa Pia. Nadja tremeu. O médico estava coberto completamente com equipamento protetor, até seus óculos de proteção. Isto não era bom.

—Vá com o médico, Nadja. — Ele disse. —Nós conversaremos assim que você sair.

—Eu irei com elas. — A Rainha disse seguindo as Princesas para o quarto de trás. Mas, o médico pediu que ficasse de fora. A rainha piscou confusa, mas obedeceu.

—Mas... — Pia começou, protestando com empurrão insistente de Zoran. —Eu me sinto bem. Eu não fui envenenada.

Os olhos de Nadja se abriram com horror ao ouvir a declaração e ela girou ao redor para olhar fixamente para Olek. Seus lábios apertados quando ele movimentou a cabeça para ela

continuar. A mão de Mede estava em seu braço, empurrando-a para frente.

—Vá, querida. — Mede disse. —Se apresse.

Nadja foi levada para o quarto com Pia. O médico virou para uma das mulheres, tirando duas unidades médicas portáteis. Sem nenhum comentário, ele agarrou seus braços e tirou uma amostra de seu sangue. Nenhuma mulher falou enquanto o homem fazia os exames.

Fora do quarto, Olek sentia-se como se estivesse morrendo. Morrigan foi envenenada e podia estar morrendo no outro quarto. Yusef estava ainda inconsciente. De repente, Ualan falou, declarando o que todos estavam pensando.

—Se qualquer um de nossa família morrer... — Ualan jurou para seu pai. Sua voz rouca com um grunhido quando seu rosto começou a endurecer. Seus olhos ardiam amarelos e dentes afiados se estendiam em sua boca. Assemelhando-se a uma fera, ele rugiu. —Haverá sangue.

—Haverá sangue de qualquer modo. — Zoran disse, com a escuridão em seus olhos.

Olek movimentou a cabeça em acordo firme, olhando fixamente para a porta que o separava de Nadja, incapaz de falar até que soubesse que sua esposa viveria.



Os testes de sangue de Pia e Nadja não deram nada. Elas estavam incólumes. Olek quase desmaiou de alívio quando o médico contou. Nadja estava tremendamente tensa quando ele a puxou em seus braços, mas ela não disse nada e não se afastou. Logo, todos se sentaram silenciosamente juntos na área médica, perto de um imóvel Yusef, enquanto esperavam notícias sobre a esposa de Ualan.

Morrigan estava muito mal e não parava de vomitar, até em seu sono. Ela foi envenenada. Seu corpo lutava por sua vida corajosamente no fim ela ganhou a batalha, embora por pouco. Ualan suspirou fortemente com as notícias e foi levado imediatamente para o lado de sua esposa, onde ficou.

O Rei pediu que toda a comida e vinho fossem testados, começando com o de Morrigan. O veneno foi imediatamente achado em um copo. O empregado responsável por servir a bebida foi chamado. Logo se viu que não foi culpa sua. Um dos homens do Rei Attor o distraíram quando ele estava se preparando para servir a bebida real.

A bebida era destinada ao Rei e a Rainha. Mas, quando o Rei Attor levantou-se para falar, o empregado colocou o copo na frente de Morrigan para que não atrapalhasse. Ele nunca

imaginou que a Princesa Morrigan não reconheceria o selo do Rei e realmente tomaria a bebida. Se Mede ou Llyr tivessem dado um gole, imediatamente teriam morrido. O veneno trabalhava mais lentamente nos humanos.

A família relaxou um pouco, até que o soldado de Zoran, que foi enviado para buscar a esposa de Yusef voltou sozinho. Ele parecia preocupado, de pé na entrada, olhando a família real.

—Onde está ela? — Zoran perguntou, assim que viu o homem. Pia saltou a seu lado pelo barulho.

—A dama não estava. — O soldado anunciou. —Parece ter havido uma luta. Nós cheiramos sangue de Var, mas nenhum humano. Ela deve ainda estar viva.

O Rei grunhiu.

—Seguimos o rastro pela floresta. Ordenei aos demais que os seguissem. — O soldado disse para Zoran.

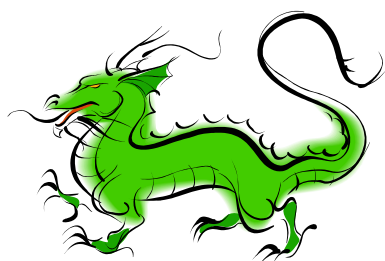
—Deve chamar de volta os soldados e chamar os melhores rastreadores. — Olek disse tranquilamente. Nadja, que estava de pé ao seu lado, girou para olhá-lo, surpresa com a gravidade de sua voz e contente por todos falarem de forma clara. —Deixem que pensem que escaparam pelos pântanos sombreados. Uma vez que encontrarmos o local, os seguiremos e vingaremos o nome de Yusef.

—Olek tem razão. — Zoran disse para seu pai, mudando o idioma em deferência às mulheres. —Se a quisessem morta, já a

teriam matado. A levaram por alguma razão. Se perceberem que os homens os estão seguindo, poderiam se ver obrigados a se livrarem dela para escapar.

Nadja manteve-se calada, entretanto ela não gostava da ideia de Olek indo para a batalha.

Os homens olharam de um para o outro, movimentando a cabeça de acordo e sabendo que a vingança seria deles.



Quando esteve claro que nada poderia ser feito, a família real foi para suas casas. Somente Ualan ficou em vigília junto a sua esposa e irmão, prometendo enviar notícias se houvessem quaisquer mudanças.

Nadja bocejou quando Olek abriu a porta. Deu um passo vacilante ante ele, arrastando os pés. Enquanto a porta se fechava atrás deles, ele estendeu os braços, descansando o peito nas costas dela. Ternamente apoiou o queixo no cabelo dela.

—Eu estou tão contente por você estar bem. — Olek sussurrou, inclinando-se para beijar seu pescoço.

Nadja endureceu.

—Nadja?

—Afaste-se de mim, Olek. — Nadja disse, afastando-se. Ela girou para olhar fixamente para ele. Raiva fervia pelos poros de sua pele, mas sua voz era mortal. —Você mentiu para mim sobre seu irmão. Eu não posso conversar com você agora.

Ela o deixou de pé no corredor, indo para o quarto. Suspirando, desabotoou o vestido e jogou-o sobre uma cadeira, vestindo uma roupa mais cômoda para ir para a cama.

O corpo de Olek ardia com a rejeição. Lentamente, foi caminhando para seu escritório. Passando a mão por cima da parede, um armário de licor escondido se abriu. Encheu o copo de forma generosa e sentou-se, tomando-o confuso.

Sabia que Nadja nunca quis ser uma Princesa. Ela disse a ele desde o início, mas esperou que se adaptasse.

Terminando sua bebida, ele foi para o quarto e trocou de roupa. Debateu-se entre dormir no sofá, mas decidiu que sua cama, ao lado da mulher, era onde correspondia estar. Deitou-se ao lado dela sobre o cobertor. Nadja suspirou, mas não despertou. Olek estava contente por ela não resistir quando a pegou entre seus braços protetores. Seu corpo se enroscou intimamente com ela e a grossa roupa de algodão não era suficiente para que a suavidade de seu corpo não chamasse sua atenção. Amaldiçoando sua ereção desesperada, rejeitou soltá-la. Não importava quanto doesse tê-la em seus braços, a alternativa era muito pior.

Capítulo Quatorze



Nadja despertou sobressaltada. O braço de Olek estava ao redor de seu corpo, abraçando suas costas perto de seu peito. Havia uma dureza apertada intimamente em seu traseiro. Em uma ofuscação sonolenta, girou para ele. Suas mãos deslizaram subindo de lado pelo corpo dele, incapaz de ver seu rosto no quarto escuro. Os dedos passaram por seu peito nu, afastando a camisa enquanto se movia para senti-lo. O quadril dela se inclinou de forma instintiva mais perto de onde ele estava. Ela gemeu ao senti-lo e seus lábios buscaram cegamente beijá-lo.

Olek ofegou, imediatamente despertando, só para gemer quando sentiu o corpo suave de Nadja perto do seu. A boca dela se abria contra seus lábios em um beijo sonolento e terno. Suas mãos estavam em seu peito, roçando até o pescoço enquanto o puxava para ela. Sua coxa estava por cima do quadril dele, incansavelmente tentando senti-lo, puxando-o para mantê-lo perto.

As mãos dele deslizaram pelo corpo dela, incapaz de resistir a ardente paixão que ela despertava nele. Se manteve quieto, envolvido no feitiço de sua forma de fazer amor. As mãos dela estavam em seu peito. Os dedos dela acariciavam seus músculos, roçando os mamilos. Ele tirou a camisa dos ombros e voltou sua atenção para ela. Nadja gemeu levemente quando sentiu os

tensos e cálidos braços a estreitando.

Olek a fez rodar sobre suas costas. Beijou-a na boca, passando logo a seu rosto e garganta. Tirou a camisa dela e jogou longe, amando sentir sua pele sob a dele, tão doce, tão quente. O único som era a respiração dela enquanto se exploravam em todas as direções.

Nadja descobriu como era delicioso ser acariciada na parte debaixo de suas costas, curvando-se até seu traseiro dentro da calça. Suas mãos entraram no material de algodão fazendo com que ele gemesse contra o peito dela. O som a deixou arrepiada em todo o corpo e notou como disparavam fogos artificiais por toda sua pele. O quadril dele se agitou enquanto ela seguia seu caminho pela parte da frente. Ele encolheu o estômago para facilitar. Em seguida, as mãos dela estavam no centro de seu desejo, acariciando-o, sentindo-o, descobrindo-o. Nadja não estava assustada, nunca se assustou em um sonho tão doce. Tinha os olhos fechados, assim que deveria estar sonhando. Seu corpo sentia-se como o céu. Olek estava tão quente contra sua pele.

—Olek. — Ela gemeu, querendo que ele a tocasse como ela o estava tocando.

Olek ouviu seu apelo e se afastou. Com velocidade sobrenatural, ele tirou o resto das roupas para que não houvesse limites. As penas suaves dela tocaram suas coxas cobertas de pelos e era mais do que podia suportar.

Querendo ter certeza que ela estava pronta, ele foi beijando seu estômago. Nadja ofegou surpresa. A língua de Olek acariciou seu umbigo antes dele descer mais para provar sua doçura. Sua boca lhe deu um beijo de cada lado de seu quadril.

Nadja tentou fechar as pernas, mas as mãos dele se desviaram para suas coxas, abrindo-as.

Com um gemido, provou sua umidade com a língua. Seus quadris ondularam com surpresa, um gemido rouco saiu de sua boca. O beijo de Olek simplesmente ficou mais profundo, satisfeito em descobrir que o corpo dela estava mais que pronto para aceitá-lo. O reino todo poderia bater em sua porta, não iria parar desta vez. Bebeu o prazer dela, fazendo com que suas pernas ficassem tensas e seu quadril se arqueou para ele. Sentiu um suave tremor no início. Oh, ela estava muito perto. Não pode evitar sorrir. Habilmente, se colocou em cima dela, segurando-se em suas mãos enquanto seu quadril buscava entrar nela, Nadja sentiu uma momentânea apreensão. Ela notou quão grande ele era em sua mão, viu antes seu tamanho. O calor de sua ereção abrasava sua coxa e se aproximava para reclamá-la.

—Olek. — Nadja respirou, querendo confiar nele, mas assustada.

—Oh, Nadja. — Olek gemeu, vendo que ela estava para hesitar. Suas palavras terminaram em um sussurro: — Você se sente tão bem. Tenho que ter você.

Olek entrou nela. Sentiu o corpo dela se apertar ao redor

dele, enquanto encontrava seu caminho dentro dessa profundidade sedosa. Os olhos de Nadja se abriram. Seus dedos se agarraram aos braços deles. Olek gemeu em êxtase, ajustando-se mais fundo.

O corpo de Nadja queimava e doía. As lágrimas subiram a seus olhos e ela começou a ofegar. Olek continuou empurrando e ela entrou em pânico, golpeando seu braço.

—Pare. — Ela respirou assustada por sentir-se tão cheia e ardente e ao mesmo tempo tremendamente úmida. Sua mente tentava se ajustar.

Olek piscou com surpresa, sentindo os músculos tensos ao redor dele. Queria ir mais fundo, mas se conteve, permitindo que o corpo dela se acostumasse.

—Está tudo bem, flor solar. — Ele disse, sua voz trêmula. — Tente relaxar.

—Acho que isto não está funcionando. — Ela sussurrou com sinceridade.

A risada de Olek era dolorosa. Ele entrou um pouco mais fundo. Oh, mas era uma agonia agriçoce. Inclinação embaixo dele, sussurrou: —Foi feita para me receber assim.

Nadja ficou tensa, não muito segura. Olek se retirou e começou com penetrações pouco profundas, enquanto tentava dilatá-la para que pudesse aceitá-lo. Havia esperado muito para tê-la, foi pressionado sem ter nenhuma satisfação. Agora que a

tinha onde queria, quase não podia parar para pensar. Foi difícil, mas se manteve sem entrar até o fundo dessa sedosa profundidade.

—Assim. — Ele disse, movendo seu quadril um pouco mais rápido. Nadja começou a sentir um fogo construindo-se em suas entranhas enquanto os movimentos dele se aceleravam, substituindo o puro ardor do início. —Oh, assim, flor solar. Apenas quero ir um pouco mais fundo, só um pouco... oh, sim, ah.

Nadja começou a tremer, sentindo uma sensação em toda sua carne. Antes de poder descobrir a profundidade real daquilo que seu corpo tentava mostrar-lhe, Olek ficou tenso. Sua pele suada deslizou sob as mãos dela, tremendo violentamente. Seu grito ressoou por cima dela, forte e conquistador.

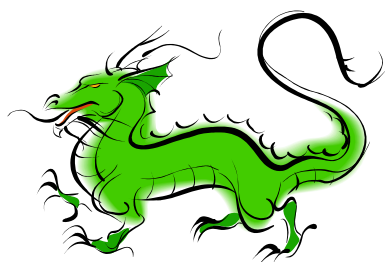
As mãos de Nadja caíram ao ouvi-lo. Seus pulmões ansiavam respirar. Era como nada que ela já experimentou. Um calor curioso se estendia por suas pernas, fazendo-as ficar fracas. Seu corpo doía, mas não era tão ruim.

Olek grunhiu enquanto deslizava fora dela, completamente saciado. Alcançando-a pegou-a entre seus braços, beijando-a incansável no pulso. Ele afastou o cabelo com o nariz, curvando seu corpo para se adaptar ao dela.

—Disseram-me que a primeira vez que é sempre um pouco difícil. — Ele sussurrou em seu cabelo. Nadja estremeceu. — Quando seu corpo se acostumar a mim, será melhor. Eu prometo

a você, minha doce flor solar.

Nadja estremeceu novamente, não certa de poder tomar mais daquilo que ele acabava de mostrar. Olek a segurou ali, na escuridão, enquanto dormiam.



Quando Nadja despertou seu corpo todo doía. Seu primeiro pensamento foi que era muito cedo para ter cólicas. Seu segundo pensamento foi. *O que aconteceu com minhas roupas?* O terceiro pensamento chegou quando abriu completamente os olhos. *Porque alguém está beijando meu pescoço?*

—Fogo. — Disse com voz rouca. Nadja se levantou na penumbra enquanto a lareira iluminava o lugar. Agarrando o cobertor em seu peito, ela olhou para Olek. Ele estava ao seu lado na cama sorrindo como um bobo.

Nadja olhou fixamente para ele, tentando concentrar-se no que estava acontecendo.

—Descanse. — Ele disse, suas mãos indo para suas costas. Sua pele imediatamente se acendeu com as lembranças, enquanto ele passava as mãos por suas costas. Arrepiou-se, ainda que não sentisse frio.

Nadja saltou, afastando-se dele. Seus olhos muito abertos,

puxou o cobertor enquanto saltava da cama para se afastar dele. Quando girou, Olek estava na cama nu, usando nada mais que um confuso cenho franzido e uma ereção pronta e evidente.

—O que você está fazendo? — Ela sussurrou. Seu corpo pulsou quando ela tentou se mover. Seus olhos viajaram por sua forma, tentando não olhar fixamente a parte mais predominante que reclamava sua atenção.

—Nadja?— Olek perguntou em confusão, sentando-se.

A força total do que fizeram a golpeou como uma tonelada de tijolos na cabeça. Ela engoliu. Seus olhos foram para a mancha vermelha na cama onde ela tinha dormido. Balançou a cabeça e olhando fixamente, murmurou: —Era um sonho. Não era real.

Olek sorriu, ele se moveu para sentar, completamente sem complexos por ela olhá-lo. Nadja não olhou. Afastou os olhos enquanto ia ao armário, buscando suas roupas.

—Nadja. — Ele riu. Ele estava de muito bom humor. Seu corpo cantava com a tensão liberada e sentia-se como se realmente houvesse dormido em lugar de dar voltas à noite. Se ela não estivesse muito dolorida, seu corpo estava mais que disposto a tentar novamente. —Está tudo bem, volte para a cama.

Nadja voltou do armário, balançando a cabeça. Seus braços estavam cheios de roupas enquanto passava apressada por ele

para a porta do quarto, ainda segurando o cobertor em volta do seu corpo nu.

—Nadja. — Ele disse severamente, seu bom humor sumindo ao ver a afronta dela. Para sua surpresa, ela nesse momento levantou a voz e ao responder estava gritando.

Irritada, Nadja gritou: —Não pode ser que fizemos isso! Estou muito irritada com você! Oh, como pode fazer isso comigo?

—Nadja. — Ele tentou racionalizar. —Você me despertou. Você estava me beijando.

Ela parou, girando para ele.

—Eu disse a você que estava sonhando. Se eu estivesse acordado nunca beijaria você. Eu nem mesmo gosto de você agora! Por que eu beijaria você quando eu não gosto de você?

Olek ficou de pé para segui-la, movendo-se atrás dela sem se aborrecer em vestir-se. Nadja acelerou seu passo, deslizando com as cobertas enquanto tentava se afastar.

—Porque você está tão irritada?— Ele perguntou exasperado e completamente perdido. Seus braços gesticularam no ar.

—Você mentiu para mim sobre Yusef! Você disse que não era nada. — Ela gritou. Golpeando a cabeceira da cama enquanto se virava para fulminá-lo com o olhar. Ele estava gloriosamente nu e ela fez um esforço para não rir. —Sempre é tão reservado sobre o que você faz. Oh, seus tão importantes deveres principescos. Não vamos dizer nada para Nadja sobre eles,

obviamente não podemos confiar nela!

Nadja entrou no banheiro como uma tormenta batendo a porta atrás de si. Deixou cair às roupas no chão e virou para fechar a porta com chave. Muito tarde, Olek já tinha entrado.

—Eu não queria te incomodar com isso. — Ele grunhiu.

—Não precisa mentir. Você disse que foi um acidente. Eu vi seus ferimentos, Olek. O que aconteceu? Ele caiu sobre uma faca mais ou menos quinze vezes? — Ela exigiu, seus olhos azuis cheios de incredulidade.

—Eu estava tentando proteger você! Eu sei que você odeia ser uma Princesa e eu não queria que você se assustasse por isso.

—Isto não era sua decisão! Eu tenho todo o direito de saber se minha vida possivelmente pode estar em perigo.

—Eu sou seu marido. — Ele anunciou, seu rosto vermelho com raiva. Tudo o que ele queria fazer aquela manhã era amá-la novamente e se encontrava em uma briga. —É meu dever decidir o que é melhor para você!

—O que é melhor para mim?!— Ela disse com uma risada amarga. —Você só quer me controlar. Você pode falar docemente, Olek, mas você é exatamente como meu pai. Você só quer me dizer o que fazer e onde ir e quem tenho que ser. Logo estará dizendo o que eu posso e não posso comer! Bem, já passei por este tipo de controle e não preciso que nem você nem

ninguém, tente me proteger.

Olek engoliu, vendo o brilho estranho que ela tinha em seus olhos quando falou. A represa que ele temeu por tanto tempo rompeu-se dentro dela, até que ela estivesse furiosa. Ele não podia lutar com aquele tipo de paixão, não até que ela esfriasse, não até que ela voltasse à razão.

—Agora saia! — Ela gritou. —Eu vou tomar banho e vou visitar Morrigan e ver se ela já acordou.

—Certo. — Ele rosnou.

—Certo!

Olek bateu a porta. Nadja fechou com chave para garantir que ele ficasse de fora. Então, girando ela soltou a cobertura e furiosamente foi tomar banho.



Olek se foi quando Nadja finalmente saiu do banheiro. Ela não se importava, enquanto atravessava rapidamente os corredores até a ala médica. O lugar estava deserto, exceto por uma amável senhora na recepção. Nadja descobriu que ela estava casada com um dos médicos e que simplesmente ajudava quando os homens tinham lesões ou quando havia um paciente para vigiar como nesse momento.

Morrigan acordou e teve permissão para ir para casa terminar de se recuperar. A mulher disse a ela que o remédio para dor que lhe deram a manteria nocauteado a maior parte do tempo. O príncipe Ualan foi com ela, mas agora ele estava se encontrando com seus irmãos.

Yusef estava ainda inconsciente. A mulher na mesa perguntou se Nadja iria ficar por algum tempo e se importaria de se sentar com o paciente até que voltasse de uma incumbência pequena. Nadja concordou, parando para ficar com Yusef.

Assim que a mulher se foi e ela ficou sozinha, observou seu cunhado. Encontrou um papel de exame e depois outro. Leu seus níveis em uma unidade manual que estava conectada. Na continuação começou a examinar suas feridas, fazendo-o girar de lado a outro para ver suas costas. Levantou as bandagens. Observando uma ferida particularmente grande, franziu o cenho. Indo para as caixas de cristal atrás do escritório, se surpreendeu por encontrá-las abertas. Em poucos segundos tinha vários frascos alinhados e estava mesclando ingredientes. Ajudou seu pai nos cuidados posteriores às cirurgias o suficiente para saber o que estava fazendo.

Indo até Yusef, ela o rolou sobre suas costas e afastou o cabelo escuro de sua testa. Respirando profundamente disse: — Yusef?

Nenhuma resposta.

—Vou te dar uma injeção. — Ela continuou. —Fará que você

se sentir melhor. É muito melhor que os calmantes. Ajudará a se curar mais rápido.

Ainda nenhuma resposta.

Achando uma seringa, encheu-a com a mistura e injetou na veia em seu braço.

Quase imediatamente, os olhos de Yusef se abriram. Seu corpo estremeceu com dor. Ele olhou interrogante para a agulha em seu braço. Seus olhos se estreitaram.

—Shh. — Ela sussurrou, afastando a agulha. —Isto ajudará você.

Os olhos de Yusef tremularam, parecendo relaxar.

Nadja esvaziou seu material em um lixo reciclado e apertou o botão. Então, colocou os frascos onde os encontrou. Quando a recepcionista voltou, estava sentada ingenuamente ao lado de Yusef.

A recepcionista olhou o paciente e agitou sua cabeça.

—Eu tenho olhado fixamente para ele quase a noite inteira e eu não vi nenhuma mudança. Mas realmente acho que sua cor está voltando. Qualquer coisa que tenha dito para ele deve ter funcionado como um milagre.

Nadja sorriu amavelmente e não disse nada. Ela saiu da ala médica, sentindo que talvez houvesse feito algo realmente bom pela primeira vez em sua vida com os conhecimentos que seu pai

deu a ela.



Olek agarrou o chifre de sua montaria. As costas largas de animal de movia a cada passo, acostumado ao peso do cavaleiro guerreiro. Sua boca estava um pouco aberta mostrando a língua longa. Tinha os olhos de um réptil, o rosto de uma besta e a forma de corpo de um elefante pequeno. Era tremendamente rápido para um animal tão grande e igualmente mortal.

As mãos de Olek foram para a espada em sua cintura à medida que ele diminuía a velocidade, alinhando-se atrás de seus irmãos enquanto se aproximavam das sombras. Os rastreadores haviam informado que foi difícil, mas haviam encontrado a esposa de Yusef e seus captores Var que acampavam na área. Era um lugar terrível. O cheiro podre das raízes das plantas aquáticas e carcaças de animais mascaravam inclusive os pequenos cheiros da maioria dos de sua classe, totalmente, menos para os rastreadores, um grupo de elite Draig que foram escolhidos por seu olfato extremamente desenvolvido.

Cavalgava com Ualan, Zoran e seu pai. Os rastreadores disseram que a Princesa ainda estava viva. Parecida incólume, entretanto estava amarrada a uma árvore e quase nua. Os Príncipes todos silenciosamente se perguntaram se abusaram

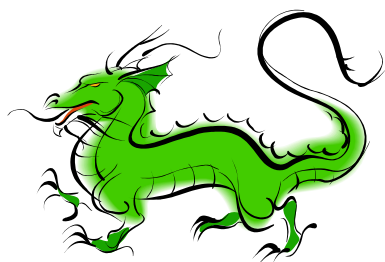
dela. Não importaria à Yusef. Ele a aceitaria, sempre que ela o desejasse.

Fumegando, ele pensou em Nadja. Não sabia o que faria se a mulher o afastasse. Inclusive quando queria estrangular a encantadora mulher, ele queria beijá-la. Ela era sua outra, muito enervante, metade.

Olek grunhiu, posando o olhar em seus irmãos, que compartilhavam seu mau humor. O rei franziu o cenho, sabendo que todos seus filhos estavam atormentados.

A última noite foi dolorosamente doce. A melhor que ele já experimentou. Seus braços doíam para abraçá-la, seu corpo para reclamá-la. Inclusive nesse momento, queria girar em sua montaria e voltar com ela. Mas nessa mesma manhã, ela havia acabado com esse sentimento afastando-se dele. Como se atrevia gritar com ele por ter tentado protegê-la fortemente mundo? Ele só queria protegê-la.

—Guarde sua raiva para os Vars. — Zoran grunhiu a ordem. Seus olhos brilharam com intenções assassinas. —Se derramar sangue não aplacar nossa ira, então nada fará.



Todos eles estavam salpicados de sangue da batalha com os

Vars. Nenhum dos quatro captores de Olena viveu. Olena estava viva e matou um deles quebrando seu pescoço com suas pernas quando se pendurou em uma árvore.

—Segure-se, mulher! — Olek grunhiu, lutando para se manter sentado em seu animal enquanto a Princesa Olena tentava escapar de seus braços. Tinha vontade de deixar essa ruiva com os Vars. Tinha certeza que faria um favor a Yusef.

Agarrando-se aos chifres de sua montaria, Olek voltou a sentar-se animal. Apenas que desta vez, teve muito cuidado para não tocar na brava mulher que tinha a sua frente. Agradecido por ela ficar quieta, pensou que teria que deixá-la desmaiada!

Zoran e Ualan começaram a rir. O rei Llyr os observava com um sorriso imensamente divertido em seu rosto. Seus irmãos se recusaram a levar a mulher com eles. A princesa Olena vacilou, seus olhos de esmeralda ardentes quando os abriu e o olhou para um irritado Olek. Usava uma túnica de Zoran. Flutuava acima de seu magro corpo. Quando ele cometeu o erro de tocá-la de novo, ela relaxou seu braço tenso.

—Onde nós estamos indo? — Olena perguntou, como se ela não acabasse de tentar lançá-lo no chão.

—Bom dia para você também, Princesa. — Olek murmurou, roçando seu estômago. Depois de comprovar a ameaça que representava a mulher de Yusef não se sentia muito triste com sua vida de casado. Ela podia ser frustrante, mas pelo menos Nadja não tentava matá-lo com os punhos.

Olena fez careta ao ser chamada de Princesa e Olek se sentiu um pouco vingado. Ela acabou de descobrir seu novo título e posição.

—Para casa. — Ualan declarou em resposta para sua pergunta quando viu que Olek não tinha nenhuma intenção de falar com ela.

Olek ignorou os outros, concentrando-se em manter seu corpo afastado de Olena. O grupo chegou a uma pequena vila, atravessando por sua rua central. As pessoas saiam de suas casas e tendas para olhar os soldados cobertos de sangue. Não estavam surpresos com a cena, ainda que curiosos por saber qual havia sido a causa. Os mais jovens saudavam os príncipes enquanto passavam, alguns gritavam. Os príncipes saudavam em resposta solene, reconhecendo-os.

Olena saltou surpresa quando Olek parou sua montaria na rua principal. Ficou pálida. Olek desmontou. Estava encantado de livrar-se por fim dessa mulher. Levantou uma mão para ajudá-la a descer das costas do animal. Olena o ignorou, saltando pelo outro lado por sua conta. Olek e Ualan agarram as rédeas e começaram a levar os animais para o estábulo.

Quando estiveram fora do alcance dos ouvidos dos outros, Olek disse: —Que forma de agradecer por salvarmos sua vida. Me fez apreciar os momentos que minha esposa emburra.

Ualan riu com humor negro. Olek balançou a cabeça, sentindo que suas costelas doloridas por culpa da maldita mulher

mal agradecida. Mas, como era a esposa de Yusef, não podia tê-la golpeado de volta. A suavidade de Nadja era uma opção muito melhor quanto mais pensava.

Determinado a ter uma longa conversa com sua esposa para esclarecer alguns assuntos entre eles, entregou as rédeas a um rapaz nos estábulos e foi para o portão do castelo. Ele queria parar e ver Yusef, mas sabendo que a esposa do irmão estaria lá, ele decidiu não ir. Teve o suficiente de Princesa Olena para durar cinco vidas Qurilixien.

Capítulo Quinze



Chegaram às notícias de que os homens haviam resgatado, sem nenhum problema, a princesa Olena de seu cativeiro e que se dirigiam a fortaleza. Nadja se negou a ir ao seu encontro. Ainda estava irritada com Olek. Ele nem sequer se incomodou em dizer que sairia, assim, as notícias de sua volta foram recebidas com surpresa por ela.

—Típico. — Disse para o guarda que entregou a mensagem. Ela fechou a porta em seu rosto surpreso.

Nadja estava olhando fixamente para seus cadernos de informações, não realmente os vendo devido a sua raiva, quando Olek voltou para casa. Levantou os olhos desde o sofá, ofegando ao ver sua roupa coberta de sangue. Imediatamente, ela se levantou. O caderno caiu esquecido no chão quando seu coração se apertou amargamente em seu peito. Seus lábios tentaram funcionar freneticamente, mas nenhum som saiu enquanto ia até ele.

—Olek. — Nadja disse com horror. Ela ia tocá-lo, mas conteve-se. —O que...? Você está ferido?

Olek não podia estar mais contente com seu horror e preocupação. Ele sabia que ela não duvidava de sua virilidade enquanto com olhos abertos o olhava de cima abaixo. Ela não

sabia que era um insulto assumir que um homem havia resultado ferido em uma batalha. Os olhos dela brilharam em sua pele branca como gesso. Tinha os lábios trêmulos e ele, uma grande necessidade de consolá-la com beijos. Tirando seu braço detrás de seu corpo, ele lhe entregou um buquê de flores.

Nadja piscou, engolindo saliva e exclamando confusa ao ver a oferta de paz. As flores eram bonitas com pétalas como porcelana branca, um precioso anel de centro azul claro e um talo marrom claro que parecia suave como seda.

—Elas são chamadas flores solares. — Olek murmurou. — Pensei que gostaria.

—Eu gostei. — Ela ruborizou.

Nadja nunca viu flores tão bonitas, e que ele a chamasse com o nome de algo tão bonito fundiu toda a raiva que sentia e a deixou ofegante de prazer. Suas mãos tremiam ao pegá-las.

—Coloco na água?— Ela perguntou.

—Você pode. — Olek deixa os talos deslizarem de seus dedos. Seus olhos redondos estavam brilhando com prazer. — Porém, se você tirar o broto do centro e plantá-la, pode crescer em seu jardim.

Nadja movimentou a cabeça. Ela definitivamente faria isto. Inclinado a cabeça para cheirá-las, ela sentiu um perfume exótico.

—Obrigada. — Ela respirou, virando-se para olhá-la. Seus

olhos novamente tropeçaram com sua roupa arruinada. —Você não está ferido?

—Não. Não é meu sangue, mas o sangue de nosso inimigo. Eu disse a você que eu a protegeria, Nadja, e hoje eu fiz isso.

Seus olhos estavam ainda o observando.

—Incomoda você?— Ele perguntou.

—O que?— Nadja perguntou, finalmente olhando-o nos olhos. —Sangue?

Ele movimentou a cabeça.

Nadja quis rir. Desde que era uma criança, ela viu mais sangue e entranhas do que se lembrava.

—Não. — Ela respondeu ao invés. —O sangue não me incomoda.

—Por causa do trabalho do seu pai?

Nadja movimentou a cabeça. Sentindo-se bastante suave pelas flores de presente, ela admitiu.

—Eu costumava ajudá-lo a cuidar dos pacientes depois das cirurgias e quando fiquei mais velha eu realmente o ajudei.

—E sua mãe?— Olek manteve sua voz tranquila, não querendo assustá-la.

—Ela é... — Nadja parou, pensando em uma forma delicada de expressar como era sua mãe sem deixá-la mau. —Ela é um

ornamento. Meu pai casou-se com ela por sua beleza, que ele ajuda a manter, e nada mais. Ela sorri lindamente e prepara festas e nunca levanta a voz para ele.

Olek escutou, perguntando-se porque o tom duro. Estava claro que não aprovava o estilo de vida de sua mãe, mas notava sob a desaprovação que ainda amava a mulher.

—Entretanto, para dizer a verdade, ninguém jamais levantou a voz para meu pai. — Nadja riu sombria.

Sim, ela pensou, se eles o fizessem, ele cirurgicamente removeria suas cordas vocais enquanto ainda estivessem acordados.

—Por que você está fugindo deles? Eles machucaram você?

Nadja piscou em dúvida ante a pergunta. Em vez de responder, ela disse: —Por que você não vai tomar banho? Eu vou colocá-las na água antes que murchem.

—Nadja. — Olek disse. Ele começou a erguer sua mão para tocar seu rosto. Vendo a sujeira em seus dedos, ele deixou-os de lado. —Eu não deixarei ninguém machucar você. Sabe que pode me dizer qualquer coisa.

—Eu sei. — Ela sussurrou.

Olek a viu se afastar, segurando seu presente. Bem, aquela admissão era algo. Olek tomou seu tempo no chuveiro, deixando a água fresca bater contra sua pele. Simplesmente pensar sobre sua noite com Nadja, deixava sua carne acesa. Com um sorriso

leve em seu rosto, ele tentou imaginar formas de ganhá-la e outra vez tê-la em seus braços.

Obrigando-se a sair da água, secou-se e envolveu uma toalha ao redor da cintura. Deixando as roupas sujas em uma pilha, foi se vestir. Quase imediatamente, seus sentidos Draig detectaram o cheiro dela no quarto. Seu passo acelerou.

Parando na entrada, seu rosto mostrou seu desconcerto. Não era sua esposa que estava perto da sua cama, mas uma loira com seios grandes usando a roupa de sua esposa estava na frente do espelho. Cheirando, ele cheirou Nadja, mas não podia vê-la. Friamente, ele exigiu: —Quem você é? Onde é minha esposa?

Nadja girou, afastando a imagem horrorizada. Sua boca se abriu. Olek estava olhando indignado e com acusação. Seus olhos relampejavam e por um momento, ela pensou que ele iria arrancar seu coração do peito.

Olek olhou com repugnância a mulher de seios grandes, cujo enorme traseiro apertava a roupa de Nadja. Seu cabelo platinado estava amontoado e bem alto por cima de sua cabeça. Seus olhos azuis estavam rodeados por uma excessiva quantidade de pintura verde, em contraste com o terrível rosa em suas bochechas. Enormes joias estavam em seu pescoço e mãos. Seus grossos lábios vermelhos se moviam como se fosse falar.

Nadja ergueu suas mãos para evitar que ele a atacasse. Em uma voz que não era a sua própria disse: —Olek, espera.

—Quem é você?— Ele exigiu, aproximando-se furioso.

A toalha caiu de sua cintura e Nadja olhou fixamente. Olek franziu o cenho ao ver a horrorosa mulher olhar fixamente para seu membro como se quisesse tocá-lo. Imediatamente, a meia ereção que tinha por sua esposa sumiu.

Nadja ofegou ao ver seu membro ficar flácido.

—Olek, não, pare. — Ela disse com voz, agarrando seu dedo.
—Sou eu, Nadja.

—Você não se parece em nada com minha esposa. — Ele cuspiu. Sua mão foi agarrar sua garganta. —Diga o que você fez com ela.

Nadja soltou uma exclamação tentando respirar pelo poder que ele mostrava. Encontrando o anel com uma grande pedra que levava no dedo anular, conseguiu dar corda como um relógio.

Olek afastou-se quando as feições da mulher insípida começaram a derreter sob suas mãos. Seus lábios afinaram, a maquiagem desapareceu. Inclusive o cabelo ficou diferente e voltou ao castanho. Dentro de segundos, Nadja era como ele conhecia.

—Que artifício é isto? — Ele disse com horror. Seus olhos a devoraram para ter certeza que ela estava completa. Seu nariz chamejava ao sentir sua essência, comprovando para si mesmo que ela era realmente sua esposa.

—Você não deveria ter visto isto. — Ela disse, sua voz baixa

e agradável mais uma vez. Ela tirou a única joia de seu dedo e segurou-a. — É uma pedra metamorfa.

Olek olhou o anel ostentoso com um grande diamante e fez uma careta. Colocando suas mãos no quadril nu, ele perguntou: — Por que você tem isto?

—Eu... — Nadja afastou-se, vendo sua careta não diminuir. Ela não o ouviu sair do chuveiro. —Isto foi um presente.

—Quem daria a você tal coisa? — Ele perguntou, com repulsa. Ela era tão bonita que não fazia sentido alguém querer que ela parecesse uma prostituta barata, usada.

—Nós... você me perguntou mais cedo por que eu deixei a casa do meu pai. — Ela começou.

—Seu pai quis que você fosse assim? — Ele perguntou incrédulo.

—Não. — Ela disse. —Meu pai queria que eu me casasse com um homem que queria que tivesse essa aparência, esta coisa repugnante foi meu anel de compromisso.

Olek franziu o cenho. Ela estava comprometida com outro?

—Não tome isto assim. Eu nunca concordei em me casar com Hank. — Nadja começou. De repente, ela começou a murmurar, quase incoerente, enquanto tentava contar para Olek a verdade. —Meu pai nos levou para um distrito onde os casamentos organizados eram permitidos e fez o anúncio uma noite em uma festa que estava me dando para alguns sócios de

negócios. Eu não sabia.

Olek não se moveu, escutando pacientemente, tentando não sorrir pela forma como se abriam seus olhos e se moviam seus lábios. Por tudo que era sagrado, ela era bonita.

—Então, mais tarde, Hank me encontrou e o entregou. Eu fiquei horrorizada quando ele me mostrou o que fazia. A pior parte é para fazer o anel ele tinha que ter roubado um fio de cabelo ou uma unha quebrada quando me viu em um momento anterior, o que significava que foi quando eu tinha apenas quatorze anos. — Nadja estremeceu com repugnância, respirando fundo. —Isso significa que há muito tempo ele sabia que iria se casar comigo, o que quer dizer que meu pai sabia, o que implicava que era por isso que me controlava. Estava me guardando para esse gordo e asqueroso verme pervertido.

A boca de Olek se moveu nervosa ao ouvir a confissão. Oh, mas ela era adorável, ainda mais agora que viu a loira horrorosa.

—Você está rindo de mim? — Ela exigiu, suas bochechas se incendiando. Brincando ela golpeou seu braço.

—Nunca. — Ele disse, mas sua risada soando quando pronunciou a palavra. —Eu estava só pensando nos gostos peculiares de Hank.

—Bem. — Nadja disse. —Se você gosta tanto, por que não o usa!

Nadja lançou o anel para ele que o pegou na mão.

Segurando entre seus dedos, ele falou: —Fogo.

A lareira começou a arder vivamente e, sem olhar, ele lançou o anel ofensivo nas chamas.

—Foi por isso que você assinou o contrato com o Noivas da Galáxia? Para se livrar do casamento com um verme?— Olek perguntou.

—Foi o porque fugi. — Nadja admitiu. —Eu não tinha ideia de onde estava indo quando fugi da minha festa de noivado. O Noivas da Galáxia partia do mesmo porto espacial na noite que eu subi a bordo. Precisavam de passageiras e ficaram felizes em me levar.

—Ah. — Olek disse, sua voz sedutora. De repente ficou consciente de seu estado nu. Seu corpo voltou à vida e ele se moveu para perto. —Foi o destino.

Quase desesperadamente, ela disse: — É por isso que meu pai nunca pode saber onde eu estou, Olek. Ele viria atrás de mim.

—Mas você é minha esposa. — Ele declarou como se isso resolvesse todo o problema. —Seu pai não pode tocar em você agora. Esse tal Hank será obrigado a ceder.

—Ele não verá dessa maneira. — Ela sussurrou, seus olhos assustados. Olek não gostou do tremor em sua voz ou a onda de medo que vinha dela. —Ele tentará me castigar.

—Seguramente ele não se importará de ser relacionado a um Príncipe rico. — Ele concluiu, logicamente.

—Sim, ele irá. — Ela disse. —Quando eu parti como o fiz, ele foi humilhado na frente de seus sócios. Eles são homens muito poderosos. Você não sabe do que eles são capazes.

—Então é uma boa coisa que você tenha um marido muito poderoso, com uma família muito poderosa. — Ele murmurou, inclinando-se para capturar seus lábios.

Nadja endureceu. Ela estava tão concentrada em seus pensamentos que não viu seu desejo por ela. Como deixou escapar isso? Era tão óbvio, brilhando em seus olhos líquidos.

—Olek. — Ela suspirou, seus joelhos fracos. —Eu não quero que ninguém se machuque por minha causa.

—Você é minha esposa. — Olek grunhiu possessivo, aprofundando seu beijo. —Eu matarei qualquer um que ousar tirar você de mim.

Nadja gemeu. Seus braços imediatamente envolveram seu pescoço. Olek balançou surpreso, mas não protestou quando ela o forçou para a cama. As mãos de Nadja em seu cabelo, enquanto devolia o beijo com um frenesi de paixão que ele não esperava.

Quando suas pernas acertaram a cama, ela o empurrou. Olek aterrissou duro no colchão suave, surpreso. Nadja arrancou a camisa de seu corpo e foi nua da cintura para cima sentar escarranchada em seus quadris nus. Inclinando-se sobre ele, seus seios roçaram seu carne ardente e ela o beijou

profundamente.

As mãos de Olek foram para seus quadris esbeltos. Puxando o cordão de sua cintura, ele soltou-o e mergulhou os dedos ao redor de seu traseiro para apertá-lo. Com um gemido, ele a puxou para baixo e deforma que ela ficou completamente acomodada em sua ereção com as coxas abertas.

—Mmm. — Nadja gemeu de prazer. Incapaz de tirar a barreira de sua roupa, ela lhe empurrou. Olek a agarrou mais forte, Não queria deixá-la ir. Empurrou-a para frente para que esfregasse nele. Seus olhos se acenderam enquanto via como seus seios balançavam com o movimento. Nadja apoiou as mãos no peito dele. Ofegando tentou se afastar. Relutantemente, ele deixou ir seu suave quadril.

Olek empurrou-se para cima em seus cotovelos. Ele viu quando ela ficou de pé e desceu a calça. Seu corpo se mostrava nu ante ele. Ficou de pé, deixando que ele a olhasse, excitada pelo desejo nos olhos dele e no subir e descer de seu peito enquanto tentava respirar. Sua já completa ereção se moveu, sobressaindo rigidamente.

Olek levantou a mão e acariciou a si mesmo enquanto a olhava. Seu vulcânico olhar desceu até sua feminilidade. Nadja passou a língua pelos lábios, olhando sua mão experiente.

—Monta-me. — Ele ordenou audaz, ardente e ofegante.

Nadja obedeceu a seu comando, avidamente subindo na

cama. A mão dele caiu para descansar acima de sua cabeça e ele deixou seu cotovelo para baixo. A luz do fogo resplandecia ao redor dela, marcando seu corpo como um halo dourado de luz. Brilhava tentadoramente em seus seios quando ela se movia para sua cintura.

—Sim. — Olek grunhiu, seus quadris buscando-a, empurrando para que seus corpos doloridos se encontrassem o mais rápido.

Quando as mãos dele a alcançaram para guiá-la, Nadja agarrou seus pulsos e colocou de volta acima de sua cabeça. Ela o prendeu. Olek grunhiu rudemente aprovando. Seus olhos se acenderam ao ver seus seios tão perto de seu rosto. Levantou-se um pouco, tentando mordê-los um pouco, mas falhando completamente.

Erguendo o quadril, ela deixou sua ereção roçá-la. Seu corpo estremeceu, mas ela não deu a ele o que ele buscava.

—Você me quer? — Nadja perguntou a ele audaciosa, nunca sabendo de onde as palavras vieram.

Olek fechou seus olhos pela obviedade de sua resposta, sabendo que ela tinha toda intenção de torturá-lo.

—Sim. — Ele gemeu. Seu quadril subindo, procurando, deixando que sua ponta levemente a separasse. Novamente seu quadril empurrou, mas ela negou.

—Você quer que eu o monte, verdade?

—Oh, sim, Nadja. — Ele ofegou, o suor brotando de sua sobrancelha. —Faça isto. Cavalgue-me.

—Como você quer que eu faça? — Nadja insistiu, embriagada com seu poder sobre ele. Sentia-se inquieta por senti-lo enchendo-a novamente, mas não parou para pensar muito enquanto mantinha suas mãos presas.

—Forte. — Ele grunhiu. Sua respiração estava falhando. — Cavalgue duro.

—É isto o que você quer? — Ela perguntou, deslizando as pernas abaixo de forma que ela se empalou levemente. Olek teve um espasmo e tremeu. Os músculos de seu forte estômago se agitaram.

—Mais fundo. — Ele ordenou forte. Sabia que poderia soltar suas mãos, mas não ousou fazer o movimento. Os movimentos de tortura eram muito doces para resistir. —Leve-me mais fundo.

—Assim? — Nadja perguntou, sentindo-se esticar ao redor dele. Era uma agonia, mas ela estava se divertindo o atormentando. Não doeu como antes.

—Mais fundo, mulher. — Ele implorou e ordenou ao mesmo tempo. Seus olhos se abriram enquanto ofegava. Seu quadril se dobrava enquanto empurrava dentro dela tudo o que podia.

—Assim? — Ela perguntou. Suas palavras não eram tão confiantes quanto antes.

Olek empurrou seus quadris duro, soltando seus joelhos no

colchão. O movimento a forçou abaixo. Sua voz se elevou em um grito enquanto ele se aproximava de sua cama central. Olek sorriu, bastante contente com sua própria astúcia.

—Sim, justo assim. — Olek disse, vendo-a perdendo sua compostura e encantando-se com isto. Os dedos dela ainda. O vínculo se fortaleceu entre eles. Ela o fez se sentir completo e sabia que ele provocava o mesmo. Suas vidas estavam unidas, justo como seus corpos estariam. Vendo quando se excitava ela quando ele expressava em voz alta seus desejos e paixões, ele disse: —Agora termina, Nadja. Tome-me todo.

—Oh, Olek, te sinto tão grande. — Ela ofegou, insegura se poderia tomá-lo todo até o fundo. Seu corpo sentia-se no limite. —Acho que não vai se encaixar.

—Só um pouco mais para baixo, flor solar. — Ele insistiu. Seus em seus seios. As pontas duras chamavam seus lábios. O suor começou a molhar a pele dela, combinando com o rocío que cobria a dele. —Assim, simplesmente estende as pernas e me deixa entrar. — Nadja fez como ele disse foi recompensada com um prazer profundo. Suas coxas se abriram, deixando-se cair completamente em sua ereção. Sua carne ardente o deixava louco.

—Ah, sim. — Olek gritou entre dentes. —Simplesmente assim. Oh, Nadja, agora cavalgue.

Nadja estava ainda se adaptando a dureza e ao sentimento de conquista e não se moveu, exceto para retorcer-se um pouco

enquanto colocava suas sensações a prova.

—É sempre deste tamanho?— Ela perguntou com os olhos muito abertos, maravilhada.

—Só para você. — Olek disse. —Você me deixa a mil, flor solar.

—Eu me sinto como se estivesse queimando.

—Sim. — Ele concordou. —E seu corpo está úmido para mim, não é?

—Sim! — Nadja gemeu.

—Você foi feita para deslizar sobre mim.

Nadja se levantou ao ouvir as palavras. Realmente, ela deslizava contra ele e foi recompensada com uma prazerosa fricção.

—Agora, cavalga. — Ele disse.

Nadja soltou as pernas para se empalar mais uma vez.

—Argh. — Olek gritou em aprovação. Oh, mas seus lentos movimentos era a mais horrendamente deliciosa tortura a que submeteu.

Pouco a pouco ela acelerou o ritmo de seu corpo, observando a aprovação nos traços tensos dele. Uma sensação deliciosa se apoderou dela, cegando-a a qualquer coisa e levando-a a um ritmo enlouquecedor. Não podia parar. Suas

mãos soltaram os pulsos de Olek para se apoiar enquanto se inclinava sobre ele. Os dedos de Olek se dirigiram imediatamente beliscar seus mamilos e deslizaram para tomar o controle das estocadas. Ele a incentivou a se mover mais rápido, mostrando-lhe quão profundo podia entrar nela, quão rápido e forte.

O estômago de Olek ficou tenso ao inclinar-se para ver melhor o corpo de Nadja. Mechas de seu longo cabelo haviam se soltado e se enroscavam formando ondas sobre seus ombros. Sua cabeça se moveu loucamente para frente e para trás enquanto ela explodia em cima dele.

—Olek! — Ela gritou, temerosa, mais além de qualquer ponto de razão. Sentir seu corpo tremer fez seu membro entrar em erupção, esvaziando-se dentro dela com intensos jatos. O grito dele se uniu ao dela enquanto seus corpos se uniam em um brilhante clímax.

Nadja ficou congelada sobre ele, muito abrumada para se mover. Enquanto sua respiração voltava lentamente ao normal, ela caiu completamente sobre o peito de Olek. Seu rosto enterrado em seu pescoço até que percebeu que ela estava se escondendo dele.

—Agh. — Ele suspirou contra sua testa. —Você pode fazer isso sempre que desejar.

—Então você gostou? — Nadja perguntou, quase timidamente.

Olek grunhiu ante a suave pergunta. Girando passou a perna por cima do seu quadril a prendendo sob ele. Seu suave beijo se modou aos lábios dela, mostrando-lhe o satisfeito que estava.

—Acho que não posso sequer descrever com palavras. — Ele sussurrou.

Capítulo Dezesseis



Depois que seu corpo foi capaz de descobrir as profundidades de prazer nas mãos de Olek, Nadja não foi tão rápida para dar-lhe a volta na cama. A sanidade lentamente retornou ao seu saciado corpo. Ela consciente de seus membros doloridos, membros que Olek alegremente girou e converteu em múltiplas posições, enquanto lhe mostrava as extraordinárias maneiras com quais podiam se unir. Sua cama virou praticamente um campo de jogos que não queria que acabasse.

Durante o dia, o trabalho o manteve afastado dela, levando-o ao escritório real ou consultar seu irmão. Para dizer a verdade, ela não sabia o que ele fazia. Nunca contaria. Sabia que ele não queria preocupá-la, mas não saber a preocupava mais.

Passou tempo com as outras Princesas, exceto Olena, que passava todo o tempo com Yusef. Nadja conseguiu entrar sorrateiramente na ala médica para verificar Yusef. Sua injeção parecia estar funcioando porque os médicos estavam desconcertados com sua recuperação acelerada.

Ela fazia suas refeições no salão comum junto com o resto da família. Um alerta máximo foi aplicado à cozinha depois do envenenamento de Morrigan, então era um pouco mais tenso que o habitual quando se reuniram. Os homens não se juntavam a

elas frequentemente, faziam suas refeições onde praticavam e elaboravam estratégias.

Quando Nadja mencionou que Pia estava ensinando-a lutar, Morrigan ficou feliz em juntar-se às lições. Então, quando não estavam vagando sobre a aldeia com a Rainha, elas treinavam autodefesa na casa de Pia. Isso fazia os dias passarem mais rápido e Nadja esperava ansiosamente as noites quando Olek voltava para casa.

Olek não a pressionou sobre seu pai novamente, e Nadja ficou contente com isto. Deixaria que pensasse que Hank era a única razão para fugir. Ele não precisava conhecer os detalhes, mas ele apenas foi uma das pequenas razões para ir embora entre muitas.

Três dias se passaram de tal maneira. Nadja, que escutou sem querer a Rainha conversando com seu marido na língua Qurilixien, aprendeu o suficiente por si mesma, para entender as palavras: perigo, espião, e família.

Sabendo que Olek não iria dizer a ela de qualquer maneira, Nadja decidiu que estava na hora de fazer um pouco investigação por sua própria conta. Apenas se sentiu levemente culpada quando conseguiu entrar no escritório de seu marido para espiar, armada com seu tradutor.

Escaneando alguns páginas em sua mesa, compreendeu que eles acordos de importação e exportação entre outros planetas. Sentando-se em sua cadeira, ela procurou, retirando tudo das

gavetas. Havia velhos arquivos de comunicação, nada de real interesse. Havia um tradutor eletrônico de palavras, que parecia não ser usado há algum tempo. Suspirando, se apoiou contra a cadeira. Começou a retroceder, a ponto de desistir, quando viu a ponta de um caderno de desenhos em um espaço apertado, escondido na parte superior da mesa. Sorrindo, pensando que ganhou na loteria, inclinou-se para frente e o puxou.

Colocando-o em cima de um monte desordenado, se inclinou para olhar o caderno. Parecia velho, o couro que o amarrava nas extremidades estava um tanto puído. Lembrou-se que não estava com outros documentos. Ela abriu a primeira página.

Nadja ofegou. Nunca teria suspeitado. Seu marido era um artista. Havia desenhos de jovens brincando entre as árvores colossais da floresta circundante. Havia desenhos de soldados em treinamentos, imagináveis feras cruéis que pareciam homens dragões, a fortaleza da montanha, a aldeia, os aldeãos fazendo coisas diárias.

Então, enquanto continuava passando as páginas, ofegou novamente. De uma manchada página, seu rosto lhe devolvia o olhar. Sombras dançavam através de seus traços desenhados, até que reconheceu o véu que ela usava no Festival. Foi como ele a viu na primeira noite que eles se encontraram.

Sua mão tremia, ela procurou por mais desenhos. Depois do primeiro desenho seu, percebeu que era tudo desde então. Encontrou alguns desenhos inacabados dela no festival, sentada

na mesa, envolta nas peles dentro da tenda. Riu entre dentes. Desenhou-a em seu laboratório, olhando-o com irritação, com o cabelo enrolado pouco atraente ao redor de sua cabeça. Havia desenhos seus na biblioteca tentando alcançar um livro, na mesa de jantar envolvida com seus cadernos, dormindo em sua cama.

Nadja ficou sem fala. Olek era realmente muito bom. Ela viu muitos artistas profissionais através dos anos em suas viagens e Olek podia ensinar muitos a eles.

Passando a página novamente, ela se viu com o vestido na noite de sua coroação. Havia um pequeno desenho dela, inacabado com sua coroa.

Seus lábios se separaram e ela jurava que a expressão sonhadora em seu rosto era invenção de sua imaginação. Tocando sua boca, confirmou que nunca franziu os lábios como se fosse um convite.

Ela moveu a cabeça, seguindo em frente. A mão de Nadja sacudiu de volta a próxima página. Agora isso era algo que ela nunca fez. Suas bochechas imediatamente incendiaram. Olek a havia colocado sobre a mesa do escritório, suas pernas abertas indecentemente e sua mão parecia se arrastar em sua coxa. Usava uma roupa reveladora, que não escondia nada de pele.

Engolindo por sua garganta apertada, continuou virando as páginas, hipnotizada. Ele a tinha amarrada na fonte, a água caindo sobre seu corpo nu. Desenhou-a no banheiro, o vapor fazia seu cabelo grudar em seu rosto e mamilos, enquanto ela se

ajoelhava sobre o que pareceu ser a parte de trás de sua cabeça.

Ele a desenhou por trás, inclinando-se sobre altas botas e nada enquanto ela olhava sobre o ombro em um convite. Inclusive desenhou sua tatuagem negra a perfeição. Nadja ruborizou, mas não podia deixar de olhar. Havia uma grande variedade de poses eróticas e roupas sensuais. Em alguns ela se tocava. Em outros ela tocava partes dele. Em um particular e interessante desenho, ela olhava desde a parte baixa de seu estômago e sua língua lambia a ponta de sua grande ereção. Ao parecer, as coisas que Olek fez com ela na cama eram dóceis comparadas com sua imaginação fez.

—O que você está fazendo?

Nadja saltou, automaticamente fechando o livro de golpe com a bochecha incendiada. Olek a pegou e não soava contente. Seus olhos foram para o caderno, estreitando-se ao voltar para ela.

O corpo de Olek ficou tenso. Ele nunca pensou que ela pudesse encontrar seus desenhos. Seu rosto estava rígido enquanto ele esperava que ela dissesse qualquer coisa. Viu o desenho que ela estava olhando com algo como horror. Seu estômago estava rígido.

—Eu estava... — Nadja começou fraca. —Estava buscando as jóias que te dei e... olhava para ver se as guardou aqui e eu ... encontrei o caderno.

Olek não se moveu. Realmente não acreditou, mas estava muito tenso para pensar perfeitamente claro.

—Eu não sabia que era um artista. — Ela suavemente disse. Olek não disse uma palavra. —Eu não tinha a intenção de me intrometer.

Ainda quando seus desenhos a envergonhavam, eles a também a excitavam. Lambendo os lábios, olhou abaixo para seu corpo. Deu um passo vacilante para enfrentá-lo.

—Assim é como você me vê? — Ela delicadamente perguntou. A mandíbula de Olek se apertou. Nadja percebeu que ele estava esperando sua reação. Estava esperando que ela ficasse brava. —Assim é como você quer me ver? — Perguntou, seu tom de voz cada vez mais rouco. Ela tocou a extremidade de sua camisa e começou a erguê-la. Seus olhos se incendiaram com fogo. Ele não se moveu.

Nadja lentamente tirou sua roupa. De pé, nua diante dele ficou de costas e se inclinou para imitar a pose mostrando-lhe as costas. A posição nua ante ele. Ficou de costas para ele e tentou imitar a expressão perversa. Ela lançou o cabelo sobre seu ombro para olhá-lo.

Olek ainda não tinha se movido e não afastou o olhar. Seus olhos vagaram pela pele exposta.

—Ou você me quer na mesa? — Ela perguntou ofegante. Ela girou para sentar-se em sua mesa. Documentos caíram no chão,

ela ergueu suas pernas deixando-as cair abertas. Seus dedos se moviam por suas coxas em círculos leves.

O nariz de Olek chamejou e seu corpo balançou.

—Ou assim? — Nadja lambeu seu dedo e tocou seu mamilo duro.

Consiente que ela tinha sua atenção, lentamente colocou as pernas no chão. Deslizando-se pela dura madeira deu um passo para ele. Ela o empurrou até a porta. O rosto de Olek estava rígido com controle. Apenas sua respiração profunda o delatava.

Suas mãos percorrem o cóis da calça, habilmente soltou-a. Umidecendo os lábios lentamente se inclinou em seus joelhos ante ele, olhando-o do chão. Levantando sua túnica sobre sua ereção, sussurrou: —Ou algo como isto?

Nadja deu um pequeno golpe com sua língua para saborear seu ardor. Seu corpo sacudiu e ele gemeu. Suas mãos se aproximaram para tocar seu rosto. Ele começou a respirar fortemente.

Ela se afastou sem tocá-lo.

—Tem que me mostrar o que quer, antes que eu dê a você.

Olek ficou tenso, não acreditando em seus ouvidos.

—Onde quer meus beijos? — Nadja sussurrou, olhando significativamente sua excitação.

Apertando os lábios enquanto sua mão se movia de seu

rosto para a parte de trás de sua cabeça. Ela a puxou para frente. Nadja o lambeu outra vez, mais completamente. Sua boca se separou e Olek tomou vantagem. Para sua surpresa, ele se empurrou entre seus lábios e gemeu de aprovação. Saiu, apenas para que a ponta percorresse seus lábios enquanto ela o beijava. Puxando-a para frente entrou novamente em seus lábios. Afundou outra vez suavemente.

—Chupe. — Olek disse.

Ambas as mãos encontraram seu cabelo enquanto ela fazia o que pediu. Ele se apoiou contra a porta, trabalhando sua ereção para frente e para trás em sua boca úmida e quente. Sua cabeça caiu para trás, fechando os olhos, seu rosto em êxtase. Seus dentes o roçaram e ele quase a sufocou tentando sentir mais dela.

—Argh. — Ele gritou, saindo dela ante que se perdesse em seus lábios. Puxou-a com força para que se levantasse. —Incline-se sobre a mesa.

Nadja ofegou com a ordem áspera, mas não podia negar. Virou-se de costas e ofereceu seu traseiro. Olek a empurrou para baixo de modo que ela ficasse completamente pressionada contra a madeira. Agarrou seu quadril, sua ereção deslizando para frente para seu calor úmido.

Os seios de Nadja se esfregavam sobre o caderno de couro de seus esboços. Sentia seu poder enquanto chegava a ela por trás. Seus dedos se agarraram ao lado oposto para se apoiar,

enquanto ele de forma selvagem se empurrava para provar sua umidade. Ela ficou sem fôlego, surpresa como se encaixava bem, tão fundo.

Olek não precisou sentir se ela estivesse pronta para recebê-la. Podia sentir o cheiro embriagador de seu desejo. Seus quadris começaram a bombear atrás dela. Seu traseiro se tensou quando ele empurrou com mais força em sua profundidade. Tomava e dava enquanto tentava ir mais rápido.

Nadja se agitou debaixo dele sem poder fazer anda. Seu corpo se construía e explodia sob a direção de sua força. Olek grunhiu em sua varonil libertação, emourrava com superficiais espasmos enquanto saía da onda de seu clímax. Nadja gemeu ofegante, arquejando e fraca.

À medida que seu coração começou a diminuir a velocidade e seus olhos ficaram claros, ele se afastou dela. Nadja se levantou. Foi então quando ele viu seu tradutor no canto da mesa.

Ainda vestindo sua camisa, ele pegou o tradutor. Nadja girou, perplexa com seu rápido movimento ao afastar-se dela.

Furiosamente, ele grunhiu: —O que é isto?

Nadja empalideceu. Ela agarrou sua camisa. Puxando-a do avesso, ela disse: — Não é o que você pensa.

—Eu penso que você estava tentando me espiar.

—Certo. — Nadja gritou, puxando sua calça. —Mas não é

pela razão que você pensa.

—Deixe de dizer o que eu penso! — Ele gritou. —O que você estava fazendo aqui? Se você queria saber alguma coisa era só perguntar!

—Oh, realmente. — Ela respondeu, da mesma maneira enfurecida. —Eu perguntei a você mil vezes de mil modos. O que você faz o dia todo Olek? O que está acontecendo com os Vars? Por que Mede pensa que há espiões no palácio? Por que você tem que ser tão maldito reservado o tempo todo?

—Nadja...

—Não. — Ela gritou, devolvendo sua fúria. De repente, ela respirou fundo e com uma devastadora calma; o que o assustou com seu sangue frio pela primeira vez desde que se encontraram. —Eu não sei o que é está escondendo de mim. Mas, marque minhas palavras Olek, eu descobrirei.

Nadja girou. Entrou batendo a porta longe dele, com a intenção de trancar-se no quarto pelo resto da noite.

Olek olhou debaixo de sua mesa. Levantando seus documentos do chão, ele suspirou. Não deveria ter tirado suas próprias conclusões. Ele sabia que Nadja não era um espião para os Vars. Ela nem sabia sobre os Vars. Ele apenas viu o tradutor e não pode evitar. Dia e noite, eles procuravam nas muralhas por alguém que estivesse espionando para os Vars sem sorte.

Agarrando sua calça, puxou-a sobre o quadril. Sabia que

passaria a noite no sofá. Um calafrio percorreu seu corpo frustrado. Maldição se sua esposa não fosse uma agradável harpia, ainda assim ela o frustrava como o inferno.



—Nenhum dos homens quer lutar conosco. — Zoran disse para seus irmãos. Ele olhou de Ualan até Olek e então atrás novamente. Olek franziu o cenho, olhando intensamente os soldados acovardados. O mais valente de todos se recusava a deixar que os príncipes lançassem suas frustrações neles. Ele deveria ter Zoran metido no pântano por um ano completo.

Olhando para seu irmão, Zoran grunhiu com irritação.

—Eles dizem que nosso humor é muito negro. Tem medo de que os matem.

Olek não podia culpá-los. Com a única saída para sua ira rapidamente retraída, estavam sem saída. Mas isso não significava que tinha que gostar.

Os cenhos dos soldados ficavam mais franzidos à medida que a aparência escurecia.

—Que diabos nós deveríamos fazer agora?— Olek grunhiu, verbalizando os sentimentos dos seus irmãos que saiam com fúria do palácio.



Depois que Olek saiu de manhã sem nada mais que um grunhido dirigido a ela à medida que o dia passava, Nadja se encarregou de convidar as princesas para compartilhar sua miséria. Ela não estava desapontada quando elas chegaram.

Pia chegou primeiro, seus olhos soltando faíscas. Ela logo foi seguida por Morrigan, que parecia doente e pálida e emitia um cheiro forte de bebida alcoólica. Ela tomou banho, mas o cheiro de uma noite de bebedeira suavemente saía de seus poros. Olena foi à última. Seu cabelo vermelho estava preso em um coque e seus olhos verdes relampejavam com uma contínua provocação, ainda quando ela não estava tramando algo. Ela parecia a pior pela terrível prova com os sequestradores, mas ela também não falava sobre isso.

Procurando ao redor outras cadeiras, Nadja suspirou. O som relaxante da fonte não fazia nada para acalmar o temperamento das quatro mulheres.

—Hienrich está agora treinando como um soldado. Eu o liberei de sua obrigação conosco. — Pia disse em resposta para uma pergunta sobre o menino.

Olena não entendeu, mas as outras movimentaram a cabeça de acordo.

Estirando seus braços acima de sua cabeça, Morrigan bocejou. Era o maior movimento que ela fez em algum tempo.

—Então, alguns de seus maridos mentiram para vocês sobre quem eles eram?— A abatida princesa Olena perguntou.

—Eu pensei que meu fosse um guarda da prisão. — Pia riu.

—Eu costumava chamar o meu de jardineiro. — Morrigan admitiu, dobrando sua mão sob a cabeça no respaldo da cadeira. Murmurando suavemente para não incomodar sua cabeça delicada. —E homem das cavernas.

As mulheres riram.

—Eu chamo o meu de dragão. — Nadja admitiu. Trazendo a sua mente o último ataque de ira no escritório, efetivamente ela acreditava que tinha o temperamento de um dragão.

—Eles são todos os dragões, se você perguntar a mim. — Morrigan piscou para Nadja.

Nadja riu sem entusiasmo enquanto se levantava para atender a porta. Piscou surpresa por ver a Rainha, ela a deixou entrar.

Mede entrou no círculo íntimo de mulheres e movimentou a cabeça.

—Eu ouvi que vocês todos estavam aqui.

Nadja sorriu para a Rainha. Ao ver que o bom humor de Mede não combinava com os delas, suspirou, mas a convidou

para entrar de qualquer maneira. O mais provável era que a mulher corresse para as colinas uma vez que ela sentisse a melancolia ali.

—Como está Yusef?— Olena perguntou, de repente ruborizando com o arrebatamento. Ela se recusou a olhar ao redor.

—Ainda acordado. — A Rainha respondeu. —E ainda com seus irmãos. Eles falam de lutar, e lutar sempre deixa guerreiros felizes, é algo que eles sabem fazer.

Olena movimentou a cabeça, inclinando sua cadeira e tentando fingir que ela não se importava de qualquer modo. Não enganou ninguém. O olhar de Mede caiu repentinamente em Morrigan e levemente levantou sua sobrancelha delicada. Morrigan teve que se afastar. Para seu crédito, a Rainha não disse nada.

Nadja de repente perguntou se alguém queria algo para beber. Morrigan empacou e imediatamente recusou, ficando mais pálida. Todas riram, apesar de seus humores.

—Não, querida, nós estamos bem. — A Rainha respondeu. Silêncio se seguiu. Mede ficou desapontada quando as mulheres não continuaram a conversar livremente. Ela ouviu a risada suave e ficou ansiosa para fazer parte disto. Mas, ela também sabia que as mulheres tinham seus próprios problemas. Ela não podia culpá-las. Seus filhos eram grandes homens, mas eram às vezes muito teimosos para seu próprio bem. Anunciando, ela disse: —

Filhas.

As Princesas olharam para ela esperançosamente. Nadja piscou, surpresa pela mulher aceitar ficar ali entre todas deprimidas. Mede avançou e sentou-se entre elas, observando-as.

Ela não só tinha a intenção de ficar. Ela tinha a intenção de curá-las de suas aflições.

—Chega disto. Este planeta precisa desesperadamente de mais mulheres e eu pretendo ver cada uma de vocês explorarem o poder que possuem. — A Rainha disse.

Nadja não pode evitar seu sorriso ao tom maternal.

—Seus maridos são guerreiros. — Mede declarou. —Espero agora que cada de vocês tenham uma idéia clara do que isso quer dizer. Mas só porque eles fizeram as regras, não significa que não possam usá-las. Vocês têm mais poder do que pensam. Então, contem-me seus problemas com meus filhos e eu darei a vocês a solução Qurilixien. Acho que é hora das mulheres reais tirarem vantagem disso.

Lentamente, uma por uma, as mulheres sorriram, cada vez mais confiantes com a Rainha. A Rainha movimentou a cabeça, feliz. Sim, assim era como deveria ser com suas filhas. Ela esperou muitos anos para deixar seus filhos arruinarem seus planos de uma família gigante.

—Pia. — a Rainha começou, olhando intencionalmente para

a mulher. —Por que você não começa?

Nadja sorriu abertamente, aconchegando-se na cadeira para escutar o problema de Pia e esperou sua vez pelo conselho.

Capítulo Dezessete



—Olek. — Nadja anunciou para seu marido quando entrava pela porta a noite. Parecia cansado, com os olhos um pouco vermelhos por causa do sono. —Eu sou sua esposa, sua outra metade. Quando você não fala comigo, me irrita muito e quanto estou assim, você ficará também, Nossas vidas serão estressantes e desagradáveis. Não espero que confie em mim imediatamente, mas terá que me confiar algum dia. A vida é muito longa para passá-la sofrendo.

Nadja manteve seu rosto sério, repetindo as palavras exatamente como Mede disse a ela. Ela não achava isto possível, mas depois de falar com a Rainha, Nadja sentiu-se trezentos por cento melhor. Ela tinha um plano de ação, uma forma clara de manipular seu marido teimoso. A Rainha era uma grande fonte de informações e ficou satisfeita de informar às suas noras como tomar a rédea de seus casamentos. A conversa também fez com que as mulheres se aproximassem, como uma família. Nadja não sabia que uma família poderia ser boa e segura.

De acordo com Mede, o melhor caminho para lidar com Olek era ser direta e honesta. Ele tinha muitas coisas em sua mente e no momento certo, um franco ataque era a melhor maneira de levá-lo onde queria.

Além disso, ele era desconfiado por natureza, sempre tentando ler nas entrelinhas e olhares. Ele tinha que ser assim por causa do tipo de pessoas com duvidosas intenções com que lidava o tempo todo. Ele era esperto em evasão, nunca dava mais do que necessitava nesse momento. Então, dada à natureza de seu trabalho, era natural que tentasse ler nas entrelinhas tudo o que Nadja dizia.

Olek piscou ante a saudação estranha, mas parou para escutar com uma mente aberta.

Nadja sorriu. Estava funcionando. Ela tinha que se lembrar de dar a Mede um grande presente da próxima vez que a visse.

—Estou escutando. — Olek respondeu sério. Seus olhos estavam atentos enquanto se aproximava de uma cadeira de encosto alto.

Deixemos as negociações começarem, Nadja pensou.

—De acordo com a lei de Draig, se você é um embaixador sua esposa tem o direito de ser uma embaixadora. — Nadja declarou. —Agora, eu tinha toda a intenção de encontrar um trabalho. Os deveres de uma embaixadora não era o que tinha em mente quando vim aqui, mas é a opção mais lógica. De acordo com Mede, você tem bastante trabalho. Eu sei que levará algum treinamento antes de estar pronta para ser uma ajuda real para você, mas o mais cedo que começar, mais cedo estarei pronta.

Olek estava quieto, escutando suas palavras tranquilas. Nadja sabia que ele estava lendo-a, julgando-a. Ela se abriu e deixou. Não havia maldade ou malícia em seu rosto enquanto ela falava. Não detectou nenhuma falsidade ou engano. Ele assentiu com a cabeça para que continuasse.

—Eu não espero assumir o comando de seu trabalho, e sim ajudar você. — Ela continuou. —Eu sou educada. Posso aprender se você quiser me ensinar. Fiz um pouco de pesquisa, acho que poderia ser de grande ajuda com as disputas locais. Eu já ganhei a confiança dos aldeãos...

Olek franziu o cenho, não a acompanhando.

—Tente se concentrar. — Nadja ralhou. —Viu o que eu disse? Você está sobrecarregado de trabalho. Nem sequer sabe o que acontece em sua própria casa todo o dia. Os aldeãos têm estado aqui frequentemente buscando atenção médica. Eu sou a nova... oh, o que é que eles me chamam? Gullveig?

—Quer dizer bruxa. — Olek murmurou, sabendo que era um termo naturalmente aplicado aos médicos com carinho.

—Bom, então estamos de acordo nesse ponto. — Ela declarou, não dando a ele uma chance de negar sua reivindicação. —Eu posso ajudar com as disputas locais, coisas secundárias no momento. Se eu tiver perguntas sobre sua lei poderei ir a você.

Olek não se moveu.

—Também, tenho algumas ideias que eu gostaria de abordar com Zoran sobre seus homens. Eu terminei o teste com um creme que fiz e gostaria de provar nos soldados durante a prática para ver o que eles acham. Sinta-se livre para levar aos médicos para teste.

Chegando ao lado dele, ela lhe entregou um relatório.

—Aqui está tudo o que poderiam necessitar sobre a composição química, assim como as propriedades ativas e inativas. Também tomei a liberdade de elaborar um pequeno antídoto no caso de uma reação alérgica.

Olek pegou o relatório e o colocou de lado sem abri-lo. Seus olhos se dirigiram a seu rosto, pensativo e sondando.

—Eu também conversei com Mede sobre mudar a decoração do salão para os dignitários. — Nadja continuou, sem perder a graça por um momento enquanto mudava para outro tema. — Realmente, Olek, algumas flores e bandeiras de seda não machucariam e poderiam ser colocadas com um mínimo de esforço. As primeiras impressões são a chave para qualquer negociação e nosso salão grita, uh, *“planeta selvagem, cheio de homens guerreiros que preferam lutar antes de conversar”*.

Olek deixou o lado de sua boca curvar-se. Não pode evitar. Ela estava encantadora. Inclinando-se para trás, cruzou os braços sobre o peito e se apoiou o pé sobre um joelho.

—Agora, meu primeiro ato como a mais nova embaixadora

de Draig é convocar você para uma reunião oficial. — Ela declarou corajosamente. — Agora mesmo acho que poderia funcionar perfeitamente para ambos, por nossos horários. Atualize-me sobre a situação de Var.

Levantando seu dedo para apertar contra seu queixo, disse pensativa: — Muito bem. — Nadja declarou. Seu rosto permanecia como uma profissional de negócios. — Eu sei que suspeita que há espiões dentro dos nossos muros. O que fizemos até agora para localizá-los?

— Está se manejando. — Olek disse. Nadja franziu o cenho levemente e ele acrescentou: — Não há nada para reportar. Os empregados e soldados estão sendo questionados, mas é um processo longo e até agora nós não temos nada.

— Bem. — Nadja disse. — E o ataque de Morrigan e Yusef?

— Morrigan tomou uma bebida de um copo destinado à Rainha e o Rei. — Olek declarou. — Nós não acreditamos que estava destinado a matá-la. Yusef foi atacado pelas costas. Quem quer que o fez, conhecia as passagens do palácio o suficiente para escapar. Por isso a suspeita de que há um espião. Isso e que o escritório real foi vasculhado. Apenas as plantas do palácio foram alteradas.

— Qualquer outra coisa?

— O conselho de guerra se reúne amanhã. — Ele respondeu. — Ficarei todo o dia presidindo o mesmo. Nós estamos dando ao

Rei Attor o direito de defesa, entretanto é provável que ele negue.

—Está bem. — Nadja disse antes de anunciar. —Vou com você.

—Eu acho que isto não é possível. Você não está no conselho de guerra. — Olek disse, gostando dela tomar a iniciativa em seu novo curso de ação. Ele alegremente aceitaria sua ajuda. Quando viajasse a outros planetas, seria agradável ter sua presença adorável a seu lado encantando os embaixadores estrangeiros. Por não falar do muito mais interessante que seria a viagem com sua presença encantadora em sua cama.

—Mas eu sou uma embaixadora. — Ela declarou.

—Uma embaixadora em treinamento. — Olek corrigiu. — Nadja sorriu com suas palavras. Ele aceitou sua ideia. —Você tem que ficar aqui amanhã. Os homens de Attor estão aqui e todo mundo tem ordem de permanecer em suas casas. Nós vamos ter derramamento de sangue. Não vamos nos arriscar a perder ninguém. — Olek declarou. Ficou de pé. —Mas, desde que você é uma embaixadora agora, eu tenho muito para começar.

Olek aproximou-se de seu escritório, com um sorriso travesso, Ao chegar tirou as cem páginas do comunicado da República de Lithor da gaveta. Também pegou seu tradutor da mesa. E regressando onde ela estava sentada no sofá, os entregou e disse: —Olhe este documento e escreva um resumo do que diz, assim você pode reportar suas condições para o Rei.

Nadja, um pouco amedrontada pelo documento espesso, não reclamou. Ela o deixou no sofá para mais tarde.

—Não é problema.

—Me alegro ao ouvir isto. — Ele murmurou. Olhando para ela, ele perguntou: —Acabou a reunião?

Nadja movimentou a cabeça, um sorriso pequeno de felicidade chegou a seu rosto enquanto a olhava. Oh, mas ele era tão bonito, forte. Ele agarrou sua mão e a puxou para cima.

Envolvendo seus braços ao redor de sua cintura, ele perguntou: —Algo mais?

Nadja negou com a cabeça.

—Eu não posso pensar em mais nada.

—Então eu posso programar nossa segunda reunião? — Olek murmurou, inclinando-se para beijar seu lóbulo da orelha. Ele mordeu suavemente, enviando faíscas por todo seu pescoço.

—Para quando você tem em mente? — Ela perguntou, dando uma risadinha quando sua respiração bateu em sua pele.

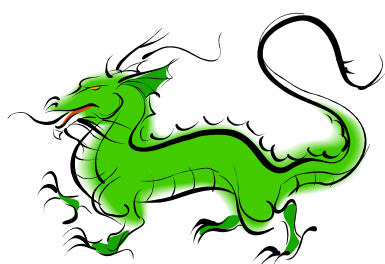
—Mais ou menos três segundos de agora. — Olek grunhiu com promessa.

—Onde?— Nadja respirou, suas mãos viajaram para seus ombros, amando senti-lo.

—Banheira. — Ele mordeu o lóbulo da orelha só para

acalmar com um beijo. —Eu quero negociar algumas relações matrimoniais.

Nadja deu uma risadinha. Olek a pegou em seus braços, levando-a através da sala de estar para o banheiro. Depositou-a diretamente na água, com roupas e tudo, ele entrou com ela. Beijando-a profundamente, ele começou a negociar a maior parte da noite.



O rei Attor negou todas as acusações com um sorriso enganoso. Sabia que enquanto estivesse sob a proteção do conselho reunido, ele não seria tocado. Nada foi feito durante as sete horas de conversas. Mas, então novamente, nada foi feito nos séculos de luta que aconteceram entre os dois reinos. As tentativas da morte em ambos os lados não eram nada novas, entretanto nenhum permaneceu por mais de cem anos.

Zoran estava a cargo dos assuntos militares, representando o Draig com um guerreiro de Var de igual posição oposto a ele. Olek presidiu todo o assunto, fazendo o mesmo esforço como embaixador para manter a paz, entretanto todos seus irmãos gostariam que ele fizesse nada além de derramar o sangue do Rei Attor por seus insultos à família real Draig. Ele estava cansado de sua noite de amor com Nadja. Parecia que sua esposa queria

provar cada uma das fantasias de seus desenhos, não que ele reclamasse. De fato, tirou mais algumas ideias dela.

Depois da reunião, levou outras quatro horas e meia para assegurar que Attor e seus homens saíram. Uma busca completa no castelo não revelou nada e o alerta máximo foi retirado da aldeia de forma que os aldeãos puderam novamente deixar suas casas com precaução.

Olek sabia que logo poderiam enfrentar outra guerra com a Casa de Var. As guerras eram assuntos terríveis para sua classe. Podiam durar entre cinquenta a cem anos com muita morte e raramente qualquer progresso claro ou vitória. No fim eles teriam uma trégua intranquila enquanto cada lado reasbatecia seus guerreiros e se concentrava na reconstrução. Olek voltou para casa tarde aquela noite, exausto até os ossos. Nadja estava terminando a tradução do documento Lithorian. Parecia estar ali todo o dia. Mas, bocejando, ela não reclamou.

Olhando para Olek, ela disse: —O Lithorian está solicitando a exportação de minério e carne wilddeor. Este é um esboço de como quer que façamos a entrega, até a saudação formal que desejam de nosso representante. Detalhou todos os fatos importantes.

—Tediioso, não é? — Ele riu. —Ainda quer o trabalho?

—Com que frequência eles escrevem?

—Uma vez a cada cinco anos para renegociar.

—Então sim, eu quero o trabalho. — Ela sorriu. —Mas estou concorrendo a umas férias em aproximadamente cinco anos e precisa ser aprovada com antecedência.

—Nós veremos. — Ele se inclinou e beijou seu nariz. — Vamos, vamos dormir um pouco. Nós dois parecemos precisar.

—O que não entendo disso é o que ganhamos em troca dos problemas. — Disse, agitando o frustrante documento na frente dele.

—O melhor chocolate que a galáxia tem a oferecer. — Olek admitiu com um sorriso brincalhão. —E algumas outras coisas.

—Chocolate, você disse? — Nadja sorriu. Ela não esqueceu sua última experiência com isto, mas pensou que talvez estivesse na hora de tentar, em uma escala menor. —Como nova embaixadora de Lithorian, eu temo que precise testar este chocolate antes de poder endossar esta proposta.

—Já volto. — Olek desapareceu na cozinha só para retornar com uma bolsa de alumínio de cor vermelha da geladeira com seu nome. Deixando-se cair no sofá, ele deitou a cabeça em seu colo e passou para cima um pedaço.

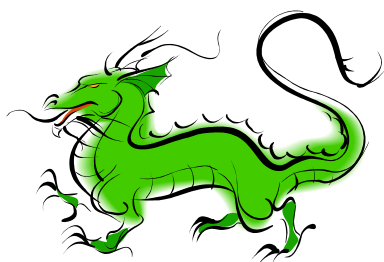
Nadja pegou-o entre os lábios e suspirou.

—Você está certo. Isto vale a pena o tédio.

Olek sorriu. Colocando um segundo pedaço entre seus lábios, ele ofereceu para ela. Nadja sorriu, inclinando-se para morder. Enquanto fazia isso, ele a beijou e ela se perdeu

completamente.

—Talvez nós não precisemos ir dormir ainda. — Olek murmurou em sua boca com sabor de chocolate e Nadja riu, continuando a beijá-lo.



Os guerreiros festejavam enquanto as quatro Princesas, usando calças e camisas escuras, apontavam facas destindos ao poste de prática. Olena foi a primeira a lançar. Ela o fez muito bem colocando cada faca no centro. Os soldados reunidos batiam palmas e os pés. Ela olhou para Yusef, tentando agir como se não buscasse sua aprovação. Uma bandagem branca atravessava seu braço, mas ele parecia bem. Nadja engoliu nervosa. Ela não pensava que teria este tipo de audiência. Olhando para Olek, ela o viu assentir com cabeça. Ela já havia confessado a ele antes que nunca lançou uma faca. Pia se aproximou, persuadindo-a apontar para seu objetivo.

Nadja lançou. O primeiro e segundo foram muito curtos, o terceiro muito longo, o quarto golpeou o poste com o cabo e o quinto golpe com a lâmina, mas não foi forte o suficiente para pegar. Envergonhada, ela olhou para Olek. Ele simplesmente sorriu, sem importar se podia lançar uma faca ou não. Para sua surpresa, viu os soldados se alegrarem com seu esforço,

encantados por seus sorrisos reservados e olhares tímidos.

Morrigan foi a próxima a lançar e conseguiu bater o poste na sua vez, entretanto eles não foram centralizados. Travessa ela fez uma reverência enquanto recebia aplausos.

—Talvez as damas deveriam deixar um homem mostrar como se faz. — Uma voz da multidão disse.

Morrigan rolou seus olhos, recuperando as lâminas de prata e entregando a Pia. Nadja riu enquanto ia para perto de Olek.

—Ach. — Agro gritou. —Você é dificilmente um homem, Hume!

—Você já deu o creme para Zoran? — Nadja perguntou a seu marido, olhando para o formidável marido de Pia. Ele parecia volumoso, com seus braços cruzados. De repente, Nadja não estava tão certa se queria abordá-lo.

—Os médicos estão analisando. — Olek admitiu. Quando ela franziu o cenho, ele disse: —Não porque não confio em você, mas porque uma segunda opinião nunca machuca ninguém. Além disso, se passar a frente deles poderiam se magoar e a última coisa que precisamos é um médico irritável em cima de outro.

Nadja movimentou a cabeça, aceitando sua lógica. Ela girou para ver Pia, ansiosa para ver o quão boa a mulher era. Não tinha nenhuma dúvida de que Pia excederia em brilho elas todas.

Pia pegou as facas, pesando-as cuidadosamente em sua mão enquanto as testava. Chegando a terceira, ela ergueu-a e

estudou a lâmina. Franzindo o cenho, ela foi para seu marido e entregou a ele. Ela tirou uma faca de sua cintura para substituir a outra, testando sua lâmina como ela fez com as outras.

Zoran franziu o cenho intrigado, Pia anunciou em voz alta.

—Você precisa verificar o equilíbrio naquela. Puxará um pouco para à direita.

Sem apenas mover um músculo, Zoran lançou a lâmina acima de seu ombro. Cravou justo à direita do objetivo. Os homens cordialmente riram.

Sem dar a volta, Pia disse inteligentemente: —Disse a você. —Zoran sorriu para sua esposa e Nadja quase desfaleceu. Ela estava certa de que era primeira vez que ela o via demonstrar alguma emoção. Olek riu. Indo até o objetivo Pia respirou profundamente... lançando uma das facas, rapidamente se lançou ao chão para lançar duas mais em um giro. Então ficando de joelhos lançou as últimas duas. A quarta cravou contra a de Zoran fazendo-a cair, antes de cravar no lugar. A quinta, girou em seu braço e perdeu o poste por completo. Os guerreiros observaram com pasmo silêncio, seus olhos seguindo o caminho de seu último lançamento. Estava nos pés de Hume.

—Falhou. — Hume disse, quebrando o silêncio. Os homens aplaudiram selvagens. Pia fez uma reverência graciosa. As mulheres saltaram em excitação, com a vitória de Pia.

—Você viu isto?— Nadja perguntou a seu marido com um

sorriso brilhante. —Acha que pode me ensinar a fazer isso algum dia?

Olek sorriu.

—O primeiro é o primeiro, tem que aprender a falar meu idioma primeiro.

—Eu tenho algumas palavras que você pode me ensinar. — Ela murmurou, examinando-o com olhos famintos. Olek grunhiu em sua garganta em resposta.

Nadja voltou para o espetáculo. Olena tinha as lâminas e uma aparência muito irritada olhando o Príncipe Ualan reunindo-se com sua esposa. Nadja não pode ouvir o que disse, mas logo Morrigan estava sendo levada longe por seu marido para o caminho da floresta. Nadja franziu o cenho.

—Me alegra que não tenha o temperamento de seus irmãos. Eu teria afogado você há muito tempo.

Olek sorriu. Com uma piscada, ele disse: — Você tentou me afogar ontem à noite.

Nadja ruborizou. Ele estava se referindo a quando ela envolveu suas pernas ao redor de sua cabeça na água enquanto ele lhe mostrava o significado da frase, 'devolver o favor'. Ela o golpeou, incapaz de pensar em reponder. Olek riu.

—Nós estamos esperando! — Veio um grito da multidão.

Nadja viu quando Pia convertia o olhar furioso em bom

humor diretamente para Hume. Ironicamente, disse: —Não me obrigue a apontar mais alto, Senhor Hume.

Pia se referia a seu peito, mas os guerreiros desordeiros eram muito espertos para pensar em algo obsceno.

Zoran engoliu. Pia parecia confusa com a zombaria dos guerreiros. Olena começou a rir entendendo muito bem os soldados.

Olena lançou na sua vez, golpeando o poste quatro das cinco vezes. A última faca estava perto, mas passou direto sem cravar. Os homens aplaudiram quando foi recolher as facas. Olek olhou para baixo quando Nadja acenou com a mão passando sua vez. Ela não queria tentar novamente na frente da multidão. Cuidadosamente, a mão de Nadja se deslizou pelo braço de Olek enquanto via Olena girar impaciente para Pia.

O coração de Olek parou com a simples exibição pública. Seu povo era abertamente afetuoso, mas sua esposa não. Era bom ver que não estava envergonhada por seus sentimentos por ele como antes. A esse ritmo, a teria em seu colo, alimentando-o com a mão, no prazo de um mês. Seu corpo ficou tenso com a ideia, mas obrigou-se a se acalmar.

—Precisamos de uma venda para os olhos. — Zoran disse. Milagrosamente, a solicitação foi rapidamente atendida por alguém que passou na frente de Zoran. Zoran cruzou até Pia e amarrou ao redor de sua cabeça. Zoran então deu uma palmada no traseiro de sua esposa. Os homens começaram a rir.

Silenciosamente ele retrocedeu.

—Eu aposto que ela consegue. — Nadja sussurrou com fascinação.

Olek bateu levemente sua mão e ela olhou para ele.

—Faça seu lançamento!— Zoran disse.

Pia ergueu seu braço, apontando. Segurando a respiração, ela lançou, ouvindo a lâmina cair sobre madeira. Pia lançou uma segunda e terceira vez. Cada lâmina aterrissou no poste. De repente, um aplauso alto surgiu acima da multidão.

Zoran sorriu quando ela endureceu. Ele fez um gesto com as mãos para homens fazerem barulho. Nadja olhou o guerreiro grande com assombro. Esse foi o segundo sorriso que ela viu.

Pia ergueu a lâmina, tentando se concentrar acima dos gritos. Ela lançou. O quarto golpe, entretanto não foi tão forte como os outros.

—Oooo. — Os homens gritaram em uníssono.

—Zoran! — Veio um grito apavorou súbito. —Olek! Yusef!

Nadja sacudiu, procurando ao redor para ver quem chamava.

Olek endureceu sob sua mão, soltando-se de seu agarre. Nadja piscou confusa

Zoran começou a correr ao ouvir a voz de seu irmão,

pegando a espada de sua cintura. Yusef movimentou a cabeça para um dos homens, que imediatamente lançou à sua mão boa uma espada. Olek estava logo atrás deles, pegando sua própria espada. Nadja começou a avançar. Pia tirou a venda de sua cabeça. Agarrando sua faca, a mulher foi atrás de seu marido. Os guerreiros começaram a murmurar, mas seguindo o comando de Agro, eles não se movimentaram. Nadja olhou para Olena e logo ambas foram atrás dos outros.

Olek viu Ualan sendo perseguido por doze loiros guerreiros Var desde as árvores, acima do caminho da floresta. Seus corpos cresceram e se cobriu com pelo, quando se transformaram em feras, grunhindo como gatos selvagens. Ualan arrastava Morrigan com um braço. Ela estava inconsciente, um dardo atingiu sua garganta. Ualan foi forçado a mudar para Draig, usando seu braço para desviar o ataque do inimigo enquanto combatia com seu braço livre. Ele tentava proteger Morrigan, seus pés se arrastando na terra. Logo todos os príncipes estavam ao seu lado em forma Draig enquanto lutavam com os Var. A mão de Yusef ia para frente valentemente usando sua espada, dando tempo para Ualan colocar Morrigan em segurança.

Ualan deixou Morrigan atrás deles no chão tão suavemente quanto pode. Ele voltou para se juntar à luta contra os atacantes. Pia não se situou, mas correu rapidamente para os homens, lançando sua lâmina na garganta de uma criatura. Quando Zoran ergueu seu braço, ela passou por baixo dele e pegou a faca de seu cinto.

Os pés de Nadja ficaram imóveis. Seus lábios começaram a tremer enquanto ela via Olek se transformar para a batalha. Por um momento, ela piscou, pensando que os sóis seguramente estavam fazendo truques com seus olhos. Era muito real. Ela endureceu de medo ao ver a luta das criaturas humano-dragões e humano-tigres. Seu marido era um dragão. Aqueles desenhos que fez não eram apenas criaturas místicas.

Sua boca secou. A pele de Olek endureceu, em tom marrom escuro sob suas roupas. Seu cabelo era o mesmo, mas uma linha cresceu em sua testa, empurrado-se para frente para se cobrir como um tecido impermeável seu nariz e sobrancelha. Seu olho relampejava com perigo dourado. Garras cresceram de suas unhas e dentes mortais fizeram com que seu sangue gelasse.

—Nadja. — Olena gritou. Ela estava com Morrigan inconsciente. —Ajude-me!

Agitando-se, Nadja foi até a princesa caída. Ela tremeu ao ver um dardo no pescoço de Morrigan. Nadja estremeceu novamente, seus olhos olhando ao redor para examinar as árvores.

—Ajude-me. — Olena exigiu, tentando arrastar Morrigan longe da luta.

Nadja e Olena começaram a puxar, arrastando Morrigan para a segurança. O som da batalha ainda soava. Quando estiveram longe o suficiente longe, Nadja parou. Ela caiu de joelhos.

—Nós devíamos tirar isso?— Olena perguntou.

—Não. — Nadja respondeu. Novamente ela tremeu enquanto olhava para as árvores. Seus olhos procuraram por algum movimento, mas não viu nada. —Não toque nisso.

Olek não parou para considerar sua esposa enquanto lutava corajosamente ao lado de seu irmão. Logo os Vars retrocederam na floresta. Ualan girou, cheirando a trilha de Morrigan enquanto a seguia, Yusef e Olek atrás dele. Zoran ficou com Pia para ter certeza que os homens não eram seguidos.

Olek congelou ao ver o rosto pálido de Nadja. Ela estava ao lado de Morrigan, seus olhos estreitos examinando o ferimento. O dardo estava ainda no pescoço de Morrigan e a mulher não estava se movendo.

Nadja tremeu ao ver o rosto Draig de Ualan enquanto ele se aproximava. Imediatamente mudou para se mostrar como ela o conhecia. Procurando ao redor, com cansaço viu os traços humanos de Olek. Olek viu sua boca tremer antes que ela se virasse. Não sabia o que dizer. Ualan avançou.

—Não. — Nadja ordenou, sua voz rouca pelo medo. Olek a viu saltar afastando-se da mão de Ualan. Ualan recuou com surpresa, mas Nadja apenas apontou com a cabeça seu braço onde as bolhas vermelhas estavam se formando em sua pele. — Ela envenenou você.

A mandíbula de Ualan enrijesceu, mas ele se conteve.

—Você não pode movê-la ainda. — Nadja disse, tentando permanecer tranquila. Ela não queria fazer nada além de correr para longe, mas não podia. Conhecia o dardo estrangeiro muito bem. Ela era a única que entendia seu veneno.

—Mas, o veneno... — Ualan tentou, desesperado por ajudar sua esposa.

—Calma. — Nadja disse. Zoran e Pia chegaram da batalha. Eles hesitaram em silêncio. Nadja se recusou a olhar algum deles nos olhos. Suas mãos tremiam enquanto fingia se concentrar. Dentro dela seu coração batia furiosamente. Seu estômago tinha nós de medo, não estava certa se iria vomitar ou desmaiar. — Deixe-me pensar. Eu preciso me concentrar.

Ualan olhou para Olek. Olek deu de ombros. Ele estava preocupado com sua própria esposa. Viu sua mão tremer. Viu sacudir seus ombros levemente. E com a conexão que havia entre ele, sentiu sua explosão de terror.

—Dê-me sua faca. — Nadja disse de repente para Pia, estendendo a mão com determinação. A mulher imediatamente entregou. Respirando fundo, Nadja cortou a garganta de Morrigan onde o dardo estava cravado na pele. Logo, algo verde escuro começou a gotejar e escoar do ferimento. Ela começou a tirar com a ponta da faca a ponta do dardo.

Nadja soltou a lâmina e continuou tirando o veneno. Quando ela terminou, em voz baixa disse para Ualan: —Tente tocá-la.

Ualan o fez. E saiu ileso.

—É como eu pensei. — Nadja respirou. O conhecimento lhe rouxe um pequeno prazer quando ela novamente olhou para as árvores. Era como se pudesse sentir os olhos nela, mas não podia encontrá-los. Cansada, ela admitiu. —Vi este tipo de veneno antes. Normalmente antigos amantes usam como vingança. Se você tivesse tirado o dardo da pele, teria lançado o veneno no fluxo de sangue. Ela viveria, mas você nunca poderia tocá-la novamente. É irônico realmente. Dessa forma, se o atual amante envenena a mulher, sela seu destino.

Olek a viu olhando para a floresta, procurando. Ele se perguntou se ela considerava correr ou se estava assustada com os guerreiros Var escondidos entre elas.

—Você deve levá-la a um médico. — Nadja disse, seu tom diminuindo para um mero sussurro. Ficou de pé, tentando se afastar dos Draig para ir por onde veio. —Eu diria que quem a envenenou não queria que você tocasse nela. — Nadja disse. Sentindo que fez tudo o que podia, ela girou e foi embora, desesperada para se afastar do que estava escondido na floresta.

Olek estava logo atrás ela.

Capítulo Dezoito



—Nadja, pare! — Olek suavemente ordenou, não querendo gritar na frente de sua família quando sabia que podiam escutá-lo muito bem. Quando ela apenas correu mais rápido ante suas palavras, ele arremessou adiante, usando a injusta vantagem de seu Draig para detê-la.

Nadja inalou ruidosamente quando ele a tocou. Seu ombro tremeu violentamente sob sua mão. Olek sentiu lastima por isso, mas não a deixou ir.

—Nadja. — Ele começou. Tentando acariciar pelo algodão escuro de sua camisa, ele sussurrou: — Por favor. Não faça isto. Não pode...?

—Deixe-me ir Olek. — ela sussurrou com medo, não girando para olhá-lo. Ela desesperadamente tentava soltar seu ombro de seu aperto. Seus ouvidos se dirigiram para as árvores para ver se eles foram seguidos. Ela não podia ouvir nada, a não ser os insetos ou pássaros. Mas com a batalha recente, isso não era desconhecido. Sabendo que não podia arriscar ser vista com um shifter, ela empurrou-o.

Olek a deixou ir. Seus olhos estreitados. Ele podia sentir seu medo e sentia muito por isto. Ele queria abraçá-la, confortá-la. Mas, acreditando em que ele era a causa de seu medo, conteve-

se e esperou ela falar.

Nadja sabia que era seu pai na floresta. Ela não podia vê-lo, mas ela o faria? Não, ela não o veria ele até que ele quisesse. Ele iria brincar primeiro, castigá-la com seu próprio medo. Ela procurou pela floresta colossal de qualquer maneira, vendo o caminho de terra vermelha ante ela, rodeado de samambaias amarelas que pareciam quase verdes nas sombras.

Ela sabia o que era esse dardo. Era muito estrangeiro para este planeta e só encontrava-se no mercado negro. Ela o transportou em seu cabelo antes. Normalmente apenas os Reis rejeitados podiam se dar ao luxo de comprar o veneno e eles apenas o faziam para poder castigar a beleza local da aldeia por não lhe devolver as "atenções". Era um artigo valioso. Para os soldados Var possuir um, tinha que significar que alguém muito acima da máfia médica houvesse vendido. Seu pai era a conexão mais alta que alguém poderia conseguir.

Se Olek fosse apenas um Príncipe humano, Nadja poderia ter a mínima esperança que seu pai entenderia e perdoaria. Não era provável, mas havia sempre a chance. Porém, Olek não era humano. Ele era um metamorfo e isso fazia toda a diferença no mundo. Doc Aleksander, como seu pai era conhecido por associados da Aliança Médica, era um purista humano. Ele suportava pacientemente estar com as raças alienígenas por necessidade, mas ele não achava que fossem o suficiente para lambar a botas de um humano.

Oh, se ele descobrisse que ela apaixonou-se por um deles e dormiu com um metamorfo! Isso significaria horrível morte para a família real inteira. O coração de Nadja se apertou com dor insuportável já que ela não podia deixar Olek descobrir. Seu pai poderia desfigurá-lo, mas ele esfolaria vivo cada pessoa que teve contato com ela. E, se tivesse sorte, as outras Princesas humanas apenas seriam vendidas como escravas, a forma humana mais baixa possível.

Mas nenhum destino seria pior que o de Olek. Olhando para seu rosto bonito, sabia que não importava o forte que fosse ou valente. Não poderia lutar contra Doc Aleksander ou seus homens geneticamente alterados. Quando Olek fosse capturado, sem dúvida sua conexão com ela seria descoberta, sua morte seria mais lenta e dolorosa. E se veria obrigada a observar completamente tudo.

Todos seus nervos saltaram sobre sua pele. Ela viu o que seu pai fez com as pessoas que simplesmente olharam para ela de modo errado. Ele cirurgicamente removia seus olhos sem anestesia geral. Se eles desmaiassem, ele os reavivava assim não perderiam um agonizante segundo de sua tortura.

Olek viu como o rosto de Nadja mudava de medo para uma máscara de indiferença. O vínculo entre eles foi cortado até que o deixou sentindo-se vazio e morto por dentro. Já não podia perceber o seu medo. Ela separou-se dele, negando-se a deixar que ele a sentisse.

Olek deu um passo desesperado, seu braço levantando-se para puxá-la se necessário. Os olhos de Nadja se afastaram, olhando novamente para as árvores. Ele olhou, tentando ver o que ela buscava.

—Não se aproxime, Olek. — Ela advertiu. Nadja não tinha nenhuma dúvida de seu pai sabia que ela reconheceria o dardo, como ela sabia que ele enviou um cartão de visitas. Se seu pai estivesse perto, então já sabia que estes homens era shifters. Ela podia só rezar para que o convencesse de que ela não sabia disso até hoje, o que era verdade, e que não tinha nada a ver com qualquer um deles.

Ela poderia dizer que ficou assustada, que cometeu uma tolice e terminou ali. Os Príncipes eram agradáveis o suficiente para dar a ela um quarto até que seu pai pudesse ir buscá-la. Tinha que funcionar. Vendo o rosto torturado de Olek, ela lamentou tudo isso. Seus sentimentos por ela era um problema em seu plano. Ela tinha que cortá-los imediatamente.

—Apenas fique atrás. Não se aproxime de mim. — Ela advertiu em uma voz baixa.

—Nadja, por favor. — Ele implorou. Sua mão a agarrou novamente. Seus olhos implorando que a deixasse ir. —Eu já machuquei você?

Nadja conteve-se. Ela o amava, então seria forçada a machucá-lo para salvá-lo. Deixando um desagradável grunhido sair de seus lábios para o caso de seu pai estar observando-a, ela

perguntou: —O que você é?

—Eu sou Draig. — Ele disse, sem se preocupar com os traços de seu bonito rosto. —Nadja...?

—Eu não conheço você. — Ela respondeu antes de se desatar. Ela deixa sua voz subir, rezando para serem escutados.

—Você me conhece Nadja. — Olek pleiteou, seu tom suave, torturado, atencioso. —Eu sou o mesmo homem. Aqui, pegue minha mão. Veja. Eu não machucarei você, flor solar.

—Apenas se afaste. — Ela silvou, recusando seus dedos oferecidos. Ela olhou ao procurando seu pai. Sua cabeça repetia constantemente que não deveria demonstrar afeto. Grunhindo, sua voz poderia ser ouvida em uma curta distância, ela disse: — Eu só pedi duas coisas, honestidade e lealdade. E até agora você não foi honesto. Não me contou que era um metamorfo.

—Você nunca perguntou. — Olek se defendeu.

—Bem estou perguntando agora. Existe qualquer outra coisa que eu deva saber, sua alteza? Quaisquer outras surpresas, como você ter cinco outras esposas e vinte crianças escondidas em algum lugar? — Nadja deixa uma expressão de repugnância se instalar em seu rosto.

Olek vacilou ao vê-la. Ele sentiu como se sua alma estivesse sendo rasgada e deixando uma concha vazia.

—Eu disse a você para nunca mentir para mim, Olek. — Nadja continuou, tranquilamente. —Você mentiu sobre ser um

Príncipe.

—Eu disse que trabalhava. — Ele respondeu. Por que ela estava tocando nisso agora? Não fazia sentido! Isso era passado!

—Você sabia o que eu estava perguntando. — Ela proclamou. Era muito difícil. Toda fibra nela odiava o que fazia com ele. —Por que você não podia ser um fazendeiro?

O coração de Olek quase parou.

—Não importa. — Ela sussurrou. Percebeu agora que um fazendeiro não poderia protegê-la mais que um Príncipe. Doc Aleksander queria sua filha de volta e ele a conseguiria.

—Eu nunca menti. — Ele sussurrou.

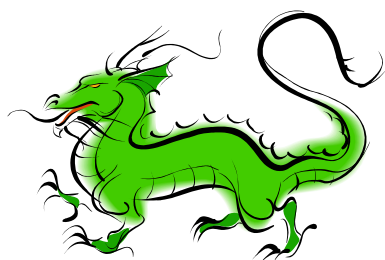
—E ainda, você nunca realmente disse a verdade. — Ela respondeu. —Vá ver Morrigan, Olek. Eu preciso de um tempo sozinha. — Estava feito, Nadja pensou, seu coração se partindo em mil pedaços diferentes. Seu corpo estava frio e ela de repente desejou que os Var a envenenasse ao invés de Morrigan. Ela olhou à distância, esperando que seu pai tivesse desfrutado de sua pequena atuação.

Olek movimentou a cabeça. Ele não tentou tocá-la novamente, mas passou por ela, descendo o caminho de terra vermelha que levava ao palácio. O desespero e a desesperança a cercaram. Nadja foi atrás dele mantendo a distância para assegurar-se de não se encontrar com ele novamente.

Uma vez que chegou ao portão dianteiro, ignorou o guarda,

que meramente olhou sua entrada. Ela deu passos rápidos pelos corredores, correndo quando ninguém pode ver ou ouvir. Ela sabia que todos estariam na ala médica com Morrigan. Ela queria ver a mulher, mas não podia, o risco era grande.

Chegando em casa, correu para o lado de dentro. Olhando ao redor, seu coração doeu pela vida que nunca levaria ali, pelos filhos que nunca teria, pela função de embaixadora trabalhando com seu esposo, por todos os sorrisos e risadas que nunca teria casada com um homem como Hank. Foi uma tola ao pensar que alguma vez se livraria de se casar com Hank. Foi tola ao pensar que merecia algo mais. Depois dos anos de vida que passou de pé ao lado de seu pai, não dizendo nada para pará-lo, não merecia Olek. As vítimas que ele a obrigou a ajudar recuperar. Seus rostos passavam por sua mente sempre. Agora havia apenas uma coisa a fazer. Tinha que encontrar seu pai primeiro, antes dele buscá-la.



Olek fez como sua esposa pediu e foi olhar a esposa de Ualan. Ele disse a si mesmo que apenas lhe daria tempo suficiente e ela o aceitaria. Ele a ganhou uma vez, ele faria isso novamente. Ele tinha que fazê-lo. Não havia nenhuma outra opção para sua mente problemática. Ele precisava dela mais que de comida. Ela era seu coração, sua alma.

Morrigan foi examinada pelos médicos e teve alta para voltar para casa de Ualan. Ualan estava buscando-a quando encontrou Olek. Pegou-o desprevinido e contou tudo o que aconteceu.

Para sua surpresa, a Princesa Pia descobriu a identidade do espião usando um vídeo que Morrigan fez da coroação. Parecia que Morrigan era uma repórter e estava fazendo uma matéria sobre casamentos reais. Pensando sobre seu casamento, franziu o cenho, algumas histórias podiam ser... Também foi determinado com este último ataque a Morrigan, que o Rei Attor planejava atingir o lugar mais vulnerável dos príncipes, suas esposas. Matando as Princesas, o Rei Attor asseguraria que não tivessem herdeiros e sua linhagem terminaria.

Se Olek perdesse Nadja, nunca existiria outra para ele. Era assim com o cristal. Quando ela o quebrou os uniu para sempre. O Draig se acasalava por toda vida. Se eles perdessem seu companheiro, viveram o resto de seus dias sozinho, nunca levariam outra para sua cama. Se Olek perdesse sua esposa, ele não a substitua. Nunca poderia.

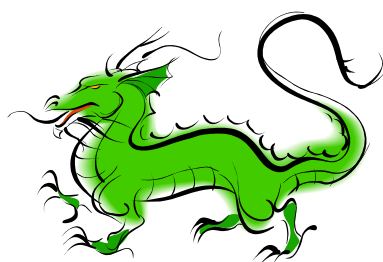
A notícia chegou um pouco depois que Olek visitou Morrigan na ala médica, o empregado que Pia identificou foi preso quase imediatamente depois que os Príncipes entraram na cozinha do palácio. Eles o acharam atrás de um dos grandes fornos de tijolo, encobrindo seu trabalho. O nariz de Zoran se levantou sentindo o cheiro do Var muito diferente dos Draig.

O espião deveria saber que seria descoberto, porque tentou

correr. Não adiantou. Yusef estava de pé na entrada e com um balanço de seu braço bom, esmurrou o homem na mandíbula, que caiu no chão.

Os empregados de Draig piscaram com surpresa com o ataque súbito, mas quando viram o homem no chão, começaram a se alegrar ao descobrir o engano. Como um trabalhador da mesma categoria, o espião de Var não era querido na cozinha.

A família real se aliviou com a notícia da captura do espião. Olek chegou na hora certa para ajudar a escoltar o soldado de Var para as prisões mais baixas. Um Draig guarda foi enviado para buscar Agro para o interrogatório. Acreditava-se que se qualquer um dos Príncipes o questionasse, eles provavelmente matariam o homem insolente pela intenção de matar suas esposas. Era melhor ter alguém com um temperamento mais frio. Olek não tinha dúvidas que o gigante descobriria muito do homem. Quando Agro escolhia mudar, ele podia ser muito persuasivo.



Nadja tentou fazer as malas, mas ela não podia se arriscar a levar muito e ser descoberta. Se debateu entre deixar uma nota para Olek explicando, mas no fim decidiu que não. Isto não o faria esperar. Se ele tentasse ir atrás dela, então tudo o que ela

fez seria em vão e teria que assistir ele morrer.

Respirando fundo, ela não levou nada, deixando a casa exatamente como estava. Era tarde. O crepúsculo se formou algum tempo atrás. Não havia tempo para adeus. Isto era tudo.

Nadja respirou fundo e conteve a respiração. Foi inútil. Ela instintivamente sabia que seu pai a estaria esperando no lugar do ataque de Morrigan. Caminhando pela trilha de terra vermelho, agarrou firmemente seus dedos. O anoitecer deixava o bosque mais escuro que de costume, mas se ela fechasse os olhos poderia ver aonde ia. As seções mais profundas da floresta eram um mistério. Com lágrimas nos olhos e o pensamento em salvar Olek, ela continuou se movendo. Seu corpo tremia incontrolavelmente com medo, sentir medo deixava tudo pior. Seus passos começaram a vacilar enquanto se aproximava do lugar que Morrigan caiu.

Nadja parou, enquanto olhava ao redor do colossal bosque, vendo a terra vermelha diante dela, rodeada por samambaias amarelas que pareceram verdes no crepúsculo obscuro. Ela não se moveu até que sentiu um movimento a seu lado. Foi o golpe de um fósforo e a luz de um elegante cigarro que primeiro chamou sua atenção. Ela abriu a boca para falar, mas sua voz só saiu como um chiado.

Ela viu o brilho laranja do cigarro de seu pai, iluminando seu rosto sinistro. Ele se inclinou contra uma árvore como se estivesse olhando e esperando por algum tempo. Aleksander saiu

do santuário da floresta, limpando a calça como se estivesse em um bom clube de cavalheiro. Seus movimentos eram graciosos e refinados. Ele usava um terno escuro, caro e elegante. Seu cabelo preto estava penteado para trás, combinando o negro bigode que se levantou quando falou, ou quando respirou como estava fazendo agora. Ele sorriu quando a fumaça saiu de seus lábios.

Imediatamente, ela sentiu-se como uma criança, a ponto de ser castigada por comer um pedaço de chocolate de sua mãe, ou sendo repreendida porque algum dignitário estrangeiro bonito olhou um segundo mais.

—Como você me achou? — Ela sussurrou, olhando para o chão.

O comentário causou uma risada junto a sua voz profunda. Quando tirou o cigarro da boca, com um ar de elegância, ele disse: —Nadja, querida, venha dar a seu pai um abraço.

Nadja não podia desobedecer. Com passos curtos, ela não o olhou nos olhos. Seus braços abertos foram para seus ombros. Ele ergueu seu cigarro enquanto ela se afastava do leve abraço e a ponta golpeou seu braço. Ela sacudiu.

—Oh, sinto muito querida. — Ele disse, seus olhos duros e irreconciliáveis. —O quão desajeitado eu sou.

Nadja não disse nada, não tocou a pequena queimadura. Ela apertou seus lábios para evitar gritar por Olek. Isto era sua

responsabilidade. Não importava o quanto sofreria, nunca o chamaria para morrer. As mãos de Aleksander tocaram seus ombros, roçando seus braços suavemente.

—Oh, Nadja, como você nos deu um susto. Sua mãe está louca de preocupação.

Nadja abaixou sua cabeça, endurecendo enquanto esperava outra queimadura. Nunca chegou. Humildemente, ela disse: — Desculpe, pai. Como você me achou?

—Você honestamente pensou que me afastaria de você, não é? — Ele meditou. —Você ficaria surpresa que leis podem ser burladas com suficiente dinheiro e persuasão.

Nadja viu as formas de persuasão desse homem.

—Você. — Ela começou. Parando, ela respirou fundo e tentou o olhar em seus olhos escuros. —Você não machucou ninguém, não é? Eles não sabiam quem eu era quando me deixarem entrar na nave.

—Nenhum, querida. — Ele sussurrou como se ele fosse o homem mais atencioso no mundo. —Mas você me machucou. Envergonhou a mim e sua mãe. Ela ficou muito chateada. Não deixou seu quarto desde sua festa de compromisso. Você me olhou no olho e disse que iria se casar com Hank. Você mentiu para mim.

—Não. — Ela gemeu. As lágrimas pulando de seus olhos quando ela olhou para ele. —Eu não menti.

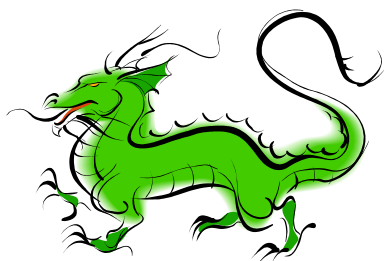
—Oh. — Ele a acalmou. —Não chore, Nadja.

—Eu não quero me casar com Hank. — Ela sussurrou. —Ele me assusta. Por favor, não me faça casar com ele. Deixe-me ficar com você e mamãe. O Hank queria... queria...

—Meninos. — Doc anunciou friamente, sem dar-lhe uma resposta. Seus grandes e geneticamente alterados homens saíram da floresta como se fossem árvores. —Tirem minha filha daqui, leve-a para nosso acampamento e olhem seu braço. Parece que ela se queimou em meu cigarro.

—Senhorita Aleksander. — Um dos homens se curvou. Nadja o reconheceu, mas não sabia seu nome. Ele era um dos muitos clones de seu pai que cresceu em seu laboratório. Ela podia ver em seu rosto que se não o seguisse com boa vontade, ele a levaria à força.

Nadja movimentou a cabeça ao caminhar. E, enquanto era levavada pela floresta, ela soube que seu destino estava selado.



Olek franziu o cenho ante o empregado diante dele e logo chegou à nota que tentou passar-lhe. O homem disse que era da Princesa Olena. Balançando sua cabeça, disse: —Essa mensagem não é para mim. Deve buscar meu irmão, Príncipe Yusef.

—Não, Draea Anwealda. — O homem balançou a cabeça. —A princesa Olena disse para entregar a você. Ela foi muito específica. Disse que eu desse isto para você hoje à noite.

—Muito bem. — Ele respondeu. — Vou esclarecer este engano agora mesmo.

Olek pegou a mensagem e movimentou a cabeça para o homem se afastar. Por que iria aquela bruxa enviar uma mensagem para ele? O quão inapropriado era isso o fez sentir-se doente. Agarrou a mensagem, sem quere lê-la. Apenas podia imaginar os rumores que poderiam se iniciar com este truque de Olena. Esperava que não chegassem a Nadja antes que tivesse a oportunidade de se explicar. Pensando em sua esposa, finalmente encontrou coragem para ir para casa e enfrentá-la. Era tarde e se tivesse sorte, estaria dormindo profundamente.

—Nadja. — Olek chamou tão suavemente como entrou em sua casa. Ele começou a abrir a mensagem de Olena sem vontade ler. Ele olhou no quarto. Ela não estava lá. Ele procurou por toda a casa, seu estômago doeu quando ele não a encontrou. Respirando fundo, ele sentou-se na cadeira. Onde ela poderia estar?

Capítulo Dezenove



Nadja foi levada a uma área de acampamento no fundo na floresta. Ela se sentia tremula e as suas pernas mal a sustentavam. Ninguém falou enquanto caminhavam. Nadja sentiu os olhos de seu pai atrás dela. Ela desejava que ele somente a tivesse matado e a livrasse disso. Seu silêncio era um mau presságio.

—Sente-se, minha querida. — Ele disse, apontando uma cadeira no meio.

Nadja olhou com cansaço.

—Não obrigada, estou bem.

—Sente-se. — Seu pai grunhiu, seu bigode escuro se torcendo.

Nadja movimentou a cabeça, não ousando recusar novamente. Ela se moveu devagar para a cadeira, seu corpo tremeu de susto quando se sentou. Ela conhecia esta cadeira, o viu algemar pulsos e tornozelos.

Nadja cruzou os braços e apertou seus tornozelos juntos, cuidando para a algema não machucar.

—Está com fome? — Perguntou, olhando-a atentamente.

Seus olhos estreitados em desgosto quando olhou sua cintura. — Eu vejo que você tem comido mais.

Era verdade que ela não seguia sua dieta desde que deixou sua nave médica, mas também esteve trabalhando muito.

—O que mais mudou em você, filha? — Ele perguntou, não se aborrecendo em mandar embora seus homens para conversarem em particular. Os clones eram leais e provavelmente não o ouviam de qualquer maneira.

—N... nada... — Ela mentiu, a voz trêmula.

—Sente-se. — Ele persuadiu. —Relaxe. Você parece tão tensa.

Nadja olhou para os braços da cadeira quando ele significativamente olhou para ela. Ela balançou a cabeça furiosamente, ficando de pé. Logo os homens a prenderam na cadeira, deixando-a impotente. Nadja começou a chorar. Sua lágrimas não tiveram nenhum efeito sobre a emoção dos homens.

—Pai, por favor. — Ela implorou, encontrando seus olhos. Sussurrando, ela pleiteou: —Não faça isto.

—Você fez isto. — Ele respondeu com condolência falsa, como se ele fosse a vítima e ela a culpada.

—O que... você fará?

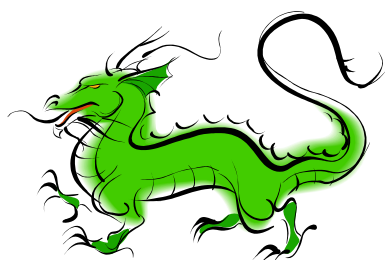
Doc ergueu sua mão e fez um gesto com os dedos. Um de

seus homens avançou para uma maleta médica. Nadja ficou tensa, ofegando freneticamente por ar, tentando não desmaiar quando o medo a subjugou.

—Pai, não! — Ela clamou. Sua mente começou a chamar Olek com terror.

—Já, já Nadja. — A sobrancelha do médico se levantou quando ele alcançou algo em sua bolsa. —Se você estiver dizendo a verdade, não terá nada com o que se preocupar.

Nadja engoliu. Então ela estaria morta.

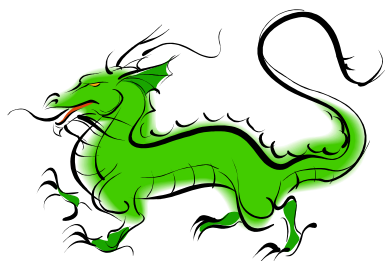


Olek se sacudiu à consciência, sua pele picando. Ele esperou, escutando. Nada. Todos estavam quietos. Imaginou ouvir seu nome, ele se sentou e passou os dedos por seu cabelo. De repente, a mensagem de Olena pegou seu olho. Ele a deixou cair no chão em sua preocupação com Nadja. Com uma careta, ele a levantou e abriu. Seus olhos se estreitaram à medida que ele lia.

O pai de sua esposa está vindo por ela. Pergunte a ela o que isso quer dizer. Eu vou tentar atrasá-lo. Você deve mantê-la segura. Ele é um homem do mal.

A mão de Olek tremia. A mensagem não tinha sentido. Com

o cenho franzido, a preocupação de apoderou dele. Agarrando a mensagem na mão, iria encontrar Olena e obrigá-la a dizer o que era essa mensagem secreta. Então, ele iria encontrar sua esposa.



—Pai? — Nadja engoliu saliva quando ele se aproximou dela. Picando seu braço, ele fez uma leitura de seu sangue. Ela viu sua cara de horror à medida que empalidecia. De repente, acenou sua mão para o grupo de homens.

—Vão. Tenham certeza que ela não foi seguida. — Eles movimentaram a cabeça e saíram.

—Pai?— Ela sussurrou.

Ele a ignorou, voltando para sua maleta médica. Quando ele se retirou sua mão segurava um bisturi laser. Nadja ficou tensa.

—Quem ele é, filha?— Ele perguntou em voz baixa, olhando o instrumento como se não confiasse nela.

—Qu... a quem se refere? — Perguntou, tremendo.

—Você sabe o que eu quero dizer. — Disse entre dentes. — Diga-me.

—Não existe ninguém, pai, eu juro. — Ela disse.

—Este scanner de sangue diz o contrário. — Ele grunhiu. Abatido, seus olhos brilharam estranho com o brilho azul das luzes do acampamento. —Quem te prostituiu?

—Ninguém. — Ela disse, tentando bloquear Olek de sua mente. Ela não podia deixá-lo encontrar o amor que sentia por ele.

Pegou o bisturi e pressionou levemente em seu rosto. Com apenas apertar o botão, ele ligaria e partiria seu olho em dois.

—Minha paciência diminuiu, Nadja. — Sussurrou. Levantando a lâmina acima de sua bochecha para seu pescoço, apertou em seu pulso acelerado. —Diga seu nome.

Nadja apertou os lábios. Seu pai moveu-se para trás e apertou o botão do bisturi. Levantando seu pulso, apertou os dedos sobre ela colocou a lâmina sobre seu braço.

—Última chance. — Ele grunhiu. —Eu terei um nome.

Nadja ficou tensa, fechando seus olhos enquanto se preparava para o corte. Chegou como o ataque de um raio, que serpenteou por seu antebraço em uma profunda ferida. Ela gemeu de dor, sabendo que não deveria gritar. Ninguém ouviria. Ela não queria alertar os guardas Draig. Se ouvissem, Olek entenderia. Com a respiração ofegante ela abriu os olhos.

—Eu posso fazer isto à noite toda. — Ele sussurrou.

Nadja tremeu. Ela sabia que ele podia.

—Mas, infelizmente, eu não tenho a noite toda. — Ele murmurou. —Veja, filha, eu fiz alguns amigos neste planeta maldito. Parece que seus Draig preciosos não são do agrado dos meus amigos. E se eu os ajudar, eles me ajudarão. Assim, diga, quem é o seu príncipe?

Nadja negou com a cabeça, rastros de lágrimas fluíam silenciosamente por seu rosto.

—Você é uma decepção. — Ele cheirou-a com desgosto. — Bem, machucar você não vai nos levar a qualquer lugar, mas o que acontece se eu machucar seus amigos?

Nadja endureceu. O sangue escorria do ferimento em seu braço, mas seu pai foi muito preciso ao cortar e não bateu em uma artéria. O doutor Aleksander estava em uma das tendas e retrocedeu nervoso.

—Traga a pirata. — Ele ordenou.

Nadja ficou tensa quando Olena entrou. Ela estava presa em uma mesa de operações, seus braços amarrados dos lados.

—Ela não teve nada a ver com isso. — Nadja se apressou.

O doutor Aleksander encolheu os ombros como se não importasse.

—Olena. — Repreendeu severamente a mulher ruiva. Ele golpeou seu rosto levemente. —É hora de acordar.

Olena piscou, automaticamente ficando rígida. Nadja viu sua

boca amordaçada. Sua cabeça caía sobre seus ombros.

—O que eu devo fazer com ela, Nadja? — Ele perguntou. Colocou o bisturi em seu rosto. Olena parou de se mover. Seus olhos verdes seguiram o laser quando ele se moveu para baixo. —Tirar seus olhos? Seu nariz? Tirar seus lábios?

—Não faça. — Nadja sussurrou, debilitada.

—Então me diga o que quero saber!— Ele ordenou. —Quem é o pai do bastardo que você carrega?

Nadja ficou tensa, segura que ela entendeu mal.

Olek ficou rígido, escutando as palavras do pai de Nadja que soavam claramente pela floresta. Começou a se adiantar já em forma Draig. A mão de Yusef em seu braço o parou. Ele assentiu com a cabeça para dar a volta do outro lado do acampamento para ver melhor. Olek aceitou sem querer. Havia um terror dentro dele, tão profundo, quando Nadja gemer de dor.

—Eu nunca direi a você. — Sua esposa respondeu audaz.

Olek engoliu com assombro e orgulho em sua força. Ela o estava protegendo.

Nadja estremeceu quando seu pai colocou a mão dentro da mala outra vez. Deixando Olena sozinha, ele voltou para Nadja.

—Esse bastardo dentro de você será dissolvido. — Disse o doutor Aleksander para sua filha. E acariciou seu rosto.

Para sua surpresa, as algemas foram liberadas de seus

pulsos e lhe permitiu se mover. Seus dedos tremiam enquanto seu pai erguia sua mão na dele. Ele a puxou para cima. Seus dedos se levantaram para roçar seu rosto, Nadja ficou tensa, fechando seus olhos para ele quando ela balançou-se em seus pés.

—É hora de ser uma criança outra vez, Nadja. — Ele sussurrou. —É hora para você tomar seu lugar entre seus pares.

Nadja sentiu o metal frio e duro sendo colocado em seus dedos. Ela balançou de surpresa ao ver o grande laser grande em sua mão. Era muito maior que a ferramenta de precisão fina que seu pai usou em seu braço. Seus dedos tremiam enquanto o olhava confusa.

—Você me ama, Nadja? — Ele perguntou a ela.

—Sim. — Nadja respondeu. Ela se amaldiçoou. Não era uma mentira. Ela o amava. Ele era seu pai. Mas ela não gostava dele, não podia respeitá-lo.

—Então a corte em pedaço. — Ele ordenou, apontando para Olena.

—O que...?— Nadja respirou, seus olhos muito abertos mudando de direção de maneira selvagem quando olhou para Olena amarrada na mesa.

—Ela é uma ladra comum, uma pirata. — Ele disse. Doutor Aleksander deu a sua filha um empurrão para a mulher. —Ela rompeu sua palavra.

—Não. — Nadja ofegou. O laser caiu no chão. Ela girou para correr. Seu pai a agarrou facilmente.

—Corte seus olhos. — Ele ordenou. —Ou eu queimarei sua cabeça. — Para provar seu ponto ele fez um sinal para um ferro quente ser levado ao fogo. Nadja viu o vermelho do metal e sentiu seu calor.

—Segure-a. — O doutor ordenou. Sua voz era tranquila, solta, cansada.

—Não!— Nadja gritou, batendo as mãos violentamente sobre ele, agarrando seus ombros e braços, levantando suas pernas no ar para chutar. Seu pai tirou o terno e arregaçou a manga. O ferro quente se agitou perigosamente com a ação.

—É hora de você aprender, Nadja. — Ele disse a ela. —Você não deve mentir para seu pai.

Nadja chutou, tentando ficar livre. O ferro chegou mais perto de seu rosto.

—Você fará como mandei?— Perguntou, sua voz zombando dela com sua serenidade, quase relaxante.

Nadja movimentou a cabeça. Como ela não podia?

—Deixe-a ir. — O doutor ordenou. Ele devolveu o ferro para um de seus homens que o lançou no chão novamente. Logo se aproximando do chão recuperou o bisturi para sua filha. Nadja pegou-o, seus dedos tremendo horivelmente enquanto apertava o botão. Um laser longo disparou, mais letal que as lâminas.

Nadja inalou, incapaz de respirar. O doutor levou sua mão até Olena, que gemeu, balançando sua cabeça enquanto os olhos imploravam.

Os dedos de Nadja tremiam enquanto subia a mão para o rosto de Olena. Os olhos da mulher suplicavam que parasse. Os dedos de Nadja deslizaram pelas lágrimas de Olena, que caíam pelos ombros.

—Eu sinto muito. — Nadja sussurrou levantando o laser perto dos olhos de Olena. Girando o olhar para seu pai, ela disse: —Eu amo você.

O doutor Aleksander sorriu. Nadja, usando um movimento que Pia ensinou, girou, empurrando o laser no coração de seu pai. O homem piscou com surpresa. Nadja ficou em seu lugar completamente congelada, incapaz de se mover quando o sangue caiu sobre seu peito. Em câmara lenta, ela o viu cair de joelhos. O caos estourou ao redor dela. Yusef e Olek saíram das árvores, subjugando os homens de Doc com golpes na garganta e no ventre.

Nadja ficou olhando. Seu pai estava olhando para ela, seus lábios se moviam. Sua mão se levantou como se fosse tocá-la. Nadja caiu de joelhos, pegando sua mão. Colocou o ouvido perto de sua boca. Quando Nadja se afastou, ele estava morto.

Yusef soltou Olena, abraçando-a em seu peito Draig enquanto se assegurou que ela estava ilesa. Olek estava em cima de Nadja, assinalando para o irmão levar sua esposa agitada para

casa. Quando ele olhou para baixo, viu que o bisturi que saia da camisa do homem, combinava com a tatuagem de Nadja. Sua esposa pegou o bisturi, tirando-o do peito do homem para desligá-lo. Guardou na maleta médica que estava no chão. Em uma placa leu as palavras Aliança Médica para Saúde Planetária.

—Nadja? — Ele perguntou.

Seus olhos sem expressão giraram para olhar para ele e ele sentiu um vazio se formando dentro dela.

—Ele disse que me perdoou. — Ela sussurrou. Então, levantou-se, e se enterrou nos braços de seu marido e não disseram outra palavra.



Soldados Draig chegaram no acampamento ao comando de Yusef, mudando e prontos para a batalha. Olek ordenou remover os corpos. Nadja ainda não havia falado depois da única frase. Nenhuma lágrima caiu dela. Ela se afastou de Olek para ver os soldados Draig pegando os corpos.

—Nadja?— Olek tranquilamente perguntou.

—Queime os clones. — Ela ordenou. —Eles são clones geneticamente alterados, clones humanos. Eles não têm sentimentos.

Olek movimentou a cabeça, gritando a ordem para os homens. Ele viu o sangue em seu braço, mas ela ignorou. A ferida não parecia um problema. Seus traços estavam manchados de sangue.

Nadja se ajoelhou ao lado de seu pai. Desabotoando o botão superior de sua camisa, ela puxou um medalhão oval pequeno do seu pescoço. Puxando-o ela rompeu a corrente de couro. Olek observou enquanto ela o abria. Sua foto estava no interior. Apertou em seu rosto a miniatura. Um raio de luz se aproximou e logo uma tela apareceu, flutuando no ar.

—Nós estamos registrando. — Disse uma voz.

—É Nadja Aleksander. — Ela disse calmamente ao homem forte que respondeu o chamado. Seu rosto estava à distância. O homem viu seu rosto claramente, mas não vacilou ao ver o sangue. Os olhos de Nadja endureceram quando ela olhou de volta nele.

—Identificação médica? — O homem perguntou.

—Pomba da manhã.

—Número? — A voz do homem estava sem emoções.

—Dez... doze... um. — Ela declarou. Olek se viu sacudido por seus traços imóveis. Era como ela estivesse morta do lado de dentro.

—Senhorita Aleksander. — O homem reconheceu.

—Meu pai está morto.

—Sim, Senhorita Aleksander. — O homem disse. Olek o viu se levantar e fazer uma reverência para ela. —Como posso servi-la, Senhorita Aleksander?

—Siga este sinal. — Ela ordenou. —Transporte seu corpo e desmonte o acampamento. Pegue tudo.

O homem movimentou a cabeça.

—Será feito, Senhorita.

—Diga a minha mãe que ele morreu nobremente. — Ela continuou. Olek franziu o cenho com a mentira óbvia. —Diga a ela que foi um acidente. Não a deixe ver o corpo até o funeral.

—Sim, Senhorita. —Ele respondeu. —E nós devemos buscá-la?

Nadja olhou para Olek. Lentamente, ela negou com a cabeça.

—Meu pai era o cabeça desta família. Agora, como sua herdeira estou rompendo a família. Diga ao doutor Truman que eu não tomarei lugar do meu pai ao seu lado. Ele morreu antes de poder nomear um segundo.

—Sim, Senhorita.

—Minha mãe ficará com tudo, cada centavo. —Nadja disse. —Eu quero que você vá pessoalmente cuidar do enterro. Leve-o para o Complexo de Hazare. O doutor Truman indubitavelmente

encontrará você lá para dar-lhe uma nova tarefa. Eu vou para Datlis começar de novo. Limpe os registros deste planeta. Não há nada aqui para a Aliança Médica, apenas, mas um grupo de homens primitivos que não tem nenhum propósito.

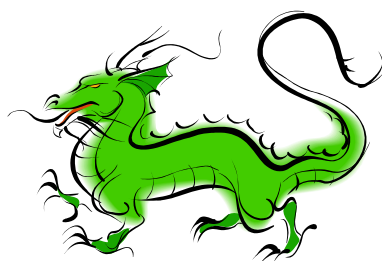
—Sim Senhorita. — O homem disse. Seus dedos movendo-se em um computador para fazer como ela ordenou.

—Pomba da manhã, dez, doze, um, fora. — Nadja declarou. Fechando comunicador, o deixou sobre o peito de seu pai. Piscou um sinal para a nave localizá-lo.

—Nadja? — Olek perguntou.

Ela estremeceu como se realmente o olhasse pela primeira vez. Fraca, ela disse: —Apenas deixe que venham, não fique no seu caminho. Se não lhes der nenhum problema, eles levarão todos e sairão para sempre.

—Nadja. — Ele respirou, preocupada com ela. De repente, ela empalideceu. Olek se lançou para frente, pegando-a quando ela desmaiou.



Nadja despertou na unidade médica. Ela viu seu marido conversando com Yusef. Olena não estava à vista. O rosto de Yusef rígido. Sentando-se sussurrou: — Olena?

Olek a olhou indo para seu lado.

—Ela está bem. Lhe Injetaram algo, ela esta na unidade médica descobrindo o que tem.

—Eu quero vê-la. — Nadja disse. Ela se moveu para levantar.

—Em um momento. — Olek disse.

Seus olhos de lançaram sobre ela com cuidado, mas ela estava muito aturdida para vê-lo. Tinha que assegurar-se de que Olena estava bem em primeiro lugar. Se suas ações fugindo de casa haviam causado algum dano, nunca seria capaz de perdoar a si mesma. Olek olhou para sua esposa que estava pálida. Ela mal se moveu. Seus olhos ficaram com um olhar estranho. Ela piscou, olhando-o.

—Há um bebê.

Olek sorriu, movimentando a cabeça felizmente.

—Eu sei. Ele está bem.

Nadja movimentou a cabeça. Para sua decepção, ela não devolveu seu sorriso. Seus olhos se moveram para a porta onde Olena estava na unidade médica. De repente, o médico, Tal, foi para a porta e a abriu. Yusef estava logo atrás dele na entrada. Nadja ficou de pé, roçando Olek para ir adiante.

Levemente tocou o braço de Yusef e sussurrou: —Posso ter um momento?

Yusef franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça. Fez um gesto para deixar as mulheres sozinhas.

—Eu sinto muito. — Nadja disse quando a porta se fechou atrás dos dois homens. Ela estava contente por ver Olena viva e bem. Uma represa se rompeu dentro dela enquanto chorava. — Eu não queria assustar você.

Olena riu.

—Não se desculpe. Você salvou minha vida.

—Eu não podia deixá-lo matar novamente. Você não tem nada para se preocupar sobre isso. — Nadja disse. Ela balançou levemente sobre seus pés e Olena podia dizer que ela estava cansada. —Como herdeira do doutor eu dissolvi a família. Eles não voltarão.

Nadja se moveu para a máquina que apitava. Distraída ela apertou um botão para que continuasse. Ela pegou uma cadeira, esperando um ciclo e logo voltou a apertar o botão.

—Nadja, eu sinto muito. Eu sei que ele era seu pai. — Olena começou.

Nadja tremeu, contendo uma forte dor. Ela levantou a mão para pará-la.

—Eu sou uma das poucas que poderia fazê-lo sem um contra golpe. Era hora que seu terror terminasse.

—Ainda assim. — Olena começou.

As lágrimas encheram os olhos de Nadja e ela chorou. Balançando sua cabeça, levantou sua mão para o silêncio. Não mais palavras sobre o assunto. Uma parte dela estava triste. Ele era seu pai e uma parte dela o amava. Mas ela não lamentava suas ações.

—Obrigada.

A unidade apitou novamente e olhou de Nadja até a tela.

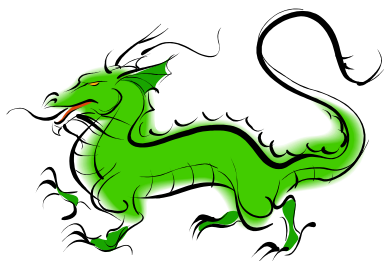
—Você está com dor? — Nadja perguntou com a insistência do painel.

—Não. — Olena disse.

Nadja apertou um botão.

—Como está seu bebê?— Olena perguntou.

Nadja inalou e enxugou seus olhos. Ela pensou em Olek, desesperadamente querendo vê-lo. Era como se ela saísse de um pesadelo. Lendo o painel, ela sorriu. Rindo, disse: —Espero que tão saudável quanto o seu.



Nadja estava quieta quando Olek entrou em sua casa. Havia tantas coisas que queria dizer, mas tinha medo. Não mencionou o que ele pensava sobre seu pai ou sobre o que aconteceu. E ela

estava muito envergonhada para enfrentá-lo.

Quando foram para a cama, Olek não disse uma palavra. Nadja deitou ao seu lado. Ele a puxou para seus braços, com suas costas firmemente em seu peito. Essa noite, ele não a deixou ir.

Capítulo Vinte



Um cheiro doce, exótico estava ao redor de Nadja em seus sonhos, provocando um sorriso ao tato de seus lábios. A seu redor estavam os pequenos pinceis de suavidade de seda. Piscou acordando, percebeu que Olek havia desaparecido, mas as pétalas de flores solares estavam ao seu redor.

Ela suspirou, passando seus dedos pelo seu travesseiro. Seus dedos encontraram um papel e ela imediatamente se sentou. Era um desenho dela dormindo, cercada pelas pétalas. No canto, Olek escreveu:

Tenho que me reunir com meus irmãos. Nós descobrimos o acampamento do Rei Attor e iremos enfrenta-lo. Eu não queria te acordar. Chegarei em casa assim que puder.

Nadja sentiu as lágrimas em seus olhos. Saiu correndo do quarto, para o corredor para ver se poderia alcançá-lo. Tinha o desenho entre seus dedos. Ele saiu fazia tempo. Seus dedos tocaram seu estômago plano. Ele não podia ir para a batalha sem ela falar com ele primeiro. Ela tinha tanto que precisa dizer a ele.

—Abra. — Nadja ordenou à porta, saindo por ela antes que se abrisse de tudo. Chamando, ela gritou: —Olek!

Nadja começou a correr descalça pelo corredor.

—Olek, espera! — Ela gritou, sem importar quem a ouvia. Quase perder o equilíbrio sobre o Rei. —Oh!

—Ei, calma. — O Rei Llyr disse. —O que está acontecendo? Você está machucada?

—Não. — Ela murmurou, tentando passar por ele. —Olek...

—Sh, filha espere. — Llyr disse. —Você não pode ir até ele agora. Ele está nos calabouços mais baixos. Agro descobriu de um espião que Rei Attor está acampando ao longo da borda meridional planejando um ataque.

—Então me leve para as prisões. — Ela começou em uma ordem.

—Não. — Ele negou brusco. —Não é um lugar para uma dama.

—Mas... — Ela tentou protestar.

—Agora, vamos. — O Rei disse. Pegou seu cotovelo e começou a leva-la corredor abaixo para sua casa. Ainda segurava o desenho e o olhou brevemente.

—Vamos, vá descansar. Não deveria fazer esforço em sua condição.

Nadja ruborizou, enquanto seu sogro a guiava pela mão. O Rei ordenou a porta de sua casa para se fechar atrás deles. Levou-a ao sofá e persuadiu que ela se sentasse.

Olhando fixamente, ela perguntou: —Ele disse a você sobre

o bebê?

—Claro que ele disse a mim!— O Rei estalou. —Ele disse para todo mundo.

Nadja suspirou.

—Então ele sabe.

—Ele ouviu seu pai mencionar. — Llyr disse. Seus olhos ficaram sérios à medida que ele sentava-se. —Como você está, filha?

—Bem. — Ela murmurou distraidamente. —E ele não estava chateado com isto? Estava feliz?

—Claro que ele esta feliz. — Llyr disse com sua voz áspera, mas Nadja podia ver o cuidado em seus olhos. —Todos nós estamos.

Llyr viu seu alívio e perguntou.

—Eu não sei o que aquele homem fez para você, menina. — Ele grunhiu. —Mas ele não é sua família. Nós somos.

Nadja piscou, lágrimas se formaram em seus olhos.

—Ah. — O Rei fez uma careta. —Não fique toda sentimental comigo.

Nadja mordeu seus lábios, segurando suas lágrimas e assentiu com a cabeça respeitosamente.

—Muito bem, então. — Llyr disse, quando viu que ela não

estava a ponto de começar a gritar. —Agora, por que acha que ele não estaria feliz? Seguramente você sentiu isso.

Nadja negou com a cabeça.

—Bem, por que você não o lê por si mesma se tem curiosidade? — Disse o Rei com assombro. —É por isso que ele te deu o presente.

—O presente do bebê? — Ela perguntou confusa.

—Aquelas pessoas do Noivas da Galáxia não disseram nada a você? —Perguntou, franzindo o cenho em desânimo. —O presente de si mesmo.

Nadja olhava fixamente para ele.

—Ah. — Ele suspirou fortemente. —Você se lembra do cristal quebrando, certo?

Nadja movimentou a cabeça.

—Certo, então. — Ele murmurou. —Nossos cristais têm poderes mágicos. Eles brilham e nós achamos nossas esposas. Escolhemos levá-las para nossa tenda para assim... — Ele parou, ficando levemente distraído ao recordar sua noite de bodas com clareza. Que foi uma tortura, uma gloriosa tortura. —Você fica e nos escolhe, você esmaga o cristal, nossa vida estende a sua e aí tem. Você se uniu.

Nadja piscou com a descrição áspera, varonil.

—Você entendeu? — Ele perguntou, seu tom quase um

grunhido.

Nadja negou com a cabeça. O Rei suspirou.

—Os homens de Qurilixien recebem um cristal quando eles nascem. — Ele declarou. —Eles são mágicos.

Nadja movimentou a cabeça, tentando não rir de seu rosto exasperado.

—Quando vocês foram acasalados pelo cristal, suas vidas se uniram de tal maneira que nunca podem se separar. Trocaram suas almas, mais ou menos dizendo. Quebrando o cristal, você assegurou que não houvesse volta. E no processo ele deu alguns anos de sua vida para você, para viverem muito tempo juntos. — O Rei parou, olhando-a. — Você conseguiu entender até agora?

Nadja novamente assentiu com a cabeça. Ela não ousava sorrir muito para o Rei, para que não ele parasse sua explicação.

—Correto, bem. — Ele disse, seu peito se levantando com a respiração. Suas mãos se apertaram em punhos em seu colo enquanto ele continuava. —Cada uma de vocês é como a metade de uma... uma espada. Sem o outro lado, você não pode...

—Arrancar a cabeça de alguém. — Nadja ofereceu.

—Exatamente!— O Rei exclamou com um sorriso. —Quer dizer que ele é seu e assim por diante.

—E o resto?— Nadja sondou.

—Sim, sobre dormir com outras mulheres. —O Rei

respondeu limpando a garganta. Nadja ruborizou de vergonha. — Agora, desde que se uniram, você poder lê-lo... já sabe, ah inferno! Pergunte a seu marido. É seu trabalho explicar tudo isso. Eu só vim para dizer a você que Zoran aprovou seu creme. Ele está pedindo mais para os homens. Faça uma lista do que você precisa e pedirei um empregado que traga.

Nadja sorriu e movimentou a cabeça, pensando mais em Olek que em suas ervas.

O Rei ficou de pé. Suas mãos em seus quadris, ele ordenou humilde: — Agora fique aqui. Olek deve voltar amanhã de manhã no mais tardar. Eu não quero você correndo e arriscando meu neto.

—Isto é um decreto real?— Nadja perguntou com um sorriso endiabrado. Ela não conseguiu evitar.

—Sim. — Ele murmurou, tentando franzir o cenho, mas falhou. Ele estava muito feliz sobre seu estado delicado para se importar. Saindo na porta, ele gritou: —Sim, com certeza é assim!

As notícias chegaram naquela noite que os homens foram à batalha com o Rei Attor e seus guerreiros Var. Os rastreadores Draig conseguiram confirmar as palavras do espião sobre a posição de acampamento de Attor de Var. Nadja estava preocupada, movendo-se na cama a maior parte da noite, as cortinas de cúpula balançando, quando ela se cansou de dormir. Encontrou a caixa de joias que seu pai lhe deu e passou a maior

parte do dia chorando, enquanto tentava recordar as coisas boas dele, ainda que fossem poucas. Substituindo a última peça da caixa e fechando-a para sempre, ela finalmente enxugou a última lágrima que derramaria por ele.

Doc Aleksander era o passado. Olek e seu bebê eram o futuro.

Olek não voltou para casa até a tarde seguinte. Nadja estava esperando por ele quando entrou pela porta. Para sua surpresa, ele foi recebido com uma chuva de beijos em seu rosto e as pernas em volta de sua cintura. Suas mãos foram para seu traseiro para segurá-la. Sua boca, aberta de assombro moveu-se para dar-lhe um beijo profundo, sua língua entrando para explorar sua boca enquanto tentava roubar seu fôlego.

—Mmm. — Olek gemeu, puxando-a. Um sorriso interrogativo em seu rosto, ele sussurrou: — O que é isto?

Suas mãos percorreram seus ombros e de repente ela vacilou, percebendo o cabo de sua espada cutucando sua coxa.

—Oh, sua espada. — Ela respondeu, balançando suas pernas para o chão. Olek riu. Quando ela estava segura no chão, ele a deixou ir e tirou a arma de sua cintura.

—Eu sinto tanto não ter contado você sobre meu pai, Olek. — Nadja se apressou, tentando falar tudo de uma vez. —Ele era um dos líderes da Máfia Médica. A Aliança é só uma frente. Eles podiam facilmente salvar vidas, mas não o fazem. Eles a tiram.

Eu não podia ficar ali e me casar com Hank. Era por isso que eu queria um fazendeiro. Estava com medo dele me encontrar. E então eu vi aquele dardo em Morrigan e soube. — Nadja engoliu, respirando fundo. — Que ele havia vindo me buscar. Ele costumava me levar pela fronteira com o veneno em meu cabelo. De qualquer maneira, foi assim que eu soube. Eu sabia que ele estava me olhando e por isso gritei com você. Ele odiava tudo o que não fosse completamente humano e tinha medo de que tentasse te torturar. Eu estava tão assustada. Eu não te rejeitei e não me importa que você mude, de fato, era é uma espécie de... oh. — Ela ruborizou, mas tentou esclarecer. —Então o que aconteceu com o Rei Attor, alguém se feriu? Por que demorou tanto?

Nadja parou, olhando esperançosamente para ele. Seus olhos azuis piscaram sob seus cílios. Através de seu discurso ela havia balbuciado tudo, Olek conseguiu decifrar sua história, ela falava como se sua vida inteira dependesse do que ele dizia. Ficou para trás a sua reservada Nadja que sempre tinha uma resposta calma para tudo. Ele gostava da mulher que tinha na frente dela.

—Todos nós estamos bem. Attor está morto. Eu negocieei a paz com seu filho, o novo Rei de Var. Parece promissor... ele não pode terminar sua resposta.

—Então você sabe que estou grávida? — Nadja se apressou em perguntar interrompendo-o.

Olek iria dizer que a paz parecia promissora. Que seria um

processo lento, mas poderia ser alcançada. Alguns dos mais antigos nobres protestariam de ambos os lados. Porém, no fim, eles se curvariam ante a decisão de seus líderes.

—Sim, eu ouvi seu pai mencionar na floresta e você me disse na ala médica antes de ir falar com Olena.

—Eu o fiz! — Ela disse, surpresa. Tudo era tão embaçado.

—Sim, você fez. — Olek respondeu. Ele iria dizer mais, quando ela começou novamente um ritmo vertiginoso.

—Você me odeia? — Nadja parecia como se quisesse cair em seus braços. Ela hesitou. —Eu nunca matei ninguém, eu juro. Bem, ninguém mais que meu pai. Eu nunca fiz as coisas que ele fez. Eu entendo se você quiser que eu vá embora. Sei que isso pode envergonhar sua família. Então, você me odeia?

Olek caminhou para ela, graciosamente envolvendo os braços em sua cintura.

—Como poderia sequer pensar em te odiar, Nadja, quando eu te amei desde a primeira vez que a vi?

Nadja tremeu. As lágrimas começaram a molhar seu rosto e ela saltou em sua cintura novamente.

—Você me ama. Você realmente me ama?

Uma torrente de sentimentos saiu dele, a conexão dela com ele e dele para ela. Esta conexão era forte e livre. Jamais será cortada. Nadja estremeceu sentindo a verdade de suas palavras e

finalmente entendendo o que o Rei Llyr tentou dizer a ela de modo rude.

—E...

Olek nem sequer conseguiu dizer uma palavra. Nadja estava beijando seu rosto.

—Eu amo você. Eu amo você. — Ela sussurrou ofegando suas palavras entre beijos leves e dispersos. —Amo nosso bebê. Amo nossa vida. Encanta-me tudo isso. Eu te amo, Olek. Amo e...

Olek capturou seus lábios entre os seus, rindo felizmente com ela. Nadja imediatamente se derreteu, gemendo contra seu calor. Seus braços se apertaram contra ele. De repente, Nadja se afastou, seus olhos brilhando, ainda que seu rosto ficasse sério.

—O que? — Ele perguntou, seus lábios formando um sorriso perfeito.

Nadja lambeu os lábios e se retorceu contra ele com travessura. Em voz baixa ela respondeu: —Acho que sua espada esta de volta.

Olek grunhiu: —Não deixe de se mover assim, esposa, e eu te asseguro que te atravessará.

A risada de Nadja foi cortada pelo beijo de seu Príncipe. Ela se agarrou a ele, tomando tudo que ele deu a ela. Sua vida era perfeita. Ele era perfeito. E, quando ele a levou completamente para a cama, ela esperava que ele nunca a deixasse partir.

fim



PARCERIA

PL & PRT



Uma olhadinha no próximo livro:

Dragon Lords 03 - O PRÍNCIPE ESCURO

Michelle M. Pillow

Fora do fogo...

A ladra intelegaláctica, Olena Leyton é uma das melhores piratas espaciais da história. Navegar pelos altos céus em busca de aventura está em seu sangue. Quando sua tripulação é dispersa fugindo da lei e sua nave acidentada, explodindo numa bola de chamas, Olena ferida é forçada a encontrar refúgio numa nave do Noivas da Galáxia.

Fazendo-se passar por uma ruborizada noiva por *correspondência* para iludir os caçadores de recompensa que a perseguem, Olena encontra-se indo para o planeta primitivo de Qurilixen.

Mas, ser uma noiva não é algo que Olena leva a sério.

Nas chamas...

O príncipe Yusef de Draig capitão do posto avançado. Leva uma vida simples, longe do palácio. Ele sabe desde o primeiro momento em que vê sua ardente sedutora que vai possuí-la e convertê-la em sua noiva para sempre. No entanto, Yusef descobre que brincar com fogo sempre deixará um homem queimado. Mas, como as paixões são tão poderosas quanto este príncipe escuro é, ele não está disposto a desistir de sua noiva, sem lutar.